

CHRIS WOODING



o estranho destino de
POISON

ARXJOVEM



CHRIS WOODING

O estranho destino de
POISON

Tradução Marcelo Mendes

Título original: *Poison*
© 2003 by Chris Wooding
Publicado inicialmente no Reino Unido
por Scholastic Ltd, 2003
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em
qualquer forma ou meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação
ou banco de dados, sem permissão por escrito do editor.
Os infratores serão processados na forma da lei.

Editora geral: Ana Emília de Oliveira Silva
Editora de literatura infantil e juvenil: Audrey Aguiar
Produtora editorial: Luciana Garcia
Produtora editorial assistente: Vanessa Rodrigues

Preparação: Cristina Lourenço
Revisão: Thelma Babaoka
Diagramação: Luciane Szabo
Capa: Guilherme Xavier/ Casa de Idéias

Impressão e acabamento: São Paulo, Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)



Wooding, Chris

O estranho destino de Poison / Chris Wooding ; tradução
Marcelo Mendes. — São Paulo : Arxjovem, 2004.

Título original: *Poison*

ISBN 85-89189-40-6

1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

04-2200

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

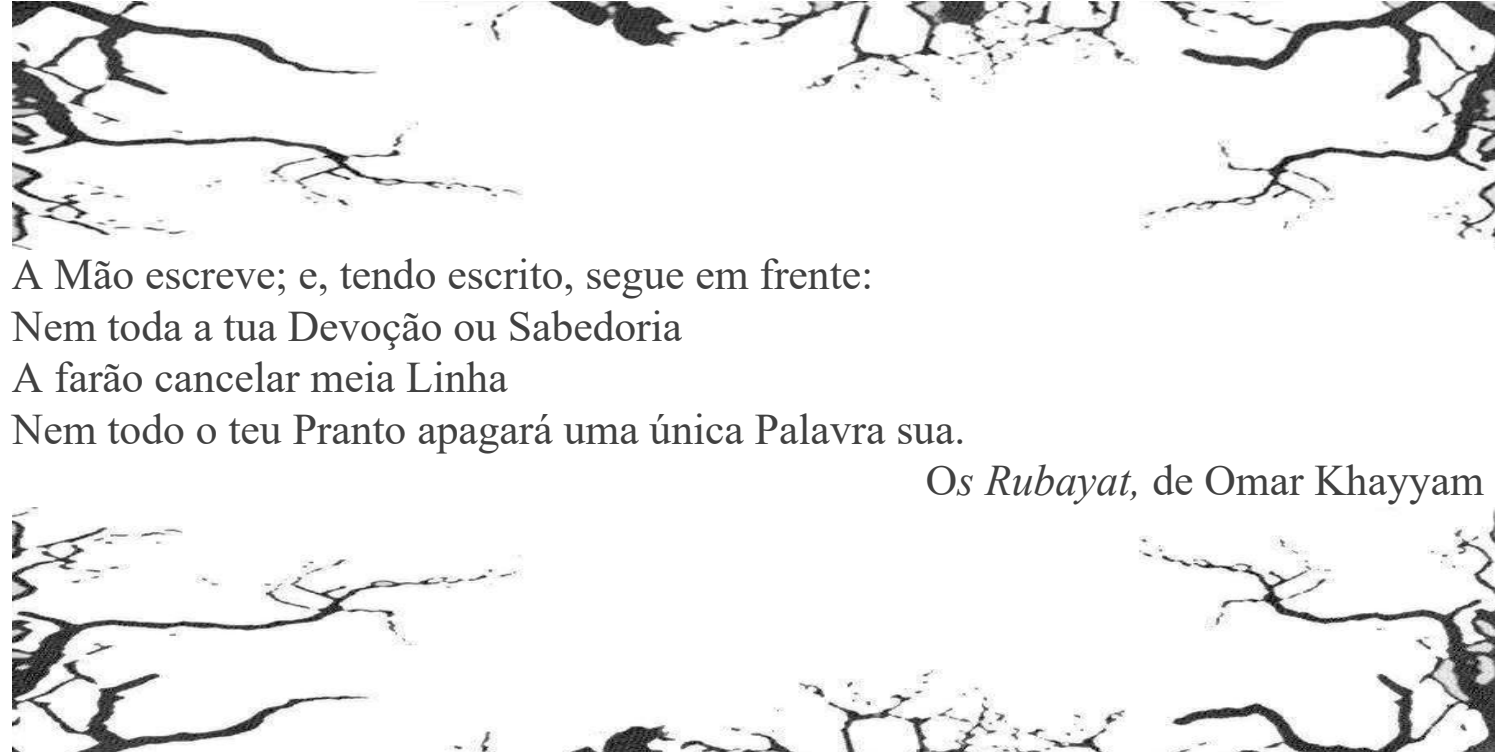
2004

Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à
Siciliano S.A.

Editora Arxjovem

Av. Raimundo Pereira de Magalhães, 3305
CEP 05145-200 — São Paulo — Brasil
e-mail: arxjovem@siciliano.com.br





A Mão escreve; e, tendo escrito, segue em frente:
Nem toda a tua Devoção ou Sabedoria
A farão cancelar meia Linha
Nem todo o teu Pranto apagará uma única Palavra sua.

Os Rubayat, de Omar Khayyam



A Vigília das Almas

Era uma vez uma jovem que morava numa região pantanosa, e o nome dela era Poison.

Poison tinha um aspecto estranho: era pálida e esguia, com longos cabelos negros que caíam simetricamente pelos lados da face. Tinha um rosto oval, a testa larga, embora o queixo fosse estreito, lábios finos e um nariz perfeitamente reto, talvez um pouco protuberante no cavalete. Mas eram os olhos que dominavam suas feições, lindos olhos escuros de um violeta vivo, através dos quais ela olhava para o mundo com uma intensidade perturbadora e certo mau humor.

Ela morava numa aldeia chamada Gull, ou Gaivota, encravada bem no coração dos Pântanos Negros. O nome do lugar era inusitado, pois nenhum dos habitantes jamais vira tal ave nem tampouco o mar. A não ser, talvez, pelo velho Fleet, que supostamente havia viajado por todo o Reino e visto muitas coisas, se é que podemos acreditar no que ele diz. A aldeia fora construída sobre palafitas e constituía-se de uma enorme rede de plataformas de madeira espalhada sobre as águas turvas e lodosas de um lago, contornando gigantescas árvores retorcidas e bancos de terra cobertos de mato. Às vezes, o nível da água subia quase à altura das próprias casas, fazendo submergir os bancos de terra; outras vezes, baixava tanto que se via o vulto escuro das criaturas que nadavam por ali, prontas para atacar os incautos e os indefesos. Nos Pântanos Negros, a vida era precária, e o único chão verdadeiramente sólido era aquele que o homem construía com as próprias mãos.

Poison habitava uma choupana de formas arredondadas, próxima à borda do lago, onde uma densa mata de árvores rústicas ladeava a superfície da água. Dividia a habitação com o pai, a madrasta e a irmãzinha Azalea, ainda bebê. A choupana — a única sobre sua plataforma — circundava-se de uma passarela de tábuas frouxas e de uma cerca de galhos retorcidos. Uma ponte de cordas ligava-a à plataforma vizinha; a madeira de um dos degraus havia apodrecido, formando um buraco que Poison aprendera a saltar ainda pequena. Quando criança, ela gostava de se assentar ali e balançar as perninhas no ar. Sua mãe — a *verdadeira* — chamava-lhe a atenção, mas a menina fora desde sempre muito rebelde e não dava ouvidos a ninguém. Até que um dia, quando o nível da água estava particularmente alto, um

peixe-cabra irrompeu das profundezas, a bocarra escancarada sobre um feixe de barbilhões. Poison percebeu a tempo o vulto da criatura e levantou-se antes que as mandíbulas peçonhentas e enormes se fechassem no ar. Uma única mordida, rápida e certa, bastaria para lhe arrancar as pernas. Poison aprendera ali sua lição.

Faraway, sua mãe, costumava dizer que a filha não obedecia a ninguém e invariavelmente fazia o contrário do que lhe dissessem. Certa vez, Poison chegou a pensar em fazer justamente o *oposto* disso e seguir fielmente os conselhos da mãe, mas achou que ficaria confusa e acabou desistindo da idéia. Faraway morreu de malária logo depois de dar à luz a Azalea, e o viúvo, ainda consternado, casou-se novamente com Snapdragon, uma linda jovem que habitava uma aldeia vizinha, a oeste de Gull. O antagonismo entre madrasta e enteada instalou-se desde o início. Embora procurasse se mostrar gentil e generosa na presença do marido, Snapdragon odiava a garota de olhos violeta. E Poison a odiava da mesma forma.

Foi para irritar a madrasta que Poison mudou seu nome alguns anos depois. Não fora este o nome que recebera ao nascer. Afinal, nenhum pai seria capaz de chamar “veneno” a uma filhinha recém-nascida. Chamou-se Foxglove até o dia de seu décimo quarto aniversário, quando todos os habitantes da aldeia se reuniram na plataforma central para ouvir o novo nome que ela escolhera para si. Tratava-se de uma tradição entre os pantaneiros. As meninas geralmente recebiam nomes de flores e ervas; e os meninos, nomes de animais ou de elementos da natureza. Contudo, ao completarem quatorze anos — quando então eram considerados adultos —, tinham a opção de mudar de nome durante uma cerimônia conhecida como o “dia do nome”. Muitos, como Snapdragon, mantinham seus nomes originais. Outros, como o pai de Poison, que era lenhador, escolhiam nomes associados à sua profissão.

Na manhã de seu décimo quarto aniversário, Foxglove e Snapdragon tiveram uma terrível discussão.

— Você nunca faz o que eu digo! Nunca! Quer saber o porquê de tudo e não aceita as coisas como elas são! Sempre me trata com rancor e má vontade! Jamais será como as outras garotas, dóceis e gentis! Jamais fará seu pai feliz, jamais se casará com um jovem decente! Você é como veneno para esta família! Veneno, ouviu bem?

E foi assim que Foxglove escolheu o novo nome. Ao anunciá-lo, não causou espanto a ninguém. Sempre fora uma espécie de pária na aldeia, era considerada estranha e diferente. O pai e a madrasta, no entanto, horrorizaram-se, mas nada puderam fazer; era tarde demais. A menina estava resoluta: Poison seria seu nome dali em diante, para sempre.

* * *

Dois anos haviam se passado depois disso, e Poison desabrochava-se como mulher, ainda que desajeitadamente. Nem o pai nem a madrastra se lembraram de seu aniversário de dezesseis anos, e ela não tinha amigos com quem celebrar.

Mas não se importava com isso. Via o aniversário como outro dia qualquer. Por que deveria se sentir especialmente feliz — dançar, comer, beber vinho-do-pântano — e comemorar o dia em que fora expelida, úmida e coberta de sangue, do ventre da mãe? O que havia para celebrar? Sentia-se mais feliz antes, quando o mundo se resumia ao calor aconchegante daquelas paredes vermelhas, quando não se ouvia nada além das batidas do coração materno e das reverberações de sua voz consoladora. Melhor ali do que lá: aquele lugar frio e lúgubre, cercado de miséria e tristeza.

Invejava os outros jovens de sua idade, que podiam ignorar suas mazelas na alegria da celebração, que desejavam nada mais que um bom marido ou uma esposa formosa, ter filhos e perpetuar a si mesmos. Poison não se sentia capaz de pensar assim. Não podia ignorar o fato de que um em cada cinco jovens morria de malária antes dos trinta anos, de que quase metade das mulheres dava à luz a natimortos, de que meninos e meninas desapareciam a cada mês e nunca mais eram vistos, abduzidos por criaturas do pântano ou por seres do Reino das Fadas. Os aldeões mais velhos se entristeciam e lamentavam as vicissitudes da vida, mas nenhum deles movia um dedo sequer para mudar as coisas. Aparentemente sentiam-se mais felizes aceitando a própria sina; mas Poison não se conformava. Desposar um jovem da mesma aldeia, estabelecer-se e passar o resto da vida gerando e criando filhos? Antes jogar-se nas águas infestadas de peixes-cabra. Pelo menos teria uma morte rápida, ao invés da consumição lenta e enfadonha que a esperava caso resolvesse passar o resto de seus dias em Gull.

— Você, Poison, ainda carrega nas veias uma pitada do Velho Sangue — disse-lhe Fleet certa vez. — Do sangue que circulava no passado, quando homens e mulheres eram igualmente fortes e governavam o Reino.

— O que aconteceu com eles? — Poison perguntou então, sentada como de costume sobre o tapete diante do fogo. Ao seu lado, o velho refestelava-se numa surrada cadeira de vime e tragava amiúde a fumaça de um narguilé acomodado sobre o chão.

— Eles amoleceram — respondeu Fleet. — A vida era fácil, e o Reino vivia dias de paz. Acontece que o homem não gosta da paz. Então as pessoas começaram a brigar umas com as outras, e essas brigas muitas vezes se transformavam em guerras. Você sabe, é muito fácil produzir guerras, mas difícilimo acabar com elas. Seguiu-se então a Guerra do Poliedro e, quando tudo acabou, a humanidade ficou dividida e enfraquecida. As pessoas se refugiaram nos pântanos e nas montanhas, e deram as costas para seus semelhantes. Hoje, as velhas cidades estão desertas e

arruinadas, assombradas por fantasmas do passado, assim como nós. — Fleet deu um trago no narguilé e soprou uma nuvem perfumada, que logo se misturou à fumaça da fogueira e desapareceu por entre as folhas do teto de sapê.

Poison sabia tudo a respeito da Guerra do Poliedro — ou pelo menos conhecia as diversas lendas, pois quem haveria de saber o que era fato e o que era invenção? —, mas gostava de ouvir as histórias do velho. Fleet era visto como um ser bizarro, assim como ela. Levava uma vida independente e ausentava-se por longos períodos; quando voltava, sempre tinha novas histórias para contar. De modo geral, era um homem inofensivo, mas o simples fato de que viajava muito bastava para que os pais proibissem seus filhos de se aproximar dele. O mundo exterior não tinha nada de bom para oferecer. Os seres do Reino das Fadas andavam por lá, assim como os gnomos, os gigantes e outras criaturas inomináveis. Na aldeia de Gull, não eram poucos os que suspeitavam que o velho Fleet fosse, de alguma forma, aparentado com os seres do Reino das Fadas. Tamanha disposição não era normal naquela idade.

— Mas você, garota — continuou o velho —, ainda tem resquícios daquele espírito do passado, assim como eu. Jamais se contentará com a vidinha que se leva por aqui. Você consegue ver além do que está à sua frente.

— Às vezes, eu queria ser apenas... feliz. Feliz com o que tenho — confessou-lhe Poison. — Como as outras garotas da minha idade.

— Arghhh...! — resmungou Fleet, abanando no ar a velha mão enrugada. — Não confunda acomodação com felicidade, Poison! Além disso — emendou, olhando para o fogo com uma expressão subitamente distante —, alguns nascem no lugar certo; outros precisam procurar por ele.

* * *

Chegara então a noite da Vigília das Almas. Poison havia passado o dia inteiro vagando pelas partes mais densas do pântano em torno de Gull, colhendo cogumelos e raízes com uma foice pequena e rudimentar. Com a umidade do ar, tudo o que fosse de metal enferrujava-se em menos de um ano naquele lugar, mas ninguém era capaz de afiar uma lasca de madeira ou pedra de modo a transformá-la numa lâmina. Esse era outro aspecto da vida que os pantaneiros aceitavam passivamente, sem reclamar. Mas, depois de cortar mais de uma centena de chapéus de cogumelo, Poison perdeu a paciência, praguejou e desejou ter uma lâmina mais afiada.

Quando chegou à aldeia, a noite já havia caído e as gaiolas de almas já estavam penduradas nas árvores. Ela carregava um cesto repleto de cogumelos pequeninos. Snapdragon ficaria furiosa, é claro: ela havia pedido que a enteada colhesse os maiores cogumelos que encontrasse, para colocar na sopa. Mas Poison

colhera justamente os menores, pois achava-os mais saborosos; afinal, quem tivera todo o trabalho de ir buscá-los?

No caminho, passou por duas crianças que se dependuravam como macacos nos galhos mais altos de uma árvore para fixar mais uma gaiola. Elas conversavam displicentemente enquanto ajeitavam uma esfera de ripas de madeira. No centro da esfera, uma vela acomodava-se no interior de um bulbo de vidro colorido, bastante raro naquela região; quando fosse acesa, irradiaria uma luz ligeiramente violeta, quase rosa. Pouco mais acima, Poison avistou o corpo sinuoso e forte de uma serpente que se enroscava preguiçosamente em torno de um dos galhos mais altos e vigiava, sem grande interesse, os fedelhos logo abaixo. Já era tarde, bem depois do horário em que as serpentes normalmente se alimentam, e aquelas crianças teriam muito o que agradecer se soubessem do risco que corriam ali. Fosse algumas horas mais cedo — com o metabolismo da serpente potencializado pelo calor do sol —, elas teriam sido mordidas, paralisadas e esmagadas pelo abraço mortal do réptil medonho. Poison pôs-se a imaginar quantas vezes aqueles garotos roçariam a morte até que um dia lhes faltasse a sorte que os salvara daquela vez?

Atravessando o emaranhado de plataformas até sua choupana, ela sentia o frescor da noite sobre o rosto. Ouvia o alarido dos insetos e o ruflar dos animais maiores que habitavam o pântano. Pirilampos adejavam para lá e para cá, como pêndulos, por entre a copa das árvores obscurecidas pela noite. Uma névoa espessa esparramava-se sobre a superfície do lago. Devido à forma pela qual a aldeia havia sido construída, Poison era obrigada a passar por diversas outras choupanas antes de chegar em casa. A maioria das plataformas abrigava três ou quatro habitações. As portas de entrada voltavam-se para o centro, e um caminho de pranchas de madeira circundava o agrupamento de casas pela parte de trás. Janelas circulares e sujas, divididas em quatro partes por esquadrias de madeira, pontuavam as paredes externas das choupanas arredondadas. Ao longo das bordas de cada plataforma, tochas acesas ardiam sobre estacas compridas, misturando seu lume à claridade que vinha do interior das habitações. Fumaça exalava das chaminés de pedra sobre tetos de sapé.

Antes de chegar à última plataforma que precisava atravessar antes de chegar em casa, Poison ouviu uma conversa animada. Desejava não ter que passar por ali, pois não gostava daquelas crianças nem as crianças gostavam dela. Infelizmente não havia outro meio; aquele era o único acesso à ponte que conduzia à sua choupana. Respirou fundo e seguiu bravamente adiante.

Mesmo antes de contornar a choupana dos vizinhos, ela já imaginava o que era aquela agitação toda. Um homem atravessava uma das pontes de corda que ligavam aquela plataforma às outras, espremido entre um bando de crianças barulhentas. Ele parecia ignorá-las e prosseguia calmamente, carregando sobre os ombros uma vara

de onde pendiam vários potes de metal, que tilintavam ruidosamente. Vestia uma túnica de pele, luvas de couro espessas e um surrado chapéu de abas largas; um farto bigode grisalho destacava-se em meio ao rosto coberto por fiapos de barba branca. Era um caçador de espectros.

Poison parou para observá-lo, menos por interesse e mais pelo desejo de se atrasar e irritar a madrastra. Um caçador de espectros vinha à aldeia nas noites de Vigília das Almas para comprar todos os espectros que os aldeões conseguiam aprisionar em suas gaiolas. Na opinião de Poison, ele não merecia o título de caçador, pois, pelo menos naquelas ocasiões, não fazia nada além de barganhar e negociar. Mas talvez caçasse uma ou outra coisa durante o resto do ano, a fim de justificar o nome de sua profissão. A captura de espectros tornava-se um espetáculo público somente nas noites de Vigília.

Nessas ocasiões, quando a lua se posicionava corretamente, os espectros do pântano saíam para dançar e rodopiar. Poison gostava de ver aquelas lindas criaturinhas — pequenas bolas de luz, etéreas e ligeiramente efervescentes — que deixavam rastros brilhantes enquanto formavam círculos pelo ar. Ninguém sabia dizer por que elas apareciam naquela noite específica do ano nem por que elas dançavam e exibiam aquela miríade de cores exuberantes, muitas delas irreconhecíveis pelo olho humano. Alguns achavam que se tratava de um ritual de acasalamento; outros diziam que eram as almas dos mortos — das crianças que o pântano havia consumido — que voltavam para visitar os parentes vivos.

Se esse fosse o caso, Poison achava estranho que as pessoas quisessem atrair as almas para uma armadilha e aprisioná-las em gaiolas. Pois os espectros do pântano deixavam-se atrair pelo lume colorido e permaneciam nas gaiolas enquanto as velas estivessem acesas. As gaiolas tinham uma corda que era puxada para juntar as ripas de madeira flexível e prender os espectros dentro delas. Depois, eram vendidos aos diversos caçadores.

O vizinho de Poison abriu a porta de sua choupana segundos antes de o caçador bater nela com sua luva pesada. Poison conhecia muito bem aquele sorriso falso sobre o rosto de Bluff; ele, como qualquer outro, não gostava nem um pouco dos caçadores de espectros, mas não havia como evitá-los nas noites de Vigília. Ele pernoitaria na cabana de Bluff, comeria sua comida, usaria sua cama e, pela manhã, compraria todos os espectros aprisionados durante a noite, guardando-os nos potes de metal que trazia consigo. Em seguida, levaria os pobrezinhos para outro lugar, onde seriam acondicionados em lâmpadas de vidro e vendidos a pessoas suficientemente ricas para se dar esse tipo de luxo.

O caçador entrou na choupana, desapontando as criancinhas que o acompanharam até ali e que, curiosas, espiavam através das janelas. Poison continuou seu caminho. Não compreendia tamanha excitação diante do

aparecimento de um estranho. A vinda do caçador de espectros causava mais entusiasmo que a descoberta de um corpo semicarcomido por aranhas do pântano, o que acontecia com muita frequência e talvez por isso mesmo despertasse menor interesse.

Snapdragon estava ao fogão quando Poison entrou em casa, os cabelos avermelhados presos em um coque acima da nuca. O pai de Poison sentava-se ali por perto e observava Azalea no cercadinho armado ao seu lado.

— Ao que parece, você foi buscar esses cogumelos do outro lado do mundo — comentou Snapdragon, sem tirar os olhos da panela à sua frente. Quando finalmente se virou, disse: — E trouxe os menores, ao contrário do que pedi.

Sem dizer palavra, Poison fitou a madrasta com seus inquietantes olhos violáceos. Viu que suas têmporas pulsavam, e isso significava que ela estava exaltada, embora procurasse se conter diante do marido. Hew olhou para as duas com aquela expressão que lhe vinha ao rosto sempre que mulher e filha se confrontavam; a expressão de um homem que tenta equilibrar uma pilha de valiosos pratos de porcelana, prestes a desmoronar a qualquer instante.

— Coloque-os ali — disse Snapdragon, suspirando e apontando para a mesa atrás de si. — Minha sopa está arruinada. — E voltou a atenção para a panela sobre o fogo. Poison estava a caminho de seu quarto quando Snapdragon interpelou-a novamente. — Eu tento me acertar com você, Foxglove, realmente tento. Mas por que você não me dá uma chance?

— Meu nome é Poison — disse a menina à madrasta. — E não se sinta especial, Snapdragon. Geralmente não dou chances a ninguém.

— Poison, não fale assim com sua mãe — disse Hew, fatigado. — Venha brincar com Azalea.

Poison não ousou dar a resposta habitual. Havia meses que ela corrigia o pai, dizendo: “Ela não é minha mãe, é minha *madrasta*”. Mesmo assim, ele insistia em se referir a Snapdragon como a mãe de Poison, que, por sua vez, insistia em se referir à madrasta como Snapdragon. E Snapdragon insistia em se referir à enteada como Foxglove. Tudo isso era bastante idiota, pensava ela.

Poison não culpava o pai ou mesmo Snapdragon. Acreditava que, a seu próprio modo, a madrasta realmente amava Hew; era por isso que ela evitava repreendê-la na presença do marido. E Hew amava Snapdragon, embora Poison suspeitasse que ele ainda via a primeira mulher, Faraway, quando olhava para a atual. Ele se encontrava no meio de duas pessoas em disputa e amava as duas, ainda que de forma diferente.

Poison não se ressentia da felicidade do pai, mesmo quando ele se esquecia do aniversário dela porque estava envolvido demais com as demandas de Snapdragon. Mas não podia evitar ser uma pedra no sapato da madrasta.

Se Snapdragon agisse com mais naturalidade, talvez as coisas pudessem ser diferentes. Mas ela insistia em fazer aquele joguinho ridículo. De um lado, dizia que não tentava ocupar o lugar de Faraway e, de outro, esforçava-se para fazer justamente isso. Esmerava-se nas tarefas domésticas, cozinhava e limpava a casa com afinco, e sempre perguntava à enteada como fora seu dia. Fazia tudo ao seu alcance para se destacar como esposa e mãe. Mas tudo isso era falso, Poison percebia-o bem.

A verdadeira Snapdragon jamais fora afeita aos afazeres domésticos. Queria viver uma vida livre de preocupações, tal como lia nos contos de fadas, nas histórias que falavam de sapatinhos de cristal, de três desejos ou de anéis mágicos. Poison percebia como ela se deleitava com as histórias que Fleet contava na plataforma central, nas raras ocasiões em que ele permanecia na aldeia. Via os olhos da madrasta brilharem como estrelas. Snapdragon era muito bonita e sabia disso; no fundo do coração, desejava ser uma princesa. Mas, terminadas as histórias, voltava para casa e dizia que jamais havia ouvido semelhantes bobagens.

Snapdragon era esposa e madrasta porque achava que tinha de ser. Era apenas mais uma pessoa que flutuava pelo rio da vida; agarrara-se a um toco de madeira e não o largava porque tinha medo de se afogar. Como todos naquele lugar, não tinha forças para nadar.

Poison fazia-lhe um favor ao lhe dificultar a vida. Pelo menos as coisas ficavam um pouco mais interessantes para ela.

Sentou-se ao lado do cercadinho de Azalea, e o pai abriu um sorriso. Ele tinha um rosto gentil e singelo, marcado por rugas de preocupação. Cabelos e bigode castanhos, e olhos que pareciam mais baços desde a morte de Faraway. Poison amava-o pela mesma razão que amava Azalea: porque era inevitável.

Azalea tinha três anos de idade, quase quatro. Era capaz de andar pela casa com suas próprias perninhas, mas não sem a supervisão de um adulto. As crianças da aldeia não tinham permissão para sair de casa sozinhas até que fossem suficientemente espertas para não cair das plataformas sobre as águas do pântano, ou até que aprendessem a nadar num dos lagos mais seguros, ao norte, onde não havia peixes-cabra. Ela abriu os bracinhos quando Poison se aproximou.

— “Poy-zun”! — balbuciou a garotinha alegremente.

Poison retirou-a do cercadinho e sentou-a sobre o colo, com as perninhas escanchadas. Acreditando-se em liberdade, Azalea tentou se desvencilhar dos braços da irmã e descer ao chão, mas Poison impediu-a. Snapdragon desferiu um olhar de irritação em direção à criança. Preferia que Poison a colocasse de volta no cercadinho, pois não gostava que Azalea andasse pela casa enquanto ela estivesse cozinhando. Seria mais seguro tanto para a mãe quanto para a filha; Snapdragon era

terrivelmente desajeitada na cozinha e mais de uma vez deixara cair água fervente ou panelas quentes no chão.

Poison levantou-se e partiu com Azalea em direção a seu quarto, onde poderia fechar a porta e brincar com a irmã com maior tranqüilidade. Snapdragon começara a lavar os cogumelos e, ao ver a enteada carregar a criança nos braços, pediu-lhe que tivesse cuidado.

— Se posso carregar um cesto de cogumelos, posso muito bem carregar uma criança — replicou Poison, antes de fechar a porta do quarto.

A cabana dividia-se em quatro cômodos. Tinha um único pavimento, pois as palafitas não eram fortes o suficiente para sustentar o peso de pavimentos adicionais. A sala principal ocupava quase todo o espaço da habitação e abrigava uma lareira, um fogão, algumas cadeiras e uma mesa. Tudo era feito de madeira, exceto a lareira de pedra e o rústico fogão de ferro. Era ali que eles se lavavam também; nos Pântanos Negros, não havia lugar para pudores. O resto do espaço, ladeando as paredes externas da choupana circular, dividia-se em três cômodos. Os dois maiores eram quartos de dormir: um para as meninas e outro para os adultos. O terceiro era um banheiro; na verdade, era apenas um buraco no chão, sobre as águas do lago.

O quarto de Poison — ela considerava-o seu, pelo menos até que a irmã fosse grande o suficiente para requisitar seu próprio espaço — era exíguo e sombrio, mas proporcionava o refúgio que ela tanto apreciava. De um lado, uma cama estreita e surrada; de outro, um berço com grades altas de modo a evitar que Azalea saísse dele durante a noite. Entre um móvel e outro, uma mesinha baixa com uma vela acesa e, sobre a parede, uma modesta prateleira contendo pequenos enfeites e alguns livros, recebidos de presente ou emprestados por Fleet. Naturalmente, Snapdragon não via com bons olhos a amizade da enteada com o velho viajante, mas Poison percebia que a implicância da madrastra era apenas superficial; ela simplesmente repetia o comportamento dos outros aldeões porque achava que assim deveria fazer.

Fleet sempre trazia presentes maravilhosos de suas viagens: estranhas esculturas em madeira, uma pena que — segundo ele podia jurar — pertencia a um grifo (aquelas estranhas criaturas com corpo de leão e asas de águia), ou o ovo petrificado de uma ave que voava de cabeça para baixo. Poison suspeitava que este último era pura invencionice do velho, pois, quando o recebera, era ainda muito jovem e crédula. Os livros continham lendas, fábulas e histórias de todo o Reino. Poison lera-os com tamanha voracidade que chegara mesmo a se fartar deles. Quando consumidas em excesso, as coisas boas acabam por perder um pouco o sabor.

— É sempre a mesma coisa — reclamou ela certa vez ao amigo. — O soldado salva a mocinha e eles se apaixonam. O tolo ludibria o rei malvado. Sempre há três irmãos ou três irmãs, e o mais novo, ou mais nova, sempre consegue o que os outros não conseguiram. Os mendigos sempre guardam algum segredo; os unicórnios são sempre traiçoeiros. Se o herói decifra o enigma de um vilão, o vilão acaba se matando ou fazendo as vontades do herói. São todos iguais, e todos igualmente ridículos! A vida não é assim!

Fleet concordou docilmente e deu um trago em seu narguilé.

— Bem, é claro que a vida não é assim. A não ser pelos unicórnios: estes não pensam duas vezes antes de atacar! Essas coisas aí — disse ele, apontando para o livro que Poison carregava — são meras histórias. Mas a vida real também é uma história, apenas um pouco mais complicada. Também tem começo, meio e fim. Todos nós obedecemos às mesmas regras... embora a quantidade de regras seja maior. Nossas vidas também têm capítulos e suspense. Todos nós temos um caminho a percorrer. Alguns vão muito longe e voltam com as mãos vazias; outros não vão a parte alguma e se tornam ricos e poderosos. Algumas histórias encerram uma moral, outras sequer fazem sentido. Algumas nos fazem rir, outras nos fazem chorar. O mundo é uma biblioteca, minha pequena Poison, e nunca lemos o mesmo livro duas vezes.

Poison bufou ironicamente, embora gostasse muito quando o velho falava assim.

— Que tipo de histórias as pessoas de Gull têm para contar? São tão monótonas e previsíveis quanto estas fábulas. Quem leu uma, leu todas.

— Acha isso mesmo? — perguntou Fleet, curvando-se para frente e estalando a coluna como lenha de fogueira. — Creio que você ignora boa parte das coisas que acontecem por aqui, pois resolveu que não vale a pena ler além do que está escrito na capa.

Poison chacoalhou os ombros, em sinal de indiferença.

— Não me importo — comentou. — Nada disso me interessa.

— Bem, pois então fique sabendo de uma coisa — disse Fleet. — Toda história tem lá suas reviravoltas, e nunca sabemos quando outra começará. Jamais se esqueça disso, Poison.

— Não me esquecerei — disse ela com uma ponta de sarcasmo, esquecendo-se imediatamente do que acabara de ouvir. Mas levou de volta consigo os livros que levava para devolver.

Por alguma razão, as palavras de Fleet voltaram-lhe à cabeça quando ela se recolheu para dormir naquela noite. A sopa preparada por Snapdragon estava surpreendentemente saborosa, o que decerto se devia à qualidade dos cogumelos que ela mesma colhera. A madrasta e o pai haviam saído para ver os espectros do

pântano, mas Poison não estava disposta a assistir ao espetáculo, pois sentia-se profundamente triste. Em vez disso, colocou Azalea para dormir, meteu-se sob as cobertas puídas e adormeceu ao som de risadas distantes, de crianças perseguindo espectros cintilantes e de um sininho de prata tilintando ao longe. O repique do sininho parecia ficar mais evidente à medida que ela se aprofundava no sono, e Poison estranhou a presença daquele som nas imediações do pântano. Algum tempo depois, Azalea balbuciou alguma coisa enquanto sonhava; Poison despertou preguiçosamente e olhou com carinho para a irmãzinha no berço.

Pela última vez.



O Espantalho e a réplica

Poison acordou assustada com o grito de Snapdragon. Sentou-se sobre a cama e limpou com as mãos uma fina camada de flocos cintilantes que lhe cobriam a pele. Estranhamente, apesar das circunstâncias de seu despertar, sentiu o suave abraço do sono envolvê-la novamente, e suas pálpebras pesaram. Esforçou-se para mantê-las abertas e, confusa, olhou para aquela poeira sobre seus cabelos e sobre o cobertor. Parecia neve ainda por derreter, embora reluzisse sob a luz pálida da manhã que entrava pela janela redonda.

Ainda sonolenta, lutou para se livrar das cobertas e se levantar da velha cama surrada. Os flocos... Ela não sabia como nem por quê, mas intuía que aqueles misteriosos flocos sobre a cama estavam de alguma forma relacionados com o sono incomum que lhe pesava sobre os ombros. Balançou os cabelos freneticamente e limpou a camisola de cânhamo como se ela estivesse em chamas. Sentia-se cada vez mais desperta à medida que os flocos caíam sobre o chão. Assustada, olhou para eles por alguns instantes.

— Mas o que foi que você fez? — gritou Snapdragon, de pé sobre o outro lado do minúsculo quarto. Poison lembrou-se subitamente da razão pela qual fora acordada. Junto ao berço de Azalea, a madrastra estampava no rosto uma expressão de horror e fitava a enteada com ódio no olhar.

Poison esfregou os olhos para espantar os últimos vestígios de sono e, ignorando Snapdragon por completo, aproximou-se do berço. Quando viu o que estava ali, sentiu um aperto no peito, uma terrível premonição.

O que quer que fosse aquilo, não era Azalea.

— Por que você não acordou? — desferiu Snapdragon. — Você estava bem aqui! Sua peste! Por que não acordou?

Poison não ouvia nada. O mundo parecia ter-se reduzido ao tamanho daquele berço, ou da criatura que estava dentro dele. Até mesmo a voz estridente da madrastra parecia-lhe distante, quase inaudível. Podia, contudo, ouvir o lento gorgolejar do sangue que corria em suas veias, assim como a própria respiração. Apoiou-se na grade do berço para firmar o corpo. Um sininho de prata repicava em algum lugar de sua memória.

Afastou-se do berço e pegou um dos livros mais grossos sobre a prateleira. Tomara-o emprestado de Fleet já havia alguns anos e jamais pensara em devolvê-lo. A capa de couro empoeirada aparentemente rangeu ao ser aberta, e as páginas estavam encardidas e danificadas pelas traças.

— Como pode pensar em leitura numa hora dessas? — indignou-se Snapdragon. Poison lançou um olhar de irritação à madrastra e prosseguiu com sua pesquisa. Snapdragon começou a chorar. — Pobre Hew! O que vou dizer a ele? O que vou dizer? Ele ficará arrasado...

Poison finalmente encontrou o que procurava e sentiu-se ligeiramente tonta. Ali estava. A página da esquerda preenchia-se com a ilustração de uma criatura arqueada, vestindo um casaco longo e puído e um chapéu de abas largas que lhe sombreava parte do rosto. Os olhos eram duas pequeninas fendas na escuridão. Esticava diante de si um braço comprido e esquelético, e a mão cadavérica segurava um minúsculo sino entre o polegar e o indicador. Com a outra mão, espalhava uma espécie de poeira. Encontrava-se na clareira de um bosque, cercado de pessoas adormecidas.

— O Espantalho... — sussurrou.

Poison ouviu novamente o repicar do sino em sua cabeça. Intrigada, franziu a testa e olhou fixamente para a página. Achou que tinha visto algo se mexer ali alguns segundos antes. Olhou mais de perto.

A figura parecia crescer diante de seus olhos, como se quisesse puxá-la para dentro do livro ou sair dele para depois a engolir. As folhas das árvores pareciam se mexer. Poison sentiu-se tonta e arregalou os olhos cor de violeta.

O Espantalho virou a cabeça na direção dela, olhando para fora da página, e Poison ficou completamente aterrorizada. Quis fechar o livro, mas os músculos das mãos não lhe obedeciam. Estava imobilizada, incapaz até mesmo de piscar. Descrença e pânico dominavam-lhe o espírito.

O Espantalho começou a andar na direção dela. Seus movimentos eram curiosamente intermitentes, como se fizesse parte de uma animação malfeita, mas não havia dúvidas que ele caminhava. A passos lentos e hesitantes, aproximava-se cada vez mais, segurando o sininho diante de si.

— *Impossível!* — disse Poison a si mesma. — *Impossível!* — Mas não conseguia desviar o olhar.

O Espantalho repicou o sino mais uma vez, fazendo soar uma nota sinistra, porém espantosamente límpida. Seu corpo ocupava quase todo o espaço da página, como se viesse do outro lado de uma janela e se aproximasse cada vez mais do parapeito. Repicou o sininho novamente, como se quisesse hipnotizar a garota que olhava para ele. As fendas brancas dos olhos pareciam queimar em meio à escuridão da face escondida sob o chapéu.

Poison mal podia respirar. O pouco ar que conseguia inalar fazia-lhe tremer o corpo inteiro. Sua consciência dizia que nada daquilo poderia ser real, que se tratava apenas de uma ilustração sobre a página de um livro. Mesmo assim, o Espantalho não parava de crescer, até que chegou ao limiar da folha de papel.

Por fim, apoiou a mão sobre a borda da gravura, e as pontas do dedo roçaram-lhe o pulso.

Nesse instante, a porta de entrada da choupana bateu com força, e o barulho fez com que Poison despertasse de seu torpor. Ela gritou e jogou o livro bruscamente no chão. Viu-o estatelar-se nas tábuas do piso e fechar-se com estrépito.

Trêmula, sentou-se na cama sem tirar os olhos do livro um instante sequer. Estava pronta para sair em disparada caso ele fizesse outra coisa que não fosse permanecer exatamente onde estava.

Nada aconteceu.

Poison sentiu as batidas do coração voltarem ao normal e pôde respirar melhor. Cruzou as mãos sobre o colo, na tentativa de fazê-las parar de tremer, e conferiu mais uma vez o livro jogado no chão. Decerto haveria uma explicação para tudo aquilo...

Só então percebeu que Snapdragon havia desaparecido e associou o fato ao estrondo que ouvira pouco antes. O berço também estava vazio.

Súbito, percebeu o que Snapdragon planejava fazer e, pulando rapidamente da cama, correu choupana afora para tentar impedi-la.

* * *

A manhã estava fria e úmida, e o sol brilhava palidamente através do miasma esverdeado que pairava sobre os Pântanos Negros. Ainda era cedo demais para as moscas, pois as águas do lago ainda não estavam suficientemente aquecidas pelo dia. Poison saiu da choupana vestindo apenas sua camisola de cânhamo. Não se importava com isso, pois quase todos na aldeia ainda dormiam depois da agitação da Vigília das Almas. Além disso, embora ficasse um pouco ridícula naqueles trajes, sentia-se mais aquecida na camisola do que nas roupas que vestia durante o dia, e tampouco ligava para o que pensassem os aldeões. Mas teve juízo suficiente para calçar um par de botas, pois seria fatal andar com os pés descalços naquela região. O lamaçal do pântano era infestado de insetos, cobras, aranhas venenosas e caramujos espinhosos, e uma mordida ou arranhão de qualquer uma dessas criaturas poderia matar.

Snapdragon não estava nas redondezas, mas como havia apenas uma ponte em sua plataforma, Poison apressou-se em direção à choupana do vizinho Bluff, onde o caçador de espectros roncava sonoramente enquanto o próprio Bluff e a mulher dormiam sobre o chão. Daquela plataforma saíam duas pontes, e uma delas ainda

balançava ligeiramente depois da passagem de Snapdragon. Poison atravessou-a, sabendo de antemão para onde tinha ido a madrastra.

Avistou Snapdragon pouco antes de ela desaparecer por entre as árvores que se aglomeravam na borda do lago. A criatura que amanhecera no berço estava embrulhada num cobertor, apertada entre os braços da mãe. Poison gritou pela madrastra enquanto atravessava a ponte de corda que unia a aldeia à borda do pântano, sobre as águas turvas do lago. Snapdragon parou momentaneamente e virou-se para trás, com uma expressão de loucura no olhar. Depois embrenhou-se na mata. Poison partiu atrás dela e, na pressa, escorregou nas tábuas úmidas da ponte. Não caiu na água porque encaixou as axilas nas cordas laterais, esfolando um pouco a pele fina sob os braços. Xingou a si mesma e seguiu adiante.

O solo pantanoso chiava sob as botas de Poison enquanto ela corria atrás de Snapdragon. O chão ali era relativamente mais sólido do que em outras áreas dos Pântanos Negros, e felizmente não havia lodaçais e buracos traiçoeiros. Poison avistou as tranças douradas da madrastra, que seguia mais à frente. Sentiu quando pisou sobre um bicho qualquer, mas não parou para olhar o que era. Árvores tinham sido cortadas logo adiante, formando um caminho já pisado e repisado pela população da aldeia. Poison apertou o passo e quase alcançava a madrastra, que já ia sem fôlego. Perto do poço, estava quase próxima o suficiente para poder tocá-la.

O poço ficava no meio de uma clareira onde árvores haviam sido cortadas desordenadamente; era forrado de pedras, e as paredes externas formavam um quadrado de aproximadamente um metro de altura. A boca do poço era coberta com uma velha grade enferrujada, encimada por um telhado. Semelhante a um funil, o telhado inclinava-se para dentro de modo a canalizar as águas da chuva. As águas da chuva eram puras, assim como as águas límpidas da fonte subterrânea que alimentava o poço; mas era preciso evitar que a sujeira do pântano contaminasse aquele precioso suprimento de água potável e que bichos e insetos caíssem ali — daí as paredes e a grade.

Snapdragon caiu de joelhos assim que entrou na clareira e jogou o embrulho silencioso que trazia nos braços sobre o chão mole e úmido do lugar. Respirava sofregamente, sorvendo às pressas grandes quantidades de ar. Parecia que ia morrer ali mesmo, mas Poison alcançou-a logo em seguida.

— Anda, faça o que eu digo! — disse a garota de olhos violáceos, escondendo verdadeira preocupação sob a máscara da impaciência. Em seguida, puxou a manga do vestido de Snapdragon até esconder a mão por completo e colocou o punho sobre a boca da madrastra. — Segure isto.

Snapdragon obedeceu e firmou o punho com a mão livre enquanto Poison apertava a manga na altura do cotovelo, improvisando um saco de pano — razoavelmente eficaz — para que Snapdragon respirasse dentro dele. Snapdragon

arquejou por mais um tempo, mas logo voltou a respirar normalmente. Poison afastou-se dela.

— Não deveria se exaltar assim — disse a garota.

Snapdragon derreou os ombros e olhou para o embrulho de pano à sua frente.

— Estava tão pesado...

Poison também olhou para o volume, estranhamente quieto, jogado sobre o chão. Perguntava-se se a criatura ali dentro respirava ou não — ou se *precisava* respirar.

— Você ia jogá-la no poço, não ia? — perguntou.

— Não posso deixar que Hew a veja. Seria fatal para ele!

— Não seja idiota! — Poison retorquiu. — Em primeiro lugar, você poluiria o suprimento de água se a deixasse apodrecer ali dentro; por acaso não pensou nisso? Além do mais, não seria capaz de afogá-la. Não sabe o que é isto?

Snapdragon fitou a enteada nos olhos, furiosa. Detestava que alguém a fizesse sentir ignorante.

— Não. Mas certamente *você* sabe!

— É uma réplica — disse Poison. — Uma réplica. Se você a tivesse jogado no poço, jamais teríamos Azalea de volta.

Snapdragon parecia não acreditar.

— Como pode saber? *Como?* Sua pequena bruxa! Foi você quem fez isso tudo, não foi?

Poison não se deu ao trabalho de responder. Simplesmente tomou o embrulho nos braços — era realmente pesado, como pedra — e olhou para a madrastra, que chorava desesperadamente sobre a lama, o vestido rasgado e imundo.

— Não diga nada sobre o que aconteceu. Vou cuidar de tudo sozinha.

— Para onde foi Azalea? O que pretende fazer? — gritou Snapdragon, ao ver a enteada partir.

— Não diga nada a ninguém! — repetiu Poison, em parte porque considerava isso importante, mas sobretudo porque não tinha resposta para nenhuma das duas perguntas.

Mas certa pessoa teria.

* * *

— Já vou! Já vou! Não precisa bater mais! — resmungou Fleet, antes de abrir a porta de sua choupana. Ainda era muito cedo, e ele gostava de dormir até mais tarde. Mas sua irritação desapareceu tão logo viu a expressão de pânico sobre o rosto de Poison.

— O Espantalho apareceu durante a noite — disse ela, com a voz trêmula. — E levou Azalea, deixando isto em seu lugar.

Fleet demorou alguns segundos para processar aquela informação; a notícia era escabrosa demais para ser digerida assim tão cedo. Mas depois arqueou as sobrancelhas e, visivelmente alarmado, disse à garota para entrar. Olhou alguns instantes para o lado de fora, verificando se alguém havia percebido a chegada de Poison, mas os aldeões ainda dormiam. Sua choupana dividia com outras duas a mesma plataforma, a qual se sustentava entre duas árvores enormes e retorcidas, e seus vizinhos eram consumados dorminhocos, talvez mais que ele próprio. Por fim, fechou a porta, ainda desconfiado.

— Alguém mais sabe disso? — perguntou, enquanto Poison depositava o embrulho sobre a mesa da cozinha. Fleet era misteriosamente abastado e pudera comprar para si uma choupana de muitos cômodos, incluindo um espaço separado para as refeições e outro para o banho.

— Snapdragon sabe — respondeu Poison. — Mas não dirá nada a ninguém.

— Tem certeza? É importante... — disse Fleet.

— Tenho. Ela não... — Poison começou a chorar e sentiu-se envergonhada por isso. Tentou conter as lágrimas, mas não foi capaz. — Teria sido melhor que ela simplesmente desaparecesse... Ela... — Poison interrompeu o que dizia, pois sua voz estava embargada. Então sentiu sobre o ombro a mão coriácea e reconfortante do amigo.

— Calma, Poison — disse ele, com sua voz arrastada e grave. — Talvez ainda haja esperança. Vejamos o que temos aqui...

Fleet contornou a mesa e desfez o embrulho à sua frente. Dentro, Azalea parecia dormir. Estava imóvel, com os olhos fechados, e vestia um pijaminha de algodão, toscamente bordado. Talvez um pouco pálida, mas as bochechas estavam rechonchudas como antes, e os cabelos formavam lindos cachos dourados.

— Será que está morta? — perguntou Fleet, cutucando uma das pernas da menina.

Os olhos da réplica se abriram lentamente, duas esferas negras desprovidas de pupila. A temperatura da choupana pareceu baixar diante daquele olhar glacial. Embora não movesse um músculo sequer, a criatura sinistra parecia fitar Fleet diretamente nos olhos.

— Minha nossa! — disse ele. — É realmente uma réplica.

— Eu disse que era! — disse Poison rispidamente. Estava consternada demais para ser gentil com o velho.

Fleet roçou as bochechas ásperas com o dorso da mão.

— Melhor ficarmos perto do fogo — disse. Pegou a réplica e carregou-a para o cômodo vizinho, que funcionava como sala de leitura. Duas cadeiras surradas encontravam-se diante das brasas que ainda ardiam no interior da lareira. O lugar estava escuro e insuportavelmente quente, e a única janela era coberta por cortinas

puídas. Uma prateleira de livros, muito maior que a de Poison, encobria toda a parede do fundo.

— Sente-se, sente-se — disse ele, aliviando-se da réplica como se fosse um pacote. Poison acomodou-se numa das cadeiras e só então percebeu que os pés gelavam nas botas, pois não tinha colocado meias. Atrás dela, Fleet andava de um lado para outro, sem saber ao certo o que fazer. O velho era alto e magro, mais ossos do que carne, e tinha braços compridos, nariz protuberante e orelhas cabeludas. Os cabelos, grisalhos e surpreendentemente bastos para sua idade, balançavam sobre os ombros enquanto ele andava. Usava colete e um par de calças puídas, seu uniforme de todos os dias.

De repente, Poison deu-se conta de uma coisa.

— Eu o acordei? — perguntou.

— Como? — disse Fleet, alisando o dorso de seus livros, à procura de algo.

— Hoje... Eu o acordei quando bati na porta?

— Infelizmente sim — respondeu o velho, afetando irritação. — Com tanto barulho, você acordou até os mortos!

— Mas você *dormiu* nessas roupas?

Fleet interrompeu sua pesquisa.

— Eu dormi nessa cadeira aí, se você quer saber. Sou um homem velho; consigo dormir em qualquer lugar. — Depois, com um suspiro, afastou-se da prateleira e disse: — Não consigo encontrar!

— Encontrar o quê?

— O *Bestiário de Machmus* — respondeu. — Tinha certeza de que ele estava ali. Uma cena veio subitamente à cabeça de Poison: os dedos do Espantalho atravessando a borda da página e roçando-lhe o pulso.

— Está em minha casa — disse ela. — Nem quero chegar perto dele outra vez!

— Ah! — disse Fleet, compreensivo. Não era essa a reação que Poison esperava.

— Como assim, “ah!”? — perguntou ela, com a voz alterada.

— Às vezes, os livros podem ser perigosos... Eles dão asas à nossa imaginação. Quer um pouco de sopa?

— Sopa? — gritou, incrédula.

— Sim, sopa. Quer um pouco? Suponho que não tenha comido nada até agora.

— Fleet, o que eu vou fazer com isto? — perguntou Poison, apontando para a réplica, que permanecia imóvel onde Fleet a colocara.

— Vou buscar um pouco de sopa — respondeu o velho — e depois eu lhe digo.

* * *

Fleet jogou mais uns tocos de lenha na lareira e reavivou o fogo enquanto a sopa esquentava na cozinha. Poison aproveitou para colocá-lo a par de tudo o que havia acontecido naquela manhã. Esquentada a sopa, o velho viajante serviu um prato a Poison e depois a si mesmo, lembrando-se de buscar duas rosquinhas crocantes, de trigo *verdadeiro*, e não daqueles arremedos de cereal que se encontravam no pântano. Em seguida, sentou-se em sua cadeira habitual — Poison sentava-se a seu lado, de pernas cruzadas diante do fogo — e começou a falar.

— Os seres do Reino das Fadas são criaturas malévolas, Poison — disse. — Malévolas e mágicas. Sempre causam estranheza e ilusão; são ardilosos e confundem nossos sentidos. O Espantalho e a réplica, ambos são criaturas do outro mundo. O que você viu em meu livro foi um ressaibo do sonífero jogado pelo Espantalho. Uma espécie de alucinação. — Fleet esboçou um sorriso, mas sem grande entusiasmo. — Raramente nos perturbam por aqui, pois o Reino é grande demais, e eles não costumam se embrenhar nos pântanos e nas montanhas; mas, vez ou outra, não resistem a nos pregar uma peça.

Poison olhou para a réplica. Ela estava num canto escuro do cômodo, sobre uma mesinha baixa, observando-os com os olhos negros e petrificados. Continuava completamente imóvel, na mesma posição em que havia sido deixada, e essa imobilidade era tão perturbadora quanto o olhar glacial.

— O que fizeram com ela? — perguntou Poison.

— Levaram-na de volta ao Reino das Fadas — respondeu Fleet, antes de morder um naco de pão molhado na sopa.

— Mas por quê? — Poison quis chorar novamente, mas procurou controlar seus sentimentos. Não era hora de lamúrias.

— Isso não sei dizer. Algumas vezes os bebês são devolvidos. Depois de um dia, uma semana, um ano, vinte anos... Às vezes voltam com a mesma idade que tinham quando foram levados e encontram os pais velhos e grisalhos; outras vezes voltam crescidos. Jamais se lembram do que aconteceu a eles.

— Quantas vezes... Quantas vezes isso já aconteceu? — quis saber Poison. Ela olhava intensamente para o fogo, na esperança de secar suas lágrimas.

— Mais do que você imagina — respondeu o velho. — Aqui mesmo, nesta aldeia, já aconteceu mais de uma vez. Mas você fez a coisa certa. Vejo que aprendeu alguma coisa com os livros que lhe emprestei. Se Snapdragon a tivesse jogado no poço, os seres do Reino das Fadas jamais devolveriam Azalea. Sua irmã desapareceria para sempre.

— É possível... Será que podemos fazer alguma coisa? — suplicou Poison.

— É como as aranhas-do-pântano, ou como os peixes-cabra... As serpentes, a malária... E tudo o mais que nos cerca por aqui. É parte da vida. Você não teve sorte, Poison, pois escolheram justamente sua irmã.

— Sorte... — repetiu a garota, baixinho.

— Você não poderia ter impedido o Espantalho... Portanto não se culpe. Aquela poeira é um sonífero muito poderoso. Assim que você dormiu, ele levou Azalea e colocou esta réplica no lugar. Você terá de alimentá-la. Aliás, as réplicas têm apetite de leão, e muitas famílias vão à ruína na tentativa de sustentá-las. Mas se você quiser ver sua irmãzinha de novo, terá de fazê-lo. Algumas pessoas acreditam que as réplicas são seus próprios filhinhos, e isso é muito triste. Talvez seja mais fácil pensar assim. Depois de algum tempo, com sorte, elas encontram as crianças novamente em seus berços, e as réplicas desaparecem para sempre. Mas isso nem sempre acontece. — Fleet encolheu os ombros, resignado. — É a vida...

Mas enquanto ouvia o amigo, Poison sentiu algo queimar em seu peito, cada vez mais intensamente. As lágrimas já haviam secado, dando lugar a um sentimento ainda mais pungente que a tristeza: a raiva.

— Não posso acreditar no que acabei de ouvir! — gritou ela de repente, levantando-se e deixando a sopa intacta. — Não é isso que eu esperava de você!

— A sopa! Você vai derr... — Fleet tentou dizer.

— Fleet! Ouça! — desferiu Poison, como se quisesse morder. — Não é assim que as coisas *são*, nada disso faz parte da *vida*. Alguém foi até minha casa e raptou minha irmã! Você entende? Dia após dia, é sempre a mesma coisa... Vejo as pessoas à minha volta, cercadas de miséria, sujeira e dor, e todas justificam esse estado de coisas com as mesmas palavras. A vida é assim porque *deixamos* que ela seja! — A essa altura, Poison já estava berrando, com as bochechas vermelhas, mas Fleet não parecia intimidado. — Não vou esperar até que os seres do Reino das Fadas decidam devolver minha irmã; não vou passar o resto dos meus dias trabalhando como uma condenada para sustentar aquele monstro de olhos pretos que está ali!

— E vai fazer o quê? — perguntou Fleet, docemente.

— Vou buscá-la!

Silêncio. Poison olhava fixamente para Fleet, e Fleet devolvia seu olhar sem pestanejar. O fogo crepitava na lareira, projetando sombras cambiantes sobre o rosto do velho.

— Você não sabe o que está dizendo — advertiu Fleet, subitamente frio. — O mundo é muito maior que esta aldeia. E muito mais cruel também.

— Então serei mais cruel que o mundo — retorquiu a garota.

— Para onde pretende ir? E o que fará quando chegar lá?

— Vou procurar o Senhor do Reino das Fadas — respondeu Poison, circunspecta. — E exigirei que devolva minha irmã.

— Você nem sabe se essa criatura existe!

— O Espantalho existe. Aquela réplica existe. Por que não ele também?

— E o que você dirá a seu pai e a Snapdragon?

— Não ligo a mínima para Snapdragon — disse Poison. — Quanto a meu pai, sei que ele ficará triste. Mas antes disso do que ficar de braços cruzados, como você sugere que eu faça.

— E a réplica?

Poison ficou calada, olhando para o velho.

— Não há como não contar nada a seu pai — disse Fleet. — Esse não é o tipo de sujeira que podemos varrer para debaixo do tapete. Hew e Snapdragon terão de cuidar daquela criatura ali. E, se você partir, seu pai perderá duas filhas, em vez de uma.

— Você não poderia cuidar dela? E manter segredo? — suplicou Poison.

— Ah, não! — disse Fleet, recusando-se terminantemente. — Tenho minhas obrigações fora de Gull. Não posso ficar por conta desse monstrengo.

Poison calou-se novamente, mordendo os próprios lábios.

— Você não pensou em tudo, afinal — interveio Fleet.

— Não, não pensei.

— Mas vai partir assim mesmo, não vai?

— Sim.

Durante algum tempo, Fleet tentou ler o que estava escrito no rosto da jovem amiga. Sempre fora teimosa, *mas agora...* Ele nunca a tinha visto tão determinada diante de uma idéia. Lentamente descerrou um sorriso e disse:

— O Velho Sangue realmente corre em suas veias...

— Fleet, não temos tempo a perder. Quero partir antes que meu pai acorde. Vai me ajudar ou não?

— Claro que vou — respondeu o velho. — Bastava perguntar.



O caçador de espectros

À tarde, o caçador de espectros tomou a direção de sua carroça, depois de concluir os negócios da manhã. Seguia pelo árduo caminho entre as árvores, e os potes de metal que levava consigo tilintavam sobre os ombros. Os resultados daquela Vigília não tinham sido especialmente bons, tampouco ruins. Havia lugares melhores para a captura de espectros, mas Gull fazia parte de seu território, e ele gostava da maneira pela qual os aldeões se dedicavam à tarefa. Outros caçadores tinham de pendurar as gaiolas por conta própria, trabalhando de sol a sol. Quanto a ele, tudo o que tinha a fazer era estimular os aldeões e recompensá-los com uma ninharia na manhã seguinte: um marco de cobre para cada espectro aprisionado. Os coitados eram ignorantes demais para saber que os marcos sequer estavam em circulação fora dos limites dos Pântanos Negros. E provavelmente jamais iriam longe o suficiente para descobrir a falseta.

A carroça tinha rodas grandes revestidas com correntes de modo a aumentar o atrito com o solo pantanoso. Era um veículo bastante rudimentar, imundo e resistente, puxado por um grínteo. Os grínteos eram os únicos animais de tração que se adaptavam com certa facilidade aos Pântanos Negros. Tinham pés chatos — com dedos interligados por uma membrana espessa — e uma cauda curta e larga, como a dos castores. Jamais afundavam na lama, mesmo quando a carroça atolava, e eram suficientemente fortes para sair de qualquer apuro. Assemelhavam-se aos lagartos: o corpo era coberto de escamas verdes e elevava-se a mais de um metro e meio à altura dos ombros; o focinho era achatado, e a cabeça exibia um par de olhos amarelados e mortiços. Na verdade, eram lentos e teimosos, mas também fortes e inofensivos, e exigiam poucos cuidados. Ao contrário dos lagartos, eram vegetarianos e capazes de digerir qualquer coisa que medrasse nos pântanos, até mesmo as plantas venenosas.

Resmungando, o caçador retirou a lona que cobria a carroceria e depositou os potes de metal junto a outros que já estavam ali. Como ele havia previsto, faltava pouco para completar uma carga inteira, e logo poderia vender seus luminosos prisioneiros. Franzindo o nariz, saltou para cima da carroça e acomodou-se no banco dianteiro. Estava feliz por sair daquele lugar pestilento.

Foi então que percebeu a presença de uma garota entre as árvores, não muito longe da carroça. Limpou os bigodes com o dorso da mão e examinou-a melhor. Ela tinha um rosto esquisito, um aspecto firme e determinado, e olhava para ele com olhos esbugalhados e violáceos. Usava uma túnica de camurça, rota, com mangas compridas e bainha suja de lama. Calçava botas resistentes e carregava uma mochila pesada sobre as costas.

— Não pode vir comigo, garota — disse o caçador, adivinhando suas intenções. Ninguém carregaria uma mochila tão grande se não pretendesse ir para longe.

— Posso pagar — replicou a garota.

— Ah! Pagar com o quê?

Aproximando-se da carroça e mostrando uma moeda de prata entre os dedos, ela respondeu:

— Com isso.

— Só? — indignou-se o caçador. — É muito pouco!

Poison não titubeou.

— É mais que suficiente — disse.

O caçador franziu as sobrancelhas brancas e espessas.

— E onde conseguiu esse soberano de prata? É dinheiro roubado, não é?

— Não é da sua conta. Quer ou não quer?

Ele pensou por uns instantes e depois esticou o braço para pegar a moeda. Mas Poison guardou-a rapidamente e disse:

— Depois que chegarmos lá.

— Para onde vai? — perguntou o caçador, indignado. Era muito atrevimento para uma garota que poderia ser sua filha.

— Shielddtown — respondeu ela, saboreando cada letra da palavra. Só o fato de dizê-la em voz alta dava-lhe um gosto de exotismo e aventura.

— Muito bem — disse o outro, ainda intrigado. — E se alguém vier atrás de você, hein? Um namorado, talvez? Ou seus pais?

— Ninguém virá atrás de mim — disse Poison, secamente.

O caçador de espectros mordeu o lábio inferior e olhou para o grínteo, refletindo. Por fim, olhou para Poison e balançou a cabeça afirmativamente.

— Então suba logo, garota. Mas não tente nenhuma gracinha, senão as coisas ficarão feias para o seu lado!

— As coisas já estão feias para o meu lado — retrucou a menina, subindo desajeitadamente na carroça e acomodando-se ao lado do caçador. — Meu nome é Poison.

— Logo se vê. Foi você mesma quem o escolheu, não foi?

Poison relevou o comentário e mais uma vez respondeu secamente:

— Sim.

A essa altura, o caçador já se perguntava se não tinha cometido um erro ao aceitar a companhia da garota.

— Bram — disse ele, apresentando-se.

— Não é um nome dos pântanos — observou Poison.

— Não sou daqui — disse Bram. — Você disse Shieldtown? Pois está com sorte. Vou justamente para os lados de lá.

Poison simplesmente balançou a cabeça. Ela já sabia disso.

* * *

Havia uma árvore nos pântanos, chamada *ductile*, famosa pela elasticidade de suas folhas. Certa vez, ainda criança, Poison colheu uma dessas folhas, pregou uma das extremidades no chão e estirou-a para ver até onde ia. Ficou fascinada ao vê-la se esticar e se afilar cada vez mais, até que, depois de certo ponto, a folha se rompeu, fazendo com que a menina se estatelasse sobre a plataforma.

A comparação era perfeita para a sensação que vinha crescendo no peito de Poison durante toda aquela tarde. Ela nunca estivera tão longe de casa, ainda que depois de uma única hora de viagem sobre o vagaroso carrocim do caçador de espectros. Caída a noite, ela já se sentia em outro mundo, completamente diferente do seu. Sua conexão com a aldeia de Gull estirava-se como aquela folha de árvore, cada vez mais fina e retesada, puxando-a para trás à medida que ela se afastava. Poison receava jamais rever o amigo Fleet, ou o pai, ou até mesmo Snapdragon. Dera-se conta de que estava irremediavelmente sozinha; percebeu que, pela primeira vez na vida, contava apenas com si mesma. Se o caçador resolvesse abandoná-la por ali, ela não teria a menor idéia de como voltar para casa. Gull ficara para trás havia muito, e Poison sentia uma tristeza no coração, uma ânsia que jamais imaginara sentir um dia.

Mas, depois de algum tempo, a folha se partiu. Aflição e tristeza deram lugar a ânimo e alegria. Uma vez que não poderia voltar, Poison deu-se conta de que o jeito era seguir em frente. Afinal, não havia ela conquistado a liberdade com a qual sempre sonhara? Não era este o primeiro passo em direção ao mundo maravilhoso que Fleet descrevia em suas histórias?

— Está rindo do quê? — perguntou Bram. Foi a primeira coisa que disse depois de muitas horas.

Poison, que não percebera o próprio riso, retrucou:

— E por que eu não deveria rir?

— Pessoas que riem sozinhas geralmente têm algo a esconder — disse Bram.

— E tenho mesmo — retrucou Poison, alargando o sorriso simplesmente para provocar o caçador.

Quando a lua já estava alta, chegaram a uma colina de solo rochoso e miraculosamente seco. Uma pequena mata circundava o topo calvo da colina, densa o suficiente para esconder a vista do pântano, mas não para impedir o acesso dos viajantes.

— Vamos passar a noite aqui — disse Bram, puxando as rédeas para refrear o grínteo. O animal grunhiu sonoramente, decerto insatisfeito com a ausência de pastagens.

Bram fez uma fogueira com pedaços de pau que trazia na carroça. Poison andava de um lado para outro, nervosa. Jamais havia dormido fora de casa. A região dos pântanos era infestada de criaturas rastejantes e traiçoeiras e escondia perigos de toda sorte. O caçador logo percebeu a aflição da companheira de viagem.

— Sente-se ali — disse ele, apontando o lugar com uma vareta que recolhera para remexer as brasas — e pare de se comportar como um esquilo! Não há nada a temer. O fogo manterá os bichos afastados.

Poison continuou apreensiva mesmo assim. Além disso, irritou-se por ter deixado transparecer o próprio medo. Jogou a mochila junto ao fogo e sentou-se nela. Não sabia o que era um esquilo, mas relutava em admitir sua ignorância. O calor sobre o rosto e sobre as mãos era ainda mais reconfortante naquele lugar do que diante da lareira da choupana. Sem paredes que lhe garantissem a segurança, as labaredas na fogueira eram a única fonte de proteção contra a noite e, portanto, especialmente bem-vindas.

— Encontrei este lugar já há algum tempo — disse Bram, apontando vagamente para o descampado à sua volta, com a mão enluvada. — É seco e rochoso. Mas não sei por quê. Só sei que os bichos peçonhentos não têm o que comer por aqui. Sempre paro nesta colina quando venho de Gull. É o único lugar habitável neste pântano desgraçado.

Poison não sabia o que dizer.

— Não sei por que as pessoas escolhem este fim de mundo para morar — arrematou o caçador. Poison não sabia se aquilo era uma afirmação ou uma pergunta.

— Eu nasci aqui — disse simplesmente. Abriu a mochila e retirou uma fiera de salsichas. Separou quatro delas e guardou o resto.

— São salsichas de *porco*? — perguntou Bram, do outro lado da fogueira. Poison encolheu os ombros.

— Pode ser — respondeu. — Não sei ao certo.

— Onde você as conseguiu?

— Foi um amigo que me deu. — O mesmo amigo que lhe dera tudo o que levava no interior da mochila: comida, cobertas, uma faca, e até um mapa velho e surrado. O mesmo que lhe dissera que a primeira parada do caçador de espectros

seria em Shieldtown e havia indicado uma pessoa que ela poderia procurar ali. O mesmo que prometera levar a réplica de volta ao pai, explicar tudo o que acontecera e dizer aonde Poison tinha ido. Pois Poison sabia que não teria forças para fazer tudo isso sozinha, que acabaria desistindo se tivesse de dizer ao pai que ele acabara de perder uma filha e logo perderia outra. Já não tinha mais dúvidas quanto à veracidade das histórias de Fleet. O velho era um autêntico aventureiro, e um amigo de verdade. O único que ela tinha.

— Tenho um peixe que pesquei há dois dias — disse Bram. — Não me importaria de trocá-lo por essas quatro salsichas aí.

Poison olhou para o caçador.

— Eu nunca comi carne de porco antes.

— Mas aposto que você gosta de peixe, não é? Toda a gente do pântano gosta de peixe.

— Mas eu *nunca* comi carne de porco antes! — repetiu a garota, enfaticamente. A avidez de Bram pelas salsichas deixava-a ainda mais desconfiada.

— Sou eu quem vai levá-la até Shieldtown, não se esqueça disso — advertiu Bram.

— E por isso recebeu mais do que merecia — devolveu-lhe Poison, implacável. Pelo menos foi o que dissera Fleet ao lhe entregar a moeda, junto com muitas outras.

Bram resmungava sem parar enquanto os dois cozinhavam suas refeições. Havia colocado uma grelha de metal chamuscado sobre o fogo e deitado lascas de peixe sobre ela. Poison também colocara suas salsichas ali. Não tinha a menor idéia de quanto tempo demorariam para ficar prontas, mas contava com sua inusitada intuição para esse tipo de coisa e não se preocupava além do necessário.

— É boa a vida como caçador de espectros? — perguntou de repente.

— Boa como qualquer outra, eu suponho — respondeu Bram, acomodando-se melhor diante do fogo. Ficou calado por algum tempo antes de prosseguir. — Talvez um pouco solitária. Sempre de um lado para outro, sem demorar em lugar algum. Vejo outros caçadores por aí... cruzamos nossos caminhos de vez em quando. Mas somos todos solitários. Não tem outro jeito.

Poison assentiu com a cabeça. Compreendia o que o outro dizia. Olhou na direção da carroça, onde o grínteo dormia, ainda atrelado à sua carga de potes de metal.

— Acredita que eles estejam vivos, os espectros do pântano?

— Hein?

— Será que eles pensam e sentem como nós?

Bram virou um pedaço de peixe sobre a grelha, de modo a assar o lado que ainda estava cru.

— Você é muito curiosa, garota.

— Mas só em relação às coisas que não sei.

Bram não pôde conter o riso.

— Sei lá, nunca pensei sobre isso. Talvez sejam apenas raios de luz, sem miolos para pensar. Talvez sejam como os pirilampos. Ou talvez sejam seres do Reino das Fadas. Para mim dá tudo no mesmo.

— Seres do Reino das Fadas? — perguntou Poison.

— Cuidado para elas não se queimarem — disse Bram, rolando as salsichas, já bastante crestadas de um lado. — Se forem, tanto melhor. Eu preferiria mil vezes caçar seres do Reino das Fadas a caçar insetos. De todas as criaturas que andam por este Reino, eles são os piores.

— Como são as coisas... do lado de lá?

— Você quer dizer, do outro lado do pântano? — perguntou Bram. — São melhores que aqui, isso eu posso garantir.

Poison sentiu um estranho calafrio na espinha. Nunca tinha ouvido alguém se referir assim ao mundo fora dos pântanos. Nem mesmo Fleet, que sempre relatava as maravilhas e os horrores que testemunhava em suas viagens, dizia que o mundo do lado de lá era *melhor*.

— Há lugares terríveis, é claro. Lugares aonde ninguém vai — continuou o caçador. — As velhas cidades, por exemplo... Estão tomadas pelos seres do Reino das Fadas. E há tribos de gnomos aqui e acolá, principalmente nas montanhas, além de gigantes e ogros nas cavernas. Você sabe... Antigamente chamavam isto aqui de “O Reino dos *Homens*”, e as outras criaturas tinham seus próprios Reinos. Mas não tenho ido para os lados de lá ultimamente... Quanto aos homens, uma coisa é certa: nunca soubemos nos manter unidos. — Bram olhou para a escuridão em torno da colina. Parecia viva com o zumbido dos insetos. — Estes pântanos não são para nós. Nosso destino é dominar as pradarias, as pequenas colinas e os vales, e não viver nas florestas, nas montanhas ou nos pântanos, escondidos como bichos. — E voltando os olhos para o fogo, arrematou: — É isso o que eu acho.

Poison não contestou. Em vez disso, falou:

— Quer uma salsicha? Não vou conseguir comer as quatro.

* * *

Ficou um bom tempo sem conseguir dormir, ouvindo Bram roncar sob as cobertas e sobressaltando-se a cada barulho esquisito. Pequenos insetos esvoaçavam sobre a fogueira, e uma fauna desconhecida chacoalhava as ramagens da mata em torno da colina. O desconforto do chão duro não a incomodava; era o medo das criaturas minúsculas e peçonhentas do pântano que lhe dificultava o sono. Espantava-a a tranquilidade do caçador.

Chorou um pouquinho depois de se certificar de que Bram dormia. Não conseguia deixar de imaginar o rosto do pai ao receber as notícias trágicas de Fleet. Quando voltou à choupana para arrumar suas coisas, encontrou Hew ainda dormindo e não viu Snapdragon em parte alguma. Conhecendo a natureza da madrastra, suspeitou que ela tivesse voltado para a cama para depois fingir que tinha dormido profundamente a noite inteira. Hew sempre tivera o sono pesado; se não acordara com o grito histérico da mulher, também não acordaria quando ela se esgueirasse sob as cobertas novamente.

Sobretudo, Poison remoia-se por não ter deixado um bilhete para o pai. Sentia-se culpada por ter fugido daquela maneira. Embora tivesse lá suas razões, achava que Hew merecia tratamento melhor do que saber do desaparecimento da filha pela boca de um estranho. Desejava ter deixado uma palavra de carinho, dizendo que não o tinha abandonado para sempre, mas apenas por um tempo.

Agora era tarde demais. Poison podia ver o pai chorando diante do rosto consternado do velho Fleet, à procura de respostas. Raptada por quê? Fugiu para onde? Voltaria quando? Imaginava Snapdragon tentando reconfortá-lo, mesmo sabendo que não podia contar toda a verdade e veladamente feliz com a partida da menina de olhos violeta. Hew perdera as duas filhas de um golpe só; mas o pior de tudo era saber que os seres do Reino das Fadas tinham se apoderado de uma delas, deixando uma réplica em seu lugar. E se quisesse manter viva a esperança de rever as filhas um dia, teria de cuidar do monstrengo com dedicação e afinho.

Mas assim era a vida nos Pântanos Negros.

Depois de algum tempo, Poison levantou-se e foi até a carroça. Chegando lá, retirou todos os apetrechos de viagem e suprimentos guardados na carroceria e depositou-os perto do fogo. Em seguida, pegou seu cobertor e voltou para a carroça, acomodando-se no espaço vazio sob a lona, como se entrasse num casulo. Os potes de metal tilintaram um pouco, mas logo ela pegou no sono, acalentada pela respiração tranqüila do grínteo e do discreto sussurrar dos espectros que rodopiavam em suas pequenas prisões.

* * *

Poison não demorou a perder a noção do tempo durante a viagem com Bram. Somente depois de muitos cálculos pôde concluir que já havia se passado uma semana desde que Azalea fora raptada pelo Espantalho. Os dias se sucediam com o mesmo vagar do grínteo que se arrastava pela lama, interrompidos aqui e ali para acampar ou para desatolar a carroça com a ajuda de uma alavanca. Ela pensava em Azalea, procurando imaginar os apuros pelos quais a irmãzinha passava, mas logo percebia a inutilidade de qualquer especulação. Não sabia nada sobre o comportamento dos seres do Reino das Fadas. Nenhuma das histórias sobre o rapto de crianças mencionava o que acontecia a elas depois.

E, embora se sentisse culpada com isso, Poison divertia-se com a aventura.

A viagem, é claro, era difícil e nada confortável. Os maruins e os mosquitos atacavam durante o dia, e Poison invariavelmente acordava com câimbras e dores musculares depois de cada noite dormida no aperto da carroceria. Bram não dizia nada quando encontrava seus apetrechos de viagem cuidadosamente empilhados junto à fogueira, mas sempre voltava com eles para o mesmo lugar, para que Poison os retirasse novamente na hora de dormir. Na noite anterior havia chovido muito, e Poison ouvira-o xingar enquanto ele pisava a lama do acampamento à procura de um lugar onde pudesse abrigar sua tralha; também vira quando ele levantou a lona da carroça e lançou-lhe um olhar de fúria através da água que escorria pelas abas do chapéu.

— Meus suprimentos estão ensopados! — berrou ele.

— E agora eu também! — disse ela, sonolenta. — E o chão, como está?

Bram bufou e trovejou e jogou a lona por cima dela. Em seguida, remexeu sobre o outro lado da carroceria, e Poison deduziu que ele retiraria a barraca de dormir para abrigar os suprimentos no mesmo lugar. Na verdade, ela pouco se importava com o que ele faria, pois estava seca. “Sou do pântano, mas não sou boba”, pensou ela pouco antes de pegar no sono novamente.

E, no entanto, tamanho desconforto não diminuía em nada o orgulho e a exaltação que sentia no peito por ter saído de Gull, deixando para trás a madrastra e todos os aldeões que a desdenhavam. E faltava pouco para deixar os Pântanos Negros também. Esforçava-se para manter os pés no chão, mas, às vezes, não resistia e se perdia em devaneios povoados de bruxas e gigantes, heróis e heroínas.

“Sua boba”, pensava. “São apenas histórias.” Mas, em algum lugar de seu coração, esperava que tudo fosse verdade.

E Bram mostrara-se excelente companheiro de viagem. Era um sujeito taciturno, mas não se furtava a responder todas as suas perguntas. O interesse dela pelas coisas do “outro lado” era insaciável; mesmo as histórias mais banais mereciam sua máxima atenção. Mas embora discursasse longamente sobre os lugares que havia visitado e as pessoas que havia conhecido, Bram jamais fazia perguntas sobre a vida de Poison — talvez porque não estivesse interessado, talvez porque fosse educado —, o que era bastante conveniente. E era um homem bom também, concluía ela. Rude e solitário, porém honesto e digno. Poison não era inocente a ponto de ignorar o que poderia acontecer entre um homem daquele tamanho e uma garota de sua idade naquele fim de mundo onde não haveria ninguém para socorrê-la. Bram jamais a intimidara nesse sentido.

Era meio-dia e o sol estava surpreendentemente forte quando Bram anunciou que em breve avistariam Shieldtown. Poison sentiu o coração bater mais rápido e esticou o pescoço, procurando enxergar o que havia depois das árvores à sua frente.

Elas eram cada vez menos numerosas, e o solo firmara-se o suficiente para se confundir, aqui e ali, com uma estrada de verdade. Olhando de soslaio, Bram percebia a ansiedade da companheira e divertia-se com isso. As rodas da carroça chiavam incessantemente.

Por fim, o caçador não resistiu e disse:

— Vai cair do banco se continuar a esticar o pescoço assim, garota.

— Onde está a cidade? — perguntou ela, sem despregar os olhos das árvores que se interpunham ao caminho.

Bram deu-lhe um tapinha nas costas, deixando-a ainda mais irritada. Depois piscou os olhos e apontou com o dedo.

— Você se esqueceu de olhar *para cima* — disse.

Revirando os olhos, Poison não pôde conter uma exclamação de surpresa ao avistar — por cima da renda formada por galhos e folhas — as primeiras imagens de Shieldtown.



Shieldtown

Foi naquele instante, mais que em qualquer outro, que Poison percebeu a verdadeira dimensão do mundo à sua volta.

Passara a vida inteira sob o dossel formado pela densa vegetação que encobria as aldeias nos Pântanos Negros e, portanto, jamais vira a abóbada celeste em toda a sua amplitude. Além disso, a região era plana, e colinas como aquela onde os dois viajantes haviam acampado na primeira noite eram muito raras. Havia poucas elevações de onde um observador pudesse olhar por cima das copas das árvores e ver a imensidão esparramada ao seu redor; e Poison jamais havia estado em uma delas.

E ali, de um instante a outro, ela viu aquilo.

As árvores interrompiam-se diante de uma enorme clareira semicircular e, sobrelevando-se a tudo, o mais gigantesco muro que Poison jamais vira em toda a sua vida. Era tão alto que ela chegou a sentir tonteiras quando inclinou a cabeça para enxergar o topo. Tanto para a direita quanto para a esquerda, estendia-se por uma eternidade até desaparecer numa curva longínqua. Era de pedras escuras, esculpidas pela ação do tempo durante milênios e pontilhadas de cicatrizes, nódoas e reentrâncias. Não parecia ter sido construído pelas mãos do homem, mas pela força implacável da natureza. O chão da cidade acima dele ficava — em *toda* a sua extensão — a mais de trezentos metros de altura. Era como se Poison tivesse passado a vida inteira sobre o degrau de uma escada e, de repente, chegado à base do degrau seguinte.

Dizer que ela ficara estupefata seria pouco.

— Um susto e tanto, hein? — disse Bram, sorrindo diante do assombro silencioso da companheira.

Via-se muito pouco da cidade propriamente dita, pois o ângulo era agudo demais. Contudo, viam-se os elevadores que deslizavam pelo muro, desaparecendo no interior de construções metálicas e fumegantes quando desciam e no éter das alturas quando subiam. No alto, via-se a orla de construções exóticas, algumas das quais ficavam perigosamente próximas à borda ou projetavam guas pelo ar: eram pequenas amostras das maravilhas que estavam por vir.

Bram cutucou Poison e disse:

— Feche a boca, garota! Parece uma cobra tentando engolir um ovo!

A menina irritou-se com a comparação e ficou envergonhada por ter sido flagrada em seu pasmo. Atravessavam a clareira, rumo a um conjunto de construções próximas à base do muro. Outras carroças já estavam por lá, assim como pessoas — vestidas das mais variadas formas — que haviam chegado até ali com as próprias pernas, todos vigiados por guardas que exibiam elmos na cabeça e espadas curvas penduradas ao cinto.

Poison procurou se recompor, ainda incomodada por ter revelado sua própria ignorância. Se o mundo fosse tão cruel e amedrontador como dizia Fleet, então não seria uma boa idéia deixar que os outros soubessem o quanto ela estava despreparada para ele. Naquele instante, ela sentia-se novamente uma criança: tomada de assombro e intimidada pelo desconhecido.

Bram coçou o farto bigode com um dos dedos da mão enluvada e tossiu como se limpasse a garganta para dizer algo importante.

— Chamam-na de Shieldtown, ou cidade-escudo, por causa desse gigantesco muro. O muro funciona mesmo como um escudo, pois fica perpendicular ao chão e separa o lado de baixo do lado de cima. Você sabe, os Pântanos Negros são completamente cercados por ele, como se fossem um buraco enorme sobre a crosta da terra, com mais de trezentos metros de profundidade. Os pântanos estão abaixo do nível do mar; e essa é a causa de tanta água por estas bandas.

Poison processou as informações sem mexer sequer um músculo da face. Tinha se enganado quanto à perspectiva da coisa toda. Shieldtown não ficava acima dos pântanos; eram os pântanos que ficavam abaixo de Shieldtown. A cidade ficava no mesmo plano que o resto do mundo. E isso significava que ela passara a vida inteira dentro de uma gigantesca tina de lodo.

— E alguém sabe explicar como tudo aconteceu? — perguntou. Bram olhou para ela, sem compreender. — Como a terra caiu dessa maneira?

Bram olhou para o grínteo que se arrastava tropeadamente à sua frente, deixando-os cada vez mais próximos das construções limítrofes de Shieldtown.

— Há lendas e histórias. Sempre há. Mas não dou ouvido a elas.

Poison sentiu-se ligeiramente decepcionada. Mas não por muito tempo, pois logo chegaram à base do muro, onde foram interpelados por um guarda. Ele usava um elmo de meia-cabeça que lhe deixava apenas a boca e o queixo do lado de fora. Seu uniforme compunha-se de uma mistura desordenada de couro, peles e grevas de metal sobre as pernas; não era exatamente a armadura reluzente que usavam os guardas dos contos de fada.

— Identifiquem-se! — demandou.

— Bram, de Oilskin, caçador de espectros. E esta é Poison, minha filha.

Poison sequer piscou diante da mentira. Visivelmente desconfiado, o guarda revistou-a com os olhos, e, impávida, Poison encarou-o com seu desconcertante olhar violeta.

— Poison... — repetiu o guarda. — Que nome estranho você escolheu para sua filha! Deve gostar muito dela...

— É meu maior tesouro — disse Bram, sabiamente ignorando o sarcasmo do guarda.

O homem deu um suspiro profundo. Em seguida, caminhou até a traseira da carroça, levantou a cobertura de lona e examinou a carga. Pegou um dos potes de metal e levou-o à altura do ouvido. Aparentemente satisfeito, jogou-o de volta sobre os outros.

— Pode ir — disse rudemente antes de se afastar. Bram chacoalhou as rédeas, e o grínteo emitiu um longo chiado antes de retomar o passo. Percorreram alguns metros em silêncio até que não pudessem ser mais ouvidos pelo guarda.

— “É meu maior tesouro...” — arremedou Poison, e Bram caiu na gargalhada.

* * *

O interior da casa de máquinas era barulhento, quente e escuro. Bram e Poison tiveram de esperar numa fila, atrás de outras carroças, até que pudessem embarcar num dos elevadores. Já no início da fila, Poison observou a coisa despencar ruidosamente das alturas. Ficou feliz pela escuridão, que escondia o tremor em suas pernas. O elevador era um aparato fragilíssimo, nada mais que uma plataforma de metal cercada por grades perigosamente toscas. Bram fustigava o grínteo por trás enquanto um grupo de atendentes suarentos puxava-o pela frente. Duas outras carroças, ambas puxadas por cavalos, adentraram a plataforma logo em seguida. Bram e Poison apearam. Por alguma razão, parecia-lhes mais seguro ficar de pé sobre o chão do elevador que sobre a carroça. Poison sentiu um frio no estômago quando as portas se fecharam com estrondo. Em seguida, as poderosas rodas dentadas no interior da casa de máquinas começaram a girar, e o elevador deu um solavanco antes de começar a subir.

Durante os primeiros instantes, não se via nada além da escuridão e ouvia-se apenas a ranger ensurdecido da engrenagem. Mas o barulho cessou tão logo eles atravessaram o teto da casa de máquinas e continuaram a subir em plena luz do dia. Poison viu as construções abaixo dela afastarem-se a uma velocidade impressionante, e as árvores, que antes lhe pareciam tão altas, ficaram repentinamente minúsculas. Pela primeira vez na vida, ela as via por cima, e novamente perdeu o fôlego.

O dossel de vegetação que encobria os Pântanos Negros era vastíssimo. Todos os dias da vida de Poison, todas as batidas de seu coração, haviam se sucedido sob aquela assombrosa imensidão verde. Aqui e ali, o gigantesco tapete de árvores

ondulantes era cortado por rios lamacentos que ela jamais imaginara existir. A planície pantanosa parecia crescer ainda mais à medida que o elevador subia, até desaparecer no horizonte sob uma bruma indistinta. Sequer se via o outro lado do muro, que, segundo Bram, circundava toda a região.

— A gente se sente tão pequena... — disse Poison.

— Nós *somos* pequenos, garota — replicou Bram, debruçando-se sobre o gradil do elevador, aparentemente indiferente ao precipício abaixo dele.

Poison aproximou-se cautelosamente da beirada e olhou para baixo.

— Gostaria que você parasse de me chamar de *garota* — disse, mais para se distrair do que por qualquer outra coisa.

— É melhor que Poison — disse o caçador. — Onde você estava com a cabeça quando escolheu um nome desses?

— Que importância isso tem para você? — replicou ela. — Não se incomodou em dizê-lo para o guarda...

Bram franziu as sobrancelhas.

— Simplesmente não arrumei coisa melhor para dizer naquela hora. Não queria que ele desconfiasse de alguma coisa. Se eu tivesse dito que você era dos pântanos... Bem, poucos pantaneiros vêm para esses lados, pois não gostam de sair de suas aldeias. E eu não queria que ele pensasse que nós éramos... hummm... sei lá... casados. — Ao dizer isso, Bram ficou vermelho como uma beterraba e afundou ainda mais o chapéu sobre a testa. — Não gosto de perguntas idiotas.

Poison olhava para o chão cada vez mais distante; ficou surpresa ao perceber que não sentia mais medo, muito embora ainda seguissem chacoalhando muro acima. Olhou para Bram e abriu um sorriso maroto.

— Sabe, estou até me divertindo com isso aqui...

— Há! — berrou o caçador. — Eu sabia que *você* não era talhada para os pântanos! Não conheço um só pantaneiro que não borraría as calças se chegasse tão perto assim do céu. — E corou novamente ao perceber o que acabara de dizer. — Desculpe minha falta de modos — emendou-se.

Poison olhou para ele, surpresa.

— Deixe disso, Bram. Tenho certeza de que, por detrás desse bigodão todo, mora um perfeito cavalheiro!

Bram corou ainda mais, pediu licença e apressou-se em verificar como estava o grínteo.

* * *

Poison esforçava-se ao máximo para não demonstrar seu deslumbramento com Shieldtown e seus habitantes, mas percebia que não tinha muito sucesso. Bram parecia bastante satisfeito consigo mesmo e ocasionalmente lançava olhares furtivos para a companheira, disfarçando o riso quando ela olhava feio para ele. Seguiam na

carroça pela avenida principal, desviando-se do tráfego. Poison jamais havia visto tanta gente, nem ouvido o alarido que elas produziam quando se ajuntavam, tagarelando e gritando em meio ao relincho dos cavalos e ao grunhido dos grínteos. Estava acostumada aos trajes singelos da gente do pântano, onde os tecidos eram feitos dos poucos recursos disponíveis e sempre em cores mortíferas para não atrair moscas, vespas ou outras criaturas menos inofensivas. Em Shieldtown não havia tais limitações, e as roupas eram vivas e extravagantes. Vestidos soltos e mangas bufantes; blusas de gola baixa com bainhas drapeadas; cartolas e sapatos de couro... Ainda que impressionada, Poison achava tudo aquilo ridículo.

Estava muito mais encantada com a cidade propriamente dita. O metal — esse material raro e, a bem da verdade, quase inútil na região dos pântanos — estava por todos os lados. Enormes espirais de ferro empertigavam-se em direção ao céu. Domos de bronze cobertos de pátina cercavam-se de êmbolos fumegantes que bombeavam para cima e para baixo, semelhantes às pernas dançantes de uma enorme aranha de metal. Multidões aglomeravam-se desordenadamente pelas ruas. As casas se amontoavam umas sobre as outras, como se partes da cidade tivessem derretido e escorrido como cera sobre outras partes antes de endurecer novamente. Ali não havia nada parecido com a uniformidade das choupanas dos pântanos. As habitações eram absolutamente diferentes umas das outras: algumas tinham formas arredondadas, como bolas de lama empilhadas; outras eram sólidas, altas e triangulares; outras eram baixas, planas e discretas. Ao longo da avenida, placas nas fachadas das lojas cintilavam e chiavam com uma estranha energia, acendendo e apagando em plena luz do dia.

— É como você esperava? — perguntou Bram.

— Eu não esperava nada — respondeu. — Pelo menos, não isso.

— Você sabe para onde deve ir? Quer que eu a leve até lá?

— Preciso encontrar um homem chamado Lamprey.

— Ah! — exclamou Bram. Em seguida, inusitadamente, perguntou: — E por que você precisa encontrá-lo?

Poison olhou para ele, surpresa.

— Há mais de uma semana estamos juntos nesta carroça, e esta foi a primeira vez que você perguntou por que eu queria vir para Shieldtown.

Bram balançou os ombros grandalhões.

— Já sei, não é da minha conta.

— Isso mesmo — disse Poison.

Ficaram calados por algum tempo. Bram açoitava o grínteo através do fluxo lento do trânsito.

— Por acaso você sabe onde posso encontrar esse tal Lamprey? — perguntou Poison, por fim.

— Talvez — disse Bram. — Mas isso também não é da minha conta.
— E não é mesmo — retrucou Poison. — Posso encontrá-lo sozinha.
— Tenho certeza de que pode. Não precisa de mim. — Bram parecia satisfeito, talvez com sua própria sabedoria. Chacoalhou as rédeas displicentemente.

Mais alguns minutos de silêncio se passaram.

— Então você *sabe* onde ele está... — disse Poison algum tempo depois.

— Eu nunca disse isso.

— Mas se soubesse, diria?

— Se você pedisse.

— Bem?

— Bem o quê?

— Onde posso encontrar esse Lamprey?

— Como deveria saber? Jamais ouvi falar dele!

Poison rilhou os dentes e engoliu os impropérios que teve vontade de falar. Bram olhou-a de soslaio e depois puxou o chapéu por sobre as sobrancelhas grossas.

— Podemos fazer um negócio — propôs Bram.

Poison deliberadamente olhou para o outro lado, fingindo que não estava interessada.

— Que tipo de negócio?

— Eu a ajudo a encontrar o sujeito. E você me dá dois soberanos de prata quando o encontrarmos.

— Que tipo de proposta é essa? — desferiu Poison, indignada com a audácia do caçador. — Já disse que posso encontrá-lo sozinha!

— Talvez possa — concordou o outro. — Mas você não conhece esta cidade, não conhece esta gente, nem como as coisas funcionam por aqui. Talvez consiga o que quer; é durona e esperta. Mas o mais provável é que termine dura e fria numa viela qualquer, e por muito menos que dois soberanos de prata ou que as outras moedas que não param de tilintar em sua mochila.

— Você fique longe delas!

— Sabe quanto custa uma refeição num restaurante em Shieldtown? — perguntou Bram acintosamente.

Poison não esperava por esta pergunta. Viu-se obrigada a inventar um valor qualquer, algo que fosse bastante caro em relação ao padrão vigente nos pântanos.

— Três marcos de cobre — sugeriu.

— Ah! Morreria antes de tirar seu dinheiro da mochila! Os marcos de cobre já saíram de circulação há muito tempo por aqui!

— Então não vou comer em restaurantes — disse Poison.

— Não interessa. Os forasteiros são logo identificados nesta cidade, são presas fáceis para os espertalhões. Especialmente os forasteiros ricos. Você não faz a menor idéia de quanto vale um soberano de prata, não é mesmo?

— Mais do que vale sua companhia durante uma semana — respondeu a garota rispidamente.

— Por falar nisso, já é hora de você me pagar — devolveu o caçador, inabalado. — Mas eu conheço este lugar, posso ajudá-la a encontrar o tal sujeito. Mas isso lhe custará outro soberano.

— Você não tem espectros para caçar? — disparou ela.

— A Vigília das Almas é o fim da estação de caça — respondeu Bram, sem titubear. — Por isso voltei aqui para cima. Não dá para caçar espectros do pântano fora do pântano, não é mesmo?

Poison ficou furiosa. Detestava depender dos outros para o que quer que fosse. Sabia que o caçador tinha razão, mas aceitar aquela proposta seria o mesmo que abrir os flancos para o inimigo. Não tinha o hábito de confiar nas pessoas. Estranhamente, a única razão pela qual cogitava aceitá-la era porque sabia, sem sombra de dúvida, que estava sendo ludibriada. Se um soberano de prata era dinheiro mais que suficiente para uma viagem de carroça por uma semana, era muito, muito mais suficiente ainda para localizar alguém numa cidade.

— Está bem, então — disse ela, bufando e desviando o olhar em direção à rua congestionada pelo tráfego. — Receberá o dinheiro da viagem, mais outro soberano, depois que encontrarmos o tal Lamprey.

— Sabia que você tinha juízo — disse Bram, com inusitada animação. — E turrone, mas não é burra.

* * *

A noitinha, Poison sentiu um certo alívio por ter concordado com a proposta de Bram. Estava exausta e confusa com as novidades acumuladas ao longo do dia e já não agüentava mais manter a pose de desinteresse diante delas. Tinha de admitir, o homem tinha razão: quando estavam juntos, ela pelo menos podia fingir que não era forasteira; se estivesse sozinha, ficaria completamente perdida.

Antes de qualquer outro lugar, foram ao mercado, maior que a aldeia de Gull e abarrotado de barracas de toda espécie. Os intermináveis pregões dos ambulantes e a tagarelice entre barraqueiros e compradores ecoavam sob um domo baixo e coberto de pátina, formando uma massa sonora incompreensível. O lugar era escuro, iluminado apenas pela luz do sol que atravessava os vãos laterais entre as colunas de bronze que sustentavam o domo. Baforadas quentes impregnavam o ambiente com cheiro de fritura, e rostos sombrios surgiam do nada, oferecendo aos passantes toda sorte de pechinchas. Bram seguia a pé, puxando o grínteo pelas rédeas, e Poison permanecera na carroça, obedecendo à orientação dele. “Roubarão

os potes sob a lona se ninguém os vigiar”, dissera-lhe o caçador, e Poison achou que ele tinha razão.

Bram parou diante de uma barraca apinhada de lâmpadas exóticas, tubos de vidro modelados nas mais diversas formas e iluminados pela luz suave e flutuante dos espectros do pântano. Poison maravilhava-se com as pequeninas bolas de luz trancafiadas em suas prisões, perseguindo umas às outras ou quietinhas no fundo dos vidros coloridos, que, combinados com os matizes dos próprios espectros, produziam diferentes efeitos nas lâmpadas. Algumas, mais relaxantes, emitiam um suave lume em tons de azul e verde, enquanto outras, mais quentes, brilhavam em tons de vermelho e violeta. Eram artefatos sofisticados, verdadeiras obras de arte, mas Poison não podia conter uma ponta de tristeza ao ver tão lindas criaturas aprisionadas simplesmente para o deleite dos ricos. Imaginava se as pessoas em Gull tinham idéia do destino trágico reservado aos espectros que elas ajudavam a capturar durante a tradicional cerimônia da Vigília das Almas.

Ainda em cima da carroça, ela ouvia discretamente o regateio entre Bram e um barraqueiro baixinho e encarquilhado. Bram mostrava-lhe alguns dos espectros que trouxera consigo. Os potes de metal haviam sido concebidos de tal forma que a tampa podia se desenroscar e revelar uma abertura grande o suficiente para se ver o conteúdo, mas não para que os espectros pudessem sair. Bram acabou por vender cinco potes, mas não ficou muito satisfeito com o preço obtido. Terminada a negociação, subiu na carroça e tocou o grínteo adiante.

A maior parte do dia seria consumida dessa mesma maneira. Ainda havia outros seis compradores a visitar em diferentes partes da cidade; segundo Bram, eram atacadistas que compravam os espectros da mão dele e depois os revendiam em outros lugares no Reino. A demanda por lâmpadas espectrais, verdadeiros artigos de luxo, não era grande o suficiente em Shieldtown, onde havia apenas um ponto de revenda. Poison não se importava em esperar pelas negociações do caçador e aproveitava para sorver as novidades — as imagens que nunca tinha visto e os sons que nunca tinha ouvido —, observando a tudo com seu olhar desconcertante e intenso.

O sol já se punha no horizonte quando Bram voltou para a carroça puxando pela mão uma garota aparentemente da mesma idade que Poison. Poison avaliou-a desconfiadamente. A garota tinha um aspecto maltrapilho e parecia cansada; vestia-se com andrajos de viagem, rotos e esfarrapados, e seus cabelos castanhos estavam desgrenhados. Em outras condições, talvez fosse bonita. Seu olhar era estranhamente distante e desprovido de vida.

— Veja só — disse o caçador. — Até conhecer você, eu jamais havia encontrado um só pantaneiro que quisesse botar a unha do pé para fora de sua

aldeia. E agora encontrei a única pessoa maluca o suficiente para *querer* ir para aquelas bandas. Para Gull, veja você!

— Você vai para Gull? — Poison perguntou à garota.

— Um de meus atacadistas disse que estava à procura de alguém que pudesse levá-la até lá — explicou Bram. — Quando falei de você, ele foi buscá-la. Achei que vocês duas gostariam de se conhecer. Talvez você estivesse pensando em... hummm... voltar para casa.

Poison ficou ligeiramente comovida com a inesperada consideração do caçador. A garota olhava para ela sem maior interesse.

— Por que você quer ir para Gull? — perguntou Poison.

— Isso é assunto meu — respondeu a garota ríspidamente, lançando um olhar furioso para Bram. Estava claro que ela não gostara nem um pouco de ter sido arrastada até ali.

Poison refletiu por um instante e ficou surpresa ao constatar que não estava nem um pouco interessada em seguir a sugestão de Bram. Voltar para Gull seria pior que jamais ter saído de lá. Mas havia uma coisa...

— Você poderia levar um recado? — perguntou.

— Recado para quem?

— Hew e Snapdragon.

A garota fitava Poison friamente. Seus olhos eram incrivelmente negros.

— Qual é o recado?

— Diga a eles que... — De repente, Poison percebeu que não sabia o que queria dizer. Não havia palavras que pudessem fazê-los entender... Aliás, eles nunca haviam entendido nada, sempre a trataram como uma estranha, da mesma forma que os outros aldeões. Que espécie de recado poderia lhes trazer algum alívio? Foi então que ela percebeu o tamanho do abismo que a separava de seus pais.

— Se fosse você, eu pedia desculpas e pronto — propôs a garota, sem rodeios.

Poison ficou surpresa. Chegou a abrir a boca para lhe perguntar como tinha adivinhado seus pensamentos, mas não o fez.

— Está escrito na sua cara que você se sente culpada — emendou a outra. Poison sentiu-se envergonhada por não ter sido capaz de esconder seus sentimentos, geralmente insondáveis até mesmo para as pessoas que a conheciam bem.

— Está bem, pode dizer isso mesmo — disse ela. — Obrigada.

A garota virou-se e, sem se despedir, voltou para a loja do atacadista, onde esperava pela pessoa que a conduziria até Gull. Bram coçou a nuca e disse:

— Que figura estranha, essa aí.

Demoraram-se ali o suficiente para vê-la partir, e Poison espremia os olhos contra a luz do crepúsculo quando lembrou:

— Não disse a ela o meu nome...

— Seus pais saberão de quem é o recado, pode ter certeza disso — tranqüilizou-a Bram.

Poison concordou com a cabeça, e permaneceu calada.

* * *

— Você tem sido muito paciente, garota — comentou o caçador enquanto percorriam as ruas da cidade ao anoitecer. Tudo já estava quieto, e Bram já não agüentava mais tratar com os clientes. Ainda tinha alguns potes para vender, mas não se preocupava com isso. Era sempre um dos primeiros a voltar dos pântanos ao fim da estação de caça e invariavelmente vendia tudo o que trazia.

— Já disse para não me chamar de garota — insistiu Poison, massageando a nuca dolorida depois de um dia inteiro sacolejando sobre a carroça. — E agora?

— Bem, quando a estação recomeçar, pego meus velhos potes e volto para os pântanos — disse Bram, com um suspiro de resignação.

— Eu perguntei o que vamos fazer *agora*! Afinal, você foi contratado para executar um serviço, já se esqueceu?

Bram deu uma sonora gargalhada, chacoalhando a bigodeira.

— Como poderia me esquecer? Mas antes, vamos comer alguma coisa. Você merece uma recompensa por ter vigiado minha carroça o dia inteiro.

— E Lamprey?

— Ah... — disse Bram, piscando os olhos. — Esse não acorda antes do anoitecer.

— Você o conhece? — perguntou Poison imediatamente.

— Sei onde ele está — respondeu o caçador. — Fique sabendo que eu não estava apenas negociando hoje, e que devo um favor a um de meus clientes depois da informação que ele me deu.

Poison sentiu um ânimo renovado.

— Bram, se você não estivesse me enrolando agora, eu lhe daria um abraço!

Bram tossiu, ligeiramente corado.

— Acho que mudará de opinião quando conhecer Lamprey — disse. — Tenho algumas coisas para lhe ensinar enquanto comemos. Entre outras coisas, como se defender dos assassinos nas noites de Shieldtown.



Lamprey

A noite estava assustadoramente silenciosa.

Poison não sabia até então como eram barulhentos os insetos do pântano. Desde que nascera, acostumara-se a dormir embalada pelo guizalhar estridente dos grilos, dos jiripipis e das moscas-tecelãs. Certas noites, também ouvia a azoada distante dos pentópodes, que balançavam seus corpos peludos, em forma de estrela-do-mar, pelos galhos das árvores. Na choupana, ouvia as marolas do lago, o ranger das palafitas e a respiração mansa de Azalea no berço.

Em Shieldtown, o silêncio parecia-lhe estranhamente ruidoso. O rilhar das rodas da carroça, o arfar do grínteo em seu lento caminhar, o ruje-ruje do casaco de couro de Bram, tudo isso ressoava como uma baderna na calada da noite. Em vez da cacofonia dos insetos, ouvia-se apenas o zumbido abafado de alguma máquina distante, o bater de um portão ou a conversa incompreensível de eventuais passantes. Todo o resto era silêncio.

Eles seguiam devagar, olhando furtivamente para os lados aqui e acolá. Algumas pessoas se viravam para observá-los, visando a carroça de maneira ameaçadora. Sinais luminosos estalavam e faiscavam sobre a fachada de estabelecimentos sombrios. Poison e Bram sentavam-se juntos na boléia da carroça, encolhidos sob os casacos, e procuravam ignorar os olhares inquietantes dos pedestres.

— Não demonstre medo — dissera-lhe o caçador durante o jantar. — Não evite o olhar deles, mas também não os encare por muito tempo. Eles jamais serão os primeiros a desviar o olhar. E quando *você* desviar o olhar, olhe para frente, ouviu bem? Nunca para baixo, mas para frente! Baixar os olhos é sinal de submissão, de fraqueza. Deixe bem claro que você tem todo o direito de estar ali, mas não os desafie. Entendeu?

Poison não entendera nada, mas fez que sim com a cabeça. Só agora percebia o motivo de toda aquela preleção. Procurou seguir as recomendações do caçador o mais fielmente possível. Lembrou-se de uma história que lhe contara Fleet muito tempo antes, sobre o príncipe de uma terra distante que fora obrigado a atravessar uma jaula de tigres famintos. Lembrou-se também de como pedira a Fleet que

descrevesse nos mínimos detalhes aqueles maravilhosos animais de pelagem listrada, ao mesmo tempo graciosos e letais. Agora sabia o que o tal príncipe devia ter sentido.

As ruas pareciam se fechar sobre eles, e as luzes ficavam cada vez mais ralas à medida que prosseguiam. Bram aparentemente sabia aonde ia, mas demonstrava certo nervosismo ao tatear de quando em quando o porrete que escondia sob o casaco. Já haviam chegado aos subúrbios miseráveis da cidade, onde as casas eram rudimentares e escassas. As bocas-de-lobo exalavam fumaça, e o caminho riscava-se de ratos que entravam e saíam dos esgotos. A carroça rangia como sempre, e o grínteo parecia alheio a tudo. Mas o perigo iminente provocava calafrios em Poison.

— Por que será que esse maluco veio se esconder neste fim de mundo... — murmurou Bram para si mesmo.

— Você realmente sabe onde ele está, não sabe? — perguntou Poison.

— Sei o que me disseram — disse Bram. — E é melhor que você tenha um excelente motivo para falar com ele. Teremos sorte se conseguirmos sair daqui vivos.

— Então por que veio comigo? — perguntou Poison, mais para ouvir o som da própria voz do que para obter uma resposta.

Dobraram uma curva e desceram por uma viela esburacada que fazia a carroça ranger e sacolejar ainda mais.

— Sou um homem simples, Poison — disse o caçador. — E você me parece uma garota honesta, que paga suas dívidas sem regatear. Um soberano de prata é o que eu ganho durante *um ano inteiro*. Agora entende?

Poison entendeu direitinho. Um ano de trabalho. Ela carregava no bolso uma pequena moeda que valia um ano de trabalho para aquele homem. Um cálculo rápido sobre a quantia que Fleet lhe dera bastou para deixá-la tonta. Ou Bram era muito pobre, ou Fleet era muito, muito rico.

— E agora são *dois* soberanos... — disse Bram, baixinho. — Dois soberanos mais o dinheiro que apurei hoje... é muito para um homem como eu. Talvez possa comprar uma casa. Ou quem sabe uma fazenda. Vender esta carroça e esse grínteo teimoso e sair dessa vida antes que seja tarde demais. A vida nos pântanos não é fácil, você sabe, e estou ficando velho... Todo ano volto para lá e corro o risco de pegar uma malária, um cancro negro, ou qualquer uma dessas pestes que infestam aquelas bandas... As chances de sair de lá com vida ficam menores a cada ano.

Sob as abas do chapéu, Bram lançou um olhar carinhoso e melancólico sobre Poison.

— Um lugar só meu, nas montanhas, onde o capim cresça fácil e não haja ninguém por perto para me amolar. É por isso que estou aqui com você; este sim é um risco que vale a pena correr.

Poison percebia a sinceridade daquelas palavras. Sempre tivera facilidade para ler os sentimentos alheios, e, de qualquer forma, Bram era uma pessoa suficientemente transparente. Agora ela sabia ao certo qual era a natureza do relacionamento que se estabelecera entre eles. Bram sabia desde o início que as moedas que ela carregava na mochila poderiam transformá-lo num homem rico o bastante para nunca mais precisar trabalhar. Poderia tê-las roubado a qualquer instante, pois não haveria nada que ela pudesse fazer contra um homem do seu tamanho. Mas o caçador gostava de fazer por merecer os seus proventos e agora estava ali, conduzindo-a através das vielas mais perigosas de Shieldtown, simplesmente para honrar o trato que fizera. Não era um ladrão, mesmo diante de circunstâncias tão tentadoras.

Todavia, o homem que saltou sobre a carroça e se aboletou ao lado de Poison, este sim era um ladrão.

Poison deu um grito de susto, pois tudo acontecera rápido demais. Sequer percebeu quando o velhaco irrompeu das sombras de uma via transversal e encostou-se à carroça, esgueirando-se ao lado das rodas. Em seguida, de um só golpe, subiu e se jogou na boléia. E, antes que alguém pudesse esboçar uma reação, encostou a lâmina fria de uma faca contra a garganta da vítima indefesa.

— Deixe a garota em paz! — gritou Bram, soltando as rédeas e buscando o porrete sob o casaco. O grínteo parou lentamente.

— Há, há, há! — desdenhou o outro, apertando a faca ainda mais, fazendo com que Poison inclinasse a cabeça para trás. — Eu não faria isso se fosse você. Ou a garota vai sentir o cheiro do próprio sangue!

Poison arregalou os olhos violáceos, aterrorizada. Achou que o coração iria explodir. Subjugada pelo pânico, não conseguia pensar nem agir. Durante alguns segundos que pareceram uma eternidade, não se sentiu capaz de fazer outra coisa senão respirar, ainda que nervosamente, e afastar-se da lâmina.

Outro homem surgiu do nada e sentou-se ao lado de Bram, encostando uma faca nas costelas dele.

— Quietinho... — advertiu. — Você não quer que nada de mal aconteça à garota, não é mesmo?

— Levem a carroça! — disse Bram, tão assustado quanto Poison. — A carroça e o animal! Mas não machuquem ninguém! Levem o que quiserem e vão embora!

O primeiro ladrão debruçou-se sobre Poison para levantar a lona e ver o que havia na carroceria. Ela podia sentir o hálito pútrido dele. Não havia quase nada ali, apenas os potes que ainda não tinham sido vendidos, as sacolas e os suprimentos de viagem. A mochila de Poison estava repleta de moedas, mas ela nem pensava nisso naquele momento. Pensava apenas na história do príncipe e dos tigres, e no rosto de Fleet à luz do fogo quando a contara pela primeira vez.

— Carroça e animal não valem nada! — retrucou o ladrão. — Tem alguma coisa de valor nestas sacolas? Só assim vamos poupar suas gargantas!

— Sim! Sim! Mas não nos machuquem, por favor! — disse Bram, sem hesitar.

— Isso eu vou decidir depois — disse o homem.

— Vocês... — Poison começou a dizer, mas logo se arrependeu. Tarde demais. O ladrão virou-se para ela, intrigado.

— Nós o quê? — perguntou.

Agora não tinha mais jeito. Recuar seria uma fraqueza imperdoável.

— Vocês é que vão se machucar — completou ela.

— É mesmo? — disse o ladrão, aproximando-se. — E quem vai nos machucar? Você?

Poison havia escolhido um caminho e agora tinha de seguir por ele.

— Lamprey — respondeu.

O ladrão não foi rápido o bastante para disfarçar a sombra de medo que brotou de repente em seu olhar nem Poison pôde deixar de perceber que ele relaxara a faca, ainda que por um brevíssimo instante.

— Não sei quem é — disse ele.

— Mentira — retrucou Poison, com o máximo de convicção que podia reunir naquelas circunstâncias. — Todo mundo por aqui sabe quem ele é.

O ladrão afastou-se com uma careta de ameaça. Poison tremia por dentro, mas procurou fitar o velhaco diretamente nos olhos. O que estava fazendo contrariava seus instintos mais básicos, e um equívoco significaria que ela acabara de assinar sua própria sentença de morte. Todavia, recuar no blefe também seria morte certa, tanto para ela quanto para Bram. Fleet havia dito que não sabia muita coisa além do nome do homem, e que Lamprey saberia dizer o caminho que ela deveria seguir para chegar ao palácio do Senhor da Fantasia; mas também a advertira para tomar muito, muito cuidado. As coisas que ele já ouvira a respeito dele o haviam deixado de cabelo em pé. Poison fiava-se na probabilidade de que a reputação de Lamprey fosse ainda maior em seus próprios domínios.

O ladrão encarava-a sem piscar, e suas têmporas pulsavam visivelmente. Poison achou que talvez se excedera um pouco ao chamá-lo de mentiroso.

— Abra logo o jogo, bruxinha — disse ele —, antes que eu lhe arranque os olhos com a ponta desta faca.

Bram ouvia aquela conversa com um misto de incredulidade e terror. Poison sentia arrepios no couro cabeludo. Embora sua boca estivesse seca como um deserto, ela prosseguiu:

— Este é Bram, o melhor caçador de espectros deste Reino. E dentro daqueles potes na carroceria estão suas presas. Lamprey quer comprar algumas delas para colocar em suas lâmpadas e confia em mim para escolher as melhores.

— Ele confia em você? — estranhou o ladrão. — E quem é você?

Poison preparou-se para contar a maior mentira de sua vida.

— Sou sobrinha dele.

O ladrão não riu, nem Poison esperava que ele o fizesse. Ao contrário, ele parecia preocupado. Olhou para o comparsa, que balançou os ombros quase imperceptivelmente.

— Lamprey não tem sobrinhas — disse ele, porém sem grande convicção. Percebendo isso, Poison encheu-se de coragem para prosseguir.

— E quem é você para saber? Por acaso é amigo dele? Você não passa de um ladrão de batatas, isso sim. Meu tio provavelmente nem o conhece!

Os olhos do homem pareciam flamejar de ódio, e seus dentes pretos ficaram à mostra quando ele rosnou:

— Cuidado com o que diz, garota. — Mas a faca não estava mais na garganta dela.

— Se esses espectros não chegarem logo até meu tio, posso garantir que ele vai ficar *muito* aborrecido — disse Poison calmamente, embora se remoesse toda por dentro. — E vou saber descrever direitinho essa cara feia de vocês.

O primeiro ladrão resmungou algo incompreensível e esticou o braço para pegar um dos potes de metal na carroceria.

— Você disse espectros, não foi? Então vamos dar uma olhada. Vejamos se está falando a verdade.

O homem girou a tampa, porém mais do que devia. Em vez de soltá-la apenas o suficiente para ver o que tinha dentro, despregou-a completamente do pote. O espectro fugiu imediatamente, formando espirais de luz azulada na escuridão da noite e tomando o caminho de volta para os Pântanos Negros.

A expressão no rosto do ladrão assemelhava-se à de um garoto que acabara de quebrar o jarro preferido da mãe.

— Está satisfeito agora? — perguntou Poison. — Fique à vontade! Abra todos se quiser! Lamprey fará você pagar com o próprio couro cabeludo quando souber!

— Você é mesmo abusada, garota — disse o ladrão, mas sem o tom ameaçador de antes. — Um dia vai se dar muito mal...

Em seguida, fez um sinal para o comparsa, e os dois saltaram da carroça, desaparecendo na escuridão.

Bram deu um longo suspiro de alívio, como se respirasse pela primeira vez desde o início do episódio. Olhou por sobre os ombros, depois para Poison, e balançou a cabeça. Chacoalhou as rédeas, e o grínteo, que esperava pacientemente, seguiu adiante.

— Foi um risco estúpido — disse ele, furioso.

Poison prendeu os longos cabelos atrás das orelhas e alisou a garganta, onde a faca havia deixado uma marca.

— Você teria deixado que eles levassem todo o meu dinheiro. E o *seu* também. E os seus sonhos de comprar uma fazenda e parar de trabalhar? Será que foi um risco estúpido mesmo?

Bram franziu o cenho e inclinou-se para frente, amofinado.

— De onde você tirou tanta coragem afinal?

— O príncipe e os tigres — respondeu ela. — Uma velha história que Fleet costumava contar em Gull. O príncipe tinha de atravessar uma jaula cheia de tigres. Só conseguiu porque fingiu ser um tigre ainda maior.

Bram bufou e disse:

— É apenas uma história. Na vida real, o príncipe teria virado comida de tigre.

— História ou realidade, dá tudo no mesmo — retrucou Poison. — As pessoas não sabem como reagir quando você não faz o que elas esperam. Não importa quem você é, mas o que *aparenta* ser.

A expressão no rosto do caçador deixava claro qual era sua opinião a respeito de tudo isso.

— Bem, pelo menos agora sabemos uma coisa a respeito desse tal de Lamprey — disse. — As pessoas têm medo dele. Boa coisa não deve ser.

* * *

Depois do encontro com os dois ladrões, a viagem até o covil de Lamprey prosseguiu sem maiores sobressaltos. O lugar resumia-se a uma porta singela no meio de uma varanda mal iluminada, soterrada sob um confuso empilhamento de sacadas. Bram reconheceu-o por causa de uma insígnia sobre a porta, um desenho formado por dois círculos ligados por um traço. Aparentemente não havia ninguém do lado de fora. A rua estava assustadoramente silenciosa.

— É aqui — disse Bram, puxando as rédeas e freando o grínteo. Sentia-se terrivelmente vulnerável naquele lugar.

— Você fica na carroça — disse Poison, pegando a mochila. — Não podemos abandoná-la aqui.

— Você não pode entrar lá sozinha! — protestou o caçador.

— E você não pode correr o risco de perder sua carroça e seu animal. Ninguém vai importuná-lo na porta da toca de Lamprey — retrucou Poison. Percebendo que Bram ainda não estava convencido, emendou: — Você já fez o que tinha de fazer para ganhar seus dois soberanos. Pode ir embora se quiser. — Depois abriu um sorriso amarelo e disse: — Mas se você quiser me acompanhar de volta à cidade, vou ficar muito agradecida.

Ela apeava da carroça quando sentiu a mão corpulenta do caçador sobre o ombro.

— Tenha cuidado — disse ele.

Poison acarinhou-lhe a mão, agradecendo. Em seguida, caminhou até o covil de Lamprey e bateu à porta.

A porta estava destrancada e desaferrolhada. Escancarou-se logo na primeira batida. Poison virou-se e olhou para Bram, que a vigiava atentamente sob as abas do chapéu. Depois esticou o pescoço para dentro da casa para ver o que havia ali.

Uma escada de madeira conduzia ao pavimento de baixo. Ao longo do caminho, sobre a parede, lanternas iluminavam palidamente alguns quadros figurando peixes, arrecifes de coral e tempestades marítimas. Poison aproximou-se do vão da escada e, com a voz trêmula, gritou:

— Alguém em casa? — Mas ninguém respondeu. Ao fim da escada havia uma cortina de cristais e contas de vidro.

Bem, ela chegara até ali e não tinha como voltar. Desceu os degraus lentamente e gritou mais uma vez, mas de novo não obteve resposta. Sem saber o que fazer, afastou a cortina e espiou do outro lado.

O cômodo inferior era surpreendentemente exuberante, decorado em tons de vermelho, violeta e dourado. Paredes laqueadas ostentavam placas sobre as quais estavam montadas diversas criaturas marítimas embalsamadas: lulas, tubarões e outros animais fantásticos que Poison sequer era capaz de reconhecer. Uma fogueira ardia no interior de uma enorme estufa de bronze, na forma de uma cebola-gigante, e, diante dela, uma excêntrica poltrona com as costas voltadas para Poison.

— Ah! — disse uma voz, ao mesmo tempo branda e firme. — Poison... Poison pulou de susto e olhou em torno de si para ver quem estava ali. A poltrona rangeu ligeiramente, chamando sua atenção. Quem estivesse sentado nela usava uma túnica escarlate, a julgar pelo antebraço que então se revelara.

Poison pensou em perguntar como o homem sabia o nome dela, mas, nas histórias que estava acostumada a ouvir, esse tipo de pergunta invariavelmente recebia uma resposta lacônica e enigmática, e ela não queria parecer previsível.

— Lamprey — disse secamente. — Se você sabe quem sou, provavelmente sabe o que vim fazer aqui.

— É claro que sei — disse Lamprey. — Por favor, sente-se.

Poison percebeu que havia outra poltrona ao lado daquela em que Lamprey estava sentado. Perguntou-se como não a tinha visto antes.

Caminhando em direção a ela, achou que as criaturas embalsamadas a seguiam com os olhos. Havia algo errado ali, algo muito errado. Achou melhor não prosseguir e parou de repente. A não ser pelo antebraço, o corpo de Lamprey estava inteiramente escondido pelo espaldar da poltrona.

— Prefiro ficar de pé.

Lamprey deu uma risada estranha, que talvez escondesse certa irritação.

— Sente-se, eu insisto... — sussurrou.

Poison aproximou-se da poltrona, vigiando a lula pendurada acima da estufa. Poderia jurar que o molusco a acompanhava com olhos semicerrados. Sentiu arrepiarem os cabelos da nuca.

— Tenho uma pergunta — disse, antes de se assentar. Não conseguia ver a figura de Lamprey, ainda escondido pelos volumosos braços laterais de sua poltrona. Mas pôde ver a mão do homem e ficou assustada. Era pálida e exibia uma infinidade de cicatrizes, como se tivesse sido mordida por um cardume inteiro de minúsculos peixinhos. As unhas eram escuras e gretadas.

— Aproxime-se — sussurrou Lamprey.

Poison respirou fundo. Temia morrer de susto quando Lamprey revelasse o próprio rosto. Preferiu olhar para a estufa, um objeto real e aparentemente inofensivo. Manteve os olhos fixos no fogo enquanto se acomodava na poltrona.

— Não vai olhar para mim? — disse a voz à sua esquerda. Poison não resistiu e deu mais uma espiada na mão tenebrosa, mas logo desviou o olhar novamente para o fogo.

— Eu... — começou a dizer, ciente de que precisava responder alguma coisa, mas incapaz de encontrar as palavras. Depois de algum tempo, disse a única coisa que lhe ocorreu naquele momento: — Eu tenho medo de você.

— Muito inteligente de sua parte. Deve mesmo ter medo de mim — disse o homem, ainda sussurrando. — Mas *eles* não tiveram.

— Eles quem? — perguntou Poison, quase virando o rosto para ele, mas desistindo no último instante.

— Eles... — disse o outro, levantando ligeiramente a mão. Poison percebeu o gesto e olhou para cima. Viu a lula devolvendo-lhe o olhar e sentiu um terrível calafrio na espinha. O tubarão, a foca, a arraia... todos olhavam para ela. Não se tratava de um truque de sua imaginação.

— O que aconteceu a eles? — perguntou, a voz quase sumindo.

— Não decifraram meu enigma.

Por um momento, Poison achou que estava sonhando. Teria ouvido mesmo aquilo?

— Seu enigma?

Ela ouviu o farfalhar da túnica de Lamprey quando ele assentiu com a cabeça.

— Se você também falhar, acabará se juntando a eles sobre uma parede qualquer. Mas se acertar...

— Você responderá minha pergunta — completou Poison, percebendo o absurdo da situação. Aquilo não podia realmente estar acontecendo. Era exatamente como nas dezenas de fábulas que Fleet gostava de contar. Sempre havia um enigma a ser decifrado para que o herói pudesse atravessar um portão mágico ou derrotar

um inimigo qualquer. Mas fábulas são obras da imaginação! Nelas, os enigmas não passam de um artifício, de uma idéia gasta; são tão irreais como os monarcas malvados ou como os indefectíveis finais felizes.

— Por quê? — perguntou ela.

— Por quê? — repetiu Lamprey. — Você não está em condições de fazer perguntas, minha doce criança.

Poison franziu as sobrancelhas e grudou os olhos no fogo.

— Apenas gostaria de entender — disse. — Por que preciso decifrar um enigma? Se quer me ajudar, então ajude! Estou certa de que já sabe qual é minha pergunta. Tenho dinheiro; posso pagar se for preciso. Não seria melhor assim? O que você ganha com um enigma?

Lamprey calou-se por uns instantes. Mas depois quebrou o silêncio e, sem a mesma autoridade de antes, disse:

— Quer ouvir meu enigma ou não? Pode ir embora se quiser, mas, uma vez proferido o enigma, não há como voltar.

Poison percebeu uma ponta de frustração na resposta de Lamprey, mas estava nas mãos dele e não tinha muito o que fazer.

— Sempre fui boa com enigmas — disse.

— Veremos — retrucou Lamprey, antes de enunciar:

“Quem é a Senhora dos Mares, que às vagas dita o ir e vir. Que flutua nas águas crespas e voa longe, sem jamais cair?”

— A Lua, ora — respondeu Poison imediatamente. — Essa foi fácil.

— *Não brinque comigo, criança!* — rosnou Lamprey, agarrando com a mão fria o pulso da garota e obrigando-a a se virar para ele. Poison deu um grito de horror quando viu a figura do homem. A pele era branca como as nuvens e completamente engelhada; as órbitas dos olhos esfacelavam-se como se estivessem pútridas; o nariz era um risco de cartilagem ladeado por fiapos de músculo que o prendiam sobre as faces; o queixo pendurava-se sob a boca como se estivesse quebrado; e os poucos fios de cabelos que saíam do capuz grudavam sobre a testa e pareciam imundos. Além disso, exalava um cheiro de bolor e putrefação que provocava náuseas em Poison. Ela tentou se desvencilhar, mas Lamprey tinha um punho de ferro.

— Olhe para mim! — ordenou ele, mas Poison recusava-se a obedecer. — Fui como você um dia. Jovem e arrogante... Achava que sabia tudo sobre o mundo. Posso ler sua mente, garota; você *acha* que é inteligente. Eu também achava a mesma coisa. Achava que era inteligente o bastante para ludibriar as ondinas, as ninfas das águas. Por acaso sabe como capturar ondinas?

Apavorada, Poison soluçava copiosamente, mas ainda assim conseguiu responder.

— Com enigmas... — disse.

— Sim, com enigmas. Certa vez, achei que podia nadar no rio de uma delas. Quando ela se aproximasse, eu procuraria distraí-la com enigmas até conseguir atraí-la para a borda. Então ela seria obrigada a se casar comigo e obedecer a todas as minhas ordens até o fim de seus dias. Teria sido a glória suprema, se tudo tivesse funcionado de acordo com meus planos...

— Mas você falhou e deixou que ela o afogasse, não foi?

— Atrapalhei-me com um dos enigmas — explicou Lamprey, sem conseguir disfarçar o ódio. — Nas histórias, nas fábulas, tudo sempre termina bem! Ela era tão linda, tão linda... Mas eram tantos os enigmas, e ela os respondia com tamanha rapidez, que acabei me esquecendo de um dos versos... — Lamprey soltou o pulso de Poison, para grande alívio dela, e abaixou a cabeça em desespero, deixando o capuz recair completamente sobre o rosto. — Aí então, a ondina ficou assustada e voltou à sua forma original: uma criatura cheia de dentes e garras. Que se danem todas as ninfas! Ela me afogou, sim, mas isso não foi tudo. Era um rio encantado, onde não se morre imediatamente. Consegui escapar do jugo dela depois de algumas semanas intermináveis, quando outro tolo qualquer apareceu ali para tentar a sorte. E então vim para cá, onde estou até hoje, perguntando meus enigmas. Um rio encantado deixa marcas terríveis em suas vítimas. Um dia achei que soubesse tudo o que havia para saber. Mas como você, não sei absolutamente nada.

Poison tremia na poltrona, talvez um pouco mais calma e menos temerosa. Desejava ardentemente sair daquele lugar, mas ainda tinha uma coisa a fazer.

— Decifrei seu enigma — disse. — Agora tem de responder minha pergunta.

Lamprey parecia murchar sob a túnica, cada vez menor e mais frágil.

— Siga pela estrada do norte durante três dias, até encontrar uma torre alta sobre uma colina. De lá, siga para oeste, por mais um dia. E então encontrará a passagem.

— Passagem? — perguntou Poison.

— Há muitos lugares onde os diferentes Reinos se encontram. Nesses lugares, e nas circunstâncias certas, é possível passar de um Reino para outro.

— E essa passagem me levará ao Reino das Fadas?

— Isso depende — respondeu Lamprey, com uma risada sinistra. — Se você conseguir passar por *ela*...



A casa da Bruxa dos Ossos

— Tome — disse Poison, exibindo as moedas na mão. — Os dois soberanos devidos anteriormente, e mais um pela viagem de Shieldtown até aqui. Você os mereceu.

Bram deixou que ela colocasse as moedas em sua mão. Ele olhava desconfiado para a casa decrepita sobre o topo da colina, que mais parecia uma pústula em meio à paisagem vizinha. A tarde estava fria, embora o sol ainda brilhasse no horizonte.

Poison fechou os dedos do caçador para que as moedas não caíssem e olhou para a casa também. Seus cabelos escuros esvoaçavam com a leve brisa que soprava então.

— Por acaso você não gostaria de ganhar um quarto soberano de prata? — perguntou ela, como se estivesse brincando.

— Nem todo o dinheiro do mundo me faria entrar ali — respondeu Bram, guardando as moedas num saquinho de couro que trazia pendurado ao cinto. Ajustou as abas largas do chapéu e depois se pôs a alisar carinhosamente a cabeça do grínteo. — Tentaria convencê-la a não entrar também, mas já a conheço o suficiente para não perder meu tempo.

Poison simplesmente baixou os olhos.

— Pelo menos conte a razão de tudo isso — disse Bram. — Já que nunca mais nos veremos outra vez...

— Os seres do Reino das Fadas levaram minha irmãzinha — disse Poison. — Vou trazê-la de volta.

— Ah... — suspirou Bram.

Poison percebeu, pelo tom de voz, que o caçador havia compreendido. Ficaram calados por algum tempo, olhando para o casarão no topo da colina. Enorme, ele parecia estar prestes a desabar sob o próprio peso. Era uma torre inclinada, formada por sacadas, pináculos irregulares, frontões e janelas imundas. Aparentava ser mais largo no topo que na base e, mesmo à luz do dia, dava a impressão de que esperava pacientemente pela chegada de mais uma vítima. Uma cerca tosca esparramava-se em torno dele, e, mesmo de longe, Poison podia ver que as estacas e as ripas não

eram de madeira, mas de outro material que ela não sabia identificar. Então era ali o ponto de passagem: a ponte entre o Reino dos Homens e o Reino das Fadas.

E dentro da casa estava Maeb, a Bruxa dos Ossos.

“Maeb é a guardiã do portal”, dissera Lamprey. “É cega e surda, mas não se deixe enganar. Ela sentirá seu cheiro. Tem dois cachorros, duas feras que comerão seus braços e suas pernas se pegarem você. Tome cuidado, criança: ela está sempre à espera de invasores. Gosta de ficar com os ossos deles.”

“O que devo fazer?”, perguntara Poison.

“Deve entrar na casa quando a lua estiver cheia, e sair de lá na noite seguinte, à meia-noite”, respondera Lamprey, sussurrando como sempre. “Isso a levará ao Reino das Fadas. Tudo o que precisa fazer é permanecer viva até então. Mas não tente sair de lá antes da hora. Há... *coisas* que vivem no espaço entre os dois Reinos. Você não gostará de encontrá-las.” Ao dizer isso, Lamprey estampou uma careta que pretendia ser um sorriso. “Não terá de se preocupar com Maeb enquanto o sol estiver no céu, mas os cachorros não dormem jamais. Estão sempre alertas.”

Poison tentara arrancar mais detalhes de Lamprey, mas preferiu não insistir quando ele se calou repentinamente, pois ela não queria passar nem mais um segundo na companhia daquela monstruosidade. Ao se reencontrar com Bram, ofereceu-lhe mais um soberano de prata para que ele a levasse até o ponto de passagem. Lá eles teriam de se separar definitivamente, pois Poison entraria sozinha no Reino da Fadas.

E agora chegara o momento. Poison sentiu uma pontada de tristeza ao pensar que jamais veria o caçador rabugento de novo. Afeiçoara-se a ele durante o tempo em que viajaram juntos, até mais que a Fleet. Bram fora o companheiro de sua primeira aventura, estava ao seu lado quando ela ganhou o mundo do qual somente ouvira falar nas histórias, muito embora ele tivesse sido regamente pago para isso. Mas Poison suspeitava que ele havia aceitado as duas últimas moedas porque sabia que ela não admitiria caridade da parte dele. Bram jamais a deixaria sozinha na perigosa Shieldtown e então propôs um negócio que ela pudesse aceitar sem ferir o próprio orgulho. Além disso, Poison tinha certeza de que, se ela tivesse pedido, o caçador a teria acompanhado ao ponto de passagem sem nenhuma remuneração; mesmo assim, ela ofereceu-lhe a terceira moeda para fortalecer o próprio senso de independência. De um jeito estranho, haviam se tornado amigos, e ela sentia muitas saudades dele.

— Bem — disse Poison, olhando para o sol que se punha no horizonte —, acho que é hora de entrar. — A lua já brilhava a oeste, perfeitamente redonda, figurando no céu como um fantasma. Bram retirou a mochila de Poison da carroça; ao entregá-la à amiga, exibiu no olhar um brilho estranho, que denotava algo entre tristeza e resignação. Ele odiava os seres do Reino das Fadas; achava que Poison

caminhava para a própria morte, e ela sabia disso. Também sabia que ele gostaria de protegê-la e que estava com o coração partido por vê-la indo embora. Poison pendurou a mochila sobre as costas e deu-lhe um abraço apertado, sentindo-se pequena como uma formiga contra o peito corpulento do caçador. Por um instante, cogitou desistir, dar sua aventura por encerrada e evitar os horrores que certamente aguardavam por ela mais adiante. Mas esse não era seu jeito de ser.

— Vou procurá-lo assim que eu voltar — disse ela.

— Não faça promessas que não pode cumprir — retrucou Bram, a voz retumbando no peito como um trovão. — Você vai para o Reino das Fadas. O tempo lá é diferente do nosso tempo aqui. Talvez você esteja de volta amanhã, talvez daqui a cem anos. — Bram achou desnecessário acrescentar a terceira opção: *talvez não volte nunca mais*.

— Então prometo que vou tentar — disse Poison. — E, quando voltar, vou procurar por um velhote fazendeiro, isolado nas montanhas como um ermitão.

Bram riu sem muito entusiasmo.

— Esse é mesmo o meu futuro, pode ter certeza — disse ele, desfazendo o abraço e fitando a amiga com ternura. — Você me deu uma segunda chance na vida, Poison. Jamais me esquecerei disso.

— É melhor não esquecer mesmo — disse ela, piscando um dos olhos para indicar que estava brincando. Virou-se para o casarão no topo da colina, e depois novamente para o caçador. — Adeus então, Bram de Oilskin.

— Adeus, Poison de Gull. Boa sorte. Acho que vou passar a noite aqui mesmo, e partir amanhã bem cedo. — Bram coçou a nuca e, limpando a garganta, acrescentou: — Caso você mude de idéia...

— Você é um homem bom, meu amigo — disse Poison, caminhando em direção à colina. — Merece uma boa esposa!

Bram permaneceu junto à carroça, vendo-a partir, mas Poison não olhou para trás. Se tivesse olhado, talvez tivesse desistido e voltado ali mesmo.

* * *

A cerca, como Poison já esperava, era feita de ossos. O mais estranho era o tamanho de tudo. Visto de longe, o casarão já parecia inusitadamente grande, mas visto de perto era maior ainda. Ao sopé da colina, a cerca parecia ter aproximadamente um metro de altura e chegar apenas ao parapeito das janelas mais baixas; mas, na verdade, era mais alta que Poison, que não teve dificuldade para atravessá-la por baixo e pisar sobre o matagal que a esperava do outro lado. Até as plantas eram desproporcionais: as lâminas de grama chegavam-lhe aos joelhos, e os espinhos eram suficientemente grandes para cortar uma veia caso ela esbarrasse neles. Tudo do outro lado da cerca era pelo menos duas vezes maior que as coisas do lado de fora.

O casarão ficava no limite entre o Reino dos Homens e o Reino das Fadas, lembrou Poison. Em lugares assim, não havia como separar o possível do impossível.

A estrutura do casarão parecia cada vez mais alta à medida que Poison atravessava a floresta de ervas daninhas. Ela seguia em direção a uma das paredes laterais, e não à entrada. Se quisesse permanecer despercebida, achou que não seria uma boa idéia bater à porta da frente. Cautelosamente, aproximou-se de uma janela imunda, agarrou o parapeito e levantou o corpo para espiar o que havia do outro lado.

Não havia muito o que ver. O lugar estava escuro, e a imundície das vidraças não ajudava em nada. Poison podia ter uma vaga noção do tamanho das coisas, e só. Nada se mexia ali dentro; se fosse menos esperta, acharia que não havia ninguém no casarão.

Poison pulou de volta sobre o matagal e decidiu contornar a parte de trás da casa. Estava nervosa, e limpou as mãos frias e suadas no tecido grosso do vestido. As janelas que vira até então estavam pregadas; para atravessá-las, teria de quebrar as vidraças. Mas não queria fazer isso, a não ser como último recurso. Decerto haveria outro modo de entrar naquele lugar.

E Poison logo encontrou uma entrada, ainda que acidentalmente.

Atrás do casarão, escondida no matagal espesso, havia uma calha subterrânea para o escoamento de carvão. A boca da calha cobria-se apenas com algumas tábuas apodrecidas pelo tempo e pelos cupins. Poison pisou nelas sem perceber, fazendo-as ruir imediatamente. Mas, ao sentir a madeira sob o pé direito, teve tempo suficiente para firmar o pé esquerdo e evitar um desastre maior, isto é, cair inteiramente no interior da calha.

Sentou-se ao lado do buraco, massageando o tornozelo machucado e espiando através da escuridão. A calha era inclinada e suficientemente larga, mas Poison preferia não ter de passar por ali. Levantou-se e seguiu adiante, contornando a casa pelos fundos. Como temia, não havia nada além da porta principal e das janelas pregadas que pudesse servir de entrada. Escalar as paredes não era uma opção viável; a casa era terrivelmente alta. Poison voltou para a calha, olhou para o sol poente e resignou-se. Bem, a lua já estava no céu, e isso significava que ela podia entrar, com sol ou sem sol. Até o cair da noite, teria de se preocupar apenas com os cachorros. Lembrando-se deles, contudo, sentiu um frio no estômago, pois tudo ali era duas vezes maior que o normal.

Poison afastou o que havia sobrado das tábuas podres, deitou-se no chão e enfiou a cabeça no buraco para tentar enxergar alguma coisa. Um vento frio e rançoso soprava de dentro. Em seguida, pegou a mochila ao seu lado e jogou-a calha abaixo para ver o que acontecia; o saco de pano foi rapidamente engolido pela

escuridão, emitindo um chiado agudo enquanto descia. Depois sentou-se sobre uma das bordas do buraco, enfiou as pernas para dentro e começou a descer. O vestido comprido enrolava-se em torno dos joelhos.

A descida em si não era muito difícil; a calha tinha exatamente a largura de seu tronco e não era tão inclinada; portanto, ela não corria o risco de despencar para a morte caso escorregasse. Mas ainda assim ela estava com medo e preferia não pensar no que encontraria lá embaixo. O breu era assustador; somente o retângulo de luz que ficara para trás, cada vez mais distante, dava-lhe a certeza de que não tinha ficado cega. Poison tinha a impressão de que descia pela garganta fria de um bicho. Sem mais o que fazer, começou a evocar imagens da Bruxa dos Ossos e de suas feras; imaginava a velha esperando no fim do túnel e afiando as facas, pronta para recebê-la.

De repente, seus pés tocaram um volume no escuro. Poison percebeu que era sua mochila e praguejou baixinho, constatando que a calha estava obstruída. Certamente ainda não havia chegado ao depósito de carvão que esperava. Espremeu a bota entre a mochila e a parede da calha e chutou o que quer que estivesse obstruindo a passagem. Ouviu um rangido. Era madeira. Não estava podre como a tampa de cima, mas era fina e fácil de quebrar.

“Espero que a bruxa seja realmente surda”, pensou, chutando com força. Uma fenda abriu-se na madeira, e Poison assustou-se com o estrépito. Percebendo que havia luz do outro lado, deu-se conta de que havia chegado ao porão.

Ficou imóvel, apenas ouvindo. Seu coração batia forte no peito. Mas não havia sinal de que os cães haviam percebido sua presença ali.

Poison precisou chutar mais um pouco, pois a fenda que se abria não era grande o suficiente para deixá-la passar. Depois de cada pancada, esperava um pouco para ver se ouvia algum barulho no interior da casa. Mas nada, nem um estalo.

Já não estava ali a suposta caldeira que no passado recebia o carvão escoado, e Poison caiu sobre o piso lajeado de um porão cavernoso. Mais uma vez ficou espantada com as dimensões do lugar. Até os tijolos das paredes eram gigantescos, fazendo-a sentir-se como uma anã. Uma luz pálida vazava pelas estreitas ranhuras de vidraças imundas espalhadas rente ao teto do porão. O salão era frio e abrigava algumas pilhas de sacas de carvão e grãos variados. Uma escada de pedra conduzia a uma porta sombria, muito acima.

Poison ficou quieta, atenta a qualquer barulho. Finalmente entrara no casarão e, à revelia do que acontecesse, ainda estaria ali quando a noite caísse. Calculou que o sol ainda levaria pelo menos uma hora para se pôr completamente, e era esse o tempo de que dispunha para mudar de idéia e sair. Mas, depois de tudo o que passara, fugir nem sequer representava uma opção. Lembrou-se do que Lamprey

dissera antes sobre as coisas que habitavam o espaço intermediário entre os dois Reinos e perguntou-se se elas podiam ser mais medonhas que a própria Bruxa dos Ossos. Também pensou em Bram, que esperava por ela no lado de fora.

Num primeiro momento, pensou em se agachar num canto qualquer e permanecer ali até a meia-noite do dia seguinte, quando então poderia sair pela calha. Mas o porão não oferecia muitas opções de esconderijo além das sacas empilhadas, e ela não queria ficar assim tão vulnerável. Se preciso, poderia correr até a calha e esconder-se dentro dela, mas não teria tempo suficiente para escapar dos cães se eles aparecessem de repente. Não, certamente haveria um lugar mais seguro que aquele.

“Vou dar uma espiada lá em cima”, pensou, apenas para aplacar a crescente vontade de fugir. “Depois eu decido.”

Escalou os degraus gigantescos e, no topo, parou mais uma vez para ouvir. Como antes, apenas silêncio. Em seguida, baixou a maçaneta de bronze encardido que estava à altura de seus olhos e lentamente abriu a porta, esticando a cabeça para ver o que havia do outro lado.

A porta dava para um corredor imenso, com paredes de pedras brutas e sujas, iluminadas pela parca luz que vinha de fora. No alto das paredes, pequenos nichos abrigavam crânios humanos com velas semiderretidas entre as mandíbulas. As órbitas dos olhos e os dentes haviam escurecido em razão da fumaça, o que lhes dava uma aparência ainda mais demoníaca. Poison olhou para as caveiras. Não estava com medo, mas achava que havia algo estranho com elas e demorou alguns instantes até descobrir o que era. Claro, os crânios tinham o tamanho normal e pareciam inusitadamente pequenos naquela casa de proporções descomunais.

Olhando por uma janela ao fim do corredor, Poison achou que o sol estava demasiadamente baixo; talvez ela tivesse passado mais tempo dentro da calha de carvão do que imaginara.

Tomada de medo e cautela, ela parava e ouvia a cada instante, mas a casa estava estranhamente silenciosa. Um vento frio parecia soprar nas entranhas do lugar, ora para um lado, ora para outro.

Poison estava quase no fim do corredor quando ouviu um barulho sobre o teto de madeira.

Correu para trás, pronta para fechar a porta do porão se alguma coisa surgisse por ali, mas nada apareceu. Todavia, ouviu os passos lânguidos de um cachorro enorme sobre o pavimento superior. Como sempre vivera numa choupana de um pavimento só, Poison não estava acostumada a decifrar barulhos produzidos acima dela e, portanto, demorou a perceber que o ruído seco que ouvira antes fora o salto do cachorro sobre o chão. Ficou ainda mais atenta, o coração prestes a sair pela boca, mas o cachorro aquietou-se novamente.

“Pelo menos já sei onde está um deles”, pensou, esforçando-se para ver o lado positivo da cilada em que se encontrava. Achou melhor permanecer no porão por mais um tempo.

Depois de reunir a coragem necessária, resolveu abandonar a segurança do porão e aventurar-se pelo corredor mais uma vez. Sentia-se extremamente vulnerável, como um rato fugindo ao longo de um rodapé. Mas não se deteve e seguiu adiante, o mais silenciosamente possível.

O corredor terminava numa sala enorme, também de pedra, onde se via um caldeirão negro borbulhando sobre o fogo, além de um fogão de ferro encostado contra uma das paredes. Mesmo levando-se em conta a escala gigantesca da casa, o cômodo era bastante amplo, principalmente aos olhos humanos de Poison. E o caldeirão era muito mais alto do que ela própria. Acima do fogão havia uma prateleira contendo variados potes de barro. Poison deduziu que eles continham especiarias ou qualquer outro ingrediente típico das bruxas, pois não havia rótulos que os identificassem.

“É claro que não há rótulos”, pensou. “Afinal, a mulher é cega!”

A sala não tinha janelas, e a única fonte de luz era o fogo que ardia sob o caldeirão, produzindo um calor insuportável e colorindo o ambiente em funestos tons de vermelho. À direita, um lance de escada conduzia a um balcão que percorria toda a extensão da parede onde ele se apoiava. Atrás dele, uma porta dava acesso ao segundo andar da casa. A balaustrada era feita de ossos tismados pela fumaça, assim como o candelabro que pendia sobre o centro da sala. Poison ficou pasma com o tal candelabro: era uma gigantesca roda de carroça, inteiramente feita de fêmures humanos, com crânios na extremidade de cada aro e velas apagadas no interior de cada crânio. O artefato era tão macabro que prendeu a atenção de Poison por um bom tempo, até ela se dar conta da pergunta fundamental: *Quem estava tomando conta do jogo?*

Poison sentiu-se repentinamente alarmada. O fogo decerto não estava ali desde a noite anterior; nesse caso, já teria se transformado em cinzas há muito tempo. Isso significava que alguém aparecia ali de vez em quando para renovar o carvão. E não eram os cachorros.

Será que havia mais alguém por perto? Alguém que Lamprey não havia mencionado?

Poison ficou furiosa consigo mesma. Jamais deveria ter confiado naquela criatura amarga e perigosa. Se metade das coisas que Lamprey contara fosse verdadeira, Poison já teria problemas suficientes entre as mãos. E se ele tivesse mentido quanto ao fato de haver ali uma passagem para o outro Reino? E se a intenção dele fosse se vingar por ela ter decifrado o enigma?

Nesse instante, Poison ouviu uma espécie de choro e quase morreu de susto. Estava a meio caminho de sair da sala quando refletiu melhor sobre o ruído e deu-se conta de que se tratava de um miado. Olhando para cima, viu mesmo um gato caminhando pela borda do balcão, um gato negro que a vigiava com olhos verdes e cintilantes. Ficou surpresa ao constatar que o felino tinha tamanho *normal*, e isso significava que... Bem, Poison não sabia o que isso significava. Mas sentia-se analisada pelo animal, que a observava com desconcertante interesse. Depois de algum tempo, contudo, ele se afastou da balaustrada e começou a arranhar a porta do balcão na esperança de que alguém a abrisse para ele.

— Sinto muito, gatinho — sussurrou Poison. — Não vou subir *aí* por nada desse mundo. — Ademais, Poison sabia que a vida do bichinho não valeria nada se ele topasse com a fera que ela ouvira antes. Melhor que ele continuasse do lado de cá.

Não havia mais nada para ver ali, e Poison achou por bem voltar ao porão. Lembrou que ainda não sabia onde estava o segundo cachorro e, virando-se para sair dali, deu-se conta de que precisava encontrar um lugar para se esconder antes que...

a noite...

caísse...

Sentiu o sangue gelar nas veias. Olhando pela janela ao final do corredor, viu que o céu já estava escuro. Podia jurar que não tinha passado mais de meia hora dentro daquela casa, mas não sabia explicar como o sol tinha se posto em tão pouco tempo.

O porão! Ela tinha de voltar para o porão!

Tarde demais. Ainda na entrada do corredor, ouviu o sonoro ranger de uma escada e uma voz esganiçada que repercutia em toda a casa, dizendo:

— *Posso sentir teu cheiro, minha querida! Teus ossos agora são meus!*

A Bruxa dos Ossos havia despertado.



Peppercorn e o gato

Poison sentiu-se paralisada, tamanho era seu pavor. Um plano maluco surgira em sua cabeça. Seria possível chegar até a porta do porão antes que a bruxa aparecesse por ali? Será que conseguiria escalar a calha de carvão e sair da casa antes que fosse tarde demais? Estava presa entre o medo de penetrar ainda mais no interior da casa e o medo da criatura que descia as escadas em algum lugar que ela não podia ver. Ouviu os passos pesados dos cachorros acima dela, agitados com a voz da dona. Sua indecisão custara-lhe preciosos segundos sob a porta da sala do caldeirão.

— *Não adianta se esconder, pequenina. Vou sugar o tutano de teu esqueleto! Vou palitar os dentes com tua tibia!*

O gato miou, ainda arranhando a porta.

Poison finalmente tomou uma decisão. Qualquer coisa seria melhor que ficar cara a cara com a dona daquela voz medonha. Atravessou a sala e subiu as escadas que levavam ao balcão, levantando o vestido até a cintura e galgando cada um dos degraus gigantes com enorme dificuldade. Do alto da sacada, olhou para o caldeirão e viu o que cozinhava dentro dele. Ossos, o que mais?

Assustado, o gato se afastou ao vê-la se aproximar. Poison não lhe deu atenção e, bufando de cansaço, abriu imediatamente a porta diante dela. O gato aproveitou a oportunidade e embarafustou para o outro lado, rápido como um raio. Poison examinou o corredor além da porta e logo viu que não havia ninguém ali; seguiu em frente e deixou que a porta se fechasse sozinha.

À medida que ela corria pelo corredor, as terríveis ameaças da bruxa ficavam cada vez mais distantes. O latido cavernoso de um dos cães ressoava em algum lugar no pavimento superior, ecoado pelos grunhidos do outro, mais além. Estava escuro demais, e Poison quase não via nada. Como no outro corredor, caveiras perfilavam-se no alto das paredes, mas havia muito que as velas dentro delas não eram acesas. Afinal, para que uma cega precisaria de luz?

O gato havia parado diante de uma porta lateral mais adiante e olhava para Poison como se esperasse por ela. Os cães latiam cada vez mais forte. Pouco depois, Poison ouviu um deles se jogar contra a porta fechada na outra extremidade do

corredor. Ela gritou, apavorada. Somente alguns centímetros de madeira a separavam da criatura ensandecida do outro lado.

— *Logo, logo vou te encontrar, bonitinha! Posso sentir teu cheiro!* — disse Maeb, a voz vindo do porão.

Raciocinando que o gato iria somente aonde não estivessem os cachorros, Poison abriu a porta lateral, deixou o bichano passar e seguiu atrás dele. Do outro lado havia mais uma escada, curta e íngreme, que terminava em outra porta. Antes de chegar ao topo, Poison assustou-se ao ver a porta imensa se abrir diante dela, revelando uma garota, mais ou menos de sua idade, vestindo camisola e segurando um castiçal de metal.

— Por aqui! Depressa! — exortou a menina, com olhos arregalados e assustados. Poison não hesitou um instante sequer. Atravessou a porta o mais rápido que pôde e deixou que a outra a fechasse.

Chegara a um quarto, minúsculo em comparação aos outros cômodos da casa. Os móveis tinham tamanho normal, dentro da escala humana. Uma cama estendia-se sob uma janela fechada com cortinas, e uma cômoda de gavetas talhadas em madeira encostava-se a uma das paredes. Sobre a cômoda, várias escovas de cabelo e presilhas feitas de ossos, além de um espelho. Também havia um armário, um cesto de vime para o gato e uma lareira guarnecida com gravetos e tocos de carvão à espera de fogo. Era um quarto de dormir bastante comum, embora excessivamente escuro, iluminado apenas pelo lume da vela que a garota acabara de depositar ao lado do espelho.

A menina parecia frágil, mas era linda: tinha cabelos de cachos dourados e reluzentes olhos azuis. Assim que entrou no quarto, buscou um frasco de perfume e borrifou Poison dos pés à cabeça. Poison fez uma careta, mas não reclamou. O perfume era horrível, adocicado demais, e evidentemente destinava-se a confundir o olfato apurado da bruxa.

— Agora vá para debaixo da cama — disse a garota, vigiando a porta a todo instante. — Vamos, depressa! Debaixo da cama! — repetiu, vendo que Poison não se mexera.

Só então Poison obedeceu. Em seguida, a garota borrifou-se com o mesmo perfume e aspergiu algumas gotas pelo quarto. Poison deitou-se no chão e encontrou o gato esparramado sob a cama. O bichano olhou para ela com uma expressão de inconformismo, mas se afastou para que Poison pudesse entrar.

— *Não adianta, minha querida...* — disse a bruxa, já bem próxima. Poison ouviu passos sobre a escada do outro lado da porta do quarto. — *Não poderás fugir para sempre!*

Poison viu a garota se arrumar apressadamente diante da porta, alisando a camisola e cruzando as mãos sobre o colo como se fosse receber uma rainha. Logo

depois, a porta se abriu e Maeb entrou.

Poison sentiu arrepios pelo corpo inteiro. A Bruxa dos Ossos ocupava todo o espaço do quarto e quase tocava o teto com a corcunda. Era enorme, tinha quase três metros de altura, mesmo curvada. Trajava um vestido preto carcomido pelas traças, um avental ensebado e um lenço de cabeça imundo, amarrado sob o queixo. A pele das mãos era enrugada e cheia de verrugas repugnantes; os dedos eram longos e finos, com unhas grossas e gretadas. Mas o rosto era o pior de tudo. A criatura parecia ter sido *retorcida*; suas feições eram deformadas, com se tivessem sido desenhadas por uma criança. Os olhos simplesmente não existiam, escondiam-se por detrás de uma fina camada de pele em torno das órbitas. Mechas de cabelo grisalho escapavam sob o lenço, aqui e ali. O nariz era enorme e pontudo, mais parecia o bico de uma ave de rapina, com narinas ovais que latejavam quando ela cheirava o ar. O queixo era minúsculo, quase inexistente. A boca não passava de um traço enrugado, mas, quando se abria, revelava sucessivas fileiras de dentes triangulares, como os dentes de tubarão que Poison vira na casa de Lamprey.

Maeb franziu o narigão descomunal e fungou ruidosamente, assustando Poison.

— *Ora, ora, sua pestinha* — ganiu a velha. — *Estás usando perfume de novo! Já não te disse para nunca mais fazer isso? Disse ou não disse?*

A garota bateu duas vezes com o pé sobre o chão.

— *Não? Pois então estou dizendo agora. Nunca mais, ouviu bem?*

Uma pisada.

Maeb curvou o tronco e tateou a cabeça e o corpo da garota, que, embora enojada, permaneceu imóvel.

— *Estás escondendo alguém, não estás?*

Duas pisadas. A bruxa abaixou-se ainda mais, até quase tocar o rosto da garota com o próprio nariz.

— *Não mintas para mim, pequenina. Segui o cheiro dela até aqui.*

Mais duas pisadas.

Maeb começou a fungar novamente, girando o nariz por todos os lados. — *Tu que não ouses me desobedecer... Estou farta de tuas mentiras! Se eu encontrar a intrusa, vais direto para o caldeirão! Para o caldeirão, ouviste bem?*

A garota olhou sob a cama, onde Poison se escondia.

— Não se mexa! — sussurrou. — Ela sente tudo que se move sobre o chão!

Poison levou um susto danado, achando por um instante que a garota tinha revelado sua presença ali. Mas depois lembrou-se de que a velha era surda.

— *Aparece, meu bem!* — incitou a bruxa, caminhando pelo quarto. — *Maeb precisa de ossinhos frescos, e sei pelo cheiro que és jovem e forte.*

Tateando em torno de si, derrubou os objetos que estavam sobre a cômoda. A garota se apressou em recolher a vela e o espelho. Maeb não percebeu e começou a tatear o chão, bloqueando a porta com o corpanzil e aproximando-se cada vez mais da cama. Poison encolheu-se o máximo que pôde e, apesar da pouca luz, via os dedos compridos da velha tateando o assoalho, os pés do estrado, o colchão... Gelou-se de medo quando ouviu a velha resmungar para si mesma:

— *Se não está em cima da cama, talvez esteja embaixo dela...*

Poison ficou imóvel como uma pedra.

Maeb enfiou as mãos sob o estrado e tateou o chão. Seus dedos, semelhantes aos tentáculos de uma aranha, passaram a poucos centímetros de Poison, que sequer respirava.

— *Vamos ver, vamos ver...*

A bruxa esparramou-se ainda mais sobre o assoalho e fungou sob a cama. Quando viu o bico medonho latejar diante de si, Poison teve de se esforçar para reprimir um grito de horror.

— *Sinto cheiro de ossinhos frescos...* — cantarolou Maeb.

Nesse instante, o gato deu um berro estridente e embarafustou para fora do esconderijo, arranhando o narigão da velha e atropelando as pernas dela para se refugiar no outro lado do quarto. Maeb levantou-se imediatamente e recostou-se na porta do quarto, afagando a bicanca dolorida.

— *Criaturinha pestilenta! Meu nariz! Meu nariz! Desta vez o diabinho não escapa do caldeirão... Ah, não escapa mesmo...*

Mas o gato já não estava mais lá; tinha fugido escada abaixo e desaparecido nas entranhas da casa.

A bruxa deu mais um gemido de dor e também saiu do quarto.

— *Eu voltarei, garotinha insolente! Eu voltarei!* — prometeu ela, descendo as escadas. — *Irás para o caldeirão junto com o maldito bichano! Podes contar com isso!*

E a porta bateu estrepitosamente.

Poison ainda tremia quando a garota se abaixou ao lado da cama, segurando o castiçal para ver melhor.

— Não se preocupe — disse ela. — A velha tem péssima memória. Nem vai se lembrar amanhã do que disse hoje.

Poison arrastou-se para fora e precisou de ajuda para se levantar. Depois sentou-se sobre a cama.

— Meu nome é Peppercorn — disse a garota.

— E o meu é Poison.

— É um lindo nome... — disse Peppercorn, sem saber o que mais dizer.

— Eu mesma escolhi.

Peppercorn ficou encantada.

— Eu também! Quer dizer, Maeb nunca me chama de nada, então fui obrigada a escolher um nome para mim mesma — disse ela, depois de depositar o castiçal sobre o chão e se assentar na cama ao lado de Poison. — Seus cabelos são lindos! Gostaria que os meus fossem lisos também.

Poison ficou sem jeito e resolveu mudar de assunto.

— O que você faz aqui?

— Eu moro aqui! E este é o meu quarto — disse Peppercorn, com orgulho. Em seguida, levantou-se para recolher os objetos que Maeb havia jogado no chão. — Está um pouco bagunçado — emendou, como se pedisse desculpas.

Poison observava-a, estupefata. A garota agia como se nada tivesse acontecido, como se ela, Poison, não tivesse acabado de ver a morte de perto. Peppercorn continuou a tagarelar enquanto arrumava o quarto.

— Sempre morei aqui, eu acho. Pelo menos não me lembro de muita coisa antes disso. Faço a limpeza da casa e cuido do fogo, coisas assim. Os ossos precisam cozinhar o dia inteiro para ficarem moles, senão Maeb não os consegue comer. E ela adora sopa de tutano!

— Você toma conta da casa, é isso? — perguntou Poison, sem grande ênfase.

— Ela me comeria se eu não fizesse meu serviço — respondeu Peppercorn, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Mais uma vez Poison ficou estupefata.

— E o gato, será que não corre perigo? — perguntou ela depois de um tempo, aguçando os ouvidos à procura de algum sinal de Maeb. A bruxa arrastava-se no pavimento inferior, resmungando baixinho em meio ao alarido dos cachorros.

— Andersen? Não, não corre perigo nenhum — disse Peppercorn, sem hesitar. — E *você*, o que faz aqui?

— Quero passar para o Reino das Fadas. Preciso resgatar minha irmã.

— É mesmo? Que emocionante!

Poison franziu as sobrancelhas para demonstrar a seriedade de sua missão, mas a garota simplesmente sorriu, sem captar a mensagem. Alguns minutos depois, o gato preto reapareceu no quarto e enroscou-se entre as pernas de Peppercorn.

— Andersen! — exclamou ela, agachando-se e acarinhando o animalzinho. O bichano olhou para Poison com uma expressão de reprovação, como se quisesse dizer: *“Salvei o seu pescoço, garota. As coisas que um gato precisa fazer para certas pessoas...”*

Poison permitiu-se alguns minutos de distração, pois precisava recobrar a calma depois do perigoso episódio com a Bruxa dos Ossos e da bizarra experiência de encontrar uma garota tão alegre no interior daquela casa de horrores. Trocou algumas banalidades com Peppercorn e depois perguntou:

— Posso me esconder aqui?

— Ah, melhor não — disse a garota, colocando-se novamente de pé.

Desapontado com a interrupção do carinho, Andersen pulou sobre o tampo da cômoda e começou a lamber uma das patinhas, olhando ocasionalmente para as meninas para ver se uma delas prestava atenção a ele.

— Por que não?

— Cedo ou tarde ela vai voltar. Maeb é muito esperta. Se estiver convencida de que você está aqui, não vai se deixar enganar outra vez por um bocado de perfume. E certamente trará os cães consigo; eles não têm faro nenhum, mas podem ver e ouvir.

Poison ficou irritada, mas não demonstrou seu sentimento.

— Há outro lugar por aqui onde eu possa me esconder?

— Ora, há bons esconderijos por todos os lados! — respondeu Peppercorn animadamente. — Mas você precisa tomar muito, muito cuidado. Só conseguiu fugir daqui quem entrou e saiu da casa sem ser percebido. Mas agora é tarde; Maeb já sabe de sua presença aqui e não vai desistir enquanto não a encontrar.

— Ela sentiu meu cheiro quando já estava escuro... — comentou Poison.

Peppercorn condoeu-se de Poison e disse:

— Aqui os dias passam muito depressa, mas as noites são enormes. É por isso que acendo apenas uma vela de cada vez. Preciso economizar...

— Quantas pessoas já passaram por aqui? — perguntou Poison depois de refletir um pouco.

Peppercorn retomou a arrumação.

— Algumas. Está tudo anotado naquele calendário pendurado ali — disse ela, apontando vagamente para algum lugar do quarto. Poison caminhou até o calendário, mas, com a vela do outro lado do quarto, não enxergou muita coisa e voltou para a cama.

— Maeb diz que esta é uma das poucas passagens entre o Reino dos Homens e o Reino das Fadas — comentou Peppercorn. — Foi por isso que a instalaram aqui, para vigiar a passagem. Algumas pessoas tentam fugir de lá para cá e outras tentam passar de cá para lá. A missão dela é impedir que elas tenham sucesso. Você sabe, os seres do Reino das Fadas não gostam de humanos... A não ser para comer.

— E muitas pessoas conseguem passar?

— Uma ou outra — respondeu Peppercorn. — Andersen sempre me conta quando isso acontece. Não gosto de falar com elas, pois Maeb fica furiosa.

— O gato fala com você?

Peppercorn ficou surpresa com a pergunta.

— Claro que fala!

Poison encolheu os ombros, resignada.

— Você não fica... — Pensou em não terminar a pergunta, mas estava realmente intrigada. — Você não se incomoda em trabalhar para uma criatura que come gente como eu e você?

A garota virou-se para ela, visivelmente triste.

— Não há nada que eu possa fazer — disse. — Você acha que eu gosto de viver sozinha, tendo apenas um gato como companhia? Todo os que aparecem por aqui não se demoram mais que um ou dois dias, e depois viram sopa ou então fogem. Como disse, não há nada que eu possa fazer.

— Não. Isso não está certo — disse Poison, levantando-se da cama. — Também já fui assim um dia. Eu vivia numa aldeia pequena, de onde nunca tinha saído antes. Sonhava com lugares distantes e desprezava as outras pessoas porque elas não tinham forças para sair daquele pântano horroroso. Mas eu estava presa ali como todos eles, e por mais que eu falasse em partir, talvez jamais fizesse nada se minha irmãzinha não tivesse sido raptada. Continuaria lá para sempre, reclamando da vida e cruzando os braços, encontrando mil desculpas para adiar minha partida até ficar velhinha e perceber que *realmente* já não era mais possível partir.

Peppercorn aproximou-se, carregando a vela consigo.

— Você não ficou com medo?

— Apavorada — disse Poison. — E estou apavorada até hoje. Mas não voltaria para casa agora nem por mil soberanos. Pude ter uma pequena idéia de como são as coisas fora da minha aldeia, e jamais serei capaz de me contentar com aquele mundinho novamente.

— Ah, você é uma garota de sorte — disse Peppercorn, com os olhos úmidos. — Eu adoraria sair daqui e ver o mundo! As pessoas que passam por aqui me contam cada história...

— E o que impede você de sair? Basta abrir a porta e ir embora!

— Não sou forte o suficiente. Sou apenas uma garota.

— E eu também — observou Poison.

— O que eu faria fora daqui? Para onde iria? — choramingou Peppercorn.

— Isso você pode resolver depois. E essa é justamente a parte mais bonita da história. Agora preciso ir, não quero estar aqui quando *ela* voltar.

— Boa sorte — disse Peppercorn, novamente animada. — Volte quando já estiver claro; posso preparar alguma coisa para você comer enquanto Maeb estiver dormindo.

Poison despediu-se, saiu do quarto e desceu o curto lance de escada que levava ao corredor. Não ouviu nenhum barulho. Pensou em voltar e implorar à garota que a deixasse passar a noite no quarto, escondida debaixo da cama até o amanhecer. Mas achou que Peppercorn tinha razão: a Bruxa dos Ossos não tardaria a voltar, e então ela não teria mais para onde fugir. Além disso, havia algo de estranho na resignação

daquela garota em continuar vivendo num casarão escuro com uma bruxa comedora de ossos fazendo as vezes de mãe. Poison não ficaria nem um pouco surpresa se descobrisse mais tarde que Peppercorn era um tantinho maluca. Afinal, a garota acreditava que o gato conversava com ela.

Poison espiou e viu que o corredor estava vazio. O medo brotou novamente em seu peito, ainda mais agora que ela sabia o que estava atrás dela. Ou Maeb estava longe demais para ser ouvida, ou simplesmente parara de resmungar. Nada se ouvia das feras também. Aquele silêncio todo era pior, pois não dava pistas de onde estavam os seus algozes.

Sorrateiramente, Poison atravessou o corredor em direção à sala do caldeirão. Parou um instante para ouvir e depois passou para o balcão. Sentiu o calor do lugar, que parecia mudar de cor em razão das chamas que crepitavam sob o gigantesco pote de ferro. Olhou horrorizada para a sopa de ossos que borbulhava dentro dele, e depois para o candelabro sinistro que pendia do teto, o que serviu apenas para lembrá-la de qual seria seu destino caso fosse capturada. Achou melhor não pensar nisso. Sem detectar nenhum sinal da bruxa e de suas feras, desceu as escadas, atravessou a sala e espiou através do corredor que conduzia ao porão.

Não havia ninguém ali. A casa parecia dormir tranqüilamente.

Poison já havia decidido que era perigoso demais procurar por esconderijos no interior da casa, onde poderia trombar com a bruxa a qualquer instante. O melhor seria mesmo voltar ao porão, embora as sacas de carvão e farinha não tivessem muita valia como esconderijos. Mas poderia esgueirar-se novamente pela calha e permanecer ali até o amanhecer, ou talvez até a noite seguinte, quando então estaria livre para escapar. Além disso, poderia lambuzar o corpo de carvão ou farinha de modo a disfarçar o próprio cheiro. Lamentou-se por não ter pensado nisso antes de se aventurar pelo interior da casa.

Precisou de alguns minutos para reunir coragem suficiente para atravessar o corredor que conduzia ao porão, mas, embora temesse que algo pulasse sobre ela a qualquer momento, nada aconteceu. Correu o mais rápido que pôde, guiando-se apenas pelo luar que atravessava a única janela que havia ali. Chegando à porta do porão, ficou desanimada com o que viu, ou melhor, com o que *não* viu.

O lugar estava escuro como o breu.

As janelas estreitas e imundas rente ao teto do porão mal davam para iluminar o lugar durante o dia, à noite, era como se não estivessem ali. Poison sequer conseguia vislumbrar o contorno das sacas empilhadas pelo chão.

Parada sob a porta, Poison ouviu o tamborilar de patas pesadas sobre o chão e sucessivos rosnados, vindos do interior da sala do caldeirão. Um dos cachorros descia as escadas e apareceria no corredor a qualquer instante.

Ela precisava agir rápido. Entrou no porão e fechou a porta silenciosamente, recostando-se nela. Respirava e tremia ao mesmo tempo. Achou que ouvia passos abaixo das escadas, mas não podia ver o que era. Sua visão anulava-se em meio à total escuridão.

Ouviu o trote do cachorro através do corredor. A ausência de luz parecia aguçar sua audição; de qualquer forma, seria impossível não ouvir o arranhar de unhas contra o chão e a respiração arquejante de tão enorme criatura. Poison ficou completamente imóvel, na esperança de não ser percebida. Mas seu coração batia com tanta força que fazia tremer a porta contra a qual ela se recostava.

Por fim, a fera chegou à porta do porão e ali parou.

Poison prendeu a respiração. Esperou uma eternidade até expirar o ar dos pulmões e inspirar novamente. A fera não se mexia do outro lado.

De repente, uma pancada quase fez com que ela despencasse escada abaixo. O cachorro havia marrado a porta com a própria cabeça, como se fosse um carneiro. Instintivamente, Poison jogou todo o peso do corpo para trás, impedindo que a porta se abrisse. Depois, firmou os pés nas ranhuras do piso e recostou-se com mais força ainda, sentindo o suor frio escorrer dos cabelos sobre a testa. O cachorro investiu novamente, dessa vez com mais intensidade. Mas Poison já estava preparada, e a porta não cedeu.

“Vá embora, não tem ninguém aqui...”, pensou ela, na esperança de que a fera pudesse ler seu pensamento.

Outra pancada, e nada de a porta se abrir.

O cachorro ganiu do outro lado e depois ficou quieto. Poison espremeu os olhos, desejando ardentemente que ele desistisse e fosse embora.

Surpreendentemente foi isso mesmo que aconteceu. Poison mal acreditou na própria sorte quando ouviu a fera trotar pelo corredor, de volta à sala do caldeirão. Esperou alguns minutos para se certificar de que ela não voltaria, mas o silêncio havia recaído sobre a casa novamente. Por fim, permitiu-se acreditar que o perigo havia passado.

A essa altura, seus olhos já haviam se acostumado à escuridão, mas ela não via mais que o contorno vago das coisas ao seu redor.

Desceu a escadaria de pedra com o máximo de cautela e pisou sobre o porão propriamente dito. O lugar estava frio. Poison tremia, mas não sabia dizer se era por causa da temperatura ou do pavor que sentia. A escuridão é sempre assustadora, ainda mais num lugar macabro como aquele.

Tateando, continuou a atravessar o porão, seguindo na direção de onde supostamente estava a calha. Se pelo menos conseguisse chegar até lá, talvez se sentisse um pouco mais segura. Caminhando a passos minúsculos, sem uma parede atrás de si, sentia como se a qualquer momento alguma coisa pularia em cima dela.

A sensação de ser observada era terrível, tanto que ela precisou parar um instante para se acalmar. Aproveitou para ouvir o silêncio, a doce e sinistra respiração da casa ao seu redor.

Mas a respiração que de fato ouvia não era *exatamente* da casa.

— *Posso sentir teu cheiro, minha linda...* — cantarolou a Bruxa dos Ossos, confundindo-se com a escuridão.

Poison deu um grito quando sentiu uma saca vazia lhe cobrir o corpo inteiro e levantá-la do chão. Ela havia sido capturada como um coelho.



Pele e ossos

O sol começava a se levantar do lado de fora do casarão da Bruxa dos Ossos, tingindo o céu de cores estranhas, superposições de âmbar e violeta que, por algum motivo, não pareciam naturais. Uma bruma cobria tudo em torno da cerca de ossos, mas nada dentro dos limites dela. Sombras dançavam dentro da área cercada, sob a luz fria da aurora, mas Poison não sabia dizer se eram produzidas pela movimentação da bruma ou por algo muito, muito pior.

Ela encontrava-se presa dentro de uma gaiola enferrujada. Estava cabisbaixa, e os cabelos longos e negros escorriam-lhe pelas laterais do rosto. A gaiola era suspensa por uma corrente até o teto da sala do caldeirão, bem acima do fogão. Abaixo dela, a coleção de ingredientes misteriosos de Maeb, enormes potes de barro com todos os tipos de folhas, pastas e grãos. O candelabro de caveiras parecia sorrir maliciosamente do outro lado da sala. Através da porta, Poison podia ver a janela do corredor, e era assim que ela acompanhava a passagem do tempo. O caldeirão borbulhava como sempre, cozinhando uma nova batelada de ossos. O calor na sala era sufocante, ainda mais perto do teto, onde o ar quente se acumulava.

Poison estava desesperada.

Já havia tentado tudo: esgueirar-se por entre as barras de ferro, arrombar o cadeado com uma lasca de metal, até mesmo gritar por ajuda. Em vão. Não havia como sair daquela gaiola. E, mesmo se houvesse, ela ainda teria de lidar com o cachorro, do tamanho de um cavalo, que se esparramava sobre o chão da sala enquanto roia um fêmur.

Poison examinou-o por um tempo, observando o corpanzil, a pelagem cinza e o focinho comprido da fera. Assim como o irmão dele, que Poison vira do alto de sua gaiola durante a madrugada, seria um cachorro como outro qualquer não fosse pelo tamanho descomunal. Todavia, ao ver as imensas presas amareladas quando ele mastigava os ossos e arreganhava o focinho, Poison lembrou-se do que Lamprey havia dito antes: as feras fariam pedacinhos dela caso a pegassem.

A noite havia sido longa e tensa. De quando em quando, ela via Maeb aproximar-se do caldeirão, pescar um osso e comê-lo, ou então jogá-lo aos cachorros. Durante a maior parte do tempo, contudo, ficou abandonada na sala,

imaginando o que estava por vir. A bruxa a pendurara ali sem lhe dirigir uma só palavra e ignorou-a todas as vezes que entrou na sala. Mas, quando veio a madrugada, ela se aproximou da gaiola e cutucou-a através das barras.

— *Jogaremos fora toda essa carne que não serve para nada. E, quando a noite cair, tu vais direto para a sopa* — disse ela, lambendo os lábios e abrindo um enorme sorriso, exibindo os dentes de tubarão. — *Serás um delicioso jantar!*

Isso dito, Maeb retirou-se para dormir e deixou Poison em paz para refletir sobre a noite que não tardaria a chegar. O que Peppercorn dissera antes era verdade: as noites ali eram extremamente longas, mas os dias eram curtíssimos.

A manhã clareava com impressionante rapidez, a julgar pela luz que invadia cada vez mais o corredor. De repente, a porta sobre o balcão se abriu, e Poison, que estava exausta e dormitava um pouco, assustou-se com o barulho e despertou. O cachorro também olhou para cima, mas perdeu o interesse e voltou a roer o osso ao constatar que se tratava de Peppercorn.

— Você viu meu gato por aí? — gritou ela a Poison.

— Seu gato? — gritou Poison de volta. — Por favor, tire-me daqui!

Ansiosa, Peppercorn enroscava os cachinhos dourados do cabelo e varria a sala com os olhos.

— Não vejo Andersen desde ontem à noite — disse. — Ele desapareceu assim que você foi embora.

— Peppercorn, *por favor!* Você tem de me tirar daqui! — implorou Poison. — Vê aquela corrente ali? Presa ao chão, logo depois da polia de ferro? Basta soltá-la e descer a gaiola lentamente, não é difícil!

Peppercorn olhou para a corrente: ela iniciava no topo da gaiola, passava por três polias diferentes (uma no teto, outra na parede e a terceira no chão) e se prendia a um gancho sobre o rodapé da sala.

— Mas não consigo encontrar Andersen! — choramingou a garota.

— Posso ajudar você a encontrá-lo! — mentiu Poison, procurando parecer convincente. — Podemos procurar por ele juntas!

Peppercorn mordeu o lábio inferior, refletindo.

— Não posso — disse ela, hesitante. Poison teve vontade de gritar.

— Pode sim! Se você não me tirar daqui, Maeb vai me transformar em sopa! É isso que você quer?

— Não! — respondeu Peppercorn, aflita, talvez arrependida de ter entrado ali.

— Mas se Maeb souber, vai ficar furiosa comigo, e então quem vai para a sopa sou *eu!*

— Então vamos fugir juntas! Conheço uma saída!

— Não posso ir embora daqui! — disse Peppercorn. — Jamais pus os pés fora desta casa!

— Posso cuidar de você — disse Poison. — Você não disse que gostaria de conhecer o mundo? Não gostaria de conhecer o Reino das Fadas?

— Sim, gostaria, mas...

— Por acaso quer passar o resto de seus dias tomando conta daquela bruxa velha, com medo de virar sopa, sem fazer amizade com nenhuma das pessoas que passam por aqui?

— Não, mas...

— Então me tire daqui!

— E o cachorro?

— Deixe que eu cuido dele! — disse Poison, embora não tivesse a menor idéia de como faria isso. Sair da gaiola já seria um começo, uma nova esperança de escapar dali com vida.

Peppercorn parecia indecisa, e, como Poison já havia notado, tomar decisões não era o forte dela.

— Não dá! — berrou ela depois de algum tempo. — Não podemos sair da casa antes da meia-noite, senão as criaturas da bruma nos pegam! Maeb já estará acordada a essa hora e, quando vir que você fugiu, irá atrás de nós. Aí vamos ambas para a sopa!

— Podemos nos esconder! — gritou Poison desesperadamente. — Por favor! Mas Poison não pôde saber se Peppercorn se deixara convencer ou não, pois naquele instante um miado fez-se ouvir no corredor do porão, e lá estava Andersen. O cachorro levantou-se na mesma hora e deu um latido ensurdecedor, espantando o gato e partindo em disparada atrás dele.

— Andersen! — gritou Peppercorn. Em seguida, embarafustou escada abaixo e correu para acudir o bichano, ignorando os veementes pedidos de ajuda de Poison. O alarido da perseguição logo esmoreceu, e Poison ficou novamente sozinha na sala do caldeirão.

Ela deixou-se cair no fundo da gaiola e chorou.

— Poison? — disse alguém baixinho — Você está aí em cima? Embora achasse que os ouvidos lhe pregassem uma peça, Poison levantou-se rapidamente e agarrou as grades da gaiola.

— *Bram!* — gritou.

Não, os ouvidos não lhe haviam pregado uma peça. O caçador de espectros de fato estava ali, com o mesmo casaco de couro, as mesmas luvas espessas e o mesmo chapéu de abas largas. Ele resmungou alguma coisa incompreensível e acenou com uma das mãos enluvadas.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Poison.

— Salvando seu pescoço, é claro — disse ele. — Devo estar ruim dos miolos!

— Depressa, solte aquela corrente ali, na parede, e baixe a gaiola bem devagarinho!

Bram fez exatamente isso. As polias deixavam a gaiola um pouco menos pesada, o que facilitava muito as coisas. Mesmo assim, o caçador teve de se esforçar para não deixá-la espatifar no chão. A corrente fazia um barulho infernal à medida que os elos passavam pelas polias, e Poison tinha certeza de que uma das duas feras apareceria ali em poucos minutos. Achou que explodiria de agonia, pois o tempo se arrastava lentamente, pontuado pelos estalos periódicos do metal. Por fim, a gaiola aterrisou seguramente sobre o chão, e Bram correu para socorrê-la.

Poison esticou os braços através das grades e segurou as mãos enluvadas do caçador.

— Bram, você é uma maravilha! Nunca foi tão bom ver alguém quanto agora! Como soube?

O caçador corou até os bigodes brancos; afetou uma tosse e desvencilhou-se do cumprimento efusivo da amiga.

— Aquele gato esquisito... Foi assim que eu soube. Posso jurar que o bichano não é deste mundo. Mas sobre isso podemos falar mais tarde. Agora precisamos encontrar um jeito de tirar você desta jaula. — Olhando para o topo da gaiola, Bram sacudiu as grades para ver o que acontecia. — Está toda enferrujada... — disse. — Talvez por causa da proximidade com o caldeirão... Depois de anos e anos de exposição ao vapor... Chegue para trás.

Poison obedeceu, embora não soubesse o que ele planejava fazer. Mas logo descobriu. O caçador firmou as mãos na grade e chutou uma das barras mais enferrujadas com a bota pesada; um segundo chute fez com que ela se despregasse do topo da gaiola. Em seguida, bastou vergar a barra para frente e para trás para que ela se soltasse inteiramente e abrisse um espaço suficientemente largo para que Poison pudesse passar.

Poison atravessou o corpo esguio pelo buraco e jogou-se nos braços de Bram, tamanha era a felicidade que sentia por ter saído dali. Não precisava olhar para o caçador para saber que ele estava com as bochechas completamente vermelhas. Encabulado, Bram soltou-se do abraço o mais rápido que pôde.

— Muito obrigada — disse ela, com o máximo de sinceridade. — Sei o quanto deve ter sido difícil para você vir atrás de mim.

— Deixe disso, precisamos sair logo daqui — disse ele. — Você tem um esconderijo por aí, não tem?

Poison estava a ponto de responder negativamente, pois já havia sido descoberta pela bruxa no único esconderijo que conhecia. Animada com a presença de um aliado, sentiu arrefecer um pouco o medo que aquele lugar macabro produzia sobre ela.

— Nada de esconderijo agora — disse Poison. — Preciso de sua ajuda. Tive uma idéia.

— Era justamente isso que eu *não* queria ouvir! — resmungou Bram.

— Animo homem! — disse ela, dando-lhe um tapinha nas costas.

Não seria fácil descer aqueles potes da prateleira. O fogão chegava à altura dos ombros de Bram, e a prateleira erguia-se acima dele pela mesma medida. Além do mais, os potes estavam cheios e pareciam muito pesados, pois tinham o tamanho de um barril. Bram viu-se obrigado a subir no fogão e ajudar Poison a subir na prateleira para que ela inclinasse os potes e o ajudasse a colocá-los sobre os ombros. Tão logo depositou os cinco potes sobre o tampo do fogão, Bram pulou ao chão e repetiu todo o procedimento. Em seguida, os dois arrastaram os potes até o balcão. Durante todo o tempo, Poison espiava na direção do corredor para ver se os cachorros estavam por perto e aproveitava para verificar a posição do sol no céu embrumado.

— Agora conte... — disse ela, ofegando. — Sobre o gato...

O rosto de Bram estava vermelho por causa de tanto esforço; ele depositou o pote que carregava sobre o chão e limpou o suor da testa com a manga da camisa.

— O bichano apareceu ontem à noite — disse. — Eu estava acampado e podia ouvir a voz da bruxa, carregada pela brisa. Já havia resolvido sair dali o quanto antes, pois não suportava mais aquela voz sinistra, quando então o gato apareceu. Ele mordia minhas calças e tentava me arrastar na direção do casarão. Nunca vi um gato fazer isso antes. — Bram encolheu os ombros. — Bem, eu não tinha a menor intenção de entrar neste lugar; achei que o gato fosse uma armadilha da broaca. Mas depois o bichano largou das minhas calças, miou baixinho e... Bem, nunca achei que um dia fosse ouvir um gato pedir ajuda. Mas ali, naquele instante... Não sei dizer como, mas eu sabia direitinho o que o gato queria, como se ele tivesse *falado* comigo.

— Verdade? — exclamou Poison, lembrando-se imediatamente de Peppercorn. Ela também havia dito que era capaz de se comunicar com Andersen.

Bram continuou:

— Entrei pela calha de carvão. Não foi fácil para um homem do meu tamanho. Mas eu sabia que precisava entrar antes que o sol se levantasse; a bruma estava começando a se formar e achei que, quando ela se dissipasse, o casarão não estaria mais sobre a colina. Fiquei escondido no porão até o amanhecer, esperando que o gato desse um sinal de que era seguro prosseguir. Você sabia que ele está distraindo os cachorros de propósito? Como eu disse, o bichano não é deste mundo.

— Mas você veio aqui para me salvar... — disse Poison, emocionada. — Por quê? Poderia simplesmente ter ido embora com o dinheiro que ganhou e viver feliz para sempre!

— Não poderia abandoná-la assim — disse Bram, abaixando-se para pegar o pote novamente. — Afinal, que tipo de homem eu seria se fizesse isso?

Poison achou graça no esforço do caçador para disfarçar seus sentimentos. Ela sabia, tanto quanto ele, o que aquilo significava. Entre outras coisas, ele tinha se disposto a entrar no casarão — com bruxa, cachorros e tudo o mais —, e a próxima parada seria o Reino das Fadas. Qualquer outro teria ido embora com sua pequena fortuna. Mas Bram, não. A generosidade dele era impressionante. Poison perguntava-se o que tinha feito para merecer um amigo daquele quilate, e se faria o mesmo por ele se estivesse em seu lugar.

Levaram quase uma hora inteira para transportar os cinco potes até o balcão, e, àquela altura, a tarde brumosa já ia pela metade. As feras, felizmente, andavam longe; latidos ocasionais indicavam que eles ainda perseguiam Andersen.

— Você pelo menos sabe o que está dentro desses potes? — perguntou Bram, retirando o chapéu e enxugando a testa com o dorso da luva. O calor do fogo dificultara ainda mais todo o trabalho.

Poison olhou para os potes de grãos e ervas a seus pés.

— Boa coisa não deve ser — disse. — São ingredientes de bruxa.

— Espero que você saiba o que está fazendo — disse Bram, resignado.

— Não, não sei — replicou Poison honestamente. Em seguida, usando a balaustrada como apoio, derramou o conteúdo do primeiro pote sobre o caldeirão borbulhante. A água, até então amarelada, adquiriu imediatamente uma tonalidade cor-de-rosa.

— Eu jamais beberia isso aí — comentou Bram, olhando para o interior do caldeirão.

— É justamente essa a idéia — disse Poison. Em seguida, com a ajuda do caçador, derramou o conteúdo dos outros potes à mistura.

Demoraram algum tempo para pescar alguns ossos do caldeirão. Haviam encontrado uma concha enorme e, juntos, deitados sobre o piso do balcão, mergulharam-na na mistura recém-criada. A água ficara marrom, e o fedor que exalava era insuportável. Os olhos de ambos lacrimejavam enquanto eles remexiam o caldo. Por fim, conseguiram puxar um par de ossos bem grandes para fora, deixando-os cair sobre o chão da sala.

Poison preparava-se para levantar quando sentiu algo pesado aterrissar sobre suas costas. Deu um grito de susto.

— Não foi nada, não foi nada — Bram apressou-se em dizer. — Foi apenas o gato.

Andersen aparecera do nada sobre a balaustrada de ossos e achou que Poison poderia amortecer o salto dele até o chão. Então pulou, e agora descia

elegantemente das costas dela. Assim que se levantou, Poison lançou um olhar fulminante em direção ao bichano. Andersen, por sua vez, não parecia preocupado.

— Na verdade, é você mesmo que eu queria ver — disse ela ao gato. — Será que poderia nos fazer um favor? Vá até os cachorros e traga-os até aqui. Pescamos alguns ossos para eles.

Poison sentira-se um pouco ridícula por falar com o bichano como se ele fosse gente. O gato piscou os olhos para ela e depois desapareceu pelas escadas.

— Não falei? — disse Bram.

— Só vou acreditar quando ele voltar com as feras — disse Poison. — Agora precisamos nos esconder.

E o gato de fato voltou. A essa altura, Poison e Bram já haviam se escondido atrás dos potes remanescentes sobre a prateleira do fogão, bem longe do alcance dos cachorros. Andersen entrou berrando na sala, com os dois brutamontes patinando e latindo atrás dele. O gato deu algumas voltas em torno do caldeirão e desapareceu de vista. As feras seguiram no encalço dele... e reapareceram algum tempo depois, sem nenhum sinal do gato. Intrigados, começaram a farejar em torno do caldeirão, investigando as sombras produzidas pelo fogo; mas Andersen os havia ludibriado e sentava-se tranqüilamente no balcão, limpando as patinhas com a língua. Os cães procuraram mais um pouco, até que perceberam os ossos derramados sobre o chão.

— Isso... Vejam como são apetitosos... — sussurrou Poison.

O caldo espalhado sobre os ossos fedia tanto que seria insuportável para o olfato apurado de um cachorro normal; mas Peppercorn havia dito que os cães de Maeb tinham pouquíssimo faro, ou faro nenhum. Aflita, Poison observava-os examinar os petiscos, até que um deles firmou um dos ossos sob a pata e começou a morder. O outro fez a mesma coisa, e logo os dois estavam roendo, mastigando e lambendo tutano. Do alto do balcão, o gato observava a tudo com uma expressão de nojo no olhar.

Não demorou para que os efeitos da mistura de Poison comesçassem a se manifestar.

Ela não tinha a menor idéia do que jogara no caldeirão, mas sabia que tinha preparado uma overdose, fosse lá do que fosse. Quase ao mesmo tempo, os cachorros começaram a ter contrações e espasmos: primeiro ficaram com as pernas trêmulas, caindo sempre que tentavam caminhar; em seguida, perderam o controle muscular por completo e caíram sobre os flancos, respirando com dificuldade, estirando as pernas e jogando a cabeça para trás. As línguas estavam para fora, e uma espuma suja de sangue escapava-lhes dos dentes. Por fim, ambos ficaram imóveis, ofegando levemente até pararem de respirar por completo.

Bram e Poison continuavam a olhar, perplexos, mas nem um pouco condoídos.

— Só queria que eles morressem — disse Poison. — Não precisavam fazer tanto drama.

— Pelo menos funcionou — disse Bram. — E agora o que vamos fazer?

Poison ajeitou os cabelos atrás das orelhas.

— Agora vamos cuidar da Bruxa dos Ossos.

* * *

A noite caiu.

A bruma estava ainda mais espessa, mas a lua resplandecia através dela, maior e mais próxima do que Poison jamais vira antes. O interior do casarão estava completamente escuro, mas o luar atravessava as janelas e formava rombóides azuis sobre o chão. Na sala do caldeirão, misturava-se à luz do fogo e refletia sobre as poças de sangue esparramadas por toda parte.

Em algum lugar no pavimento superior, uma porta rangeu. A bruxa estava acordada.

Poison e Bram estavam sobre o balcão, diante da porta ao fim do corredor que principiava no balcão e levava ao interior do casarão. Entreolharam-se assim que ouviram o rangido. Poison não sabia se ria ou se vomitava.

— Acha mesmo que isso vai funcionar? — perguntou Bram, pela décima vez.

— Já disse, a velha é cega e surda — respondeu Poison. — Mas ela sentirá as vibrações se fizermos muito barulho. E bastará que ela nos cheire quando chegar aqui.

Bram concordou com a cabeça e apertou a pele de cachorro contra os ombros. Ambos usavam o couro arrancado das feras como mantos encapuzados, capas ensangüentadas que grudavam nos cabelos, nos braços e nas faces. Ambos estavam imundos de sangue. Arrancar o couro dos bichos não fora tarefa fácil, muito menos agradável, pois Bram não sabia direito como fazê-lo. Haviam usado uma faca encontrada sobre o fogão, grande como um sabre e difícil de manipular.

Peppercorn, que finalmente encontrara Andersen, aparecera no balcão e desmaiou assim que viu o que eles faziam. Poison arrastou-a para um canto e abandonou-a ali. Melhor que ela ficasse fora do caminho; não havia como prever a reação dela quando descobrisse o que planejavam.

Bram e Poison ouviam a Bruxa dos Ossos caminhar acima deles e falar consigo mesma, como se cantarolasse.

— *Estás pronta, minha querida? Pronta para a sopa de Maeb? Hummm... aqueles ossinhos frescos e suculentos...*

— Ainda há tempo de fugir — Bram lembrou a Poison. — Falta pouco para a meia-noite. Podemos sair pela calha de carvão.

— Não — disse Poison. — Melhor atacar que defender. Se ela nos encontrar escondidos, estamos perdidos, vamos os dois para a sopa.

Bram ouvia o cantarolar da bruxa e parecia indeciso.

— Além disso — acrescentou Poison —, já é hora de alguém dar uma lição nessa broaca.

Bram não disse nada a isso.

— Agora vamos — disse Poison. E os dois se prepararam para colocar o plano em ação. Poison tomou a iniciativa e jogou-se de ombro contra a porta fechada. Bram fez a mesma coisa, enquanto Poison pisoteava o chão com as botas. Em seguida, os dois arremeteram juntos contra a porta, fazendo-a chacoalhar contra os batentes. A cena era absurda. Nenhum dos dois falava nada, apenas procuravam fazer o maior barulho possível.

— *Ah, os pobrezinhos ficaram trancados lá embaixo... Mamãe já vem, meus lindinhos! Calma, que mamãe já vem!*

Poison e Bram afastaram-se da porta quando Maeb se aproximou. O caçador tremia atrás dos bigodes, mas Poison sentia-se estranhamente calma. Estava farta de se curvar diante daquela megera rançosa. Dessa vez as coisas seriam diferentes.

Então a porta se abriu, e lá estava a Bruxa dos Ossos, com seus três metros de altura e sua cara retorcida, parecida com uma raiz velha. Bram quase tropeçou e caiu enquanto fugia, tamanha era sua pressa em sair dali; mas Poison permaneceu firme no lugar. Tão logo atravessou a porta, Maeb mexeu o nariz de um lado para outro, farejando o ar.

— *Sinto cheiro de sangue!* — exclamou. — *E não é sangue de gente!*

Ouvindo isso, Poison achou melhor fugir também. Bram, que não fazia questão de atitudes heróicas, já estava longe no corredor.

— *Venham cá, meus bichinhos!* — chamou a bruxa. — *Será que estão machucados? Quem foi que os machucou?* — Maeb seguia pelo corredor, farejando o ar enquanto caminhava. — *Venham cá, meus bichinhos!*

Poison correu. Fazer com que a bruxa a seguisse era parte do plano, mas não deixava de ser uma situação perigosa por causa disso. Bram já esperava por ela no balcão e acenava freneticamente para que a amiga se apressasse. Mas Maeb havia parado no meio do caminho. Poison virou a cabeça, e sentiu um calafrio na espinha.

— *Não são meus cachorros...* — sussurrou a bruxa. — *Posso sentir as pisadas. Vocês cheiram como eles, mas não são eles! Duas pernas! Duas pernas cada um!* — Maeb farejou o ar mais uma vez e depois berrou: — *O que fizeram com meus cachorros?*

De repente, irrompeu corredor afora, gritando e contorcendo o rosto numa expressão de fúria e ódio. Poison ficou surpresa com a agilidade da velha. Quase não teve tempo de escapar das manzorras da broaca, que todavia lhe arrancaram o couro de cachorro das costas. Ao sentir a pele ensangüentada do animal entre os

dedos, Maeb deu um grito de horror, jogou o couro no chão e atravessou a porta, pisando furiosamente sobre o balcão.

— *Vou moer vossos ossinhos e assá-los junto com o pão! Ninguém escapará das minhas garras!*

Mas, assim que irrompeu no balcão, Maeb escorregou no sangue fresco que havia sido derramado sobre o piso e perdeu o equilíbrio. Girou os braços no ar, mas, como vinha depressa demais, não conseguiu se controlar e espatifou-se contra a balaustrada. A grade de ossos quebrou com o impacto, e a megera foi catapultada diretamente para dentro do caldeirão fumegante. Jatoss de sopa fervente lançaram-se para todos os lados, e o fogo se apagou com o caldo transbordado. Depois do estrépito, silêncio.

Poison e Bram, que assistiram a tudo espremidos contra a parede do balcão, aventuraram-se até a beira da sacada e olharam para baixo. Tudo o que podiam ver da bruxa eram as solas imundas dos sapatos, que se projetavam através do caldo venenoso e quedavam imóveis contra a borda do caldeirão.

— Hummm... — disse Bram.

Aliviada e exultante, Poison deu uma sonora gargalhada.

— Tire logo essa pele de cachorro, homem! Está ridículo com ela! Bram arqueou as sobrancelhas e olhou para a amiga, que parecia ter-se banhado em sangue. Em seguida, tirou o couro e jogou-o dentro do caldeirão, junto com a bruxa.

— E agora o que vamos fazer com ela? — disse o caçador, apontando com o queixo na direção de Peppercorn, que ainda estava estirada sobre o chão, desmaiada. Andersen acabara de se enroscar sobre o colo inerte da garota.

— O que vamos fazer com *ela* — repetiu Poison. — Ora, isso não é problema nosso. Que ela faça o que bem entender!

Bram tossiu como de costume e alisou a bigodeira branca, tingindo-a de sangue.

— Isso não pode ser, Poison — disse. — Não podemos simplesmente abandoná-la aqui.

— Por que não?

— Porque não seria correto — respondeu Bram, sem titubear.

Poison suspirou. Não tinha nada contra Peppercorn, mas achava que a garota representaria um estorvo para eles dali em diante. Contudo, bastava olhar para Bram para saber que o homem jamais se deixaria convencer disso. Poison ficou terrivelmente irritada. Sentira-se *especial* ao saber que Bram arriscara a própria vida para salvá-la; mas, ao ver que a generosidade do caçador se estendia igualmente a Peppercorn, achou que o sentimento perdia um pouco do sabor.

— Muito bem — disse então, resignada. Aproximou-se de Peppercorn e tocou Andersen de seu confortável repouso. O gato obedeceu e contornou os tornozelos

de Poison, observando-a sacudir o corpo adormecido da garota.

— Peppercorn! Acorde! — disse. — Vamos sair daqui!

Peppercorn resmungou alguma coisa e abriu os olhos. Todavia, ao ver aquele fantasma ensangüentado à sua frente, deu um grito de pavor e desmaiou de novo. Poison ficou exasperada.

— Se quiser que ela vá conosco, terá de carregá-la — disse a Bram. Mas o caçador olhava através da janela, pois o luar havia se intensificado repentinamente.

— A bruma está indo embora — disse. — Já é quase meia-noite. Precisamos partir.

Poison olhou fixamente para o amigo.

— Tem certeza do que está fazendo? Se você ficar aqui, talvez a casa volte a ser o que era antes.

— Pode ser que sim — disse Bram. — E pode ser que não. Tudo aqui é mágica dos seres do Reino das Fadas. Não quero correr nenhum risco.

Poison tentou argumentar, mas Bram levantou a mão enluvada e não a deixou prosseguir.

— Estou aqui agora — disse. — Não posso fingir que estou feliz, mas esta foi minha escolha. Eu sabia o que me esperava quando entrei aqui atrás de você. Não vamos mais falar sobre isso, por favor.

E então, quando a lua atingiu o zênite, Poison e Bram saíram pela porta principal do casarão da Bruxa dos Ossos, com Peppercorn estirada sobre os ombros do caçador e Andersen atravessando o caminho dos dois amigos. Empurraram o portão de ossos e passaram para o outro lado, para o Reino das Fadas.



O sábio pescador

Era tudo como nas histórias.

Poison não pôde conter um sorriso de satisfação ao constatar o quão perfeita fora a sua imaginação ao criar imagens das histórias de Fleet tão parecidas com a paisagem que agora se esparramava em torno dela. O velho viajante jamais ousara dizer que um dia colocara os pés fora do Reino dos Homens — e, se tivesse dito, Poison não teria acreditado —, mas asseverava conhecer pessoas que tinham. E ainda havia os livros que ele costumava ler para Poison, e que mais tarde ela passaria a devorar por conta própria. Assim, depois de tanto ouvir e ler histórias, Poison acabou por formar uma imagem mental de como seria aquele reino ao mesmo tempo maravilhoso e *perigoso*. E ele era assim:

A vista era de tirar o fôlego. Poison e Bram estavam sobre uma colina pequena, mas esta colina erguia-se sobre outra muito maior, permitindo que eles tivessem uma visão panorâmica de todo o lugar. O céu tinha a cor do âmbar polido, entremeando-se de tiras púrpuras; o sol parecia inusitadamente próximo ao solo e brilhava como nunca, impossível de se olhar. A oeste, um rio do mais puro turquesa coleava nas entranhas verdejantes da terra, reluzindo sob a luz da manhã. A norte e a leste, uma imensa floresta vicejava em tons de vermelho, verde e amarelo, como se todas as estações do ano vigorassem ao mesmo tempo. Aqui e ali, ilhas de azul anil, folhas de árvores que Poison jamais havia visto antes. Além da floresta, montanhas cruzavam o horizonte, fantasmagoricamente distantes. A sul, as colinas quebravam-se em vales e morenas por onde o rio turquesa escoava e formava esplendorosas cachoeiras.

Bram virou-se para trás e viu o velho casarão inclinado, agora um minúsculo pontinho sobre uma colina a muitos quilômetros de distância. Eles haviam andado a noite inteira, afastando-se o máximo possível por medo de que a bruxa aparecesse atrás deles a qualquer instante. Estranhamente, nenhum dos dois estava cansado. Bram redistribuiu o peso de Peppercorn sobre os ombros, tossiu e arqueou as sobrancelhas cabeludas, olhando para Poison.

— Por acaso sabe para onde estamos indo? Não viemos aqui simplesmente para andar, andar, andar, e depois morrer de fome.

Poison estava tão perdida quanto ele; sacudiu os ombros e olhou para Andersen.

— E você, gato? Tem alguma idéia?

Andersen espremeu os olhos e piscou docilmente. Depois começou a trotar colina abaixo, em direção à floresta.

— Juro que esse bicho não é deste mundo — murmurou Bram novamente.

— É melhor você se acostumar — retrucou Poison. — *Este mundo* não é como o outro que você conhece.

E então seguiram o gato pelas encostas da colina. Andersen não parecia particularmente apressado; muitas vezes saía do caminho para sentir o perfume de uma flor exótica ou meter as garras sobre um inseto invisível. Poison deliciava-se com o maravilhoso dia de sol, embasbacada com a beleza daquelas partes do Reino. De alguma maneira, tudo ali parecia mais nítido e viçoso, ou talvez seus sentidos estivessem mais aguçados do que antes. Ela percebia o farfalhar da grama e via folhas individuais balançando na floresta ainda muito distante, como se a pureza do ar contribuísse para a acuidade de sua visão.

Estava tentada a comentar que o lugar não era tão ruim quanto diziam, mas sabia que, no momento exato em que dissesse isso, algo terrível aconteceria a eles. Como explicar o fato de que a vida, assim como as histórias, tinha um estranho senso de *timing*?

Chegaram à borda da floresta, onde havia um riacho. Deitaram Peppercorn sobre a relva e limpavam-se do sangue dos cachorros de Maeb. Mais adiante, Andersen também cuidava de sua higiene pessoal. Tão logo terminaram, despertaram Peppercorn do sono profundo em que se encontrava. Poison achou que a garota apagaria novamente quando visse que estava fora do casarão, mas enganou-se. Enquanto se secavam ao sol, cuidadosamente contaram a ela o que havia acontecido, omitindo, é claro, os detalhes mais repugnantes. Maeb não existia mais e não viria atrás deles. Peppercorn estava livre, quisesse ela ou não. Haviam saído do Reino dos Homens e estavam a caminho de um encontro com o Senhor do Reino das Fadas.

Peppercorn digeriu as informações com uma expressão de choque sobre o rosto.

— Você ainda pode voltar, se quiser — disse Poison, achando que deveria oferecer essa opção para que a garota não pensasse que havia sido seqüestrada.

Peppercorn balançou o rosto vagamente, fazendo sacudir os cachinhos dourados dos cabelos. Mas não disse nada. Poison virou-se para Bram com uma interrogação no olhar, pois não sabia se o gesto significava sim ou não. Mas, assim que eles se secaram completamente e tomaram o rumo da floresta, Peppercorn também se levantou e seguiu atrás deles, ainda sem dizer palavra.

A floresta era tão linda pelo lado de dentro quanto parecia ao longe. Estranhamente, não se via ali o tapete de folhas mortas e galhos que geralmente cobria o solo das florestas no Reino dos Homens. Na verdade, nenhuma folha parecia fora do lugar; nenhum galho parecia mal posicionado de modo a conspurcar a beleza da árvore que lhe dava sustentação. Ali não havia ervas daninhas nem pragas. Não havia a desordem que fazia parte do ciclo da vida nos Pântanos Negros. O lugar parecia uma pintura, uma visão: era perfeito. Poison não confiava naquela floresta, nem um pouquinho.

— Tudo é tão lindo! — disse finalmente Peppercorn, cruzando as mãozinhas diante do peito, como se rezasse.

— Sim, mas eu não cheiraria aquelas flores ali se fosse você; sei lá o que poderia acontecer! — disse Bram, tão desconfiado quanto Poison.

— Que bobagem! — disse Peppercorn, objetando à rabugice do caçador.

— Ele tem razão — disse Poison, lembrando-se das histórias de Fleet. — A fantasia opera através da ilusão. Não se deixe enganar. Este Reino é muito perigoso.

Peppercorn torceu o nariz diante do conselho, mas Poison percebeu que, dali em diante, a menina passou a olhar desconfiadamente para os lados enquanto caminhava.

O sol já se punha no horizonte, e até então os viajantes ainda não haviam visto outros seres vivos que não fossem eles próprios. Embora a floresta fervilhasse com o canto de pássaros e com o alarido estranho de animais desconhecidos, eles não chegaram a ver sequer um inseto pelo caminho. Pararam para descansar sobre uma clareira e comeram o que ainda havia para comer nas mochilas de Poison e Bram. Os galhos das árvores próximas mexiam-se e farfalhavam com a movimentação de pássaros, mas nunca se viam as criaturas propriamente ditas. Tudo aquilo era profundamente inquietante.

Bram chegara a desconfiar do gato, achando que ele também não sabia por onde ia, embora parecesse muito seguro de si. Todavia, Peppercorn assegurou-lhe que o bichano conhecia muito bem aquele lugar.

— Ele apareceu quando o casarão estava no Reino das Fadas — disse ela. — Lembro-me bem, pois o sol estava muito forte. Os dias aqui são sempre muito mais ensolarados que no outro Reino. Eu olhava pela janela, quando ele apareceu atrás de mim. Deve ter entrado por uma janela aberta qualquer. Bem, ele viu que eu me sentia solitária e resolveu ficar. Não é uma gracinha?

Peppercorn tomou o gato no colo, esfregou as bochechas nele e começou a falar em tatibitate, como se carregasse um bebê no colo. O bichano miou de surpresa e tentou se desvencilhar daquela situação constrangedora. Mas não resistiu aos afagos da garota e logo estirou a pança, ronronando de prazer. Poison

demonstrou incredulidade diante daquela cena desnecessária e excessivamente açucarada, pelo menos para ela.

— Quer dizer então que Andersen é um gato do Reino das Fadas? — perguntou Bram, antes que Poison fizesse algum comentário sarcástico.

— Sei lá — disse Peppercorn, soltando o bichano no chão. — Só sei que ele veio daqui quando me encontrou. Acho que já esteve em vários lugares, mas não me conta tudo...

E então continuaram a caminhar, seguindo no encalço de Andersen, sem saber ao certo para onde ele os levava nem se ele de fato os levava para algum lugar. Uma vez que não tinham a mais vaga idéia de onde estavam, um caminho parecia-lhes tão bom quanto outro qualquer.

Ainda não estava escuro quando encontraram o estranho ao fim de uma trilha.

A trilha estreita cobria-se de uma pérgula de árvores, cujas raízes entravam e saíam do solo, mas não exibiam marcas de terra nem cicatrizes de pragas. Conduzia a um descampado, dominado por um lago pequeno que parecia flamejar sob a luz do sol poente. De um lado do lago, havia um casebre que parecia ter brotado do chão: uma excrescência com paredes de taipa mofadas e teto de sapê. Diante do casebre, um píer de madeira estendia-se sobre as águas do lago, e, na ponta desse píer, uma figura bizarra sentava-se segurando uma vara de pescar.

Os viajantes observavam-na ao longe, ainda desapercebidos. A criatura era magricela e tinha a mesma pele esverdeada e úmida dos sapos. Dois olhos enormes e esbugalhados emolduravam o par de fendas que faziam as vezes de narinas sobre a face. A boca era pequena e, na ausência de um queixo, parecia unir-se diretamente ao pescoço. Dedos longos e calombentos cruzavam-se em torno da vara. Pernas finas e compridas penduravam-se da borda do píer. O tronco escondia-se sob uma capa que parecia feita de pele de urso, mas que exibia cerdas como a carapaça de um porco-espinho. A cabeça parecia minúscula em comparação ao tamanho da capa.

— Ele parece triste — comentou Peppercorn, preocupada. E de fato, ao perceber a presença dos viajantes, a criatura simplesmente suspirou e continuou a olhar com enfado para as águas do lago.

— Ele é um ser da fantasia — murmurou Bram. — Não devemos confiar nele. Poison ficou curiosa com uma coisa: por que Bram e Peppercorn já haviam decidido que a criatura era do sexo masculino? Na verdade não dava para saber, pois a figura não só tinha uma aparência indefinida como também pertencia a outro mundo.

— Bem, logo, logo vai escurecer. Andersen nos trouxe até aqui, e acho que ele sabe o que está fazendo — disse Poison. Andersen deu um miado de concordância,

trançando alegremente por entre as pernas dela. — Será que devemos nos apresentar?

— Sim, mas sejamos muito cuidadosos, todos nós — disse Bram, franzindo as sobrancelhas espessas sob as abas do chapéu.

O estranho virou a cabeça para ver os forasteiros que se aproximavam, mas não disse nada. Em vez disso, retomou a pescaria e deu mais um suspiro. Os viajantes subiram no píer e prosseguiram cautelosamente até a extremidade. Poison podia ver os peixes enormes e coloridos que nadavam por ali, mas nenhum deles parecia interessado na isca que boiava na superfície.

Bram tossiu.

— Então chegaram nossos heróis — disse o estranho. Sua voz não passava de um murmúrio roufeno.

— O que foi que disse? — perguntou Poison.

A figura bizarra depositou a vara de pescar num caixote de madeira ao seu lado e levantou-se sobre a borda do píer. Esbugalhou os olhos amarelos para ver melhor os forasteiros.

— Hummm... Até que não são ruins... — disse ele seriamente, passando pelos viajantes e caminhando em direção ao casebre. — Já não agüentava mais aquela corja de guerreiros musculosos, feiticeiras bonitonas e malandrinhos do bem...

Poison e Bram entreolharam-se, confusos. Depois, como o estranho não desse sinais de que ia parar, Poison correu atrás dele e se apresentou.

— Hummm... Olá! Meu nome é Poison.

A criatura parou, olhou para ela e depois voltou a olhar para o chão.

— Belo nome — disse com sinceridade. — Achei que se chamasse Melisanda ou Arial.

— Argh... — rosnou Poison. — E por que eu me chamaria assim?

— Porque é assim que as garotas do seu tipo se chamam. Por acaso não é uma princesa?

— Eu jamais gostaria de ser princesa — retrucou a menina. — Todo mundo hoje em dia quer ser princesa. Não tem mais graça.

— Ah, e o que quer ser então?

— Não quero ser nada. Só quero encontrar o palácio do Senhor do Reino das Fadas e pedir a ele que devolva minha irmã.

— Só isso? — disse o sujeito. — Mas aposto que é só o começo...

— O começo do quê? — perguntou Poison, exasperada.

— Por acaso acha que o Senhor do Reino das Fadas simplesmente *devolverá* sua irmã? Não... É preciso que haja provações, pelejas, obstáculos, reviravoltas, revelações surpreendentes... Você terá de *merecer* sua irmã. Você não viu nada ainda. Ainda tem um longo caminho a percorrer, acredite.

Poison não entendera nada daquela conversa. Assim, depois de alguns minutos de estupefação, balançou a cabeça e disse:

— Afinal, você pode dizer qual é o caminho para o palácio do Senhor do Reino das Fadas, ou não?

— Claro que sim — respondeu o outro, visivelmente entediado. — Venha comigo e eu lhe direi. — E então o sujeitinho esverdeado entrou em seu casebre de taipa e sapê, seguido pelos viajantes.

O lugar era escuro e apertado. Uma lareira, alguns bancos, uma mesa... e quase nenhuma outra peça de mobiliário. Uma vala rasa, coberta de palha, servia de cama. O telhado era tão baixo que Bram fora obrigado a se curvar para entrar. Ao passar pela porta, Peppercorn bateu com o cotovelo em algum lugar e deu um grito de dor. O estranho caminhou até a lareira e jogou alguns gravetos sobre as brasas para reavivar o fogo. Quando as chamas estavam altas o bastante, ele buscou um pote preto e colocou água para ferver.

— Meu nome é Myrrk — disse. — Não lhes parece um nome apropriado para alguém tão sombrio quanto eu? É engraçado como os nomes podem ser reveladores... Gostaria de lhes oferecer um lanche, mas ainda não pesquei nada hoje. Na verdade, eu nunca pesco nada, dia nenhum. O lago está apinhado de peixes suculentos e não consigo tirar um deles para fora d'água há mais de cem anos!

— Cem anos! — exclamou Peppercorn.

— E o que você come então? — quis saber Poison.

— Peixe. Quando consigo pescar.

— Mas você disse que não pescou nada nos últimos cem anos...

— Sim, disse.

— Então faz cem anos que você não come?

Myrrk balançou os ombros.

— Suponho que sim.

— Então como não morreu ainda? — perguntou Poison, sem medir as palavras.

— Boa pergunta — disse Myrrk. — Acho que *ele* não pensou nisso quando me colocou aqui.

— Ele, quem?

— O Hierofante. Como é trágica minha história... Sempre pescando, dia após dia, sem pegar nada. Até mesmo minha aparência é triste, não acham? Mas ele não pensou em todos os detalhes. Afinal, o que eu *realmente* como se não consigo pescar? Literatura de segunda, é o que eu acho...

— Não sente fome? — perguntou Peppercorn, preocupadíssima com a situação do outro.

— Acabei de dizer que não como há cem anos! Você não estaria com fome também?

— Estaria morta — respondeu Peppercorn enfaticamente.

— Aceita um pouco de chá? — ofereceu Myrrk.

— Por favor — aceitou a menina.

Os outros aceitaram também, talvez apenas para não frustrar o excêntrico e amalucado anfitrião. Poison nem se deu o trabalho de perguntar quem era o Hierofante, pois achou que não deveria estimular os delírios de Myrrk. Além disso, não queria se desviar de sua verdadeira missão: recuperar Azalea. Mas havia uma lógica estranha nas palavras dele, uma lógica que talvez fosse incompreensível aos outros; Poison chegou a suspeitar que o sujeito não era de todo aloprado.

— E o tal palácio... — disse Bram, depois de algum tempo. Myrrk levantou-se para buscar as xícaras, e todos tiveram de se espremer para desviar do robusto manto de espinhos.

— Ah, sim, o palácio. Pode-se chegar ao palácio de qualquer lugar do Reino, desde que se queira. Por acaso conhecem a erva-do-fogo? — perguntou, mostrando um maço grande de ervas verdes.

Poison respondeu que sim. A tal erva medrava nos pântanos onde tinha crescido.

— Então deve ser recém-chegada ao Reino, se não sabe o que ela faz. A erva-do-fogo se queima de um jeito especial. Você faz uma fogueira enquanto o sol se põe, joga a erva no fogo e a deixa queimando ali. É isso que eles chamam de “atalho”. Para não obstruir o caminho das coisas, entendem?

Poison mais uma vez não entendeu direito o que o sujeito disse, mas era inteiramente a favor dos atalhos. A paciência jamais figurara entre suas virtudes.

— Vocês querem mesmo ir até o palácio, não querem? — perguntou Myrrk, esticando o pescoço úmido e olhando melancolicamente para os viajantes. — Não poderão voltar atrás depois que o sinal for emitido.

— Sim, queremos — respondeu Poison, sem titubear. Peppercorn arregalou os olhos, mas não disse nada. Myrrk jogou a erva nas labaredas da fogueira, afugentando Andersen, que de alguma forma conseguira se esparramar no lugar mais confortável e quente do casebre. O fogo arrefeceu por um instante e depois cresceu novamente. Poison percebeu que a fumaça negra agora exalava com manchas avermelhadas e que a lareira se iluminara como se as pedras tivessem incandescido.

— Ele está vindo — disse Myrrk.

— Ele, quem? — perguntou Bram.

— O Cocheiro — respondeu o outro.

— Vamos de carruagem para o palácio? — perguntou Peppercorn, animada, sem perceber a ênfase que Myrrk dera à palavra, como se quisesse verbalizar a inicial em maiúscula.

— Direto para o palácio do Senhor do Reino das Fadas — concordou Myrrk. Poison não gostou nem um pouco do tom de voz do anfitrião.

Myrrk serviu-lhes o chá, e os viajantes, em troca, ofereceram-lhe um pouco da comida que traziam nas mochilas. O chá era verde e amargo, com pedacinhos de erva boiando sobre a superfície, mas tinha uma qualidade indefinível que o tornava agradável de beber. Poison observou que Bram não bebia o dele, nem se preocupava em esconder a expressão de desconfiança estampada no rosto.

A criatura melancólica sentou-se num dos bancos. O fogo na lareira não só deixava o casebre aquecido, como também emanava uma luz aconchegante que mantinha a escuridão da noite do lado de fora. Myrrk de fato tinha um aspecto triste, mas não parecia perigoso. De forma alguma. No entanto, refletiu Poison, tudo era possível no Reino das Fadas.

— Gostaria de fazer uma pergunta — disse ela, depois de algum tempo. — Na verdade, duas. Você não parece feliz neste lugar. Não consegue pescar nada, e nunca come. E, no entanto, está aqui há mais de cem anos. Então eu pergunto: como veio para cá, e por que não vai embora?

Myrrk piscou os olhos e levantou a cabeça como se ela pesasse uma tonelada.

— Ora, ninguém nunca me perguntou isso durante esses cem anos. Por que não vou embora?

— Sim — disse Poison. — Por quê?

— Tentei uma vez — respondeu Myrrk. — Mas não recomendaria isso a ninguém.

— O que aconteceu? — insistiu Poison, lembrando-se de Lamprey, que sempre respondia suas perguntas com frases vagas. Mas não estava disposta a deixar que Myrrk se evadisse sem lhe dar as informações que queria.

Myrrk fitou-a diretamente nos olhos por um bom tempo.

— Talvez um dia você descubra por conta própria. Sim, você é da minha turma. Gosta de fazer perguntas. Posso responder sua primeira pergunta antes da segunda? Quer saber como vim para cá? Bem, na verdade não sei. Simplesmente apareci aqui um dia; não me lembro de mais nada. E então comecei a fazer perguntas. Mas ninguém me dava ouvidos, todo mundo só se interessava em fazer o que tinha de ser feito, e o mais rápido possível, sem refletir sobre suas ações. — Myrrk fez uma pausa para dar uma tragada no chá e depois continuou. — Mas a pescaria dá azo à reflexão, e eu refletia muito. Eu ouvia as histórias que as pessoas me contavam, as pessoas que passavam por aqui, e acabei deduzindo.

— Deduzindo o *quê*? — perguntou Poison.

— Como cheguei até aqui — respondeu Myrrk.

— E como foi afinal?

— É melhor você perguntar ao Hierofante.

— E por que *você mesmo* não pode me dizer? — insistiu Poison.

— Não é assim que funciona — suspirou Myrrk, genuinamente entristecido.

— Há leis a obedecer, um jeito certo de se fazer as coisas. Você não pode descobrir tudo de uma só vez. É cedo demais.

Poison rilhou os dentes, irritada.

— E minha segunda pergunta?

— Ah, sim — disse Myrrk. — Bem, como eu disse, há um jeito certo de se fazer as coisas. Cada um de nós tem uma função particular a cumprir, uma contribuição a dar. E se pararmos de fazer o que temos de fazer, isso atrapalha o andamento de todo o processo. Tudo funciona como uma corrente, percebe? Minha função é permanecer aqui. É dar todas as respostas. Sempre que as pessoas se perdem, elas acabam me encontrando e eu as encaminho da melhor maneira possível. Providencio um atalho para elas, assim como fiz para vocês. — Myrrk parecia murchar sobre o banco, fitando o chão com os olhos amarelos. Andersen fingia dormir, mas na verdade observava o sujeito através de um olho semi-aberto. — Meu destino não era sair por aí, vagueando. Toda vez que eu fazia isso, as pessoas se perdiam, e as coisas começavam a dar errado.

— Por que você parava de fazer o que tinha de fazer? — perguntou Peppercorn, com os olhos arregalados.

— Porque não é assim que as coisas funcionam — resmungou Myrrk. — Certa vez, tive minha própria história, mas não gostei dela e tentei mudá-la. Não recomendo isso a ninguém.

Poison foi obrigada a engolir sua próxima pergunta. Do lado de fora, uma ventania súbita começou a soprar e a invadir o casebre, chacoalhando chaleira, xícaras e pratos; mas logo foi-se embora, dando lugar ao tropel de cavalos refreados.

— É melhor vocês se apressarem — disse Myrrk, apontando um dedo calombado em direção à porta. — O Cocheiro não esperará por muito tempo.

Todos saíram do casebre. Peppercorn, que carregava Andersen no colo, ficou estupefata ao ver a carruagem que esperava por eles próximo ao lago. Quanto a Poison, mais uma vez teve de lembrar a si mesma de que não devia se deixar levar pela beleza das coisas no Reino das Fadas, pois o que estava diante de seus olhos era suficientemente deslumbrante para fazê-la esquecer.

A carruagem era toda branca, com eixos de marfim, aros de ouro e calotas filigranadas em prata. Quatro corcéis ariscos, de crinas brancas como a neve, agitavam-se sob o arnês, composto de grandes placas de couro branco. Assim que

viram os humanos, começaram a balançar a cabeça e a morder os bridões. Embora fossem lindos, exibiam certa frieza no olhar, como se desprezassem as pessoas ali reunidas.

O Cocheiro sentava-se à boléia e escondia-se sob um manto enorme e um capuz, deixando à mostra somente as mãos que seguravam as rédeas. Tinha lá seus dois metros de altura e, se estivesse de pé, faria Bram parecer um anão. Do alto da carruagem, lançou um olhar para os passageiros iminentes. Foi então que os viajantes puderam ver seu rosto de porcelana, sua pele alvíssima e suas feições absolutamente perfeitas. Todavia, assim como os cavalos, o Cocheiro fitava-os com inegável desprezo.

A porta da carruagem abriu-se sem o auxílio de ninguém.

Receosa, Peppercorn olhou para Bram e Poison, apertando o gato contra o peito. Poison olhou para Myrrk, que olhava para todos com a costumeira melancolia.

— Procurem o Hierofante. Ele lhes dará todas as respostas.

E todos subiram na carruagem, sem dizer palavra.



Propostas e partidas

O palácio do Senhor do Reino das Fadas ficava próximo à confluência de uma dúzia de rios e regatos, tão bonito e elegante quanto uma jóia. Era uma enorme lasca de jade cravada no chão. Compunha-se de uma infinidade de flechas e minaretes que se acumulavam na base e minguavam gradualmente até restar apenas uma única torre. Exuberante e imponente, essa torre central sobrelevava todas as outras e adelgaçava-se no ápice até a espessura de uma agulha.

O sol-fantasia, muito maior que o normal, despontava no horizonte quando Poison e sua trupe chegaram ali. Vista das alturas, a paisagem era ainda mais deslumbrante. A luz da manhã atravessava a superfície esverdeada do palácio e refletia-se, dourada, sobre o emaranhado de rios e lagos que cortava a vegetação em torno dele.

— Você precisa ver isso, Peppercorn! — disse Poison, mas a garota de cachos dourados nem se mexia. Ela havia se deitado no banco de trás da carruagem e tapado os olhinhos com as mãos fechadas em punho. Ficou nessa mesma posição desde que, em meio aos gritos de surpresa, a carruagem subitamente ergueu-se do chão e levantou vôo, os cavalos pisoteando o céu como se estivessem em terra firme. Peppercorn, naturalmente, não era afeita às alturas e evitava a todo custo olhar pelas janelas, indiferente aos apelos do gato que lhe lambia as faces carinhosamente.

O palácio avultava-se à medida que a carruagem se aproximava dele. A viagem havia demorado menos de uma hora e, todavia, a noite havia passado e já era manhã; os passageiros sentiam-se descansados como se tivessem acordado de um longo período de sono, embora nenhum deles sequer tivesse tirado uma soneca. Quando Poison comentou sobre isso com Bram, o caçador lembrou-a do que havia dito antes, na noite em que ela partira para a casa da Bruxa dos Ossos: “O tempo lá é diferente do nosso tempo aqui”. E emendou:

— É possível que estejamos viajando há mil anos e, quando voltarmos, não reconheceremos nada.

Poison refletiu sobre isso por um instante.

— Não vou sentir saudades de muita coisa. Talvez de Fleet. E talvez de meu pai, mas este provavelmente estará muito mais feliz sem mim.

— Será? Isso é uma coisa terrível de dizer — observou Bram.

— Não é terrível porque é verdade — argumentou Poison. Ele e Snapdragon, minha madrastra, só queriam me ver fora do caminho deles depois que se casaram, embora procurassem disfarçar. — E, percebendo o olhar cético do caçador, ajuntou: — Não é chlique de adolescente, Bram, pode ter certeza. Sei muito bem do que estou falando. Eu era apenas um estorvo para eles. Um *veneno*.

— Ah, foi por isso então que você escolheu esse nome — disse Bram, curvando os bigodes com um sorriso irônico. — Eu deveria ter sabido.

— E você vai sentir saudades do quê? — perguntou Poison, olhando mais uma vez pela janela. Faltava pouco para sobrevoarem o palácio.

— Dependerá do que tiver mudado — respondeu o caçador. — Não vou perdoar esse tal Senhor do Reino das Fadas se, quando eu voltar, não fizerem mais aquelas tortas de lingüiça no mercado de carnes de Shieldtown...

Poison riu com gosto e deu-lhe um tapinha nas costas.

— Você é mesmo um bobo!

— Hummm... — resmungou Bram, sorrindo. E não disse mais nada.

* * *

A carruagem pousou dentro de uma das torres laterais mais baixas do palácio, depois de atravessar um enorme portal em forma de arco. Ouvindo o tropel dos cavalos sobre o chão, Peppercorn ousou olhar entre os dedos, mas só relaxou de verdade quando a carruagem parou por completo. A porta se abriu — novamente sem o auxílio de ninguém — e Bram ajudou as garotas a descer. Andersen foi o último a saltar para o chão. Assim que todos desembarcaram, a porta se fechou. O Cocheiro olhou para os passageiros com uma expressão glacial, manobrou a carruagem e sacudiu as rédeas. E os cavalos galoparam através do portal, desaparecendo na vastidão límpida do céu cor de âmbar.

A sala em que foram deixados era circular e ampla. Não havia nada ali, a não ser o vasto disco de bronze, encastado no piso, onde pousara a carruagem. Tanto as paredes quanto o chão eram de mármore veiado em tons de verde. Uma das paredes abrigava uma porta pequena e arqueada, sobre a qual se viam diversas serpentes esculpidas em metal patinado. Poison, Bram e Peppercorn entreolharam-se assim que se dissiparam os ecos produzidos pela decolagem da carruagem.

— E agora? — perguntou o caçador.

Então a porta se abriu, dando vazão a uma massa confusa de barulho e movimento. No centro da pequena multidão encontrava-se um homenzinho magro, de rosto chupado, vestindo um terno marrom e fazendo anotações com uma caneta de pena sobre um livro encadernado em couro. Ele caminhava a passos largos em

direção aos viajantes, abrindo caminho entre o séquito de diabinhos — criaturinhas minúsculas, pálidas, demoníacas, com asas de morcego — que tagarelavam sem parar à sua volta. Os diabinhos bombardeavam-no com relatórios, observações e comentários sobre os mais variados assuntos, e ele respondia com ordens, instruções e mais perguntas. Com impressionante rapidez, o homenzinho atravessou a sala e parou diante dos recém-chegados. Em seguida, acenou com a mão, e os diabinhos se dispersaram como um bando de pássaros assustados, voando pela porta de bronze ou através do imenso portal arqueado, até sumirem todos.

O homenzinho ajustou os óculos redondos sobre o cavalete do nariz afiladíssimo e olhou sobre as lentes, na direção de Bram.

— Nomes! — ordenou, sem circunlóquios.

— Bram de Oilskin, Poison de Gull, Peppercorn de... — e então Bram não soube o que dizer.

— Peppercorn de *onde*? — insistiu o homenzinho.

— Peppercorn, egressa do quadro de serviçais de Maeb, a Bruxa dos Ossos — interveio Poison, caprichando nas palavras.

— Ah. E como vai nossa querida Maeb?

— Morta — disse Poison. Peppercorn não se surpreendeu com a resposta, pois já supunha isso, mas ficou visivelmente triste.

— Excelente — retrucou o homenzinho, sorrindo e exibindo dentes de gato, extremamente afiados. — Isso nos libera um imóvel de extremo valor — explicou-se. Fez mais algumas anotações e depois fechou o livro. — Meu nome é Scriddle, sou secretário de Aelthar, Senhor do Reino das Fadas. Suponho que estejam cientes de que, em virtude de uma lei francamente enfadonha, vigente desde os tempos de Amrae, o antigo Hierofante, todos os seres inteligentes nascidos no Reino dos Homens têm direito a uma única audiência com o Senhor ou Senhora de qualquer Reino estrangeiro, e que a segurança dos referidos seres é garantida pela honra do referido Senhor ou da referida Senhora, pelo menos até o término da audiência, quando então cessam todas as obrigações legais e cada um dos referidos seres deverá, por assim dizer, salvar a própria pele, pois não?

— Não estamos cientes de nada — disse Poison, assustada com o palavrório.

— Pois agora estão — retrucou Scriddle. — E quem é este aí? — perguntou, apontando a pena da caneta em direção ao quarto membro da trupe de viajantes.

— Este é Andersen — disse Peppercorn, pegando o bichano no colo e apertando-o contra o peito.

— Muito bem — disse o homenzinho, sem nenhuma ênfase. Virou-se de costas e partiu em direção à porta. — Sigam-me! Aelthar recebê-los-á imediatamente.

O Grande Salão do palácio de Aelthar era suntuosíssimo, mas os viajantes já estavam tão enfastiados com o excesso de beleza daquele lugar que nem se deram conta disso. Haviam atravessado corredores onde viram coisas que jamais haviam visto antes, artefatos de suprema beleza que empanavam o brilho das mais sofisticadas criações humanas e que talvez só encontrassem rivais nas maravilhas da própria natureza. Haviam cruzado pontes de cristal sobre profundezas abissais, ladeadas por cascatas gigantescas e cristalinas. Haviam passado por uma janela circular que refratava a luz do sol, decompondo-a nas cores do arco-íris e formando um tapete multicolorido sobre o chão. Haviam visto salas decoradas com tapeçarias fantásticas, tão soberbas que até o calejado Bram se deixara comover, e murais que, de tão intrincados, não puderam compreender.

E ainda havia as próprias criaturas do lugar: nereidas, ondinas, ninfas, fadas, trasgos... e várias outras cujos nomes Poison sequer conhecia. Elas passavam pelos viajantes com uma elegância fria e celestial, sobreolhando os humanos repugnantes que lhes atravessavam o caminho. O Reino das Fadas excedia-se em perfeição e beleza, e aqueles humanos suarentos e malcheirosos que quebravam a harmonia do lugar eram vistos como verdadeiros insultos. Poison sentiu-se subitamente imunda, como um bicho dos pântanos que tivesse aparecido no baile de uma princesa. Sentia-se a um só tempo maravilhada e ofendida.

“Quero ir embora tanto quanto vocês querem me ver longe daqui”, disse ela para si mesma. “Mas vocês levaram minha irmã, e estou aqui para buscá-la.”

O Grande Salão era presumivelmente enorme, revestido com lajes de uma pedra azulada e lustrosa que lhe conferiam um aspecto úmido. Não era tão grande na largura e no comprimento, mas sim na altura, pois o salão havia sido construído no vão de uma torre estreita e altíssima. Olhando-se para cima, não se via um teto, mas o vértice da torre a dezenas de metros do chão. Vigas esculpidas com esmero alinhavam-se paralelamente até o alto. Janelas compridas e estreitas esparramavam a luz do dia sobre o salão, no centro do qual ficava o trono real.

O Senhor do Reino das Fadas tinha mais de dois metros de altura e refestelava-se no trono com a mesma expressão quieta e fulminante de um leão. A cabeleira ruiva, desgrenhada de propósito, contrastava com a pele excessivamente alva. Era bonito como a maioria dos seres de seu Reino, mas o olhar era duro, cruel e arrogante. Vestia uma armadura de prata, aparentemente leve como o ar, que não fazia nenhum ruído quando ele se mexia e refletia a luz magnífica da manhã. Ao lado dele, uma espada de impressionante manufatura pendia de um suporte ornamental; era tão perfeita que até um leigo poderia jurar não haver outra igual em todo o Reino.

Espalhados pelo Grande Salão, uma variedade enorme de seres fantásticos — etéreos no aspecto e malévolos no olhar — observava Poison e seus companheiros

serem conduzidos até a presença de seu Senhor. Scridde seguia à frente do grupo, caprichando na postura e exibindo um sorriso afetado no rosto.

— Digníssimo Aelthar — disse, fazendo uma medida. — De acordo com os termos da Lei de Amrae, quatro viajantes oriundos do Reino dos Homens postulam uma audiência com vossa senhoria.

Poison percebeu um frisson pelo salão. Todos olhavam para eles agora.

— Uma audiência? — murmurou Aelthar, fitando Poison diretamente nos olhos. Poison devolveu-lhe um olhar firme e sóbrio. Parada ali, diante do déspota, sentiu novamente toda a raiva que sentira ao saber do rapto da irmãzinha e procurou usar essa raiva para aplacar o medo que ameaçava derrotá-la de antemão. Ela estava no coração de um Reino que não era o seu, no meio de estranhos que jamais lhe prestariam a ajuda necessária em caso de apuros. Portanto, não se encontrava em posição de fazer exigências, nem tinha como evitar que Aelthar fizesse com eles o que bem entendesse. Pela primeira vez, questionou se havia tomado a decisão certa ao partir de Gull. Talvez Azalea já estivesse morta e, nesse caso, todo o seu esforço teria sido em vão. Ou talvez ela, Poison, tivesse caído numa armadilha e jamais sairia dali com vida. Os seres do Reino das Fadas eram notoriamente volúveis: não havia como prever se eles cortariam a cabeça dela ou simplesmente devolveriam Azalea.

“Não. Não fariam nada durante a audiência”, refletiu Poison. “Era contra a lei. Mas depois...”

Além disso, não era possível voltar atrás. Ela havia assumido um risco, assim como Bram e Peppercorn, que alisava Andersen e mordida os lábios nervosamente.

O Senhor do Reino das Fadas esperou até que o silêncio do salão ficasse insuportável e depois trovejou:

— Bem, não há como evitar estes pequenos aborrecimentos. Que falem os humanos!

Poison estava com a garganta seca. Tentou formular mentalmente alguma frase respeitosa e prudente, mas não conseguiu. Em vez disso, simplesmente abriu a boca e falou com a objetividade de sempre.

— Seu Espantalho levou minha irmãzinha — disse — e vim aqui para buscá-la.

Sem acreditar no que acabara de ouvir, Aelthar ficou paralisado por um breve instante e depois... caiu na gargalhada. Todos os presentes começaram a rir também, cercando os humanos de escárnio e crueldade. Poison sentiu as bochechas queimarem de vergonha e raiva. O Senhor do Reino das Fadas não parava de rir, e as lágrimas já lhe escorriam pelo rosto. Peppercorn tapava os ouvidos, aflitíssima com o alarido infernal. Bram colocou a mão enluvada sobre o ombro de Poison e disse-lhe que não ficasse nervosa.

Mas Poison *estava* nervosa. Com o sangue fervendo nas veias, desvencilhou-se de Bram e deu um passo adiante, aproximando-se do trono.

— *Qual é a graça afinal?* — berrou a plenos pulmões. O silêncio instalou-se tão rápido que Poison ainda pôde ouvir a própria voz ecoar fantasmagoricamente por todo o salão. De um segundo a outro, os fantásticos presentes — e o Senhor deles — retomaram a mesma serenidade glacial de antes e fixaram o olhar na garota impertinente.

— Perdão — disse Aelthar, com inesperada indulgência. — Mas a espécie de vocês é mesmo muito engraçada.

— Vocês podem se faltar de tanto rir que eu não me importo! — disse Poison, ríspida. — Mas exijo que devolvam minha irmã, em troca da réplica que deixaram em seu lugar. Ouvi coisas maravilhosas a respeito do Senhor do Reino das Fadas, mas jamais ouvi dizer que era ladrão!

Nesse instante, o ar pareceu ficou mais espesso no salão. Aelthar empertigou-se no trono, visivelmente irritado.

— Cuidado com as palavras, criaturinha insignificante! Não é roubo tomar o que já é seu.

— Nenhum humano lhe pertence! — desafiou Poison. — É verdade que somos um povo dividido e não temos um líder para nos defender. Também é verdade que suas criaturas infestam nossas terras e infernizam nossa gente! Mas não somos vassalos seus! Sou Poison de Gull, minha irmã é Azalea de Gull, e nenhuma das pessoas de minha aldeia jamais jurou fidelidade a este Reino!

— Você pensa duas vezes antes de esmagar uma aranha com os pés, Poison de Gull? Você pergunta ao peixe que vai comer se ele jurou fidelidade a alguém? Ora, a aranha e o peixe *pertencem* a você; é direito seu decidir sobre o destino deles! Assim como é direito *meu* decidir sobre o *seu* destino, e sobre o destino de sua gente! Os humanos não passam de animais para nós, apesar da estranha importância que dão a si mesmos. Faço com eles o que eu quiser!

— Há uma falha em sua argumentação, Aelthar — retrucou Poison, determinada em não se deixar vencer. — Eu esmago uma aranha porque, se não o fizer, ela poderá morder a mim ou a um de meus semelhantes. Eu mato um peixe porque preciso comer. Mas os humanos não representam nenhuma ameaça para este Reino, como você mesmo acabou de dizer, e vocês não precisam de nós para nada. Os crimes que cometo são em nome da sobrevivência. Os crimes que você comete não têm justificativa nenhuma.

Todos acompanhavam o debate com enorme interesse e esperavam ansiosos pela contra-argumentação de Aelthar. Mas o Senhor do Reino das Fadas simplesmente afundou no trono, arqueou as sobrancelhas e disse:

— Você é muito perspicaz, garota. Estou quase impressionado. — Em seguida, fez um sinal para Scriddle, que logo se aproximou do trono. Aelthar sussurrou alguma coisa no ouvido do secretário, Scriddle sussurrou algo de volta, e os dois olharam para Poison. E então Scriddle fez uma medida e saiu do salão.

— Sua irmã... — disse Aelthar. — Azalea, não é mesmo? Os humanos escolhem os nomes mais peculiares...

Poison achou que poderia dizer um bom desaforo naquele momento, mas, ao se lembrar do malfadado encontro com Lamprey, acabou engolindo as palavras.

— Precisamos conversar — disse Aelthar. — Em particular. E, com um aceno de mão, ele e Poison desapareceram no ar.

* * *

Surpresa, Poison olhou em torno de si por alguns instantes, mas não se deixou desorientar pelo truque. De um segundo a outro, deixara a sala do trono do Senhor do Reino das Fadas e aparecera ali, no topo da torre mais alta do palácio. Uma sacada circular equilibrava-se bem na pontinha da torre sem que nenhuma escada conduzisse até ela; portanto, o lugar era totalmente inacessível, a não ser por via aérea ou por truques de magia. Poison estava lá, na ponta daquela agulha, tão próxima das nuvens que achou que poderia tocá-las. Era como se dali pudesse ver o Reino inteiro: as planícies salpicadas de lagos, as florestas e as montanhas, o contorno sinuoso das praias, e, mais além, os mastros dos navios fantásticos que velejavam ao longo da costa.

Um vento frio fustigava-lhe o rosto. Para ver Aelthar, precisava espremer os olhos e prender com as mãos os cabelos desgovernados. Sentia-se ridiculamente baixa diante daquele gigante de mais de dois metros de altura. O déspota carregava no talim a espada magnífica que ela vira antes na sala do trono.

— Por que estamos aqui? — perguntou Poison.

— Tenho uma proposta a lhe fazer — respondeu Aelthar, cujos olhos pareciam duas gemas preciosas. — E não seria apropriado que minha gente visse seu Senhor negociar com um ser humano.

— Sou toda ouvidos — disse Poison, relevando o insulto. Relevaria quantos insultos fosse necessário se isso a ajudasse a recuperar a irmã raptada.

— Não sei até onde vão seus conhecimentos, portanto serei breve. O Reino das Fadas não é o único além do seu. Há muitos Reinos, e cada um deles tem seu próprio Senhor ou Senhora. Dentro de nossos domínios, somos imbatíveis; mas fora deles, somos vulneráveis aos ataques do governante de onde estivermos. A única exceção, naturalmente, é o desprezível Reino dos Homens, que não dispõe de um líder digno de menção.

— E o que isso tem a ver com Azalea?

— Você realizará uma missão para mim — explicou Aelthar. — Depois de tudo terminado, terá sua irmã de volta.

Poison lembrou-se subitamente do que Myrrk lhe dissera antes: *“Por acaso acha que o Senhor do Reino das Fadas simplesmente devolverá sua irmã? Não... É preciso que haja provas, pelejas, obstáculos, reviravoltas, revelações surpreendentes...”*

— Por que eu? — perguntou ela, preferindo não aceitar de imediato a proposta de Aelthar. — Por que negociar com humanos se você os despreza tanto?

Um espasmo de irritação subitamente deformou as feições perfeitas do déspota.

— A ausência de poderes mágicos de sua espécie acaba por ter uma utilidade prática. Vocês podem entrar e sair dos diversos Reinos sem ser percebidos. Se eu mandasse um ser da fantasia em seu lugar, ele seria preso imediatamente, e não seria difícil deduzir quem o mandara até ali. Esta missão é... *secreta*. — Aelthar sussurrou a palavra em tom de ameaça, e Poison não teve dúvida quanto ao que poderia lhe acontecer se traísse a confiança dele.

Poison cruzou os braços.

— E o que devo fazer?

Aelthar andava de um lado para outro sobre a sacada no topo da torre.

— A digníssima Senhora Asinastra possui uma adaga muito especial, com uma lâmina que se bifurca em duas pontas, como as presas de uma cobra. É uma peça incomparável, muito valiosa. Quero essa adaga em minhas mãos. E você irá buscá-la para mim.

— E onde está essa adaga?

— No castelo de Asinastra, em seus aposentos. — Aelthar mostrou-lhe a mão fechada em punho, abrindo-a logo em seguida: sobre a palma, havia uma esfera de vidro do tamanho de uma maçã, tão negra que parecia feita de escuridão, a devorar toda a luz em torno dela. — Assim que você pegar a adaga, quebre isto.

Poison pegou a esfera, que estava fria como uma pedra de gelo, e guardou-a no bolso.

— O que faz essa esfera?

Aelthar riu ferinamente.

— Você verá. Por acaso não confia em mim, humana?

— Não sou estúpida. Diga-me o que ela faz.

Aelthar balançou a cabeça.

— Não digo nada. Use-a quando estiver de posse da adaga, nem um minuto antes. Se não gosta dos termos de minha proposta, está livre para recusá-la.

Poison encarou o déspota com uma expressão de ódio. Sabia que não lhe restava outra opção senão aceitar a proposta de Aelthar; não estava livre para

recusar nada.

— Então, como chegarei até lá?

— Será levada.

— E como chegarei ao castelo de Asinastra depois de entrar no Reino dela?

— Isso — disse Aelthar, balançando a juba vermelha — é problema seu.

Poison refletiu por um instante, mas sua decisão já estava tomada.

— Posso ter certeza de que minha irmã será devolvida assim que eu voltar? O Senhor me dá sua palavra de honra?

— Eu prometo — disse Aelthar, com um sorriso afetado.

— Então eu aceito.

— Achei mesmo que aceitaria.

* * *

O vento uivava nas montanhas, e Bram prendia o chapéu na cabeça enquanto olhava para a passagem. Atrás deles, o Cocheiro esperava com o rosto escondido sob o capuz. Os cavalos estavam indóceis. Peppercorn abraçava o próprio corpo para se proteger do frio.

— É por ali? — perguntou ela.

Poison balançou a cabeça afirmativamente.

— Sim, é por ali.

Os viajantes estavam reunidos sobre uma saliência nas encostas de uma montanha muito alta, uma prateleira de rocha negra cravada sobre um vastíssimo paredão de neve. Dali não se via nada do Reino das Fadas, a não ser uma sucessão infindável de picos e geleiras. O frio era terrível, e o vento cortava os ossos.

Diante deles havia um talho na rocha, de uns três metros de comprimento, não mais, e suficientemente largo para que Bram se esgueirasse para o outro lado se quisesse. Mas o caçador não parecia nada animado com a perspectiva de entrar ali. A fenda cobria-se com uma espessa camada de teias de aranha, e pequenos volumes negros moviam-se graciosamente sobre os fios sedosos.

— Aelthar disse que o Cocheiro nos levaria aonde quiséssemos — Poison lembrou aos companheiros. — Nenhum de vocês precisa seguir comigo.

Sentado com a cauda enroscada nas patinhas, com frio e tão desanimado quanto Bram, Andersen deu um miado triste. Peppercorn olhou para ele e depois disse:

— É como uma aventura, não é?

— Exatamente — disse Poison, embora os aventureiros das histórias parecessem muito mais seguros do que ela e invariavelmente tivessem um objeto mágico que pudessem usar em momento oportuno. E então lembrou-se da esfera que trazia na mochila. Mas para que diabos serviria *aquilo*? Era sempre assim nas

histórias de Fleet: alguém dava ao herói um objeto com poderes mágicos, mas não dizia quais eram esses poderes.

Peppercorn mordiscava os lábios e parecia confusa. Sentia-se como uma bonequinha abandonada pela dona; nunca precisara tomar decisões antes e agora não sabia o que fazer.

— E você, Bram? — perguntou Poison. — Pode voltar para casa se quiser.

O caçador coçou a nuca e disse:

— Hummm... O problema é que você vai entrar ali de qualquer maneira, com ou sem a minha companhia.

— É verdade — disse Poison, inclinando a cabeça. Bram respirou fundo.

— Bem, até que você crie juízo e pare de se jogar nessas ciladas como uma doida, não me resta outra opção senão continuar. Nenhum dinheiro no mundo teria valor se eu lhe desse as costas num momento de necessidade.

— Não se dê tanta importância assim! — disse Poison, rindo. — Não *preciso* de você!

Bram olhou para ela com uma expressão de condescendência.

— Por que está me olhando assim? Não precisa ficar com peninha de mim... Posso muito bem me virar sozinha!

— Claro que pode — disse Bram.

— E posso mesmo — insistiu Poison, porém com menos convicção.

— E então, vamos ou não vamos? — perguntou Peppercorn, de repente. Poison e Bram interromperam a discussão e olharam para ela.

— O que foi que você disse?

— Vamos entrar aí ou não vamos? — repetiu a garotinha. — Andersen está com muito frio!

— Então você tem certeza de que quer continuar?

— Sempre quis participar de uma aventura...

Poison viu-se obrigada a concordar.

— Vocês não têm medo de aranha, têm?

Bram resmungou negativamente. E Peppercorn disse:

— Não tenho medo de aranhas, mas não gosto muito de ratos.

— Quanto a isso você não precisa se preocupar — retrucou Poison — Suponho que as aranhas já tenham comido todos os ratos deste lugar.

Sem mais o que dizer, Poison afastou o véu de teias e abriu caminho para que os outros entrassem na passagem.



Aranhas

Estava escuro no Remo das Aranhas. O céu parecia um manto aveludado onde fiapos de nuvem púrpura cruzavam a luz fria de estrelinhas cintilantes e longínquas. Embora não houvesse lua, o lugar estava tão iluminado quanto a mais enlutarada noite no Reino dos Homens, pois tudo ali reluzia de alguma forma.

Poison, Bram, Peppercorn e Andersen haviam atravessado a passagem e agora estavam do outro lado da montanha, sobre um penhasco de onde podiam ver o imenso palácio da Senhora Asinastra. Tiveram de cruzar um interminável emaranhado de teias e ainda traziam fios de seda agarrados às roupas e à cabeça. Poison sentia arrepios ao se lembrar da experiência e examinava os cabelos de minuto em minuto, suspeitando ainda não estar inteiramente livre das criaturas asquerosas. No entanto, tiveram sorte, pois nenhum deles havia sido picado durante o trajeto. Bram, que fora o primeiro a entrar, exibia as numerosas marcas de mordida sobre as luvas espessas e dizia que provavelmente estaria morto se não contasse com aquela proteção. Mas parecia estranhamente calmo diante da situação.

O palácio da Senhora das Aranhas ficava no centro de um amplo vale e cercava-se de uma floresta densa e abundante. As copas das árvores eram esbranquiçadas, pois cobriam-se de teias de aranha, decerto enormes, para serem vistas a tão grande distância. O palácio propriamente dito consistia de uma dúzia de torres de diversos tamanhos, dispostas de maneira aparentemente aleatória e conectadas por pontes de diferentes elevações. As paredes externas eram de pedra negra com parapeitos em tons de púrpura. Grande parte da construção, no entanto, escondia-se sob o vasto manto de fios de seda que se estendia de cada uma das torres até a muralha que cercava todo o palácio. Visto do alto, o palácio ficava no centro de uma vastíssima teia que encobria todo o vale e balançava delicadamente com a brisa.

Além do discreto ondular da enorme teia, nada se mexia.

— Não seria melhor descermos daqui? — sugeriu Peppercorn, aproximando-se da borda do penhasco e espiando o topo das árvores centenas de metros abaixo.

— Acho que podemos descer pela encosta — disse Bram. A encosta da montanha era suficientemente rugosa para permitir a descida e contava com

diversas saliências onde eles poderiam parar para descansar. — Podemos colocar o gato na minha mochila.

Andersen olhou para o caçador como se estivesse ofendido e depois continuou a lambear as patinhas displicentemente.

— Ainda não — disse Poison. — Não temos pressa. Vamos comer alguma coisa e aproveitar para observar o lugar.

— Boa idéia — disse Bram, largando a mochila e sentando-se no chão.

— Não gosto nem um pouco dessa floresta — murmurou Poison enquanto olhava vagamente para o vale submerso na trama de fios de seda. — Elas podem se aproximar sem serem vistas...

Famintos, os viajantes fartaram-se de pão, carne seca e frutas desidratadas. Estavam razoavelmente seguros sobre o penhasco: podiam avistar a aproximação de eventuais inimigos com bastante antecedência ou voltar para o interior da passagem em caso de apuros imprevistos. Poison pensava em tudo. O caminho pela floresta era demasiadamente óbvio e perigoso. As aranhas que teceram aquelas tramas gigantescas decerto eram enormes, e as chances de fuga seriam nulas em meio à escuridão e ao confinamento das árvores. Era fundamental encontrar outro meio de acesso ao palácio.

— Vejam! — gritou Peppercorn de repente, apontando para o alto. Os outros olharam e viram uma criatura enorme e linda, semelhante a uma mariposa, sobrevoando as montanhas que delimitavam o vale. A envergadura das asas era impressionante, mas as asas propriamente ditas eram finas como a seda e quase transparentes, estampadas em cores delicadas. O tronco de seis pernas era delgado e frágil, e antenas fininhas balançavam sobre os olhos segmentados como se tateassem o ar.

— É linda! — exclamou Peppercorn, sorrindo.

— Melhor não se apegar a ela — advertiu Poison.

Momentos depois, Peppercorn compreendeu o motivo da advertência. A mariposa voava direto para a teia, aparentemente incapaz de detectar o obstáculo com os rudimentares instrumentos de vôo com os quais a natureza a equipara. Peppercorn mal podia respirar enquanto observava o bicho se aproximar da urdidura de fios tão espessos quanto cordas. No último instante, a mariposa percebeu algo estranho em seu caminho e guinou para o lado, mas não com a rapidez necessária. Esbarrou a ponta da asa na teia pegajosa e deixou-se prender na armadilha.

A aranha apareceu segundos depois. Peppercorn quase engasgou ao ver o monstro cabeludo sair de uma greta na encosta de uma das montanhas que circundavam o vale, deslizar por um fio até uma das torres do palácio e seguir pela teia até o ponto onde a mariposa se debatia em vão. Pouco depois, a aranha-gigante

mordia impiedosamente a vítima indefesa, que tremia cada vez mais com os sucessivos golpes até se imobilizar por completo. Em seguida, embrulhou a presa morta com fios tecidos ali mesmo e arrastou o casulo sob o abdômen até a caverna onde mais tarde se regalaria com o banquete.

Bram perdeu o apetite diante do mórbido espetáculo. — Elas são tão *rápidas!* — exclamou.

Mas Poison parecia menos abatida do que ele. O drama da mariposa lhe inspirara uma idéia.

— Elas são mesmo rápidas; é por isso que não vamos pela floresta — disse. — Elas nos pegariam num instante.

— Então como vamos chegar ao palácio? — perguntou Peppercorn, choramingando.

— Vamos seguir pela teia — respondeu Poison.

* * *

Bram jamais imaginara que um dia, em plena meia-idade, veria a si mesmo agarrado à encosta de uma montanha no Reino das Aranhas, sem nada que o impedisse de despencar para uma morte trucidante a não ser a própria sorte.. Resmungava e praguejava enquanto descia, remexendo sem parar a bigodeira branca. Calçando a ponta da bota nas reentrâncias e agarrando as dobras de rocha com a mão enluvada, percorreu um bom pedaço até pisar com segurança sobre uma saliência na encosta. E ali, diante dele, estava o fio de teia que queria alcançar.

Por sorte, um dos muitos fios da gigantesca teia prendia-se à encosta aonde haviam chegado os viajantes, depois de atravessarem a passagem. Poison havia explicado detalhadamente aos companheiros o seu plano, cujo sucesso dependeria de algumas variáveis ainda desconhecidas. Restava descobrir se os fios de seda eram excessivamente pegajosos e fortes. E também havia uma questão a responder — quem era mais paciente, a aranha-gigante, ou os insetos que tentavam escapar dela?

Embora discordasse visceralmente de todo o projeto, Bram ofereceu-se para descer a montanha.

— Sou o mais forte de todos — disse. — E, depois, quanto antes eu provar a insanidade deste plano, melhor.

A saliência onde Bram se encontrava era espaçosa o bastante para que ele pudesse relaxar um pouco e suficientemente bem localizada para que pudesse alcançar o fio de teia sem se arriscar muito. O caçador recuperou o fôlego e depois olhou para o penhasco de onde Poison e Peppercorn acompanhavam seu progresso.

— Segure o fio! — gritou Poison. — Mas com cuidado! Senão vai atrair a aranha!

Bram praguejou mentalmente. Afinal, ela não precisava mencionar a aranha, precisava? Se o monstro aparecesse por ali, ele não teria para onde correr. Lembrou-se, todavia, de uma história que um menestrel lhe contara havia muito sobre as cordas do bandolim: quando tangidas nas extremidades, as cordas não vibram o suficiente para produzir som; é preciso dedilhá-las bem no meio para obter o máximo de vibração. Bram esperava que o mesmo princípio se aplicasse aos fios de seda de uma teia de aranha.

Cautelosamente, esticou um braço e tocou o fio abaixo dele. Na pior das hipóteses, perderia uma luva. O fio era espesso e flexível, mas nem um pouco frágil. A gosma sobre a superfície vazava-lhe entre os dedos. Deixou a mão repousar ali por alguns instantes e depois puxou-a de volta. A cola oferecia certa resistência, mas era muito menos aderente do que ele supunha. Provavelmente destinava-se a prender criaturas aladas que, apesar de enormes, eram frágeis e relativamente fracas, como as mariposas. Bram varreu a teia com os olhos, mas não viu nenhum sinal da aranha.

— Acho que dá para subir nela — gritou o caçador —, mas teremos de ir devagar!

Poison abriu um sorriso de triunfo.

— Agora use a faca! — gritou de volta.

Bram ficou irritado, mas fez o que ela pediu. Cravou a faca sobre o fio de seda e começou a serrar. No início teve certa dificuldade, mas logo pegou o jeito e viu que o fio se partiria como se fosse um talo de aipo.

— E aí? — quis saber Poison.

— Acho que pode funcionar — gritou Bram, com um pouco de má vontade. — Vamos ver se é possível esticá-lo!

Então amarrou a extremidade do fio em torno da cintura e começou a escalada de volta ao penhasco onde Poison e Peppercorn aguardavam por ele. De vez em quando, era obrigado a parar e dar um leve puxão no fio para que ele se desprendesse um pouco mais do corpo principal da teia e, a cada vez que fazia isso, sentia o coração bater mais forte por medo de que a vibração despertasse a atenção da aranha. Mas felizmente chegou ao penhasco sem maiores atropelos e permitiu-se descansar um pouco enquanto Poison cuidava de desatar o fio.

— As idéias malucas são sempre as melhores! — sentenciou ela, sopesando a seda pegajosa entre as mãos.

— Somente nas histórias, Poison — redarguiu Bram. — Você ainda não aprendeu a diferença entre fantasia e realidade?

— Será que *existe* uma diferença? — indagou Poison. — Bem, agora venha cá. Todos nós precisamos puxar esta ponta. E ficar preparados para fugir.

— Fugir para *onde*? — quis saber Peppercorn.

— De volta para a passagem — respondeu Poison. Bram levantou-se e, ainda cansado, segurou a ponta do fio de seda. Peppercorn fez a mesma coisa. Era como se fossem dar início a um bizarro jogo de cabo-de-guerra.

— Agora! — ordenou Poison, e os três puxaram com o máximo de suas forças. O fio chegou a rachar um pouco mais adiante, onde já se misturava ao resto da teia, mas não partiu. — Agora soltem! — berrou Poison. — Agora puxem de novo!

E puxaram e soltaram e puxaram, fazendo o fio vibrar cada vez mais intensamente. Até que...

Peppercorn deu um grito de pavor quando viu a aranha irromper de sua caverna, deslizar até o centro da teia e depois seguir para a borda, agigantando-se cada vez mais à medida que se aproximava do penhasco. Mas eles já haviam soltado o fio de seda e corrido para o interior da cresta, apertando-se na escuridão. A criatura chegou até a extremidade do fio e depois parou. Vista de perto, era ainda mais grotesca. Quatro pares de olhos vermelhos brilhavam palidamente sobre mandíbulas enormes; o abdômen inchado cobria-se de cerdas negras e aparentemente duras; as pernas eram finas em comparação ao resto do corpo, porém tão espessas quanto os braços de Bram. E não havia dúvidas quanto a seus poderes letais.

Mas a aranha sequer os vira. Simplesmente olhava em torno de si, confusa, esperando que seus miolinhos aracnídeos resolvessem o mistério. Alguma coisa havia se mexido por ali, mas a suposta presa não dava mais sinais de sua existência. O fenômeno não chegava a ser uma novidade completa para a aranha — vez ou outra uma mariposa conseguia escapar da teia, ainda que a custo de uma perna ou de um pedaço de asa—, mas era suficientemente raro para deixá-la intrigada. Continuou ali por mais um tempo, desconfiada, mas acabou desistindo. Virou-se e percorreu todo o caminho de volta até a caverna de onde saíra.

Ao vê-la se afastar, Poison saiu da cresta e novamente arregimentou os companheiros.

— Venham! Isso foi apenas o começo! — E então retomou a ponta do fio de seda. Bram e Peppercorn estavam logo atrás dela.

— Onde está Andersen? — perguntou Poison.

— Lá dentro — respondeu Bram, apontando para a cresta na rocha. Nesse instante, Andersen saiu das sombras e deu as caras no penhasco, com uma ligeira expressão de culpa no olhar. Quatro perninhas de aranha escapavam-lhe das fuças, remexendo-se debilmente no ar.

— Fique aí! — ordenou Poison. E Andersen obedeceu de bom grado.

Então puxaram novamente. Dessa vez a aranha saiu da caverna logo depois da primeira puxada, e os três correram assustados para a cresta, ainda impressionados com a rapidez da medonha criatura. E a aranha, mais uma vez, não encontrou a

presa que procurava. Assim como antes, esperou imóvel próximo à origem do distúrbio, como se a mariposa-fantasma fosse se materializar a qualquer instante. E, também como antes, acabou desistindo e voltando à caverna.

Poison e os companheiros repetiram o processo pelo menos mais umas dez vezes antes que a aranha desistisse inteiramente de correr atrás da presa fugidia. Poison foi a primeira a notar que ela demorava cada vez mais a sair da caverna. Lá pela quinta ou sexta tentativa, a aranha passou a demonstrar extrema cautela: talvez suspeitasse que alguém lhe pregava uma peça e não quisesse parecer tola. Numa das vezes, esperou até que os três parassem de puxar e achassem que ela não apareceria mais; de repente, rápida como um raio, zuniu da caverna em direção ao penhasco e por pouco não os pegou desprevenidos. Mas, depois disso, a aranha desistiu de vez. O que quer que estivesse chacoalhando a teia não era comida, e portanto não lhe interessava. Ainda realizaram mais alguns testes depois que a aranha sumira de vez, apenas por cautela. Não podiam correr riscos na situação em que estavam. Uma vez em cima da teia, não teriam para onde fugir, e, se a aranha viesse atrás deles, seria morte certa para todos.

— Acho que agora podemos ir — disse Poison, porém sem conseguir disfarçar uma ponta de dúvida na voz.

Mas Peppercorn tremia e balançava a cabecinha para os lados. Ficara com os nervos à flor da pele depois da arriscada brincadeira com a aranha.

— Eu não vou! — disse ela. — Eu não vou!

Poison segurou-a pelos braços com inesperada delicadeza. Percebia na garota algo que lhe inspirava um desejo de proteção ao mesmo tempo profundo e inexplicável. Peppercorn era absurdamente tímida e inocente, mas em vez de se aborrecer com isso — o que seria sua reação habitual —, Poison apiedava-se dela. Gostava genuinamente da menina de cachos dourados, embora não tivesse nenhum motivo especial para isso, a não ser o favor que lhe devia pela ajuda prestada no casarão de Maeb.

— Você não precisa ir — disse Poison. — Chegou até aqui, e isso é mais que suficiente. — E virando os olhos violáceos para Bram, emendou: — Você também não precisa ir. — O caçador ameaçou protestar, mas Poison interrompeu-o antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. — Sei muito bem o que você pensa, mas não podemos correr nenhum tipo de risco. Que sentido faz morrermos juntos nas garras daquela aranha? Além disso, você é pesado demais; assim que subisse naquela teia, mandaria sinais para todos os lados, e isso seria o nosso fim. Sozinha, acho que posso seguir sem ser percebida.

Poison esperou que Bram contra-argumentasse, mas o caçador simplesmente deu um longo suspiro. Deveria estar apavorado para se deixar convencer assim, com tanta facilidade.

— Faça o que tiver de fazer, Poison — engrolou.

— Se eu me meter em apuros, tenho a esfera que me deu o Senhor do Reino das Fadas — lembrou Poison.

— E o que essa esfera *faz* afinal? — perguntou Bram. — Não deveria confiar tanto assim num ser do Reino das Fadas. Sua vida não valerá um marco de cobre depois que você entregar a tal adaga. Essa esfera talvez seja mais letal do que qualquer aranha. Os seres do Reino das Fadas são traiçoeiros, minha amiga! E você está colocando sua vida nas mãos deles!

— Bem, adoraria ter outra opção — disse Poison. — Fique tranqüilo, Bram. Vou tomar muito cuidado. Não tenho tendências suicidas.

Bram arqueou as sobrancelhas e olhou na direção do sinistro palácio de Asinastra.

— Será que não tem mesmo? — resmungou.

* * *

A situação ali era muito pior do que no casarão da Bruxa dos Ossos. Poison jamais sentira medo igual ao que sentiu quando subiu no gigantesco fio de seda que se prendia à encosta da montanha e se esticava até o palácio da Senhora das Aranhas. Seu plano era assustadoramente precário. Ela teria de se arrastar pelo fio inteiro, a centenas de metros de altura, e, se em algum momento durante a escalada a aranha resolvesse aparecer, ela não teria como evitar uma morte horripilante e lenta. Será que teria forças para ir até o fim? Será que valeria a pena morrer para salvar a vida da irmã?

No entanto, Poison sabia que não era apenas o desejo de reaver Azalea que a estimulava. Movia-se também pelo desejo de terminar algo que havia começado. Precisava seguir em frente porque não lhe restava outra coisa a fazer. No dia em que decidira sair de Gull, colocara-se em movimento, e agora nada seria capaz de detê-la, nem mesmo ela própria. Era um sentimento inelutável, quase tangível, e Poison agarrava-se a ele com o mesmo afã com que se agarrava àquele fio de seda, como se fosse uma bóia salva-vidas que a impedisse de se afogar no próprio desespero.

O fio era quase tão espesso quanto o tronco de uma árvore. Se estivesse sobre o chão, Poison poderia facilmente caminhar sobre ele. Mas cruzava o espaço sobre um abismo sombrio, onde a morte espreitava de todos os lados, e isso obrigava-a a prosseguir de gatinhas. Poison havia prendido os longos cabelos negros dentro do colarinho do vestido de modo a evitar que eles grudassem no fio, mas essa era a menor de suas preocupações naquele momento. A gosma pegajosa grudava no tecido áspero do vestido, dificultando-lhe ainda mais os movimentos. A cada vez que desprendia um braço ou uma perna da superfície do fio, ela receava que a aranha aparecesse atrás dela em poucos segundos.

Procurava concentrar-se exclusivamente no fio de seda. Não ousava olhar para a caverna da aranha, nem para as árvores abaixo dela, nem para o penhasco onde, emudecidos, Bram e Peppercorn acompanhavam o seu suplício. Cada instante passava carregado de suspense. Poison apalpou o bolso para se certificar de que a esfera não havia caído. Deu-se conta de que, em caso de apuro, não poderia quebrá-la contra a superfície mole do fio de seda. Seria possível quebrá-la entre os próprios dedos? E o que aconteceria depois?

Perguntas, perguntas... Todas inúteis naquele momento. Ela já estava a meio caminho do palácio, que ficava ainda mais imponente à medida que ela prosseguia. As torres cobertas de teias pareciam cravar a escuridão do céu como armas brancas. Poison jamais se sentira tão sozinha.

Mas seguia em frente, parando a cada vez que um movimento desajeitado fazia a teia tremer mais do que devia. Mesmo nesses momentos, ela mantinha os olhos fixos no fio porque não ousava se virar para ver se a aranha se aproximava. A gosma dava-lhe uma falsa sensação de segurança, pois não era aderente o suficiente para impedir que ela despencasse no abismo caso se desequilibrasse.

— Poison!

A voz pertencia a Peppercorn e, pela entonação, não parecia trazer boas notícias. Poison olhou para trás e viu a garotinha apontando para o alto.

Outra mariposa aparecera no céu escuro da noite, planando preguiçosamente sobre o palácio.

Poison enxugou o suor dos lábios com o dorso de uma mão lambuzada de gosma e avaliou o quanto ainda faltava para chegar. Faltava muito. Talvez já tivesse percorrido três quartos do caminho, mas o trajeto até ali havia consumido um tempo enorme. As torres empertigavam-se ao seu lado, suficientemente próximas para que ela pudesse ver janelas quebradas e paredes semidestruídas. Mais adiante, outros fios da mesma teia juntavam-se àquele em que estava. Seria possível chegar a uma das torres vizinhas?

Não. Poison não ousava se mexer. Pois acabara de olhar para a caverna da aranha-gigante e vira justamente o que mais temia. A criatura estava de tocaia na boca da caverna, olhando fixamente para a mariposa que se aproximava.

Que se aproximava de Poison...

Com a força do pensamento, Poison tentava fazer-se invisível, mas a mariposa já a havia localizado e aparentemente procurava descobrir que espécie de presa ela era. Poison não sabia nada sobre os hábitos alimentares das mariposas, mas temia que elas fossem carnívoras, pois ali, naquele momento, ela tinha o aspecto de uma apetitosa bolota de gordura. De qualquer modo, se a mariposa ficasse presa na teia, a aranha apareceria por ali numa questão de segundos e devoraria a ambas.

Poison pensou em gritar para afastar o inseto, mas achou que isso pudesse atrair a maldita aranha. Não lhe restava nada a fazer senão ficar quieta e esperar.

A mariposa voava cada vez mais perto, e Poison podia sentir o vento produzido pelo bater de suas asas diáfanas. As seis perninhas estavam encolhidas, e os olhos segmentados rodopiavam nas órbitas, curiosos. Embora não visse nada que se assemelhasse a uma boca cheia de dentes, Poison não se sentia nem um pouco tranqüila. A criatura era grande o suficiente para carregá-la com as patas.

Mas logo se lembrou do quanto a outra mariposa era frágil, tão frágil que sequer conseguira reunir forças para se desvencilhar da gosma pegajosa.

Foi então que teve uma idéia. Liberou uma das mãos, enfiou-a na mochila e retirou a primeira coisa que encontrou ali: uma maçã. Em seguida, esperou que a mariposa se aproximasse ainda mais e arremessou a maçã contra uma de suas asas.

O resultado foi impressionante. A película rasgou-se como se fosse papel. A mariposa agitou freneticamente ambas as asas, esforçando-se para não cair. Apesar disso, perdeu completamente o controle e despencou das alturas, desenhando espirais pelo ar até prender-se na teia a alguns metros de onde Poison estava. Movendo-se com o assombroso trançar de pernas próprio de sua espécie, a aranha embarafustou caverna afora, determinada em não deixar a nova vítima escapar. Poison teve de engolir um grito de horror quando viu o corpo cabeludo da criatura juntar-se à mariposa e cravar-lhe as presas peçonhentas sem dó nem piedade. O inseto debatia-se debilmente, mas logo aceitou seu trágico destino e ficou inerte sobre a trama de seda.

Mas a aranha não a embrulhou num casulo como fizera com a outra. Em vez disso, ficou imóvel, como se precisasse ouvir e refletir. Parecia tão atenta quanto parecera durante o jogo de esconde-esconde preparado por Poison e seus companheiros. Apoiando cada uma das patas sobre um fio diferente da teia, esparramava-se sobre a carcaça da mariposa e observava.

“Ela sabe que estou aqui”, pensou Poison, vendo o pânico se aproximar. “Ou pelo menos suspeita.”

Será que a criatura podia vê-la? Poison estimava que a visão da aranha não fosse lá muito boa, pois ela sequer fora capaz de enxergá-los escondidos na cresta da montanha. Mas será que podia *sentir* a presença dela ali? Ah, isso era bem possível. Havia algo de estranho naquela teia, e a aranha sabia disso.

Lentamente, o bicho deu meia-volta e parou de novo, a poucos metros de Poison.

As mandíbulas remexiam como se mastigassem o ar, e os quatro pares de olhos olhavam vagamente na direção de Poison.

Embora Poison não mexesse sequer um fio de cabelo, algo parecia atrair a aranha Mas o quê?

Só havia uma resposta para essa pergunta: as batidas do coração. Poison fora traída pelo próprio coração, pois a aranha sentia a reverberação das batidas sobre a teia e seguia na direção delas, aproximando-se cada vez mais. Se Poison pudesse interromper momentaneamente o incessante tamborilar em seu peito, aquele seria um bom momento para fazê-lo.

Todavia, o som era discreto e incomum, e não havia nenhum sinal da agitação que geralmente acompanha uma presa em apuros. Ainda sem confiar inteiramente em seus sentidos, a aranha deu mais uns passos para frente. Poison teve de morder os lábios para não gritar. Ela podia ver o manto de cerdas que cobria o abdômen inchado e as laterais das mandíbulas da criatura que agora estava a apenas poucos metros de distância. Então enfiou a mão no bolso e segurou a esfera que Aelthar lhe tinha dado, mas não teve coragem de usá-la. O déspota havia recomendado que ela quebrasse o artefato somente *depois* que tivesse a adaga nas mãos. Seria ousado demais desobedecê-lo, mesmo sem saber quais seriam as conseqüências?

— Ei! Aranha! Aqui! — alguém gritou ao longe. Era Bram. — Aqui, aranha!

Bram e Peppercorn seguravam a extremidade do fio que o caçador havia partido antes e puxavam com força. A aranha ficou atônita. Deu alguns passos para trás e depois partiu em disparada em direção ao penhasco. Ao vê-la se aproximar, Poison cobriu a cabeça com os braços e só voltou a olhar quando sentiu que a criatura já ia longe, depois de ter passado por cima de seu corpinho trêmulo.

Procurou se recompor o mais rápido possível, pois sabia que aquela seria sua última chance de fuga antes que a aranha voltasse. Estava próxima de duas torres arruinadas do palácio, uma à sua direita e outra à sua esquerda. Então começou a se arrastar para a mais próxima das duas, sem se preocupar com o barulho que fazia, nem com a vibração que provocava na teia. Precisava chegar o mais rápido possível a uma janela comprida e quebrada, logo acima de um dos fios da teia. Olhando rapidamente para trás, viu que a aranha já havia percebido o logro do caçador e voltava para buscá-la, certa de que ali havia uma presa de verdade.

— Poison! Ela está atrás de você! — gritou Peppercorn.

Tomada de pânico, Poison desvencilhou o corpo da gosma pegajosa e ficou de pé sobre o fio. Embora temesse despencar no abismo, temia mais ainda morrer triturada nas mandíbulas da criatura peçonhenta que corria atrás dela naquele exato momento. Então começou a *correr* ao longo da teia. As solas das botas grudavam na gosma, mas os fios eram suficientemente espessos para que ela pudesse se equilibrar.

Poison via-se em meio a um turbilhão de sensações: sentia o fio de seda chacoalhar sob os pés, ouvia os gritos aflitos de Peppercorn e *intuía* o vulto negro da aranha aproximar-se cada vez mais.

Por fim, jogou-se contra a janela da torre, atravessando um buraco nas vidraças já quebradas. Segundos depois, ouviu um barulho surdo e estranho: no afã de agarrar a presa fugidia, a aranha não fora capaz de conter o próprio impulso e espatifara-se contra a parede da mesma torre. Durante a queda, Poison sentiu uma breve vertigem, pois não sabia o que a esperava do outro lado da janela: um poço de profundezas abissais, ou as pedras duras de um lanço de escada. E então estatelou-se no chão com tanta força que perdeu o ar, a visão e os demais sentidos. Viu estrelas e apagou.



A Senhora das Aranhas

Quando Poison acordou, já não havia mais sinal da aranha-gigante.

Ela levantou a cabeça do chão de pedras frio e cuspiu algumas mechas de cabelo que, de alguma forma, haviam entrado em sua boca. De início, ficou confusa; mas tão logo recobrou a memória, ficou aliviada. Não sabia dizer o que aquela sala tinha sido no passado, mas agora, no presente, ela estava escura, vazia e coberta de teias de aranha. Restolhos de mobília quebrada haviam se transformado em convenientes ninhos para os aracnídeos onipresentes daquele Reino. Felizmente, os exemplares que circulavam por ali tinham dimensões normais e em nada lembravam o monstro que quase lhe tirara a vida havia pouco.

Ao se levantar, viu o quanto lhe doía o corpo. Por quanto tempo afinal permanecera apagada? As costelas ardiam e pareciam frágeis, como se fossem quebrar para dentro ao menor movimento. Uma fina trilha de sangue seco sobre o chão fez com que ela percebesse a ferida que queimava em sua coxa direita, onde um caco de vidro da janela havia feito um pequeno rasgo. Achou que tivera sorte por não ter-se machucado mais. Um rápido exame no bolso do vestido revelou que a esfera de vidro estava intacta, o que também constituía um pequeno milagre.

Poison limpou a poeira do corpo e aproveitou para ver se não havia mais ferimentos nos braços e nas pernas. Ficou triste ao ver o estrago produzido no vestido; por mais tosco e desconfortável que fosse — como de resto eram todas as roupas na região dos pântanos —, era um de seus preferidos.

“Bem”, pensou ela, estoicamente, “quanto mais cedo isso acabar, melhor”.

Alongou os ombros para desatar os nós que haviam se formado nos músculos e começou a explorar.

Não demorou muito a constatar que o palácio de Asinastra era uma ruína; pior do que isso, era uma ruína abandonada. Por muitas horas, vagou pelos corredores e passagens, encontrando nada mais que paredes semidestruídas, tapeçarias rotas e desbotadas, móveis antigos e muitas, muitas teias de aranha. De início procedera com cautela, caminhando pé ante pé e espiando através das gretas das portas antes de entrar neste ou naquele cômodo. Aos poucos foi ganhando confiança e acabou desistindo de se esconder do nada. Depois de algum tempo, ficou desesperada por

não ver ninguém por perto e chegou a pensar em gritar, na esperança de atrair alguém.

Mas aranhas não faltavam por ali: aranhas grandes e pequenas, venenosas e inofensivas, aranhas que se escondiam ou cuspiam ácido. Poison estava acostumada com elas, e mesmo as venenosas não lhe metiam medo. Havia sido criada nos Pântanos Negros, onde quase tudo que se movia era venenoso. Bastava saber evitá-las ou como lidar com elas caso atravessassem seu caminho.

“Tantas aranhas... E por onde andarão as moscas?”, pensou.

Tudo era estranho. Desde que saíra de Gull, percebera muitas coisas que simplesmente não faziam sentido. Os enigmas de Lamprey, um clichê retirado das mais banais histórias da Carochinha... O melancólico Myrrk e suas bobagens cifradas, dizendo que não comia por mais de cem anos... Pensando bem, tanto um quanto o outro poderiam ser verdadeiros malucos, mas ambos pareciam *saber* de alguma coisa. Ambos a haviam advertido para não pensar muito alto; ambos diziam que eram exemplos do que acontecia a alguém que tentava ultrapassar seus próprios limites. E ambos pareciam incomodados, até mesmo constrangidos, diante de uma pergunta direta.

E ali, no interior daquela torre, Poison perguntava-se como as aranhas podiam sobreviver sem a presença de moscas ou de qualquer outra coisa que lhes servisse de alimento. Então lembrou-se de Myrrk, quando ele disse que o Hierofante não se preocupava com os detalhes de sua alimentação. Quem era esse Hierofante afinal, e por que Myrrk acreditava que ele tinha poderes para controlar até a alimentação alheia? Será que o mistério das aranhas e todos os outros mistérios faziam parte de um mistério ainda maior que ela não era capaz de compreender? E em que medida esse mistério dizia respeito a ela própria também?

Poison não se sentia em condições de refletir sobre isso naquele momento. Mal podia lidar com o que estava diante do seu nariz, com a enxurrada de novidades que se despejara sobre ela desde que saíra de seu mundinho, havia poucas semanas. Poucas semanas? Também isso era incerto, pois o tempo não era mais aquele com o qual estava acostumada. A possibilidade de que seu pai e Snapdragon talvez já tivessem morrido de velhice durante as horas que ela passara no Reino das Fadas era apenas uma das coisas que ameaçavam abalar definitivamente sua sanidade mental.

Não. Melhor não pensar no que podia estar acontecendo em casa. E se a mensagem que ela enviara através da garota que se dirigia a Gull jamais tivesse chegado? Afinal, a garota não passava de uma estranha. E se seu pai jamais ficasse sabendo dos motivos que levaram a filha mais velha a desaparecer, talvez para sempre, deixando-o com o fardo de sustentar uma réplica até o fim de seus dias?

Azalea. Ela precisava se concentrar em Azalea. Essa era sua meta, sua missão. Recuperar a irmã raptada.

Descansou por um tempo e aproveitou para comer uma maçã, arrependendo-se de ter jogado a outra na mariposa-gigante. O único barulho na imensidão daquele palácio era o ruído de sua mastigação ou os eventuais estalos produzidos quando se mexia. Era como se estivesse absolutamente sozinha no mundo. Talvez não estivesse tão sozinha quanto imaginava, mas decerto estava perdida.

Por fim, levantou-se e começou a explorar. Ainda não estava com sono, muito embora já houvesse dias desde que dormira profundamente pela última vez. Mais uma evidência da estranha cronologia que vigorava fora do Reino dos Homens. Pensou quanto tempo ainda gastaria percorrendo aquelas salas e corredores sucumbidos pela noite até encontrar algo ou alguém, se é que havia o que encontrar. A adaga de Aelthar estaria mesmo ali? E onde estaria a Senhora Asinastra?

Demorou horas até encontrar alguma coisa. Mas o que era aquilo, ela não sabia dizer.

Poison cuidava de marcar o caminho percorrido. Recolhia pedrinhas no chão ou arrancava lascas de madeira dos móveis e formava setas no centro de cada uma das salas, apontando na direção em que havia saído. Estava quase certa de que andava em círculos pelo palácio. Mas aparentemente estava enganada, pois em momento algum reencontrou as setas pelo chão, o que a deixava ainda mais preocupada, pois isso era indicativo da imensidão daquele lugar. Passou por uma infinidade de escadas, salas e corredores até que, por fim, deparou-se com a mulher morta.

Pelo menos ela parecia morta. Poison não tinha como saber ao certo e preferia não confiar nas evidências aparentes. A mulher sentava-se imóvel numa enorme poltrona de madeira e estava inteiramente coberta de teias, e isso significava que ela não se mexia dali havia um bom tempo. A cabeça estava abaixada, as mãos descansavam sobre os braços da poltrona, e as pernas estavam afastadas. Vestia uma túnica branca, rota e manchada pelo tempo, e os longos cabelos negros, imundos, escorriam sobre um véu que lhe tapava o rosto do nariz ao queixo. Todavia, o que mais causava espanto era a saliência no ventre da mulher. Viva ou morta, ela estava visivelmente grávida.

A sala estava repleta de velhas preciosidades deterioradas. Era como se todos os objetos de valor do palácio tivessem sido removidos de seus lugares originais e depositados ali. Antes, Poison não vira nada mais interessante que uma mesa, mas agora estava diante de um verdadeiro tesouro, abandonado à corrosão do tempo: armaduras antigas amontoadas nos cantos; espadas magníficas, porém enferrujadas; pinturas desbotadas e manchadas de fungo em empoeiradas molduras folheadas a

ouro; pilhas e pilhas de moedas esverdeadas com o passar dos anos. E teias de aranha por toda parte, ainda que, estranhamente, não se vissem as aranhas. Poison já se acostumara tanto ao rebuliço das criaturinhas de oito pernas que a ausência delas lhe parecia particularmente inquietante.

E então ela avistou algo que fez seu coraçãozinho bater mais forte: uma adaga cuja lâmina bifurcava em duas pontas como as presas de uma cobra. A arma quedava no interior de um capacete de chifres, presa por uma espessa camada de teias; estava fosca, mas não enferrujada. Não havia dúvida: aquela era a adaga de Aelthar.

Poison olhou mais uma vez para o cadáver na poltrona, mas o que lhe interessava mesmo era a adaga. Atravessou a sala escura, pé ante pé, temendo que um barulho qualquer pudesse despertar a morta. Chegara a pensar em cutucar a mão da defunta para ter certeza de que ela era de fato inofensiva, mas um medo infantil de que a mulher pulasse em cima dela a qualquer momento fez com que desistisse da idéia.

“Esqueça a mulher”, disse a si mesma. “Pegue a adaga.”

Agachou-se diante de uma armadura tombada no chão, cujas peças conectavam-se por espessos tendões de fios de seda. A lâmina da adaga sobressaía do capacete à sua frente. Poison não resistiu e deu mais uma olhada na figura inerte sobre a poltrona. Em seguida, firmou o capacete com uma das mãos e, enojada, enterrou a outra na espessa camada de teias que firmava a adaga. Achou que a qualquer momento sentiria as criaturinhas cabeludas escalam seu braço, tomarem-lhe o rosto e os cabelos, furiosas com a perturbação inoportuna. Mas nada disso aconteceu. Firmou os dedos no punho da adaga e silenciosamente retirou-a do capacete. Depois ficou de pé e virou-se na direção da poltrona.

A defunta não estava mais lá.

Poison sentiu uma pontada no estômago, uma reação instintiva ao desaparecimento de algo que teoricamente não era capaz de se mexer. As teias sobre a poltrona haviam se partido, formando um buraco no lugar onde antes estava o suposto cadáver. Poison entrou em pânico, tomada pelo medo ancestral que os seres humanos têm dos mortos, ainda que subconscientemente. Olhou para todos os lados, desesperada, mas em parte alguma havia sinais da mulher. Ao dar um passo para trás, tropeçou numa laje solta e caiu de costas sobre o chão. Não se machucou, pois a mochila cheia de roupas e comida amortecera a queda. Mas, quando abriu os olhos, deu um grito de horror.

A mulher estava no teto da sala. Movia-se ali como se estivesse no chão, pois os dedos das mãos e dos pés, emaciados, grudavam-se à pedra e impediam que ela caísse. Dobrava o pescoço para trás, formando um ângulo impossível para os humanos. A cabeleira negra escorria para baixo, misturando-se ao véu também

escorrido. Poison pôde então ver os olhos da criatura: eram negros e opacos como os olhos da réplica que o Espantalho abandonara em Gull. O peso daquele olhar deixou-a paralisada.

De repente, a mulher saltou para o chão, na direção de Poison. Se estivesse em condições de obedecer a seus instintos, Poison teria rolado para o lado, ou pelo menos tapado o rosto com as mãos. Mas seus músculos pareciam desprovidos de vida, e ela permaneceu imóvel. A mulher pousou delicadamente em cima dela, olhando-a diretamente nos olhos e roçando-lhe o ventre inchado contra a barriga. A garota dos pântanos tremia de pavor, mas não conseguia desviar o olhar daquele par de pérolas negras e mortíferas, nem tampouco sair do estado de letargia em que se encontrava.

<laaadra!>

A voz era áspera, roufenha e arrastada, como se saísse de uma garganta mal adaptada à linguagem humana. O hálito era pútrido e nauseabundo. Os cabelos varriam o rosto de Poison, arrastando fiapos de teia empoeirados sobre sua pele. Não restava dúvida: aquela era a Senhora Asinastra. E Poison deu-se conta de que, deitada ali, estava completamente vulnerável a ela.

<marido contou> <sobre ela?> <sobre você> <a senhora sabia de sua chegada> <eu?> <eu, a senhora das teias>

Poison mal ouvia o que a mulher dizia, pois sua atenção voltava-se para as profundezas abissais daquele olhar que lhe roubava inteiramente a capacidade de se mover. Quando muito, percebia o ritmo insano daquelas frases soltas, daquele encadeamento maluco de perguntas e respostas.

<marido não ousa entrar> <sabe o que senhora fará> <sim, ele sabe> <quando o herdeiro nascer> <não é lindo? > <um belo herdeiro para o Reino>

Marido? Poison ainda não compreendia o que ela dizia. Que diabos de marido é esse?

<marido guarda o palácio> disse Asinastra, como se tivesse lido os pensamentos de Poison. *<marido pai da criança>*

Poison mal podia acreditar. Tentou balançar a cabeça, mas os músculos apenas formigavam. Seria o tal marido aquela coisa medonha do lado de fora? A aranha-gigante?

Asinastra tomou a mão de Poison e colocou-a sobre o próprio ventre. Poison tentou resistir, mesmo sabendo que permaneceria subjugada enquanto Asinastra continuasse a olhar para ela. De início não sentiu nada, mas, de repente, algo se mexeu sob a túnica da mulher, algo volumoso e aparentemente contorcido entre muitas pernas. Poison não resistiu e começou a chorar, tamanho era o pavor que sentia naquele momento. Asinastra soltou-lhe a mão.

<bebê>

Poison ficaria muda mesmo se estivesse em condições de dizer alguma coisa.

<ela quer adaga>, disse Asinastra, e Poison lembrou-se de que ainda apertava a adaga em seu punho, embora a arma não lhe servisse de nada na paralisia em que ela se encontrava.

<nossa adaga?> <minha adaga> <por que ela quer adaga?> <ela não sabe> <ou sabe> <sabe?>

O silêncio que se seguiu ao monólogo indicava que a última pergunta dirigia-se a ela, Poison. Mas Poison não estava em condições de responder.

<quem mandou ela? > <quem mandou você? >

Mais uma vez Poison tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Asinastra percebeu então qual era o problema e semicerrou as pestanas de modo a aliviar a vítima, pelo menos um pouquinho, de seu olhar paralisante.

<fale>

Poison respirou fundo.

<fale>

— Quero uma audiência — disse ela, arranhando a garganta —, de acordo com a Lei de Amrae.

Asinastra ficou furiosa e deu um salto para trás como se tivesse sido atingida por um golpe. Liberada do olhar paralisante da mulher, Poison gradualmente recuperou as forças e ficou de pé. E a Senhora das Aranhas, soltando fogo pelas ventas, andava de um lado para outro pela sala.

<ela quer uma audiência > <de acordo com alei > <a lei!>

— E você não pode fazer nada contra mim — acrescentou Poison, lembrando-se das explicações fornecidas anteriormente por Scriddle. — E sua honra de Senhora que está em jogo.

<ah, ela acha que é muito inteligente> <muito inteligente> <mas está enganada> <podemos esperar> <eu posso esperar> <quando a audiência terminar> <a senhora vai atrás dela >

Mas Poison não precisava de audiência coisa nenhuma, pois a adaga já estava em seu poder. Com a mão livre, retirou do bolso a esfera de vidro negro que Aelthar lhe havia dado no topo da torre.

Todavia, lembrou-se imediatamente das palavras de Bram: “Essa esfera talvez seja mais letal do que qualquer aranha. Os seres do Reino das Fadas são traiçoeiros, minha amiga! E você está colocando sua vida nas mãos deles!”

<o que é isso aí na sua mão?>, grunhiu Asinastra, olhando através da cabeleira desgrenhada. <o que é isso na mão dela? >

Poison não tinha outra opção. No entanto, antes de quebrar a esfera, achou que devia acertar uma continha com Aelthar pelos apuros que ele a fizera passar. Enchendo-se de coragem, disse:

— Senhora Asinastra, vim aqui para roubar sua adaga a mando de Aelthar, o Senhor do Reino das Fadas!

<*aelthar!*> <*aelthar!*>, gritava Asinastra, ensandecida. <*o ladrão*> <*o lad...*>

Mas Poison não ouviu mais nada, pois já havia jogado a esfera contra o chão duro da sala e se deixado engolir pela escuridão que vazara pelos cacos, preenchendo todo o espaço em torno dela.

Os gritos de Asinastra ressoavam ao longe, cada vez mais fracos.



O problema com os seres do Reino das Fadas

Quando Poison reabriu os olhos, viu que estava no interior de uma belíssima sala de espera. Mas demorou alguns instantes para se recuperar da surpresa e perceber onde realmente estava. A julgar pela sofisticação e beleza do lugar, aquela sala era um dos inúmeros cômodos do palácio do Senhor do Reino das Fadas.

Andersen miou docemente aos seus pés.

— Ah, você está bem! — exclamou Peppercorn, abraçando Poison calorosamente.

Poison devolveu-lhe o abraço, ainda um pouco confusa. Todos haviam sido trazidos de volta pela esfera, *ao mesmo tempo!*

Bram também estava ali, remexendo os bigodes e procurando se recuperar do susto, visivelmente irritado com aquele trança-trança entre um Reino e outro.

Poison sentiu uma onda de alívio lavar-lhe a alma, até aquele instante, temia um truque qualquer da parte de Aelthar. Mas, surpreendentemente, o déspota não lhes havia pregado uma peça. Embora ele tivesse se recusado a revelar os poderes da esfera, causando uma ansiedade totalmente desnecessária, o objeto mágico realmente havia salvado a vida de todos. Mas só então Poison compreendeu por que tinha sido instruída para não quebrá-lo antes de colocar as mãos na adaga. Aelthar não se preocupava nem um pouco com o bem-estar dela; queria apenas que ela conseguisse sair do Reino das Aranhas com sua arma valiosa.

Súbito, a porta da sala de espera se abriu e Scridde entrou apressadamente, acompanhado do habitual séquito de diabinhos alados que o cobriam de relatórios, perguntas e solicitações. Como antes, o secretário respondeu a cada uma das demandas e depois afugentou-os com a mão. Assim que alcançou os humanos, abriu um sorriso cheio de dentes pontudos, ajeitou os cabelos para trás e estendeu a mão espalmada.

— Creio que você tem algo a entregar ao Senhor Aelthar — disse ele a Poison. Poison olhou para a adaga apertada em sua mão esquerda.

— Onde ele está? — perguntou. Scridde não gostou da pergunta.

— Preparando-se para uma reunião de suma importância — respondeu.

— Bem, diga a ele que não terá o que quer enquanto não cumprir com sua palavra e devolver minha irmã.

— Acho que a humana não compreendeu — rosnou Scriddle entre os dentes. — Os senhores de três outros Reinos acabaram de chegar a este palácio, cada um com sua própria comitiva, suas próprias necessidades pessoais, suas preferências e manias. É de minha responsabilidade coordenar tudo ao gosto dos visitantes, e isso faz de mim uma pessoa *muito ocupada*!

— Nesse caso, não vou detê-lo mais — retrucou Poison, com surpreendente confiança. — Diga a Aelthar que esperamos até que ele possa nos receber, e então falaremos sobre a troca combinada.

Scriddle balançou a cabeça.

— Garotinha ridícula! Vocês, humanos, são mesmo insolentes! Este é o Reino das Fadas, e quem manda aqui é o meu senhor. Você não está em posição de fazer exigências.

Scriddle estendeu a mão outra vez e, num passe de mágica, fez com que a adaga de duas pontas se materializasse ali. Assustada, Poison olhou para baixo e constatou que a arma realmente lhe havia escapado da mão.

O secretário deu meia-volta e disse:

— Esperarão aqui até que meu senhor resolva o fim que dará a vocês. — Em seguida, saiu da sala e trancou a porta.

— Ora, ora... — disse Poison, quebrando o silêncio que se instalou depois. — Isso não foi nada educado.

— *O fim que ele nos dará?* — repetiu Bram. — Não estou gostando nada disso. Não parecem palavras de alguém interessado em fazer uma troca justa.

— Você tem razão — disse Poison, olhando em torno de si. — Na verdade, estou começando a achar que será melhor não estarmos aqui quando Scriddle voltar.

— Tem certeza? — perguntou Peppercorn. — E se ele realmente quiser devolver sua irmã?

— É melhor que queira mesmo, depois de tudo que me fez passar — retrucou Poison. — Mas não gosto nada de ficar trancada aqui. Acho que devemos sair e ir ao encontro *dele*. Não vou deixar que ele pense que pode fazer conosco o que bem entende. Ele tem uma dívida comigo.

A apreensão de Bram e Peppercorn ficou evidente no olhar que os dois trocaram atrás de Poison, mas ambos sabiam que jamais seriam capazes de fazê-la mudar de idéia.

Poison tentou forçar a maçaneta, mais por falta de inspiração do que pela esperança de que a porta se abrisse. Em seguida, inspecionou a sala. Apesar de toda a opulência, o lugar era absolutamente hermético. A única saída possível seria a

janela arqueada por onde Peppercorn já olhava. Poison podia prever exatamente o que a garotinha iria dizer.

— É alto demais! Mas tem uma sacada.

— Uma sacada? — interessou-se Poison, aproximando-se da janela para ver também. O que Peppercorn chamara de “sacada” não passava de uma aba ornamental de alguns poucos centímetros de largura que circundava toda a torre. Poison olhou para a paisagem absurdamente linda e tentou encontrar uma idéia.

— Será que não tem mais janelas do outro lado da torre? — sugeriu Peppercorn.

Poison suspirou, paciente. Peppercorn tinha um talento todo especial para não enxergar o óbvio.

— Provavelmente — respondeu Poison finalmente. — Mas para que servem outras janelas se não podemos chegar até elas?

— Nós não podemos — disse Peppercorn. — Mas Andersen pode.

Todos os olhares viraram-se para o gato, que não acompanhara a conversa até então. Incomodado com a súbita atenção e sentindo-se acuado, o bichano deu alguns passos para trás e recostou-se na parede.

— E então? — perguntou Poison — Acha que pode se equilibrar naquela aba? — Ela já havia se acostumado a falar com o gato como se ele fosse gente.

Andersen se recompôs, mas não se fez de rogado. Começou a lamber a pata dianteira para depois raspá-la na cabeça, cuidando de sua higiene pessoal como se não tivesse nada melhor para fazer. Poison olhou para Peppercorn, que simplesmente balançou os ombros como se dissesse: *ele é assim mesmo!* Depois de algum tempo, assim que achou que os demais haviam esperado o suficiente, Andersen caminhou até a janela, pulou sobre o parapeito e examinou a tal aba. É difícil dizer como um gato pode expressar incredulidade através do olhar, mas foi exatamente esta a impressão que Poison teve quando Andersen olhou para ela como se dissesse: *Acha mesmo que vou caminhar em cima disso aí?*

— Bem, se você não for capaz, vamos ter de encontrar outra solução — disse Poison.

Andersen sentiu-se ferido nos brios. (Nada mais fácil que manipular criaturas tão orgulhosas como os gatos.) Com muita cautela, colocou a patinha direita sobre a aba e depois deixou cair o resto do corpo, num elegante misto de salto e mergulho. Poison podia jurar que vira o bichano balançar a cabeça — *não acredito no que estou fazendo!* — antes de seguir pela aba com um trote perigosamente rápido. Peppercorn mordida os lábios ansiosamente até que Andersen desapareceu de vista.

— Espero que nada de mal lhe aconteça — disse ela.

Poison procurou algo sincero e reconfortante para dizer, mas a delicadeza não era seu forte. Ela e Peppercorn tinham personalidades completamente opostas:

Peppercorn era vulnerável, doce e inocente, ao passo que ela, Poison, era calejada, esperta e capaz. No entanto, sentia-se como uma irmã mais velha em relação à menina dos cachinhos dourados, achava que precisava protegê-la. Tinha remorsos quando se lembrava de que chegara a pensar em deixá-la no casarão de Maeb. Mas depois de tê-la liberado da escuridão mórbida daquele lugar, Poison passou a se sentir responsável pela menina. Sabia que Peppercorn precisava de cuidados e, estranhamente, percebeu que gostava de cuidar dela.

Mas não era só isso. Poison invejava a natureza solar de Peppercorn, sua inocência. Poison havia crescido em meio às provações dos Pântanos Negros, e talvez Peppercorn tivesse tido uma infância igualmente dura; mas os resultados produzidos por essas dificuldades não poderiam ser mais diferentes. Poison, às vezes, desejava ser como Peppercorn e não se deixar afetar tanto pelas agruras do mundo. Mas sabia que isso não era possível: sabia que o cinismo era uma viagem sem volta.

Passavam-se os minutos. E os viajantes esperavam. Incapaz de controlar a impaciência, Poison pôs-se a imaginar maneiras diferentes de escapar caso Andersen não obtivesse sucesso em sua missão. Somente depois que o gato saiu foi que ela se deu conta de que talvez não houvesse muito que ele *pudesse* fazer, mesmo se conseguisse escapar da prisão. A quem ele poderia pedir ajuda? O que um gato poderia fazer sozinho?

Poison ainda queimava os miolos com isso quando ouviu um arranhar pelo lado de fora da porta.

— Andersen! — exclamou Peppercorn, correndo até a porta. Poison e Bram também se aproximaram. Segundos depois, Andersen parou de arranhar, e então ouviu-se algo chacoalhar.

— O que foi isso? — perguntou Peppercorn.

— A chave — disse Bram. — Ainda está do outro lado da fechadura.

A chave chacoalhou novamente quando Andersen acertou-a com uma das patas.

— Ele jamais conseguirá virá-la — disse Poison. — Precisamos empurrá-la para fora.

Andersen miou em sinal de concordância.

Não demoraram a encontrar algo comprido e fino o bastante para passar pelo buraco da fechadura — o espeto de um castiçal — e, com um pouco de esforço, conseguiram fazer com que a chave caísse do outro lado. Em seguida, ouviram Andersen pisar sobre ela e fazê-la passar pela fresta da porta. Eufórica, Peppercorn bateu palmas de alegria ao ver Poison finalmente pegar a chave e destrancar a porta. Andersen lambia-se displicentemente do outro lado. Peppercorn tomou-o nos

braços e cobriu-o de beijos, abraços e carinhos até Poison se sentir quase constrangida por ela.

— Esse gato não é deste mundo — murmurou Bram mais uma vez.

— Porém muito competente — emendou Poison.

Olharam para o corredor vazio, revestido do mesmo jade maravilhoso de que era construído todo o palácio do Senhor do Reino das Fadas.

— E agora para onde vamos? — perguntou Bram. Poison olhou para o gato.

— Quem sabe você pode encontrar Aelthar para nós? — arriscou. Já não se surpreendia mais com os talentos insuspeitos do bichano.

Andersen desvencilhou-se do abraço de Peppercorn, chacoalhou o corpo todo e miou.

— Parece com um “sim” — disse Peppercorn.

— Ah, claro — disse Bram, sarcasticamente.

* * *

Embora já estivesse acostumada à inusitada esperteza de Andersen, Poison não pôde deixar de se admirar com o que ele faria durante a próxima meia hora. O senso de direção do bichano era nada menos que fenomenal. Sem hesitar, conduziu os humanos através de um labirinto de corredores, escadas e passagens quase sempre desertas. Ao longo do caminho, chegaram a cruzar com alguns seres do Reino das Fadas, mas foram tratados com desdenho ou simplesmente ignorados, o que lhes fora bastante conveniente.

Depois de algum tempo, chegaram a uma porta, pequena e banal, ao fim de um corredor deserto. Andersen obviamente queria que eles entrassem ali, e assim eles fizeram. Do outro lado havia uma passagem estreita, tão estreita que eles tiveram de se organizar em fila para seguir adiante. A única luz que entrava ali era a que vazava de algumas ventanas ao longo do caminho, retângulos de sol brilhando no breu.

— Que lugar é este? — perguntou Bram.

Poison fechou a porta da passagem, aumentando ainda mais a escuridão. — Na melhor das hipóteses, eu diria que estamos entre as paredes.

— Entre as paredes... — repetiu Bram, sem entender nada.

— Um lugar tão grande como este precisa de passagens de ar entre os cômodos — explicou Poison. — Para ventilação. Até os seres do Reino das Fadas precisam respirar. A maioria deles, pelo menos.

— Como você *sabe* tudo isso? — perguntou Bram, irritado com a própria ignorância.

— Lembra daquela história do príncipe e dos tigres? Pois então, mais tarde, o tal príncipe atravessa o sistema de ventilação do palácio para chegar até a princesa,

seguindo o cheiro do perfume dela. E depois foge com a amada, bem debaixo das barbas do Vizir.

— Isso é tão romântico! — suspirou Peppercorn.

— Um dia eu lhe conto a história toda — prometeu Poison, surpresa ao perceber que estava sendo realmente sincera.

— Acho que também preciso ouvir essa história — interveio Bram, mal-humorado. — Aliás, mais parece um manual de sobrevivência que um conto de fadas.

Poison ficou intrigada com o comentário do caçador. Afinal, desde que saíra de Gull, já havia percebido que pedacinhos das histórias que lera no passado pareciam se repetir à sua volta, de um jeito ou de outro.

— Tem certeza de que sabe mesmo para onde está nos levando? — perguntou ela ao gato. Andersen miou de maneira ofendida.

— É claro que sabe — disse Peppercorn. — Eu disse que ele vivia no Reino das Fadas antes de aparecer no casarão de Maeb, não disse?

— Quer dizer então que ele já esteve aqui antes? No palácio? Peppercorn encolheu os ombros.

— Por que não? Ele parece conhecer o caminho muito bem. Talvez tenha vivido aqui durante anos. Mas isso ele nunca me disse.

— É verdade? — Poison perguntou ao gato. O bichano ficou mudo, pois tinha lá os seus segredos.

Mas ainda não haviam chegado aonde Andersen queria que eles chegassem. A passagem de ventilação parecia interminável, virava-se aqui e dobrava-se acolá. Em pouco tempo estavam cobertos de suor, por causa do calor sufocante, e de arranhões, em razão dos freqüentes esbarros nas paredes laterais. As ventanas ao longo do caminho tinham grades de ferro elaboradamente moldadas e, quando não eram muito altas, possibilitavam aos passantes dar uma espiada nos diversos cômodos do palácio. Passando por uma cozinha, viram uma turma de trasgos, orelhudos e com dentinhos pontiagudos, discutindo sobre a receita de determinado prato e praguejando como marujos desbocados. Também viram um salão tão repleto de jóias e objetos valiosos que o brilho do ouro chegou a lhes ofuscar a vista. Uma biblioteca maravilhosa tinha prateleiras e corredores a perder de vista. Mas Andersen sempre os apressava, chiando impacientemente na direção dos retardatários.

A pressa era tamanha que Poison demorou a dar pela falta de Peppercorn. Assustada, segurou Bram pelo ombro para que ele parasse um instante. Andersen virou-se para ver o que tinha acontecido.

— Esperem aqui — sussurrou Poison, ciente de que poderia ser ouvida fora da passagem. — Vou ver onde ela se meteu.

Não precisou ir longe: Peppercorn estava do outro lado de uma curva na passagem. Espiava através de uma ventana, esticando-se na ponta dos pés e agarrando as grades com as mãozinhas pequenas. Poison parou ao seu lado.

— O que está fazendo? — sussurrou.

— Veja — disse Peppercorn, com um brilho sonhador no olhar. — Ela é tão bonita... É uma princesa... Como a da história!

Poison revirou os olhos, pronta para ridicularizar a imaginação fértil da amiguinha. Mas mudou de idéia assim que olhou através da ventana e viu por si mesma a donzela que estava ali.

Ela parecia uma visão, como se pairasse divinamente entre o sonho e a realidade. Era alta, esguia, e tinha traços talhados à perfeição. O rosto oval emoldurava-se por longos cabelos dourados que balançavam suavemente quando ela se mexia. O vestido, em tons de dourado que combinavam com os cabelos, parecia reluzir como a névoa de vapor que se forma sobre o poço de uma cachoeira num dia de muito sol; o tecido aéreo caía-lhe como uma luva sobre o corpo esbelto. A pele era alva como o leite, e as feições pareciam sobrenaturalmente perfeitas, como se pertencessem a uma pintura, muito mais suaves que as de uma mulher comum. Os olhos eram duas piscinas de azul cristalino, sem pupilas que lhes roubassem a cor, e lembravam o céu de uma manhã de primavera.

Poison mal podia respirar. A mulher-fantasia era esplendorosa. Estava sozinha em seus aposentos, à espera de algo ou de alguém. Qualquer um de seus movimentos, por mais singelos que fossem, pareciam passos de uma dança ancestral. O som de seus suspiros lembrava o ruflar de aves esvoaçando, ou o vento outonal varrendo folhas sobre o chão. Poison não podia conter a própria curiosidade. Quem era aquela figura? O que ela fazia ali? Por quem ela esperava? Mas, com força de vontade, afastou da mente as perguntas inúteis. Não tinha tempo para devaneios. Debatendo-se contra a vontade de dar mais uma olhada na donzela, puxou Peppercorn pelo braço e seguiu em frente. Ambas tiveram a sensação de que haviam abandonado ali uma parte de si mesmas.

— Já terminaram o passeio? — perguntou Bram, trazendo-as de volta à realidade.

Continuaram pela passagem por mais uma eternidade e, quando Andersen finalmente parou, eles já estavam completamente exauridos. Estavam diante de uma ventana, semelhante a todas as outras pelas quais já tinham passado, uma silhueta quase invisível na escuridão. Poison ajoelhou-se ao lado do gato e olhou através dela.

O cômodo do outro lado era uma câmara elegantemente decorada, com tapeçarias de guerra nas paredes e sofisticadíssimas alfaias. Não havia ninguém ali. Poison estava confusa.

— Andersen, por que você... — começou a perguntar, mas parou assim que ouviu passos se aproximarem. Lançou mais um olhar de suspeita sobre o gato e depois voltou sua atenção para a câmara do outro lado das grades.

Ela deveria ter imaginado quem logo entraria ali. Andersen sabia exatamente para onde os tinha levado; decerto já havia perambulado por aquela passagem muitas vezes em seu passado obscuro.

Aelthar entrou na câmara, seguido de Scriddle, seu iracundo e servil secretário. Aqueles, então, eram os aposentos do Senhor do Reino das Fadas.

— Feche a porta, Scriddle — disse o déspota. Pelo tom de voz, não estava em seus melhores dias. Demonstrava impaciência e irritação.

Scriddle obedeceu imediatamente.

— Precisamos fazer planos — disse Aelthar, andando de um lado para outro. — Isso não pode continuar assim.

— Concordo plenamente — disse o secretário. — Algo tem de ser feito.

— Humanos! — bufou Aelthar, soltando fogo pelas ventas. Poison sentiu um frio na barriga.

— São de fato a raça mais pestilenta de que já se ouviu falar — secundou Scriddle. — Seria muita ousadia de minha parte perguntar se a reunião com os outros Senhores foi proveitosa?

— Ah! — exclamou Aelthar rispidamente. — Quando foi que conseguimos concordar em alguma coisa? Grugaroth ainda se ressentido de Myghognimar e mal consegue respirar o mesmo ar que eu. Quanto ao Umbilicus, é tão zeloso que nunca está pronto para agir. Apenas Gomm tem disposição e coragem para se aliar a mim nessa questão, mas este mais parece um touro ensandecido, não é afeito a sutilezas.

Peppercorn apertou-se contra Poison para também espiar pela ventana.

— O que está acontecendo? — sussurrou.

Poison fez sinal para que ela se calasse.

— O digníssimo Senhor não deve se deixar abater — disse Scriddle, levantando uma sobrancelha sobre o aro dos óculos redondos. — Ainda há a questão de nossa visita ao Hierofante. Os Senhores e Senhoras de todos os Reinos estarão lá, e a maioria está receosa quanto aos novos planos dele. Ninguém terá coragem de se opor.

— É claro que eles estão receosos! Quem pode dizer o que acontecerá a todos nós depois de consumados os fatos? — De repente, Aelthar atravessou a câmara e parou justamente sob a ventana por onde espiavam Poison e Peppercorn. Peppercorn quase deu um grito de susto, mas Bram tapou-lhe a boca a tempo.

— Tudo isso é muito ridículo — ponderou o Senhor do Reino das Fadas. — Os humanos estão no mais baixo escalão de todos os Reinos! É inconcebível que

um deles provoque tanto pânico assim! Como se explica isso, Scriddle? Por que somente *eles* podem se tornar Hierofantes?

Scriddle refletiu um pouco antes de responder.

— Talvez porque tenham algo que as outras raças não têm? — sugeriu.

— E o que seria isso? — retrucou Aelthar, rindo e sacolejando a cabeleira vermelha. — Sua total incapacidade de cooperar? Ou sua irrefreável disposição em aniquilar os próprios semelhantes? Vou lhe dizer uma coisa: até os animais daquele Reino são mais dignos de minha estima que os humanos! O dom da inteligência que receberam foi aniquilado pelo egoísmo e pela barbárie. Ouça bem: no dia em que eles não puderem mais contar com seu precioso guardião, marcharei com minhas tropas sobre aquelas terras e varrerei toda essa gentinha do mapa! E ainda serei aclamado como herói! — E nesse instante cruzou para o outro lado da câmara, berrando. — Vermes!

Scriddle arrumou os óculos e tossiu timidamente.

— Excelência, perdoe-me, mas gostaria de lembrá-lo de que sou meio-humano — disse, visivelmente constrangido.

— E isso é uma vergonha! — exclamou Aelthar. — Se fosse um legítimo ser da fantasia, você seria meu braço direito, e não um mero secretário. Você tem todos os atributos de um súdito exemplar, Scriddle, menos a pureza do sangue.

— Fico honrado por ter chegado aonde cheguei, Senhor — retrucou Scriddle, humildemente.

— Bem — disse Aelthar, procurando recobrar a calma depois de sua explosão contra os humanos —, prepare logo nossa comitiva e diga a todos que se encontrem na biblioteca. Vamos partir imediatamente para o castelo do Hierofante.

— Excelência! — disse Scriddle. Nesse instante, o livro de anotações do secretário materializou-se na mão dele, aberto exatamente na página de que ele precisava. — Ainda temos um último assunto para resolver.

— E que assunto é esse? Ah, os humanos...

— Sim, os humanos.

— Será que preciso dizer o que deve fazer com eles?

— Não gostaria de fazer nada sem antes me certificar com o Senhor — disse Scriddle, calmamente.

— Mate-os, Scriddle. Mate-os, é claro.

Poison sentiu o sangue congelar nas veias.

— Era isso mesmo o que eu suspeitava — disse o secretário, fechando o livro de anotações. Em seguida, os dois saíram da câmara.

Peppercorn e Poison ficaram de pé e olharam uma para a outra.

— Nos matar? — choramingou Peppercorn.

— Esse é o problema com os seres do Reino das Fadas — resmungou Bram — Não podemos confiar neles por um segundo sequer.

— Eles vão descobrir que fugimos! — alarmou-se Peppercorn, quase entrando em estado de pânico. — E virão atrás de nós!

— Não se preocupe, Peppercorn — disse Poison. Seus olhos cor de violeta pareciam brilhar na escuridão. — Não vamos ficar aqui.

Poison falara com raiva. Abalara-se com as palavras do Senhor do Reino das Fadas, não porque temesse pela própria vida ou pela vida dos amigos, mas porque agora sabia que Aelthar jamais pensara em cumprir com sua parte na negociação. Até então baseara seus planos no pressuposto de que o déspota devolveria Azalea como prometido, mas agora via que se fiara numa falsa esperança. Por um instante chegou a ficar desesperada, mas logo recuperou o ânimo. Resolveu que liberaria Azalea das garras de Aelthar a qualquer custo. Embora suas chances de sucesso fossem irrisórias diante de tão poderosa criatura, ela agora sabia que o déspota não era o onipotente que aparentava ser. Havia outros seres que ele *temia*.

— Não vamos ficar aqui? — ecoou Bram. — E vamos para onde?

— Você ouviu eles dizerem que vão para o castelo do Hierofante, não ouviu? — disse Poison. — Já faz algum tempo que eu gostaria de dar uma palavrinha com esse tal de Hierofante também. E, pela conversa que ouvimos, estaremos muito mais seguros lá do que aqui. Pelo menos ele é humano.

— E você quer que nos misturemos à comitiva de Aelthar... — sugeriu Bram.

— Exatamente — disse Poison. — Está ficando inteligente, caçador!

Bram ponderou por alguns instantes.

— Gostaria de ter uma idéia melhor do que essa, mas...

— Depois de tudo o que passamos até agora, você está preocupado com um truque fácil como este? — Poison deu-lhe um tapinha encorajador sobre os ombros.

— Vamos, homem, ânimo!

Andersen miava sarcasticamente aos pés dos dois.



Os contadores de história

O castelo do Hierofante avultava-se na escuridão de uma noite de tempestade, encastado nos píncaros escarpados de uma enorme montanha. A chuva fustigava todos os picos vizinhos. Nuvens pesadas e negras iluminavam-se ocasionalmente com o clarão silencioso dos relâmpagos, e, segundos depois, trovões retumbavam por toda a paisagem, dissipando-se ao longe.

O castelo era o único sinal de vida naquele Reino árido e triste. Esparramava-se pelo cume da montanha numa sucessão de torres, torreões, flechas, ameias e merlões inteiramente construídos com as pedras do próprio lugar. Erguia-se sobre um terreno irregular e seguia os contornos da rocha bruta que lhe dava sustentação; portanto, formava um volume também irregular e parecia tombar para o oriente, onde uma das alas ficava abaixo do corpo principal do edifício. No negrume da noite, destacava-se no horizonte como uma silhueta ainda mais negra, pontilhada apenas pelo lume dos milhares de velas que ardiam no interior, semelhantes a estrelinhas de fabricação humana.

* * *

Qualquer que fora o plano de Poison para se infiltrar junto com os amigos na comitiva do Senhor do Reino das Fadas, esse plano não foi necessário. Ainda pensando em termos humanos, ela havia imaginado uma procissão de carruagens — parecidas com aquela que os conduzira até ali —, mas os caminhos entre um Reino e outro não se sujeitavam a parâmetros como distância.

Rememorando as palavras de Aelthar, eles voltaram pelo corredor de ventilação até chegarem à imensa biblioteca pela qual haviam passado antes. Com um pouco de força e habilidade, Bram arrancou as grades de ferro da ventana para que eles pudessem pular para o outro lado. Esgueiraram-se pelo buraco, desceram pelas prateleiras de uma estante de livros, pularam sobre um mezanino e esconderam-se ali. Aelthar chegou logo depois.

Poison ficou desalentada com o que viu. A comitiva do Senhor do Reino das Fadas consistia em apenas dez componentes, todos seres desse Reino; quatro eram guardas, e os outros se alternavam entre nereidas, ondinas e dríadas. Scridde também estava lá, mordendo os beiços de agonia e irritação; decerto já havia se

inteirado da fuga dos humanos. Poison perguntava-se se ele havia dado a notícia a Aelthar.

O prazer que ela sentia pelo dissabor causado ao secretário, entretanto, não servia em nada para aplacar sua decepção diante daquela situação. Seria impossível misturar-se à comitiva de Aelthar. A única coisa que podiam fazer era segui-los e ver por onde eles iriam.

Foi então que viram Aelthar aproximar-se de um livro grande e pesado que descansava sobre um pedestal na extremidade de um dos corredores da biblioteca. O déspota abriu a enorme capa de couro vermelho, folheou algumas páginas amareladas até o meio do livro e depois começou a ler. Poison aguçou os ouvidos, mas Aelthar falava uma língua que ela não conhecia. Somente quando Andersen começou a chiar baixinho foi que ela percebeu o que acontecia.

O gato estava com os pêlos da nuca eriçados e buscava proteção sob o corpo de Peppercorn como se o teto da biblioteca fosse cair em cima dele. Peppercorn, por sua vez, acaçapava-se sobre o chão; alguns fios de seus cabelos dourados começavam a se eriçar também, movidos pela energia eletrostática. O ar parecia mais espesso, e Poison percebeu que precisava se esforçar para respirar. Assustado, Bram franzia a testa sob as abas largas do chapéu, e seus bigodes tremiam. Canais de percepção que eles sequer suspeitavam existir registravam uma sensação de acúmulo de energia no ambiente. A biblioteca parecia *contrair-se* em torno deles. Mas, depois de alguns minutos, tudo voltou ao normal. Poison suspirou aliviada.

— Que diabos foi isso? — perguntou Bram. — Mais um truque dessa gente da fantasia?

— Talvez — disse Poison, seguindo Aelthar com os olhos. Ele acabara de fechar o livro e deixava a biblioteca, seguido de sua comitiva.

— Vamos! — disse Bram. — Precisamos ir atrás deles!

Então desceram do mezanino e atravessaram o vastíssimo pavimento inferior da biblioteca. O barulho de suas passadas era absorvido pelos enormes bolsões de conhecimento em torno deles. Antes de sair, Poison entreabriu uma das inúmeras portas de folhas duplas à sua frente e espiou do outro lado. Olhou de volta para os companheiros com uma expressão de surpresa e depois escancarou a porta para que eles passassem.

O que viram do outro lado era totalmente inesperado. Encontravam-se na junção de dois corredores, o que em si não tinha nada de estranho. Mas o palácio parecia muito diferente do que se poderia esperar. Não se viam ali a beleza do jade nem a sofisticação dos ornamentos que caracterizavam tão distintamente o palácio do Senhor do Reino das Fadas; em vez disso, as paredes eram feitas de enormes blocos de pedra escura, o que conferia ao lugar um aspecto austero e sombrio. Até mesmo a atmosfera era diferente: mais fria e mais úmida. Ouvia-se um constante

sussurrar. Bram procurou ouvir com atenção para descobrir o que era aquilo, até que um trovão ribombou do lado de fora e ele se deu conta de que chovia torrencialmente.

Poison relacionou os fatos — a sensação de deslocamento no interior da biblioteca, a mudança súbita na estética do palácio, a tempestade inesperada — e chegou a uma conclusão a um só tempo surpreendente e agradável.

— Chegamos! — exclamou.

— Chegamos aonde? — perguntou Peppercorn, tentando acalmar Andersen depois do estrondo do trovão.

— Ao castelo do Hierofante! — anunciou Poison.

— Exatamente — disse uma voz. — E já faz algum tempo que espero por vocês.

Todos viraram para ver quem dissera aquilo, mas Poison sabia de quem se tratava mesmo antes de olhar para a figura magricela e comprida do velhote. Talvez não o reconhecesse naqueles trajes tão finos — afinal, nunca o tinha visto fora dos molambos surrados que ele usava nos pântanos —, mas daquela voz ela jamais poderia se esquecer. Era a voz que tantas vezes lhe contara histórias de mistério e fantasia em sua choupana na aldeia de Gull.

— *Fleet!* — gritou ela, mal acreditando nos próprios olhos.

— Poison — disse o velhote sorrindo e recebendo o abraço apertado da amiga. — Calma, calma! Assim você vai quebrar minhas costelas!

* * *

O fogo crepitava na lareira. Andersen dormia sobre o tapete, seus flancos inflavam e murchavam calmamente.

Poison, Bram e Peppercorn sentavam-se em poltronas espalhadas pela sala pequena e aconchegante. O estofamento estava um pouco gasto, o que as deixava ainda mais confortáveis. Embalado pelo calor do fogo e pela deliciosa refeição que acabara de comer, Bram lutava bravamente contra o próprio sono. Os três bebiam café com chocolate, talvez a melhor coisa que Poison e Peppercorn já tivessem saboreado na vida, pois ambas haviam crescido em condições adversas que não permitiam tais luxos.

Fleet também sentava-se ali e observava-os com uma expressão de carinho, segurando o tubo de um extravagante narguilé e soltando baforadas de fumaça perfumada pelo ar. A sala não era muito diferente da outra, em Gull, onde ele e Poison haviam passado horas conversando sobre os mais diversos assuntos: além da lareira e das poltronas, também havia uma estante onde se viam livros polpudos, cadernos de anotações e rolos de pergaminho espalhados sobre as prateleiras. Fleet definitivamente tinha estilo próprio no que se referia às suas acomodações.

Poison suspirava de satisfação. Desde que saíra de casa, jamais se sentira tão segura quanto agora. Receosa de estragar a felicidade do momento, postergava as centenas de perguntas que desejava e precisava fazer ao amigo. Em vez disso, relatava-lhe sua viagem até ali; agora era *ela* quem tinha uma história para contar, e essa história era indubitavelmente verdadeira, além de tão emocionante quanto qualquer conto de fadas. A tempestade desabava furiosa do lado de fora, mas não representava nenhuma ameaça contra as paredes de pedra maciça do castelo do Hierofante.

— Respostas... — disse Fleet, depois de algum tempo. Iluminado pelo fogo, seu rosto parecia a superfície de um solo castigado pelas agruras do tempo. — Suponho que gostariam de obter algumas respostas...

Bram remexeu-se preguiçosamente na poltrona; não parecia muito interessado em respostas. Peppercorn ainda se deliciava com sua xícara de café com chocolate, e nada lhe desviaria a atenção naquele momento. Poison também não demonstrava muita animação, pois ainda não se fartara daquele instante de paz tão duramente conquistado. Mas não se conteve.

— Como vão as coisas lá em casa? — perguntou. — Podemos começar por aí.

— Quanto a isso, não sei muito mais do que você mesma já sabe — respondeu Fleet, desapontado por não ter mais o que dizer. — Saí de Gull alguns dias depois de você. Seu pai e sua madrastra faziam o que podiam com... a réplica. Outras mães da aldeia haviam oferecido ajuda.

— E o recado que enviei pela garota?

— Que garota? — perguntou Fleet. Então Poison contou da menina que encontrara em Shieldtown, a quem incumbira de entregar seu pedido de desculpas ao pai.

— Se de fato ela apareceu por lá, deve ter chegado muito depois de minha partida — deduziu Fleet.

Poison sentiu uma inoportuna pontada de tristeza. A própria reticência de Fleet era sinal de que a situação em Gull não estava nada boa. Mas como poderia ser diferente? Resignada, Poison achou por bem mudar de assunto.

— Eu não sabia quase nada sobre Lamprey — disse Fleet. — Sinto muito. Se eu soubesse o quanto ele é perigoso...

— Por que você simplesmente não me levou consigo? — interveio Poison, exasperada. — Você está aqui, agora... Aparentemente não tem nenhuma dificuldade para entrar e sair do Reino dos Homens. Poderia ter-me levado até o palácio do Senhor do Reino das Fadas... Por que permitiu que eu passasse por todas aquelas dificuldades? Por quê?

— Eu não podia interferir — explicou Fleet, com ênfase. — Não podia. Pelo menos não desse jeito. Você precisava seguir o próprio caminho. Tudo o que eu

podia fazer era apontar a direção certa.

— Isso faz *muito* sentido... — disse Poison sarcasticamente. Lamprey, Myrrk, e agora Fleet também? Ela já estava farta de respostas evasivas e raciocínios circulares. — Então diga apenas *quem* e o *que* você é!

E foi isso que o velho contador de histórias fez. Para contar sua própria história, adotou aquela saborosa voz de acalanto que tantas vezes embalara Poison durante a infância.

— Nós somos muitos; não sei exatamente quantos. Reconhecemo-nos uns aos outros quando nos encontramos, mas nossa missão depende em grande parte de nosso anonimato. Os poucos que sabem de nossa existência nos chamam de... Antiquários. Por falta de palavra melhor, eu suponho.

Fleet esticou a coluna, fazendo-a estalar, e refestelou-se novamente na poltrona macia. Deu um longo trago no narguilé e soprou a fumaça no ar. Sua platéia estava completamente relaxada; portanto, ele não precisava se apressar.

— Somos os biógrafos dos Reinos — continuou. — Colecionamos relatos de vida. Não só recolhemos histórias como também participamos delas, acompanhamos tudo com nossos próprios olhos e, quando necessário, damos uma ajudinha também. Os Antiquários não se limitam a uma única raça; a vocação pode se manifestar tanto nos seres humanos quanto nos seres do Reino das Fadas, ou em seres de qualquer outra espécie. Nós absorvemos os relatos, os mitos e as lendas de nossa gente, como também assistimos ao nascimento de novas histórias. Registramos tudo isso e depois guardamos nossos apanhados aqui, no castelo do Hierofante. — Fleet fez uma pausa, talvez para obter um efeito dramático, e deu mais uma tragada no exótico narguilé. Depois fez um gesto grandioso com o braço e continuou: — Aqui, no interior destas paredes, reside toda a história da criação, desde os primórdios de todos os Reinos até os dias de hoje. Nossas bibliotecas abrigam tudo de importante que jamais foi dito, pensado ou feito, em todos os tempos. Poison arregalou os olhos.

— Impossível! — exclamou.

— O Hierofante decide o que é possível ou não — advertiu Fleet.

— Preciso ver para crer.

* * *

A biblioteca do castelo do Hierofante era de tirar o fôlego.

Poison jamais vira tantos livros juntos, mas o mais impressionante de tudo era a quantidade de livros que ela sabia haver ali mas *não* podia ver. Pois a Biblioteca-Mor era um labirinto de corredores e passadiços tão intrincado e compacto que era impossível saber onde ficavam seus limites. Olhando para cima, ela contou seis pavimentos adicionais, cada um dispendo de uma balaustrada. Segundo Fleet havia explicado, os sete pavimentos entrecruzavam-se de maneira bizarra: às vezes, o teto

de um pavimento mergulhava das alturas e roçava a cabeça dos passantes; outras vezes, erguia-se a perder de vista. Passadiços saltavam sobre abismos de livros, e corredores coleavam como serpentes. Poison teve a impressão de estar nas entranhas de uma criatura viva.

— Qual é o verdadeiro tamanho disso aqui? — perguntou, embasbacada.

— A palavra “tamanho” não se aplica neste caso — disse Fleet. — A Biblioteca-Mor não se delimita por paredes, nem tampouco por barreiras entre um Reino e outro. Ela se estende a qualquer lugar onde se guardam livros. É possível alcançar qualquer biblioteca, de qualquer Reino, a partir destes corredores. Desde que se saiba onde procurar, é claro.

Poison desejou que Peppercorn e Bram estivessem ali com ela, mas os dois estavam exaustos e preferiram continuar dormindo em suas poltronas.

— Posso ver um livro? — perguntou Poison. — Como você consegue se orientar por aqui?

Fleet deu uma boa risada.

— Uma pergunta de cada vez! Aprender a caminhar por estes corredores faz parte de nosso aprendizado como Antiquários. Digamos apenas que não é fácil. Portanto não se perca de mim, ouviu bem? Então quer ver um livro... Isso podemos providenciar.

E então os dois seguiram pelos corredores escuros da Biblioteca-Mor. Velas luziam em pequenos nichos aqui e ali, mas não bastavam para dissipar toda a escuridão que açambarcava o lugar. Poison fitava os castiçais com uma interrogação no olhar, mas Fleet respondeu antes que ela pudesse perguntar.

— Não se preocupe, não há risco de incêndio. Este lugar é cheio de truques, muito mais do que você imagina. Os livros não podem ser afetados pelo fogo, assim como estão imunes a qualquer ato de vandalismo.

Poison observava o velhote enquanto ele caminhava. Era o mesmo Fleet de sempre: os mesmos cabelos grisalhos balançando sobre os ombros finos, o mesmo narigão plantado entre olhos gentis. A túnica professoral que usava não mudava em nada o seu modo de ser. Não obstante, ele agora havia revelado ser um Antiquário, uma espécie de colecionador de vidas, e isso fazia dele algo mais que o velho Fleet dos tempos de Gull.

— Por que não me contou tudo antes? — perguntou Poison.

— Está brava comigo?

— Não, não estou. — De fato, Poison não se sentia traída pela omissão do amigo. Apenas ficou curiosa.

— Eu não podia contar.

— Foi o que pensei. Você estava me observando, não estava?

— Você é danada — comentou Fleet. — Isso mesmo, eu observava você. Além de outras pessoas. Eu viajava muito, você sabe. Mas de todas as pessoas que eu observava, você era a que mais me interessava.

Poison levou algum tempo para digerir esta informação.

— E por que você me escolheu?

— Tenho um bom faro para esse tipo de coisa — respondeu Fleet. — Todos que se tornam Antiquários têm esse instinto, em maior ou menor grau. O tempo nos ensina a localizar as sementes da aventura no coração das pessoas, mesmo as mais jovens.

— Mas se Aelthar não tivesse mandado o Espantalho raptar Azalea...

— Você partiria de Gull da mesma forma — interrompeu Fleet. — A intervenção de Aelthar foi apenas um pretexto. Se não fosse isso, seria outra coisa. Ou talvez não. — Fleet balançou os ombros. — A natureza de nosso trabalho é essencialmente aleatória. Muitas vezes, pessoas que possuem um potencial enorme para a coisa preferem não desenvolver esse potencial. No fim das contas, são as circunstâncias e o destino que decidem tudo. É por isso que escolhemos nossos objetivos, lançamos nossas redes e esperamos para ver no que vai dar. Muitas vezes, um destino de herói ou vilão pode ser meramente uma questão de sorte. Quando perdemos aquele instante preciso, temos de nos esforçar para recuperá-lo, joeirando histórias e lendas para chegar à verdade dos fatos. Mas, cedo ou tarde, todo o conhecimento se apresenta diante de nós.

— Há um livro para mim aqui? — perguntou Poison.

— Naturalmente — respondeu Fleet.

— Posso vê-lo?

Fleet deu um sorriso condescendente.

— Não antes que esteja terminado...

— E você que está escrevendo?

— Não — disse Fleet. — Nossa tarefa é simplesmente observar. Através de nós, os livros escrevem a si mesmos.

Poison franziu o cenho.

— Não compreendo.

— Pois então veja com os próprios olhos. — disse Fleet, retirando das prateleiras um enorme volume com encadernação de metal. Depositou o livro sobre uma mesa próxima e buscou uma vela acesa. Por fim, sentou-se num banco e convidou Poison a fazer o mesmo.

— *Alambar Burl* — leu Poison em voz alta. Era o que estava gravado em ouro sobre a capa. Fleet abriu o livro, mais ou menos pela metade. A caligrafia era absolutamente perfeita, e embora o texto tivesse sido escrito à tinta, não havia manchas de espécie alguma em nenhum lugar.

Fleet debruçou-se sobre o livro e começou a ler.

Embora homens e mulheres lhe tombassem a direita e à esquerda, Alambar recusava-se a abandonar as ameias e aparentemente encantava-se com isso. As flechas inimigas zuniam do exército da Fantasia, mas nenhuma delas achava o caminho de seu coração. Com a espada em punho, conclamava sua gente à luta. E os cidadãos de Jemar, incitados por tamanha demonstração de bravura, acolheram o chamado e voltaram às ameias com renovado vigor. A investida dos defensores foi letal para os inimigos, que não resistiram e cobriram de sangue os campos em torno das muralhas de Jemar.

Poison se adiantara e lera vários parágrafos antes que Fleet terminasse sua leitura.

— Quem era esse tal de Alambar Burl afinal? — quis saber.

— Foi um herói de última hora durante a Guerra do Poliedro — explicou Fleet. — Depois que nossa gente se dividiu em facções e se digladiou até a exaustão, os seres do Reino das Fadas apareceram. O Senhor do Reino das Fadas ainda não era Aelthar, mas todos esses déspotas se parecem uns com os outros. A luta foi ferrenha, e os seres do Reino das Fadas acabaram por nos expulsar das planícies, obrigando-nos a buscar refugio nas montanhas, nas minas e nos pântanos. Alambar foi um grande guerreiro, uma lenda viva naqueles tempos.

— Como foi que ele morreu? — perguntou Poison, virando as páginas atropeladamente até chegar à última. E passando os dedos sobre os parágrafos finais, leu:

Então Alambar tomou a mão de Sisella, fitou-a longamente nos olhos e depois disse, solene:

— Eu juro: não passaremos o resto de nossas vidas acuados nas sombras. A adversidade nos fará mais fortes. Unidos, seremos imbatíveis. A força que corre em nosso sangue trará nosso Reino de volta.

Sisella sabia que o marido acreditava naquelas palavras, e, juntos, caminharam de volta ao acampamento nas montanhas, onde os esqueletos das primeiras edificações erguiam-se contra o sol poente.

Poison parecia confusa.

— Achei que fossem biografias... Como pode uma biografia terminar antes da morte do biografado?

— Você sempre teve uma inclinação mórbida, Poison — disse Fleet, brincando. — Uma biografia não precisa terminar em morte, pois não se trata de um obituário. Não. Alambar viveu até uma idade bastante avançada, e Sisella ficou ao seu lado até o fim. Sua morte está registrada em outro lugar. Não percebe? Isto aqui é a *história* dele. Mesmo tendo vivido por muitos anos depois disso, sua história já havia terminado. Tudo começa com um garoto alistando-se para lutar na Guerra do

Poliedro; depois o garoto cresce e se torna herói; e a história termina com a vitória dos exércitos da Fantasia e com a retirada dos humanos. Antes desse episódio, e depois dele, não há nada interessante na vida de Alambar. Somos contadores de histórias, Poison. Estamos a serviço do Hierofante, que é o mestre de todos os contadores de histórias. Para nós, os detalhes interessam apenas quando têm relevância, quando são necessários. O resto interessa apenas aos historiadores.

— Acho que compreendo — disse Poison. — E uma pessoa tem apenas uma história?

— Não, algumas têm duas, três, ou até mais. As vezes, as diversas histórias somam-se para formar uma única história de maior fôlego; outras vezes, são totalmente distintas e independentes. Mas a maioria das pessoas não tem história nenhuma. Embora haja um número grande de Antiquários, não podemos contar a vida de todo mundo. Então escolhemos aquelas vidas que consideramos mais importantes para o mundo. O que vemos e aprendemos é imediatamente apreendido pelos livros, que depois se escrevem sozinhos. Tudo isso é obra do Hierofante.

— Então minha história já começou? — perguntou Poison, prendendo os cabelos atrás das orelhas.

— Sim.

— Então por que não posso vê-la?

— Porque as páginas ainda estão em branco.

Poison fez uma cara de quem não compreendia nada.

— Não se pode escrever meio livro. Não se pode contar uma história pela metade. Tudo que você decidir fazer no futuro mudará o aspecto daquilo que já fez no passado. Se você decidisse, por exemplo, matar seus amigos enquanto eles dormem...

— E por que eu faria uma atrocidade dessas? — rebelou-se Poison.

— Calma, minha amiga. É só um exemplo! — disse Fleet. — Se você decidisse matá-los, sua história seria interpretada de maneira completamente diferente. Não seria mais a história da viagem de Poison para salvar a irmã; seria a terrível história da garota que se tornou uma brutal assassina. As duas histórias seriam escritas de maneiras diferentes. Compreende agora? Ou você poderia morrer neste exato momento, e então não seria mais a história de Poison, mas a história de Bram e Peppercorn; você não passaria de um personagem coadjuvante. A história inteira precisa ser conhecida antes de ser registrada; pois tudo pode mudar de uma hora para outra. Aí reside a beleza de tudo, Poison. Nunca sabemos o que vai acontecer a seguir. Uma vez concluída a história, as palavras se materializam automaticamente; mas até então elas permanecem latentes.

Poison coçou a nuca. Era muita coisa para compreender.

— Então, quando foi que começou minha história? — perguntou.

— Assim que partiu de Gull, eu suponho — respondeu Fleet. — Ou talvez um pouco antes. A história de como você escolheu o próprio nome é bastante interessante. E precisamos saber de sua família para que possamos narrar o rapto de Azalea.

— Isso está errado — disse Poison, sentindo-se confusa e cansada. — Esta é *minha* vida, Fleet. O rapto de minha irmã... todas as lágrimas que derramei... todas os perigos por que passei... Tudo isso não passa de uma *história*?

— Tudo é história — disse Fleet, calmamente. — Já lhe disse antes: tudo depende de nosso ponto de vista.



A audiência com Melcheron

— **E**xigimos uma audiência com o Hierofante! —

A voz de Aelthar retumbava pelo salão.

— O Hierofante não receberá ninguém antes de terminar seu trabalho — respondeu a gárgula, tonitruante.

Poison fincava os dedos no parapeito do balcão de onde assistia à cena que se desenrolava abaixo dela. A presença do déspota de cabelos vermelhos e de seu secretário Sabujo naquele salão causava-lhe raiva e desgosto, pois aqueles eram os responsáveis pelo desaparecimento da sua irmãzinha e pelo ardil de que ela própria fora vítima. O que eles tinham a ganhar com o rapto de Azalea? Nem isso

Poison sabia dizer. Onde estava Azalea? Por quantas agruras teria passado desde que fora levada para o Reino das Fadas pelas mãos do Espantalho? Será que ainda estava viva?

Poison resolveu não pensar mais no assunto. Não podia se desencorajar, pois decerto haveria uma saída. Ainda estava longe de ser derrotada.

O salão era um dos muitos que havia no castelo do Hierofante, uma câmara ampla, de teto muito alto e paredes de pedras escuras. Pilares sólidos davam sustentação ao largo balcão onde estavam Poison, Fleet e alguns outros observadores. O chão cobria-se de tapetes desbotados, e as paredes adornavam-se com flâmulas e bandeiras puídas pelo tempo. Senhores e Senhoras de diversos Reinos — os que haviam concordado em comparecer — espalhavam-se pelo lugar. Poison observava-os com atenção.

Aelthar e sua comitiva estavam na frente de todos. O Senhor do Reino das Fadas discutia com uma enorme gárgula de pedra acaçapada no topo de uma escadaria, montando guarda diante das portas que davam acesso às entranhas do castelo. Poison procurava avaliar o tamanho da criatura. Se Aelthar tinha mais de dois metros de altura, a gárgula deveria ter no mínimo três, talvez quatro ao esticar as asas de morcego que lhe brotavam dos ombros. A bocarra cheia de dentes parecia rosar, e os olhos eram opacos como o carvão.

— Ele não pode se recusar a nos receber! — berrou Aelthar, furioso. — Viemos até aqui para falar com ele. Exigimos uma audiência!

— Podeis insistir o quanto quiserdes — atroou a criatura de pedra. — Mas o Senhor Melcheron não vos receberá. Ele escreve e não deve ser importunado.

— Sabemos muito bem que ele *escreveu* — exclamou Aelthar. — É por isso mesmo que estamos aqui! Agora deixe-nos passar!

— A vontade do Hierofante é lei, não só aqui como em vossos Reinos também — sentenciou a gárgula. — Não podeis passar.

Poison varreu o salão com o olhar. Havia perguntado a Fleet o nome de alguns dos presentes, mas não se lembrava mais de todos eles. Lembrava-se contudo de Grugaroth, o Rei Gigante, Senhor de Ur.

Era o único no salão que igualava a gárgula em tamanho, mesmo inclinando o tronco como fazia. O gigante tinha pernas curtas e grossas, antebraços musculosos e um descomunal maxilar inferior de onde saíam duas presas enormes, uma delas quebrada. Segundo contara Fleet, Grugaroth quebrara a presa durante uma batalha cataclísmica de três dias contra seu antecessor, Mgwar, de quem roubara o manto do poder. Sua pele era espessa, escura e semelhante ao couro, uma espécie de armadura natural com tufos de cabelo aqui e acolá. Vestia andrajos imundos, em tons de marrom e púrpura, e carregava uma gigantesca marreta sobre os ombros. Olhos injetados pareciam flamejar no meio da caraça suja de fuligem. Era uma figura ciclópica, que vivia nas profundezas das minas e cuspiu fogo enquanto falava. Mas o mais importante de tudo, na opinião de Poison, era o fato de que ele e Aelthar eram inimigos mortais.

— Fleet? — disse ela.

— Hmm?

— O que, ou quem, é Myghognimar?

Poison lembrava-se do nome simplesmente porque ele era impronunciável; Aelthar o havia mencionado durante a conversa que tivera com o secretário em sua câmara, quando ela e os companheiros bisbilhotavam através da ventana.

— É a espada de Aelthar — respondeu Fleet. — Foi forjada por um lendário ferreiro nas minas do reino de Grugaroth; segundo dizem, é a lâmina mais fina que jamais existiu. Muitos séculos atrás, os seres da fantasia e o povo de Ur declararam guerra entre si, e Aelthar, que à época era um poderoso general, foi responsável pela captura e morte de Nuiglan, meio-irmão de Grugaroth, durante uma sangrenta batalha na Forja de Karss. Ele tomou Myghognimar para si como espólio de guerra. Os seres do Reino das Fadas finalmente foram vencidos, mas Grugaroth jamais se esqueceu do episódio com o meio-irmão. Ele odeia Aelthar, e aquela espada é um lembrete constante da vingança ainda não executada.

Poison examinava o rei-gigante com especial interesse. Depois, desviou sua atenção para os diversos Senhores e Senhoras presentes no salão, uns dez ou doze no máximo. Era um grupo assaz variado. Acompanhavam-se de suas respectivas

comitivas e olhavam uns para os outros com cautela e desconfiança. Um deles era o Senhor dos Demônios, com sua pele azul e sulfurosa. Outro era uma manifestação da Eternidade, um humanóide de aspecto arredio cuja função, segundo diziam, era regular as leis naturais de todos os mundos: certificar-se de que norte era norte, de que sul era sul, de que o tempo fluía como devia, e assim por diante. Poison também notou a presença do Umbilicus, o porta-voz do Senhor dos Espíritos; este jamais assumia forma física e, para fazer-se ouvir, precisava daquela entidade cadavérica, suspensa no ar como se estivesse pendurada em ganchos invisíveis, em meio a uma aura esverdeada. Todavia, Gomm, que Aelthar também havia mencionado em seus aposentos, não estava presente. E ainda havia alguém por quem ela procurava, mas preferia não encontrar...

Poison sentiu algo roçar-lhe o dorso da mão. Olhou para baixo e ficou apavorada ao ver uma aranha, grande e amarelada, caminhando lentamente sobre os nós de seus dedos. Instintivamente, sacudiu a mão e lançou a aranha pelos ares, por sobre o parapeito do balcão.

— O que foi, Poison? — perguntou Fleet, percebendo o gesto abrupto da amiga.

— Uma aranha — disse ela, olhando em torno de si. Era uma terrível coincidência que uma aranha aparecesse por ali justamente quando ela pensava em...

Ah. Lá estava ela.

Asinastra estava do outro lado do balcão; seu rosto e seu olhar paralisante escondiam-se sob um véu branco, carcomido pelas traças e emoldurado por cabelos desgrenhados e imundos. Mesmo sem poder ver através do véu, Poison sabia que Asinastra olhava para ela com malevolência.

Poison tremia sob o vestido, mas procurava não demonstrar medo. Devolvia o olhar velado de Asinastra com firmeza e aparente calma. A Senhora das Aranhas decerto não havia se esquecido de quem lhe roubara a adaga de duas pontas.

— Ela não pode lhe fazer mal algum — disse Fleet, baixinho. — Pelo menos aqui. A proteção do Hierofante estende-se igualmente a todos os presentes em seu Reino.

Poison continuou olhando.

— Espero que você tenha razão — retrucou imediatamente. Asinastra, por sua vez, retirou-se do balcão, desaparecendo do outro lado de uma porta. Poison ficou aliviada, mas sabia que cedo ou tarde a criatura voltaria para acertar suas contas. Embora contasse com a proteção do Hierofante, não se fiava inteiramente nela, pois talvez não passasse de mais uma história.

— Por que eles estão reunidos aqui? — perguntou, apontando para os líderes no salão.

Fleet limpou a garganta antes de responder.

— O Hierofante começou a escrever — disse. — Às vezes o Hierofante se ocupa de escrever pessoalmente uma história. As histórias que ele escolhe para escrever são invariavelmente muito importantes, decerto mais importantes que as outras.

— Mas eles parecem temerosos. Por quê?

— As histórias do Hierofante não são meras histórias — explicou Fleet. — Elas têm o poder de mudar as coisas. Nós, os Antiquários, fazemos registros; nosso conhecimento vai para os livros da Biblioteca-Mor, que se escrevem sozinhos. Tudo o que podemos fazer é observar. Mas o Hierofante é um *criador*. O que sai da pena dele transforma-se em verdade, em lei. Você já ouviu falar da Lei de Amrae. Assim que essa lei foi escrita, todos os líderes de todos os Reinos foram obrigados a se sujeitar a ela. Não havia nada que eles pudessem fazer. Desde então, eles *não podem*, de maneira alguma, recusar uma audiência a um humano, nem tampouco machucá-lo durante o curso dessa audiência. A lei é suprema, não pode ser quebrada. Amrae promulgou-a com o objetivo de dar aos humanos uma recepção mais justa nos outros Reinos, de garantir que eles fossem pelo menos ouvidos. Os Senhores e Senhoras aqui presentes estão ansiosos para saber quais serão as novas leis que resultarão da nova história do Hierofante. Estão apavorados com as possíveis consequências.

— E o que ele fará? — perguntou Poison.

— Quem pode saber? — disse Fleet, balançando os ombros. — O que você faria?

— Eu criaria um grande líder para a humanidade — respondeu ela, sem titubear. — Alguém como Alambar Búri, mas ainda melhor. Alguém capaz de nos unir novamente e capitanear a expulsão dos seres do Reino das Fadas de nosso Reino. Assim não haveria mais raptos de bebês, e ninguém teria de morrer por causa da situação precária dos lugares em que são forçados a viver. Eu criaria este líder, ou esta líder, para que pudéssemos reaver tudo o que é nosso de direito.

— Um projeto realmente admirável — disse Fleet. — É algo assim que Aelthar gostaria de evitar a todo custo. Mas não há como saber. A história não poderá ser lida antes de terminada; como os livros da Biblioteca-Mor, ela permanecerá invisível até que a última linha seja escrita. Apenas o Hierofante sabe o que está criando.

Nesse instante, o furioso Aelthar deu as costas para a gárgula e olhou fortuitamente para o balcão. Assim que avistou Poison, ficou mais furioso ainda, a ponto de soltar fogo pelas ventas. Mas Poison não se deixou abater e devolveu a careta do déspota com seu desconcertante olhar violáceo. Scriddle ficou lívido diante da situação; estava patente que ele não havia contado nada ao patrão sobre a

fuga dos humanos. Então Aelthar saiu do salão, seguido do secretário e do resto de sua comitiva. Grugaroth rosnou ao vê-los passar, e os ogros que o acompanhavam fizeram o mesmo, mas foram solenemente ignorados.

Poison percebeu que suava frio. Talvez não devesse ter aparecido por ali, pensou. Preferia não ter se mostrado a Aelthar, que queria vê-la morta. Nem tampouco a Asinastra, que também não morria de amores por ela.

— Não precisa ter medo, Poison — repetiu Fleet, lendo os pensamentos da amiga. — Todos os convidados contarão com a proteção do Hierofante enquanto estiverem neste castelo. Ninguém poderá fazer nada contra você aqui.

— Eu sei, você já disse — retrucou Poison, sem muita convicção. Observava os líderes deixarem lentamente o salão com uma expressão de desapontamento e raiva no olhar, pelo menos os que tinham olhos para expressar alguma coisa.

— Venha — disse Fleet, de repente. — Você gostaria de se encontrar com o Hierofante?

Poison ficou surpresa com o convite.

— Mas eu achei que...

— Ele não quer falar com nenhum *deles* — disse Fleet, piscando um dos olhos. — Mas tenho certeza de que não se importará com uma visitinha nossa.

Poison aceitaria qualquer convite para sair dali.

— Então vamos lá.

* * *

Fleet fez um sinal para que Poison não dissesse nada, e os dois entraram silenciosamente no quarto do Hierofante. Havia passado por um guarda que vigiava a porta do lado de fora, assim como a gárgula vigiava as portas duplas, mais ostentosas, que Aelthar tentara ultrapassar anteriormente.

— Estes guardas são treinados para deixar passar determinadas pessoas — explicara Fleet antes de entrar. — Eu sou uma delas, e você passará comigo.

O quarto era amplo e, como se esperava, tinha prateleiras de livros por todos os lados. Uma sofisticada cama de dossel encostava-se a uma das paredes, e uma enorme janela circular, com vidraças concêntricas, deixava ver a tempestade que ainda desabava do lado de fora do castelo. De vez em quando, raios espocavam e trovões retumbavam, mas Poison já estava tão acostumada ao temporal que sequer os percebia. Desde que chegara ali, a chuva não havia arrefecido nem por um minuto.

O Hierofante sentava-se a uma escrivaninha espaçosa e requintada. A pena de sua caneta tremulava enquanto ele escrevia sobre as páginas de um enorme livro encadernado em couro. Ele parecia incrivelmente velho, era magricela e enrugadinho, e as barbas brancas desciam à altura do colo. O crânio calvo cobria-se de manchas senis, calombos e depressões. Amarrado em torno dos ombros, um

espesso manto de veludo verde escondia em suas dobras o corpo emaciado do velhinho.

Poison observou-o por um longo tempo. Excetuando-se o fragor da tempestade, o único barulho que se ouvia ali era o arrastar do bico da pena sobre o papel. O Hierofante escrevia com determinação e olhava fixamente para o papel através de óculos redondos. De repente, interrompeu a escrita e virou-se para os visitantes. Sabia que eles estavam ali, mesmo sem tê-los ouvido entrar.

— Ah, Poison! — disse ele, numa voz fraquinha. — Que bom vê-la com meus próprios olhos. Sou Melcheron, o Hierofante.

Poison olhou para Fleet, sem saber exatamente o que dizer.

— É uma honra conhecê-lo — disse, por fim. — Não sabia que o senhor esperava por mim.

— Todos somos esperados em algum lugar — disse o velhinho, tamborilando a têmpora com um dedo enrugado. — Sabia que você vinha. Fui eu quem a trouxe aqui.

— Como foi que me trouxe aqui? — perguntou Poison, incapaz de disfarçar o ceticismo.

Melcheron não respondeu; em vez disso, fez um sinal para que ela se aproximasse.

— Venha cá. Deixe-me vê-la melhor. Fleet, poderia nos deixar a sós por um instante?

Fleet assentiu com a cabeça.

— Esperarei do lado de fora — disse, e saiu.

Poison aproximou-se do Hierofante com certa precaução. Não gostava de suas maneiras ligeiramente desconcertantes, nem da impressão que ele passava de que sabia mais do que estava disposto a dizer. Assim que pôde, deu uma olhada no livro sobre a escrivaninha. Fleet tinha razão: não se via nada escrito ali, muito embora o vidro de tinta estivesse cheio de um líquido viscoso e transparente.

Melcheron fitou-a com olhos amarelados, da cor de um pergaminho velho.

— Sim, sim, agora vejo que eu tinha razão. Você sabe, não sabe?

— Sei o quê? — disse Poison automaticamente, antes de censurar a si mesma por dizer algo assim tão óbvio.

Como ela podia prever, a resposta do Hierofante foi evasiva.

— Você sabe, mesmo que não goste de admitir. Está tentando me ludibriar, não é mesmo? Ah, muito bom! Excelente!

— O senhor se lembra de Myrrk? — Poison perguntou de repente. O velhinho ficou radiante.

— Excelente! Excelente! Mudar de assunto... Partir para a ofensiva... Ah, você é um verdadeiro tesouro, minha pequena Poison! — Melcheron tirou os óculos e

enxugou uma lágrima com os dedos. — Você disse Myrrk? Sim, eu me lembro dele. Um sujeito melancólico...

— Ele também se lembra do senhor — disse Poison. — Diz que o senhor não se deu ao trabalho de pensar nos detalhes. Não pensou, por exemplo, no que ele deveria comer, uma vez que não consegue pescar. Sabe o que isso pode significar?

— Claro que sei! — disse Melcheron. — Faço isso o tempo todo! Não posso pensar em todos os detalhezinhos do mundo, posso? Eu ficaria maluco!

Poison achava que ele já estava quase lá.

— Mesmo assim — continuou ele, um pouco mais solto —, Myrrk não é o único que tem reclamado. Os lapsos têm acontecido com frequência cada vez maior. Minha memória já não é tão boa quanto antes. As pessoas estão começando a *notar*. Você acha que elas vêem os buracos?

— Que buracos? — perguntou Poison, cada vez mais confuso.

— Os buracos! — disse Melcheron. — Os buracos na trama! Poison não agüentava mais tanta falta de clareza.

— *Que raios de buracos são esses?* — berrou, perdendo a calma. — Desde que saí de minha aldeia, não encontrei ninguém capaz de me dar uma resposta direta! Eu não entendo! Por que esses lugares se parecem tanto com os contos de fada? Por que Myrrk acha que o senhor é responsável pelo fato de ele não ter o que comer? *Quem é o senhor?*

Melcheron não parecia nem um pouco surpreso com aquela explosão.

— Você já sabe, Poison — disse Melcheron, lentamente. — Eu não preciso dizer.

Poison sentiu uma onda eletrizante percorrer-lhe toda a espinha. Ela *de fato* sabia. Começara a suspeitar desde o início. A cada experiência, cada imagem, cada som, via sua desconfiança crescer ainda mais. Mas faltava-lhe coragem para olhar para os fatos de frente; afinal, os fatos eram estarrecedores.

— Você já sabe — insistiu o velhinho. — Muito embora não queira admitir.

— Mas preciso saber *com certeza* — disse Poison. — Preciso ouvir a verdade da boca do senhor.

— Não seria melhor conviver com a incerteza? Com o tempo você acabará esquecendo de tudo. Poderá convencer a si mesma de que tudo não passou de uma grande bobagem. Poderá ser como os outros, que nunca questionam nada, como Aelthar, Peppercorn e Bram, e até mesmo Fleet. Fleet também não sabe. Ninguém sabe, a não ser você e eu, e alguns poucos como Myrrk. E veja o que aconteceu a ele...

A proposta era insuportavelmente tentadora. Poison sentia ganas de fechar os olhos, tapar os ouvidos e sair dali correndo, para nunca mais voltar. Talvez

preferisse mesmo a felicidade da ignorância. Mas essa não era sua natureza, e jamais seria.

— Vamos, *diga!* — suplicou Poison.

Melcheron suspirou e deixou cair a cabeça, circunspecto.

— Tudo, mas tudo mesmo, os Reinos, os Senhores e as Senhoras, seus pais, até mesmo você, Poison, tudo isso é fantasia. Uma obra da imaginação. Você, Bram, Fleet, Peppercorn, Aelthar, todos vocês obedecem à minha vontade, quer estejam de acordo ou não. Minhas palavras moldam o seu destino. Sou o autor de todos vocês, de tudo o que já foram, de tudo o que são. Você, Poison, é apenas uma personagem de minha autoria; decerto uma personagem importante, mas nada além disso. Tudo é uma grande ficção. *Minha* ficção.

Então Melcheron levantou a cabeça e fitou Poison diretamente nos olhos.

— Todo o seu conhecimento, minha amiga, faz parte de uma história. E eu sou o autor desta história.

Poison sentiu o chão faltar-lhe sob os pés. Suas pernas estavam trêmulas, e ela teve de se apoiar na escrivaninha do Hierofante para não cair.

— Eu... Eu não compreendo — balbuciou.

— Estou contando uma história, Poison, e você faz parte dela — repetiu Melcheron, pacientemente. — Difícil de aceitar, eu sei. Myrrk teve a mesma reação. Ele pertencia a outra história que escrevi muitos, muitos anos atrás. Não passava de um personagem secundário, cuja função resumia-se a dar informações aos heróis perdidos e encaminhá-los ao lugar certo. Mas, assim que descobriu isso, ficou intratável! Eu não deveria tê-lo dotado de tanta inteligência assim...

— Tudo isso é mentira — exaltou-se Poison. — Você não pode... você não controla o mundo!

O Hierofante deu uma sonora risada.

— É claro que não! Mas controlo o *seu* mundo, Poison. Os Reinos foram criados em tempos imemoriais, numa época em que a própria História ainda não existia, pelo primeiro dos Hierofantes. Desde então, este Hierofante original já teve incontáveis sucessores, cada um contando suas próprias histórias, acrescentando pontinhos nesta infinita tapeçaria. Mas os personagens acabam adquirindo vida própria, como todos os contadores de histórias podem atestar. A história da qual Myrrk fazia parte terminou há muitos séculos, mas ainda assim ele continua a viver em algum lugar. Sabe, o mundo à sua volta não passa de uma superposição de histórias, criadas através dos tempos; ele evolui por iniciativa própria. Mas, aqui e ali, torna-se necessário manipulá-lo. — Melcheron tamborilava a testa enrugada com o dedo indicador. — E é aí que eu entro.

— Isso é filosofia barata! — protestou Poison, desesperada. — Você perdeu completamente o juízo, isso sim!

— Bem no fundo do coração, Poison, você sabe que tudo isso é verdade. Já sentiu isso antes. Você não existia até eu decidir criá-la. Os Pântanos Negros não existiam, nem sua família, nem os caçadores de espectros. Essas foram minhas mais recentes contribuições ao mundo. Criei você para poder contar minha história. Naturalmente, Aelthar já existe há muito tempo; não precisei criá-lo. Mas ele é tão impotente diante da força de minha história quanto qualquer outro. E, como os demais, não tem consciência de nada.

— Por que está fazendo isso? — suspirou Poison, com os ombros derreados.

— Fazendo o quê? — perguntou o Hierofante inocentemente.

— Por que está me contando tudo isso? Por que essa tortura? O Hierofante estava com os olhos marejados.

— Porque você me perguntou — disse. — Essa é sua natureza. Eu a criei assim.



Mal-estar

Poison não conseguia mais chorar. Não via nenhum sentido nisso.

Deitada sobre a cama de Fleet, abraçava os próprios joelhos sob os lençóis amarfanhados. Fazia dias que ela estava assim. Não lhe importava onde Fleet dormia, nem tampouco se ele dormia.

No início, as lágrimas vertiam copiosamente. Poison sentia-se como se o coração lhe tivesse sido arrancado a golpes de foice, e o vazio onde ele ficava se preenchesse cada vez mais com tristeza, dor e *ressentimento*. Precisava chorar para extravasar esses sentimentos e não se afogar neles. Fleet estava ao mesmo tempo confuso e devastado com a condição da amiga. Poison recusava a lhe dar explicações, pois sabia que ele não compreenderia. Como ela, Fleet não passava de uma invenção.

“Ele não quer saber. Ninguém quer saber. Eu mesma preferiria não saber”, pensava ela.

Mas o caminho do conhecimento não tem volta.

Poison lembrava-se de que tinha sido levada até aquele quarto por Fleet. Bram e Peppercorn estavam ao lado dele, visivelmente preocupados. Deve ter sido um choque para eles ver a companheira indômita reduzida àquele estado. Mas Poison não conseguia reunir forças para responder a tantas perguntas. Para que precisavam de respostas, afinal? Eles eram personagens de ficção, mentiras ambulantes, assim como ela. Não eram reais. *Nada* era real.

E, diante dessa constatação, Poison desabou.

Tudo seria fácil demais. As palavras do Hierofante haviam consumido todo o brio que ela trazia dentro de si, e agora a coisa mais natural a fazer era desistir e parar de lutar. A possibilidade de que ele estivesse mentindo sequer lhe passava pela cabeça. Ela sabia, talvez instintivamente, que Melcheron dissera a verdade. Ela sabia de toda a verdade *antes* mesmo de encontrá-lo. Seu subconsciente já havia juntado as peças do quebra-cabeça muito antes.

Pois então nada era real. Nada. Ela vivia num conto da carochinha e, como os demais, não passava de um fantoche nas mãos de um escritor. Todas as escolhas que fizera até então, todas as atitudes que tomara, tudo se resumia a uma ilusão de livre-

arbítrio. Nada daquilo tinha sido *ela* mesma. Era apenas o desenrolar da trama de uma história.

As perguntas não paravam de atormentá-la. Será que *já* tinha feito algo por livre e espontânea vontade? Será que sua independência não passava de uma ilusão?

Tudo isso era demais para ela. Um abismo se abria sob seus pés, e o mundo inteiro, tal como ela o conhecia, havia despencado dentro dele. As coisas já não tinham mais valor, não faziam mais sentido. Por que tomar esta ou aquela atitude se tudo dependia da vontade de outra pessoa? Como poderia tomar uma decisão sem se perguntar se *realmente* escolhia alguma coisa ou simplesmente seguia os desígnios de um autor?

Nada mais parecia importar.

Então ela permanecia na cama. Andersen passava a maior parte do tempo dormindo aninhado contra sua barriga. Bram, Peppercorn e Fleet alternavam-se ao seu lado, conversando com ela, perguntando o que havia acontecido e por que ela estava daquele jeito. Mas Poison não dizia nada. Bram convencera-se de que a amiga estava arrasada porque havia sido informada da morte da irmã; tentava consolá-la, mas Poison sentia vontade de rir. A morte de Azalea não seria nada em comparação ao que realmente acontecera. Ademais, por que se preocupar com Azalea? Como todos, ela não passava de um personagem de ficção desempenhando o papel que lhe fora reservado.

Mas o fato é que ela *não* conseguia deixar de se preocupar, e isso aumentava ainda mais sua dor. Mesmo sabendo o que sabia, tinha de tocar a vida em frente. Ela ainda sentia a trilha das lágrimas sobre as bochechas. Ainda sentia o calor do corpo de Andersen, que dormitava sobre os lençóis. Ainda sentia a falta de Azalea e achava que desistir de salvá-la seria uma traição imperdoável. Por mais que a cabeça lhe dissesse que ela vivia uma fantasia, a alma e os sentidos não se deixavam convencer. E, no entanto, ela não conseguia encontrar ânimo para se mexer.

Alguns dias se passaram, talvez horas ou semanas. Afinal, quem podia dizer como o tempo se escoava naqueles Reinos distantes? Fleet buscara um livro velho e lia para ela algumas histórias que costumava lhe contar na infância; não percebia, contudo, a ironia de contar histórias ao mesmo tempo em que ele próprio era personagem de outra história. E as perguntas brotaram novamente na cabeça de Poison. Será que aqueles personagens tinham uma vida como a dela? Será que também acreditavam estar vivos? E o Hierofante, o autor de *seu* mundo, não seria ele a criação de outro autor sem se dar conta disso? Ah, até que seria engraçado! Como dois espelhos colocados de frente um para o outro, refletindo-se mutuamente: mundos contendo mundos contendo mundos, sem começo nem fim.

Apenas pensar nessa idéia era demais para a mente de Poison.

Procurando reanimar a amiga, Fleet fazia breves reportagens sobre o que se passava no castelo. Alguns dos líderes — alguns revoltados e outros resignados — preparavam-se para partir, convencidos de que não seriam recebidos pelo Hierofante. Grugaroth já havia partido com sua gente de Ur. Aelthar, contudo, permanecia lá: estava inconformado e fazia terríveis ameaças na tentativa de conseguir sua audiência.

Poison mal ouvia as novidades. Sentia-se fraca, pois não havia comido nada desde que se metera naquela cama. Estava pálida, cheirava a suor, e os cabelos engordurados grudavam-lhe no rosto. Além disso, passara a falar durante o sono. Os amigos — como essa palavra perdera o sentido! — insistiam para que ela comesse algo, qualquer coisa, mas até a própria fome se transformara numa pontada distante e inócua.

Poison estava tão perdida em sua dor que demorou a perceber o que acontecia em torno dela.

Fleet contava-lhe uma história quando ela olhou para ele e estranhou o que viu.

— Fleet — disse Poison, com a voz arrastada. — Aquelas foram as primeiras palavras conscientes que pronunciava desde que fora acamada. O velhote levantou os olhos da leitura, esperançoso. — Fleet, você está doente!

E ele *estava* de fato doente. As faces estavam caídas, e as órbitas dos olhos, salientes. A carne parecia despregar-se dos ossos. Era como se *ele*, e não ela, estivesse sem comer havia dias. Todavia... não era simplesmente uma questão de fraqueza aparente. Havia algo mais em seu estado que ia além de uma simples condição física. Mas Poison estava confusa demais para identificar o que era.

— Estamos todos doentes, Poison — disse Fleet.

— Peppercorn e Bram também? — perguntou ela, subitamente alarmada. — E Andersen?

— *Todo mundo* — respondeu Fleet. — Os criados, os Antiquários, até os Senhores e as Senhoras dos diversos Reinos. Até Aelthar sucumbiu.

— Mas o que é então? O que está acontecendo?

— Eu não sei — disse Fleet. — É como se o castelo fosse habitado por fantasmas. Todo mundo está apático, todo mundo está... cansado. Os médicos não conseguem descobrir o que é. Falam de uma possível peste ou epidemia, mas sei que não é nada disso... Até as paredes estão doentes... O próprio castelo parece mais fraco, mais pálido... menos sólido do que foi um dia. — Fleet suspirou fundo. — É como se tudo estivesse desaparecendo.

— Mas... como? — disse Poison.

— Não sei... não sei... — sussurrou Fleet. Fraco daquele jeito, parecia outra pessoa, um impostor, e não a criatura vigorosa e rija que Poison sempre conhecera.

Fleet levantou a cabeça e fitou a amiga nos olhos. — Poison, ouvi o que você disse enquanto dormia. Não faz sentido... Eu... eu não consigo entender... Mas você precisa parar com isso, seja lá o que for.

— Eu? — Poison ficou tão surpresa que até achou forças para se indignar. — Não estou fazendo nada. Literalmente! — Também espantou-se com a capacidade de fazer piada no estado de fraqueza em que se encontrava.

— Você... você falou de histórias, Poison. O que foi que o Hierofante lhe disse? O que foi que ele fez?

Subitamente, Poison lembrou-se do que Myrrk contara enquanto tomavam chá no casebre à beira do lago, como tudo saíra errado quando ele tentou abandonar seu papel e criar uma vida diferente para si mesmo. *“Certa vez tive minha própria história, mas não gostei dela e tentei mudá-la. Não recomendo isso a ninguém.”* Na ocasião, Myrrk recusou-se a explicar o que queria dizer com aquilo, dizendo que ainda não era a hora certa. Mas agora, num súbito lampejo de lucidez, Poison compreendeu tudo.

— Sou eu... — disse ela, quase sem mexer os lábios gretados. — Sou eu mesma a responsável por tudo isso.

— O que você está fazendo, Poison? E por quê? — O tom de reprovação na voz de Fleet calou na alma de Poison como um bloco de chumbo.

— Eu parei de cooperar — respondeu ela.

— Com quem? — quis saber Fleet. Poison recostou-se melhor sobre a cama.

— Você não consegue enxergar, Fleet. Não enxerga porque não quer. Mas isto é um conto de fadas, meu amigo, e nada mais! Uma história inventada pelo Hierofante! Mas eu me recuso a participar deste jogo. Não sou uma peça de xadrez que ele pode manipular como bem entende. Se não puder tomar minhas próprias decisões, prefiro não jogar. Se não tiver livre-arbítrio... — e então Poison baixou os olhos —, prefiro morrer.

Fleet olhava para a amiga, mas lutava para compreender suas palavras. Tudo aquilo parecia-lhe absurdo, impossível de compreender.

— Você está me deixando confuso — disse. — Não vejo como sua história está relacionada com este... mal-estar que se abateu sobre nós. Mas sei que tudo isso tem a ver com você, Poison. O que foi de tão terrível assim que lhe fez perder a vontade de viver? Por acaso não vê que está afetando a todos nós também?

Poison teria derramado uma lágrima naquele instante se ainda lhe sobrassem lágrimas para derramar.

— Vocês são personagens, todos vocês. Assim como eu.

— Como pode pensar assim? — suplicou Fleet, subitamente revigorado. — Nós sentimos, amamos, choramos, sangramos, sofremos... Se isso não é o mesmo que estar vivo, então já não sei mais nada! Qual é sua definição de vida, Poison?

Como pode achar que o Hierofante controla sua vida de alguma maneira? Não é você mesma quem faz suas escolhas? Não foi você mesma quem decidiu empreender esta aventura?

— Será? — respondeu Poison, esmorecendo-se novamente sobre os travesseiros. — As provas de que minhas escolhas são ilusões estão bem aqui, diante de nossos próprios olhos. Veja o que acontece quando me recuso a fazer o que ele quer. A história começa a ruir em torno de mim. Por que não posso escolher desistir?

E para isso Fleet não tinha uma resposta. Poison virou-se na cama, dando-lhe as costas, e dali a pouco ouviu-o sair.

* * *

Agora que voltara a falar, Poison sempre tinha a companhia de alguém em seu quarto. Dava a impressão de que estava se recuperando, mas não era verdade. Quando abria a boca para dizer alguma coisa, simplesmente desculpava-se pelo que estava acontecendo. Bram e Peppercorn, assim como Fleet, não entendiam o porquê de tudo aquilo, mas insistiam para que ela comesse alguma coisa, para recuperar suas forças.. Eles morriam, desapareciam lentamente, à medida que a história de Poison se desmanchava no ar. Mas Poison não encontrava uma saída para o abismo em que se encontrava. Como poderia continuar a viver ciente de que obedecia cegamente às vontades de outra pessoa? Comovia-se com as lágrimas de Peppercorn e com o silêncio de Bram, sem saber qual das duas coisas era pior. Mas estava irredutível. Iria desaparecer, e os amigos desapareceriam com ela. Essa era a única escolha que fizera por iniciativa própria, e se tivesse de morrer para desafiar o Hierofante, então assim seria. Afinal, ele próprio era culpado por ter criado uma personagem tão teimosa. Quanto mais se sentia pressionada, mais forte era a sua reação e mais inflexível ela se tornava.

* * *

Poison alternava entre a inconsciência e a lucidez, como se a fraqueza a engolissem para cuspi-la de volta logo em seguida. Os dias e as noites já se misturavam em sua cabeça: o tempo havia se fragmentado em pequenos intervalos de discernimento. Ela estava desnutrida e desidratada. Às vezes, acordava com os lábios úmidos de mel ou de leite; os companheiros tentavam alimentá-la enquanto ela dormia, na esperança de fazê-la recuperar as forças. Em vão. Poison estava morrendo, e sabia disso... mas pelo menos a decisão fora sua.

Certa noite, ela acordou na penumbra e viu Bram sentado numa cadeira ao seu lado. Uma única vela ardia sobre uma mesinha próxima, iluminando uma das faces do caçador. Seus olhos sumiam à sombra do onipresente chapéu de abas largas.

— Bram... — murmurou Poison, forçando um sorriso.

Bram ficou calado por um bom tempo. Muito embora não pudesse ler a expressão nos olhos dele, Poison sabia que o amigo estava soturno.

— Bram, o que foi?

— Estive pensando — disse ele. — E você vai ouvir o que tenho para lhe dizer.

Bram virou-se na cadeira, deixando que o lume da vela iluminasse sua face inteira. Poison levou um susto. Quase podia ver o crânio dele por debaixo da pele. O bigode estava ralo e sem vida. O pescoço de touro havia se desmanchado em pelancas. Os olhos estavam mortiços e avermelhados.

— Oh, Bram... — exclamou. Aquela visão cortara-lhe o peito como uma lança.

— Não preciso de sua misericórdia — retrucou o caçador, circunspecto. Sua voz estava fraca. — Já ouvi suas desculpas antes. E elas não me interessam.

Poison ficou surpresa com a súbita mudança nas maneiras do caçador, mas estava fraca demais para reagir à altura.

— Você é uma garota egoísta — ele rosnou. — Veja o que está fazendo! Olhe bem para mim. Por acaso já viu Peppercorn? Fleet? Até aquele gato do outro mundo? Já viu o que seus princípios estão fazendo conosco? Você está matando a todos nós, garotinha mimada! E só porque não tem coragem de lutar!

Poison assustou-se com a raiva que escoava na voz do caçador. Achava que Bram jamais seria capaz de falar dessa maneira. Para um homem tão gentil ficar assim, tão alterado...

— Vocês são personagens... — protestou ela, baixinho.

— Já sei, já sei! Você já disse isso um milhão de vezes — retrucou Bram. — Personagens... Isso é ridículo! Estou tão vivo quanto você, e você está tão viva quanto o Hierofante. Estamos *todos* vivos, Poison. Estamos todos vivos, seja lá qual for a sua definição de vida. Mesmo que você acredite que fomos criados por outra pessoa. Todos temos nossos sonhos e ambições, nossos planos e nossos desejos, e você está tirando tudo isso de nós. — Bram ficou de pé e fez um gesto de desgosto com a mão enluvada. — Você nunca acreditou em um deus?

— Quando era menina... — sussurrou Poison.

— Então qual é a diferença?

— Porque naquela época eu acreditava que... eu tinha controle sobre meu próprio destino.

— Mas você não vê? — berrou Bram. — Você já provou que estava certa! Provou que *realmente* tem controle sobre o próprio destino. Escolheu morrer, escolheu matar a todos nós. E ninguém a impediu de fazer isso; ninguém pode impedi-la, a não ser você mesma. Não importam as conseqüências, a escolha foi sua.

Poison ficou estupefata com a capacidade de argumentação de Bram.

— Isso... não é suficiente — disse ela, limpando os fios de cabelo do rosto.

— Se a única maneira de salvar o mundo é fazendo aquilo que *ele* quer... então não há escolha nenhuma.

— Você não tem o direito de nos matar! — explodiu Bram.

— Como pode ter certeza de que... está vivo? — redarguiu Poison.

— Quem pode ter certeza de alguma coisa? Não existem respostas definitivas, Poison. Tudo é incerto. Assim é a *vida*. Temos de lidar com o mundo do jeito que ele é. Você não vê a beleza disso? Tudo o que eu quero da vida é voltar para minha terra, comprar uma casinha nas montanhas, e nunca mais ter de pensar em Hierofantes e seres do Reino das Fadas, nunca mais! Você está roubando esse sonho de mim! O que a faz pensar que tem o direito de decidir sobre nossas vidas?

— Porque... — sussurrou Poison. — Porque vocês estão todos morrendo. Estão morrendo porque eu estou morrendo. O que faz você pensar que tem o direito de decidir sobre *minha* vida? Como pode me responsabilizar pelo mundo inteiro?

— Você é responsável pelo mundo inteiro! — disse Bram, subitamente sentindo um gostinho de triunfo. — E você sabe o que isso significa?

Poison franziu as sobrancelhas.

— Não...

— Significa que esta história é *sua*, tolinha! — arrematou o caçador. Poison ficou confusa. Achara até então que Bram, como Fleet, não era capaz de enxergar as cordas com as quais era manipulado. E agora ele estava ali, argumentando com ela e valendo-se de uma lógica que não era a sua. Deve ter sido um exercício mental e tanto para um homem tão pragmático quanto Bram aceitar conceitos tão inovadores quanto aqueles. Será que acreditava mesmo no que falava, ou simplesmente procurava entrar no jogo dela para fazê-la mudar de idéia?

— Significa que você tem poder sobre essa história tanto quanto o próprio Hierofante — continuou Bram. — Se eu morrer, ou se Peppercorn morrer, o mundo continuará a existir como antes. Mas, porque você está morrendo, toda a história está ruindo. Você não vê? Você é a heroína! Esta é sua história! Sem você, nada funciona. — Os olhos de Bram agora brilhavam de entusiasmo. — Então, se a história é sua, assuma o controle dela! Reaja! Faça alguma coisa!

— Fazer o quê? — disse Poison, exaurida. — Como posso... como posso lutar?

— Sei lá! — disse Bram, andando de um lado para outro. — Você é que é a inteligente da história! Conseguiu superar todas as dificuldades que ele criou para você até agora. Vamos, reaja! Talvez haja uma chance de mudar sua situação. Está mesmo disposta a jogar fora sua vida, e a vida de todos nós, sem ter *certeza*? Tente! E, se não conseguir, poderá desistir novamente.

Ele tinha razão. Ele tinha razão! O fato de que ela podia levar o mundo do Hierofante à beira da ruína era prova de que aquela história era mesmo dela. E só dela. Tanto que a história entraria em colapso se ela não fizesse mais parte dela. Aquela era uma situação de poder! De repente, Poison sentiu algo reavivar em seu espírito, algo que havia muito não aparecia por ali: a esperança. Talvez ela pudesse *mesmo* fazer alguma coisa. Talvez pudesse mudar o jogo por completo.

Será que estava realmente viva? Será que Bram estava vivo? Não era comum uma pessoa achar, pelo menos uma vez na vida, que ninguém mais estava vivo, a não ser ela própria, e que todos os demais eram atores de uma peça montada exclusivamente para si? Seria de todo possível discernir quem estava vivo de quem não estava?

Não. Bram tinha razão. Ela jamais poderia ter certeza antes de morrer. Talvez nem depois da própria morte.

Qualquer que fosse a verdade sobre as condições de sua vida, não valeria a pena morrer por ela.

— Coma! — exigiu Bram, oferecendo-lhe uma tigela de sopa fria que ficara ali desde a última tentativa de Peppercorn em alimentar a amiga. — Vamos logo. Coma! Não seja tão egoísta. Levante-se, lute e pare de sentir pena de si própria!

Os olhos de Poison cintilavam febris sobre a tigela. Desistir, agora que estava tão perto de... Será que os argumentos de Bram faziam mesmo sentido?

Mas a mera possibilidade cogitada pelo caçador era tudo de que sua força de vontade natural precisava para ganhar novo fôlego. Tudo não passava de uma vaga esperança, mas o desejo de insurgência agora lhe incendiava o coração. Não iria mais desafiar o Hierofante com sua morte; iria combatê-lo com a própria *vida*. Não iria mais deixar de cooperar; iria derrotá-lo em seu próprio jogo. Decerto haveria uma saída. Uma saída qualquer.

Poison pegou a tigela das mãos de Bram e tomou uma colherada. Naquele momento, a sopa fria e insípida parecia-lhe um néctar maravilhoso, pois trazia de volta a força de que precisava para reagir e lutar.

Bram respirou aliviado e permaneceu ali, olhando a companheira comer.

— Você me pregou um susto, Poison — sussurrou. — Um susto e tanto!

— Você acredita em mim? — perguntou ela, entre uma colherada e outra. — Acredita que somos personagens de uma fantasia, de uma história?

O bigode do caçador estirou-se sobre um sorriso maroto.

— Não acredito em nada disso — respondeu. — Mas sei que se você melhorar, essa maldita doença vai embora. E não preciso saber de mais nada.

* * *

A recuperação de Poison foi rápida, e em poucos dias ela se levantou da cama. À medida que ela recuperava as forças, o mal-estar que se abatera sobre o castelo

do Hierofante desvanecia como um sonho ruim. A cor voltava às faces dos habitantes do castelo, e a carne aos ossos. As paredes ficavam cada vez mais densas e rapidamente recobravam a inabalável solidez de antes. A tempestade açoitava o castelo com renovado furor.

Todavia, o mais impressionante de tudo — excetuando-se a assombrosa rapidez daquela recuperação — foi a amnésia generalizada que se seguiu. Ninguém se lembrava mais da sensação de desaparecimento; restavam apenas os ressaibos de um pesadelo interrompido pela luz do dia. Sempre que Poison tocava no assunto, as pessoas ficavam confusas e diziam que ela ainda não havia se recuperado totalmente de sua própria doença. Para elas, Poison havia sucumbido a uma forte gripe e ainda precisava de muitos cuidados, mas quando eram pressionadas a dar mais detalhes, sempre procuravam se evadir.

Poison achou melhor não insistir. Estava mais interessada em outra coisa. Precisava descobrir um meio de derrotar o criador daquele lugar, de ludibriar o autor do roteiro de sua própria vida. Enquanto esteve na cama, passou dias e dias pensando no assunto, e depois, quando se recuperou, andava de um lado para outro entre as paredes do quarto, a preocupação estampada no rosto e o olhar ainda mais intenso do que o habitual.

No fim das contas, todavia, seus esforços mostraram-se desnecessários. Exatamente no dia em que Fleet declarou seu completo restabelecimento, o Hierofante foi assassinado.



Os assassinos

Ele estava debruçado sobre o enorme livro encadernado em couro sobre o qual escrevia quando Poison o vira pela última vez. A caneta de pena ainda estava presa entre os dedos mortos. Na verdade, alguém poderia achar que ele tirava uma soneca no meio do trabalho, não fosse pela adaga cravada entre as omoplatas. Poison não conseguia despregar os olhos da arma. Não havia dúvidas: a julgar pelo punho, aquela era a adaga que ela mesma roubara da Senhora das Aranhas a mando de Aelthar.

Não se via sangue em parte alguma. Nenhuma gota, nenhuma mancha. Nem sobre as costas de Melcheron, nem sobre as páginas do livro sobre o qual ele caíra. Era como se a lâmina bifurcada tivesse sugado todo o sangue do velhinho.

A tempestade desabava do lado de fora, fustigando as vidraças da enorme janela circular que dominava todo o quarto. As gárgulas já não montavam guarda à entrada, uma vez que seu mestre estava morto, mas quatro Antiquários trajando túnicas vigiavam o cadáver para que ninguém tocasse nele. O corpo fora descoberto havia poucos minutos, e muitos dos líderes que ainda não haviam partido apressaram-se até os aposentos do Hierofante para conferir pessoalmente a veracidade da notícia. Poison, Bram, Peppercorn e Andersen haviam entrado na companhia de Fleet, e ninguém reprovou a presença deles. Poison ficou aliviada ao constatar que Asinastra não estava ali.

Mas Aelthar, este sim, estava presente e a encarava acintosamente sob a juba cor de fogo. Poison devolvia-lhe o olhar com frieza. A adaga que fora buscar para ele havia encontrado seu caminho até as costas do Hierofante. O culpado era mais que evidente.

Todavia, Poison ocupava-se com outro pensamento ainda mais desconcertante. Acabara de digerir o peso das informações fornecidas pelo Hierofante, e agora aquilo.

Melcheron havia sido assassinado. O contador de histórias havia sido morto por um de seus personagens.

E agora quem escrevia sua história no lugar dele?

Mas Poison não teve tempo para maiores divagações. Naquele instante, acabara de entrar no quarto uma figura de excelsa beleza, trajando um vestido de prata tão brilhante quanto o reflexo da lua sobre o mar. Ela atravessava o cômodo com tamanha elegância e graciosidade que os presentes, sem despregar os olhos dela, abriam espaço para que ela pudesse chegar até a escrivaninha do Hierofante.

— É ela! — exclamou Peppercorn, baixinho.

— Ela quem? — perguntou Bram automaticamente.

— Nós a vimos antes — disse Poison, demonstrando certa desconfiança. — No palácio do Senhor do Reino das Fadas.

A diáfana criatura deitou os olhos infinitamente azuis sobre o corpo inerte do Hierofante e deu um suspiro tão plangente quanto o uivar do vento através dos teixos de um cemitério.

— Ela? No palácio de Aelthar? — perguntou Fleet. — Vocês têm certeza?

— Ela mesma — disse Poison. Ninguém se esqueceria de tanta beleza. — Por quê? Quem é ela?

Uma lágrima cristalina rolou sobre a face de porcelana da suposta princesa, mais uma das etéreas criaturas do Reino das Fadas.

— É Pariasa, Princesa das Aeríades — disse Fleet. — A viúva do Hierofante.

— O Hierofante tinha uma mulher? — espantou-se Poison. Fleet respondeu que sim com a cabeça.

Poison refletiu por um instante. Tudo parecia se encaixar: a adaga, a princesa, Aelthar...

— Precisamos sair daqui — disse ela. — Talvez não tenhamos muito tempo.

* * *

Eles corriam pelos corredores sombrios do castelo de pedra. Poison seguia na frente, e Andersen fazia o possível para não ser atropelado pelos bípedes ao seu redor. Bram arfava e tossia em último lugar. Poison olhava nervosamente para os lados, assustando-se com as sombras e examinando os passantes com desconfiança.

— O que foi que aconteceu? Para onde estamos indo? — perguntou Peppercorn, correndo bravamente entre os adultos.

— Estamos fugindo — disse Poison. — Corremos muito perigo, todos nós.

— Perigo? — perguntou Bram, ofegando. — Por quê?

Poison parou um pouco para que o caçador pudesse recuperar o fôlego. Fleet, embora fosse vinte anos mais velho que Bram, sequer suava.

— Ouçam — disse Poison, olhando para ambos os lados do corredor. — As únicas pessoas que sabem toda a verdade sobre a adaga somos nós. Todos os outros, se é que sabem de alguma coisa, acharão que a arma pertence a Asinastra. Vocês não percebem? Quem quer que tenha assassinado o Hierofante agora quer nos ver

mortos também! Somos as únicas pessoas que podem apontar outros suspeitos e inocentar a Senhora das Aranhas.

— Então, quem é o assassino? — perguntou Bram.

— Aelthar! — disseram Poison, Peppercorn e Fleet em uníssono. Bram apertou a aba do chapéu.

— Então é unânime, não é? — disse ele, um pouco envergonhado de ter sido o último a descobrir.

— Depois eu lhe explico tudo — disse Poison. — Agora precisamos encontrar um lugar seguro para nos esconder.

— Esperem! — disse Bram, procurando ganhar tempo para descansar um pouco mais. — Por que vocês não contaram tudo ali mesmo, no quarto do Hierofante? Achei que estivéssemos seguros neste castelo.

Peppercorn bufou de impaciência.

— Nós estávamos sob a proteção do Hierofante — explicou ela. — Mas agora que ele está morto, essa proteção não vale mais nada, não é mesmo?

— E ainda não podemos acusar Aelthar — acrescentou Poison. — Precisamos de algum tipo de prova, ou de alguém que possa comprovar nossa história. Não há nada que o impeça de nos matar agora. — “Ou Asinastra”, complementou ela mentalmente, lembrando-se do encontro que haviam tido no balcão.

— Provas... — murmurou Fleet. E, de repente, os seus olhos se iluminaram. — A biblioteca!

— O que há na biblioteca?

— A história de Melcheron! O Hierofante era um Antiquário como todos nós; na verdade, era o mestre dos Antiquários. Sua história estará registrada até o ponto de sua morte. Se ele viu quem o matou...

— A informação estará escrita no livro de sua vida! — completou Poison. — O que ele sabe, o livro também sabe! Perfeito!

— Mas achei que íamos para um lugar *seguro*! — choramingou Peppercorn.

— Depois — prometeu Poison. — Mas antes precisamos encontrar o livro. Se Aelthar pensou nisso antes de nós...

— Bem, então o que estamos esperando? — disse Bram, como se não fosse por ele que os demais esperavam. — Vamos logo!

A Biblioteca-Mor estava sinistramente vazia.

Os companheiros caminhavam silenciosamente pelo labirinto de corredores, minúsculos pontinhos entre as gigantescas torres de livro que se esparramavam por diversos andares. A escuridão pairava em torno do lume da lanterna e parecia sufocar qualquer possibilidade de barulho. Nenhum dos outros Antiquários estava ali; decerto já haviam sabido da notícia do assassinato do mestre. Poison começou a

achar que talvez não tivesse sido boa idéia entrar na biblioteca. Naquele labirinto sem fim, poderiam ser atacados sem que houvesse ninguém para ajudá-los.

Seguindo Fleet, eles passavam por corredores, contornavam prateleiras, subiam escadas e atravessavam passadiços estreitos. Poison não conseguia imaginar como ele conseguia se orientar naquele lugar; até Andersen contentava-se em segui-lo humildemente, em vez de tomar a liderança como gostava de fazer. Finalmente Fleet parou numa pequena câmara cercada de livros, onde uma vela queimava sobre uma mesa vazia encostada a uma das paredes. Poison perguntou-se como aquelas velas permaneciam acesas e achou que era um truque de mágica; mas depois mudou de idéia e concluiu que aquilo era mais um exemplo do descaso do Hierofante pelos detalhes. Sua cabeça doía quando pensava nessas coisas — especialmente quando poderia haver uma explicação perfeitamente racional para as tais velas eternamente incandescentes —, mas não conseguia evitar.

“Bram tinha razão”, pensou ela enquanto observava Fleet vasculhar as prateleiras à procura do livro com o nome de Melcheron. “Eu teria morrido, sem sequer lutar, se ele não tivesse me convencido do contrário. Mas o Hierofante está morto. Será que agora posso controlar meu próprio destino? Será que ele realmente tinha algum poder sobre mim?”

Havia tantas perguntas sem respostas... Como se explicava o fato de que o mundo continuava normalmente depois da morte do Hierofante? E por quê, quando ela estava à beira da morte, esse mesmo mundo ameaçara ruir? Naquela história em particular, ela tinha mais importância que o homem que um dia afirmou escrevê-la; pelo menos isso ficara evidente. E se Melcheron estivesse enganado? E se houvesse outro Hierofante, invisível e superior, alguém que tivesse criado Melcheron da mesma forma que Melcheron havia criado Poison, um observador de todos os Reinos para quem Poison era indispensável, mas Melcheron não. Poison sentiu-se subitamente pequena e solitária diante de idéia tão bizarra.

— Não está aqui — disse Fleet. Ele examinou as prateleiras novamente, como se não acreditasse em seus próprios olhos, e depois balançou a cabeça negativamente. — Não. Não está mesmo.

Poison ficou desolada.

— Tem certeza? — perguntou, agarrando-se a um fragilíssimo fio de esperança.

— Certeza absoluta — disse Fleet. — Eles devem ter planejado o roubo do livro de antemão. Sabiam que ele poderia ser usado como prova do crime.

— Como alguém pode simplesmente *levar* um livro daqui? — perguntou Poison, exasperada. — Achei que este lugar fosse protegido pela magia!

— Os livros são indestrutíveis — disse Fleet —, mas não são imóveis. A maioria das pessoas não pode retirá-los daqui, mas algumas podem: nós, os

Antiquários, e alguns outros poucos em quem Melcheron confiava. Se estivesse vivo, o Hierofante saberia do roubo por meio da magia.

— Então eles levaram o livro *depois* do assassinato! — concluiu Bram. — Alguém próximo a Melcheron?

— Exatamente — disse Poison.

— Você tem mesmo certeza de que foi Aelthar? — perguntou Bram, coçando o bigode com o dorso da mão enluvada. — Eu suponho que Melcheron não confiasse nele nem um pouco. E como foi que ele passou pelas gárgulas para entrar no quarto do Hierofante? Elas não o haviam deixado passar antes.

— Porque Aelthar não estava sozinho — disse Poison. — Agora precisamos ir.

Andersen chiou de repente e o barulho calou em todos como se alguém tivesse dito: *atenção, ouçam!*

E eles obedeceram, aguçando os ouvidos. O silêncio da biblioteca era sufocante. Poison olhou para os diversos corredores à sua frente até vê-los desaparecer na escuridão. Alguns segundos antes, algo havia atizado sua memória, algo muito discreto para ser ouvido. Mas o gato ouvira bem.

Algo...

Ao longe, quase imperceptivelmente, ouviu-se o repicar de um sininho de prata.

Poison sentiu o coração parar e o sangue fugir-lhe do rosto. Andersen começou a fazer um barulho estranho, arranhando a garganta em tom de ameaça.

E novamente o sininho repicou nas entranhas da biblioteca, dessa vez mais alto.

— É ele — sussurrou Poison, lembrando-se... *...atravessando a borda da página... rolando-lhe o pulso...* E então ficou apavorada.

— O Espantalho está aqui!

— Quem? — perguntou Peppercorn.

— Aelthar mandou-o atrás de nós — disse Poison, segurando a mãozinha da outra. — Precisamos correr!

Ninguém precisou de maiores incentivos. Saíram chispando da pequena câmara, embarafustaram pelos corredores na direção contrária à do sininho, atravessaram um passadiço arqueado sobre um abismo de livros, embrenharam-se em outro labirinto de prateleiras e por fim chegaram a um entroncamento no formato de estrela-do-mar onde confluíam cinco caminhos. Poison ameaçou seguir por um deles, sem saber para onde ia. Mas Fleet agarrou-a pelo braço e impediu que ela seguisse adiante.

— Não seja tola, Poison. Se você se perder, vai passar o resto de seus dias nesta biblioteca.

— Então mostre-nos o caminho! — retrucou a menina.

— Se a senhorita nos der a honra de dizer aonde queremos chegar... — disse Fleet, amuado.

— Você disse que este lugar pode nos levar à biblioteca de qualquer Reino? — Poison nem esperou pela resposta. — Então nos leve até Grugaroth.

— O gigante, Senhor de Ur? Mas por quê?

O sininho repicou novamente, o som tão cristalino que parecia sair de dentro da cabeça das pessoas.

— Vamos logo! Agora não dá para explicar!

Fleet jogou as mãos para o alto, resignando-se.

— Por ali — disse.

— *Muito obrigada* — retrucou Poison, irritada. E lá foram eles, no encalço de Fleet.

— Não quero ver gigantes! — choramingou Peppercorn, debatendo-se com o vestidinho enquanto corria.

— Também não gostará de ver o Espantalho, acredite em mim. — Percebendo a expressão de pavor nos olhos da garotinha, Poison achou que devia apaziguá-la pelo menos um pouquinho. — Olhe — disse ela, ofegante, enquanto desciam por uma escadaria —, não podemos voltar para casa. Aelthar irá atrás de nós. E não posso desistir enquanto não tiver minha irmãzinha de volta. Estaremos seguros somente no Reino de outro Senhor.

— Mas por que *ele*?

Poison revirou os olhos.

— Porque Grugaroth odeia Aelthar. E nós também. Pelo menos isso nós temos em comum.

— Eu não odeio ninguém! — protestou Peppercorn.

— É... — murmurou Poison, talvez com uma pontinha de inveja. — Suponho que não odeie mesmo.

Então seguiram por uma estonteante sucessão de esquinas e curvas, desceram mais uma escadaria e chegaram àquilo que Poison julgava ser o primeiro pavimento da biblioteca. Durante todo o tempo foram seguidos pelo Espantalho, cada vez mais próximo, indiferente aos inúmeros obstáculos do lugar e às tentativas de Fleet em confundi-lo. Poison estava cada vez mais apavorada, mas procurava não demonstrar. Corria de mãos dadas com Peppercorn e quase podia sentir o pânico da garotinha de cachos dourados vazar pela palma da mão. Bram vinha logo atrás, com Andersen no colo; não queria ver o bichano, que tinha o péssimo hábito de trançar entre as pernas das pessoas, morrer pisoteado.

Saíram de uma estreita aléia de livros e chegaram a um corredor mais amplo, também ladeado de estantes. Fleet parou repentinamente e olhou para ambos os lados. As prateleiras estendiam-se infinitamente e desapareceriam na escuridão.

Uma lanterna brilhava sobre uma mesinha próxima, formando estranhas sombras sobre o rosto de todos.

— Por que parou? — perguntou Poison.

— Estou pensando, ora bolas! — rosnou Fleet, pegando-a de surpresa. Ele estava visivelmente tenso. Assim como Bram, ele raramente se alterava, e quando isso acontecia, o impacto era ainda maior. — Você acha que é fácil me orientar num lugar deste tamanho?

— Achei que você fosse um Antiquário, que essa fosse sua *vocação*... — retrucou Poison, debochando.

— Pare com isso, Poison! — interveio Bram. — Não está ajudando em nada! Assustada, Poison calou-se imediatamente. Mas ainda estava furiosa. Fleet pôde então voltar ao que estava fazendo antes: esforçando-se para lembrar o caminho por onde deveriam seguir. De repente, Poison deu-se conta de que o sininho parara de repicar. Sentiu um terrível frio no estômago.

Pouco depois, viu que flocos cintilantes caíam do alto, como neve, e pousavam sobre ela e os amigos. Ficou perplexa por alguns instantes e depois olhou para cima.

E lá estava o Espantalho, de pé sobre um passadiço que cruzava o corredor; seus olhos eram duas fendas amarelas perfurando a sombra do chapéu. Ele espargia os flocos por sobre o parapeito, deixando-os cair preguiçosamente pelo ar.

— Poison, estou ficando com sono... — disse Peppercorn. Poison sentiu a mãozinha da garota amolecer dentro da sua.

— *Vamos, limpe isso de você!* — gritou ela, varrendo os flocos sobre as roupas e sobre o cabelo de Peppercorn. Tarde demais. A garotinha já estava completamente letárgica e mal conseguia ficar de pé. Não resistiu por muito tempo e logo desfaleceu sobre a fina camada de flocos que cobria o chão. Os outros perceberam então o perigo que corriam e, como Poison, começaram a se limpar freneticamente. Mas já estavam suficientemente cobertos pela substância para poderem resistir. Bram relaxara os braços, e Andersen estatelou-se desajeitadamente no chão, adormecendo logo em seguida. Fleet caíra de joelhos. Lutando para manter os olhos abertos, Bram ainda tentava se limpar e chacoalhava as abas do chapéu com a cabeça. Os flocos não paravam de cair.

Poison sentiu o doce abraço do sono fechar-se sobre ela. Viu Fleet esparramar-se sobre o chão e deixar-se levar pela inconsciência. Chegou a pensar em como seria bom fazer o mesmo. Suas mãos estavam cada vez mais pesadas e já não lhe obedeciam como antes. Ela começava a sucumbir aos poderes mágicos da substância. Ouviu um barulho pesado atrás de si e constatou que Bram, ele também, desabara sobre o chão. Ela era a única que ainda estava de pé. Ela e o Espantalho.

Poison não sabia explicar como ele descera do passadiço ao primeiro pavimento da biblioteca. Não sabia se ele pulara, voara ou simplesmente se

materializara ali. Sentia as pernas trêmulas e esforçava-se para manter a lucidez. O Espantalho aproximava-se cada vez mais, como num pesadelo. Mãos finas e murchas saíam das mangas de seu casaco longo e roto; os dois traços que tinha no lugar dos olhos reluziam sob a aba do chapéu, ainda maior que o de Bram. Com uma das mãos, segurava o sininho de prata, fazendo-o repicar de quando em vez. Poison deixava-se embalar pelo tilintar hipnótico e mal conseguia se manter de pé. Sequer conseguia reunir forças para continuar varrendo os flocos mágicos de seu corpo. Se dormisse, morreria... e, mesmo sabendo disso, não se sentia capaz de evitar o crescente torpor.

O Espantalho repicou o sininho mais uma vez.

Poison cambaleou até a mesinha ao seu lado e apoiou as mãos sobre o tampo, como se as pernas já não existissem mais. O aconchegante lume de uma lanterna era mais um convite ao sono profundo.

— Não... — disse ela, debatendo-se contra a letargia. Então lembrou-se da imagem de Azalea, da irmãzinha querida que havia sido raptada pela ignóbil criatura. Também lembrou-se da réplica de olhos opacos que havia sido deixada no lugar dela. Aquela *coisa* era responsável por tudo. Todos os apuros pelos quais ela havia passado até então deviam-se inteiramente àquela aberração do Reino das Fadas. Poison procurava alimentar a própria raiva, pois precisava reagir. E o desejo de vingança que ardia em seu peito naquele momento deu-lhe ânimo suficiente para arquitetar um derradeiro plano.

Assim, arregimentando as forças que ainda lhe restavam, virou o corpo, lançou a lanterna na direção do Espantalho e acertou-o bem no peito. Os vidros da lanterna espatifaram-se, deixando cair a vela. O fogo não demorou a se espalhar. Cada vez mais ávidas, as labaredas lambiam os trapos rotos do casaco do Espantalho. Ele agitava os braços e gritava desesperadamente, cambaleando para todos os lados até finalmente cair sobre uma das prateleiras. Os livros, protegidos por magia, estavam imunes ao fogo cada vez mais violento. O ar impregnava-se do cheiro forte de queimado. No limite de suas forças, Poison sentiu faltarem-lhe as pernas e deixou-se estatelar completamente no chão. Os últimos gritos do Espantalho ainda esfuziavam em seus ouvidos, e a imagem da criatura em chamas lentamente escapava-lhe da visão.

Mas dali a pouco tudo mudou. A sensação de cansaço dissipou-se de um segundo a outro, e Poison sentiu-se revigorada, como se um manto pesado lhe tivesse sido retirado dos ombros. Os músculos voltavam a lhe obedecer, e a mente estava clara como nunca. Levantou-se do chão sem problemas, pois os flocos mágicos não tinham mais nenhum poder depois do desaparecimento do Espantalho. Um discreto sorriso de triunfo brotou-lhe nos lábios. Ela havia liquidado a criatura que raptara sua irmã.

Os outros também despertavam aos poucos daquele torpor sobrenatural. Poison ajudou cada um deles a se levantar e depois pediu que Peppercorn pegasse Andersen no colo. Ainda um pouco tonta, Peppercorn obedeceu automaticamente.

Enquanto os companheiros se aprumavam, Poison olhou mais uma vez para a pilha de trapos carbonizados a que se reduzira o Espantalho. Não pôde conter um brilho de satisfação no olhar.

A vingança nunca fora tão saborosa.



O Senhor de Ur

O castelo de Grugaroth pendurava-se da boca de um vulcão, onde um imenso poço de magma efervescente remexia e revirava, exalando gases nocivos pelo ar. O poço ficava no ventre de uma caverna gigantesca, em algum lugar nos subsolos áridos do Reino de Ur, alheado do céu por toneladas de pedra bruta. O castelo era sustentado por um anel de ferro de proporções descomunais, atado a cinco correntes cujos elos tinham mais de dez metros de espessura. O anel cingia o castelo pela base, e quem o olhava por baixo via enormes dentes de pedra pairando sobre a lava. Era como se o edifício monstruoso tivesse sido arrancado do chão, com raízes e tudo, e aprisionado ali, sobre aquele inferno borbulhante. Aliás, a se acreditar na história, foi exatamente isso o que aconteceu.

O castelo propriamente dito era uma visão grotesca e tenebrosa. Tratava-se de uma construção de ferro escuro, comprida e atarracada como uma bigorna, cheia de quinas e espigões. A luz vermelha que vinha de baixo conferia-lhe um aspecto demoníaco; janelas quadradas dominavam o poço de magma. Uma porta levadiça, semelhante à boca de uma fera, ficava na extremidade de uma vasta ponte que ligava o castelo à borda do vulcão. O conjunto parecia desafiar todas as leis da física, e, no entanto, estava ali para quem quisesse ver.

A caverna em torno do poço de magma abrigava um emaranhado de plataformas, escadas, pilares, vigas e lintéis. Túneis perdiam-se no interior das paredes, poços abissais pontilhavam o chão, e a gente de Ur trançava por todos os lados. Duendes de cara suja malhavam o solo à procura de minério, gnomos de pele coriácea guiavam carroças, ogros carregavam pedras para lá e para cá. O ar recendia a suor e enxofre. Faíscas voavam em torno das soldas que modelavam o ferro de máquinas impressionantes; peças de metal incandescente chiavam loucamente quando eram jogadas na água fria; os comandos dos capatazes esfuziavam pela caverna, assim como a cantoria dos trabalhadores que exploravam as minas para seu mestre.

Grugaroth sentava-se num trono de ferro negro em meio às sombras avermelhadas de um amplo salão. Reclinava-se displicentemente, tamborilava os dedos no braço do trono e olhava perdidamente para o nada. Fazia horas que o

Senhor de Ur quedava assim, ruminando os próprios pensamentos, com seu gigantesco martelo não muito longe dali. Já sabia do assassinato do Hierofante, pois até ele tinha espiões, embora desprezasse as sutilezas, principalmente nas situações em que bastava a força bruta. E agora refletia sobre o assunto, cogitando longamente sobre todas as implicações possíveis, de seu jeito lento e metódico. Não era tão rápido nem tão inteligente quanto alguns de seus pares, mas era muito esperto. Sua argúcia mantinha-o no poder havia muitos anos.

A chegada de um gnomo, que lhe batia na altura das canelas, passou despercebida até que a criaturinha tossiu pela terceira vez e despertou-o de seus devaneios. Grugaroth olhou para baixo e ficou surpreso ao constatar a presença, ao lado do gnomo, de uma garota humana de aspecto soturno.

— Perdão, Majestade — disse o gnomo. — Meu nome é Babghoh, vosso humilde criado, e um dos guardiões de vossa venerável biblioteca de pedra.

Grugaroth não estava nem um pouco interessado na informação, mas tinha a paciência de uma geleira e esperou para ver o que o baixote tinha a dizer.

— Há poucos minutos, um grupo de humanos chegou em vosso Reino. Um deles, esta adolescente chamada Poison, invocou a Lei de Amrae para demandar uma audiência com Vossa Majestade.

A guisa de uma resposta afirmativa, Grugaroth engrolou qualquer coisa com sua voz cavernosa.

— Ademais — continuou Babghoh —, disse que tem informações a vos fornecer. Sobre Aelthar, o Senhor do Reino das Fadas. Disse também que compartilha de vossa inimizade pelo referido Senhor.

Grugaroth levantou uma das sobrancelhas e rodopiou as pupilas vermelhas até fixá-las em Poison.

— *Deixe-a falar!* — trovejou.

* * *

Não havia noite ou dia no Reino do Hierofante, apenas uma tempestade sem fim. Portanto, era difícil registrar a passagem do tempo por ali. Pelos padrões humanos, todavia, não mais de doze horas haviam se passado desde a conversa de Poison com Grugaroth até o instante em que eles apareceram de volta no castelo do falecido Melcheron.

Ninguém ficou surpreso com o fato. Muitos dos Senhores e Senhoras que haviam partido diante da recusa do Hierofante em recebê-los voltaram ao castelo assim que souberam do assassinato. A morte do Hierofante mudava tudo. Um sucessor deveria ser escolhido, e isso era da maior importância para todos. Melcheron não deixara nenhum aprendiz, nem tampouco havia indicado um herdeiro para seu legado; e isso significava que alguém deveria ser apontado para o

cargo. Alguém com sangue humano. Tratava-se, como a Lei de Amrae, de um decreto imutável.

A incerteza pairava no ar. Normalmente, os Hierofantes promoviam uma espécie de teste misterioso para um de seus aprendizes: delegavam-lhe uma tarefa aparentemente impossível, e, se o aprendiz se desincumbisse dela, provaria que estava preparado para receber o manto do Grande Legislador. Com o passar do tempo, os testes realizados com os aprendizes ficaram cada vez mais sutis, mais intrincados, e às vezes mal eram reconhecidos como testes. Mas nunca em toda a história um Hierofante havia morrido sem deixar um sucessor. Portanto, não havia precedentes para a situação atual. Pela primeira vez, o cargo estava à disposição de quem o quisesse ocupar, literalmente.

Mas que humano seria ousado o suficiente para tanto? Os diversos líderes fariam picadinho do infeliz que se autoproclamasse Hierofante. Ninguém podia simplesmente chegar e clamar para si o cargo mais poderoso de todos os Reinos.

A consternação geral aumentou quando Grugaroth, assim que chegou, convocou todos os Senhores e Senhoras para uma assembléia num dos salões mais amplos do castelo. Especialmente Aelthar.

O convite foi aceito sem exceções. Numa situação como aquela, ninguém se permitia ficar de fora do que quer que fosse.

E então os líderes se reuniram sob os magníficos arcos de pedras do salão, acomodando-se no espaço entre os pilares colossais. Formavam um círculo de seres fantasmagóricos, iluminado por um enorme candelabro de ferro que pendia do teto. As diversas comitivas observavam a tudo do alto dos claustros circundantes. A tempestade açoitava todos os vitrais do salão.

Não faltava mais ninguém.

— Estamos todos aqui, Grugaroth — disse Aelthar, em tom de ironia. Ele carregava Myghognimar no talim, sabendo que isso deixaria o Senhor de Ur enfurecido. — Podemos saber qual é o motivo desta inadiável reunião?

Grugaroth fez uma careta de ameaça: franziu as sobrancelhas cabeludas, salientou o queixo descomunal e, como de costume, rosnou alguma coisa incompreensível. E depois disse:

— *Poison, aproxime-se!*

E Poison entrou no salão, sobraçada por Bram e Peppercorn. Atravessou a comitiva de duendes, gnomos e ogros e colocou-se ao lado de Grugaroth. Ela ficava minúscula na presença daquela gente tão enorme, mas era valente demais para se deixar intimidar pelo tamanho de quem quer que fosse.

— *Você de novo?* — bufou Aelthar. — Que pessoinha mais desagradável... Grugaroth ignorou o comentário.

— *Que todos aqui sejam testemunhas* — trovejou. — *Esta garota humana e seus companheiros estão sob minha proteção neste castelo. Não devem ser importunados de maneira alguma.*

Ninguém se deu o trabalho de aprovar ou refutar a advertência do gigante. Todos estavam ansiosos demais para saber o que aconteceria a seguir. Poison examinou discretamente a turma de esquisitões em torno dela: o Umbilicus, o cadáver suspenso no ar, porta-voz do Senhor dos Espíritos; o Senhor dos Demônios, todo chamas, chifres e cascos; a cintilante Eternidade; Gomm, o colossal *golem* de madeira, semelhante a uma árvore animada; a etérea Pariasa, viúva do Hierofante. Havia outros que ela não sabia identificar, mas, como antes, nenhum sinal de Asinastra. Será que a Senhora das Aranhas se escondia em seu Reino, receosa de ser acusada do assassinato de Melcheron? Ou será que se amoitava em algum lugar daquele castelo, à espera de uma oportunidade para se vingar?

Poison não se sentia inteiramente segura com o acordo firmado com Grugaroth. O gigante havia oferecido sua proteção em troca de ajuda na investida contra seu arquiinimigo, Aelthar. Mas até que ponto ela podia ficar tranqüila naquelas circunstâncias? Uma vez que abrisse a boca, teria de lidar com a fúria de Aelthar e seus aliados.

Por que havia se metido naquela confusão? Por que não tinha simplesmente desaparecido? Poison sabia muito bem por quê. A não ser que atacasse Aelthar ali mesmo, jamais ficaria livre da inevitável perseguição do déspota. Ela sabia demais. Além disso, ainda não havia recuperado Azalea. Precisava conquistar algum tipo de vantagem sobre Aelthar, senão jamais teria a irmã de volta. Quase não conseguia mais se lembrar do rosto de Azalea sem ver nele os olhos mortiços da réplica medonha.

— Sei quem matou o Hierofante — declarou ela, com surpreendente altivez. — Os culpados são Aelthar, Senhor do Reino das Fadas, e Pariasa, Princesa das Aeriades.

E então foi o pandemônio. As comitivas aglomeradas nos claustros vociferavam ruidosamente: alguns demonstravam apoio, outros protestavam contra a desfaçatez de um humano em acusar um Senhor. Aelthar era um líder muito poderoso, talvez o mais poderoso depois da morte de Melcheron, mas estava longe de ser o mais popular. Tinha muitos inimigos para os quais a denúncia de Poison constituía uma excelente oportunidade de vingança.

Mas, estranhamente, os acusados não reagiram com a esperada emoção. Pariasa sequer dava sinais de ter ouvido Poison; olhava para ela com olhos distantes e altaneiros, como se nada tivesse acontecido. Aelthar exibia um sorriso de arrogância e soberba; levantou o braço pedindo silêncio, e todos obedeceram imediatamente.

— Por favor, explique-se — disse ele a Poison, com visível condescendência.

Poison fitava-o diretamente nos olhos, mas não conseguia disfarçar a preocupação. Aelthar estava confiante demais, arrogante demais, diante da acusação. Teria ele alguma carta escondida na manga?

Sentindo o peso de tantos olhares sobre si, Poison engoliu em seco e depois continuou.

— Não faz muito tempo, fui até o palácio de Aelthar para recuperar minha irmã, Azalea, raptada por gente dele. — As palavras perdiam-se no silêncio que dominava o salão. — E nessa ocasião ele fez a seguinte proposta: eu receberia minha irmã de volta se me dispusesse a roubar um objeto para ele. Tratava-se de uma adaga, de lâmina *bifurcada*, pertencente à Senhora Asinastra.

— Não nego isso — disse Aelthar, cruzando os braços e jogando os cabelos para trás. Um burburinho formou-se no salão.

— Então admite que a adaga encontrada nas costas do Hierofante é a mesma que me pediu para roubar?

— Não há outra adaga igual em nenhum dos Reinos — asseverou Aelthar. — Uma lâmina que suga o sangue da vítima, uma verdadeira obra de arte. Extremamente valiosa.

— *A humana está sugerindo que a adaga em questão foi usada por você para matar o Hierofante.*

Poison levou alguns segundos para identificar de onde viera aquela voz débil e roufenha; e só descobriu depois de seguir o olhar de Aelthar. Era o Umbilicus, o cadáver que flutuava em meio a uma tenebrosa aura esverdeada. Ou melhor, a voz pertencia ao espírito que falava através do cadáver.

— Sei muito bem o que ela está sugerindo — disse Aelthar. — Mas, por favor, deixem-na terminar.

Poison ainda estava perturbada com a inabalável confiança do déspota. Olhou para Pariasa, a segunda acusada do crime, mas não conseguiu ler nada em seu olhar.

— Depois que roubei a adaga, Aelthar aprisionou a mim e a meus companheiros. Nós escapamos e ouvimos quando ele mandou seu secretário providenciar nossas mortes. Afinal, éramos os únicos a saber sobre a adaga. — E, em pensamento, Poison acrescentou: “Nós e Asinastra. Sua lista de inimigos não pára de crescer, Aelthar. Você ainda vai se arrepender de ter mandado raptar minha irmã”.

— Continue — insistiu o Senhor do Reino das Fadas.

— E essa foi a adaga utilizada no assassinato; mas não foi Aelthar quem matou o Hierofante. Foi Pariasa, a esposa de Melcheron. Quem mais poderia ter passado pelas gárgulas que guardavam as portas de seus aposentos? Naturalmente, qualquer um dos Antiquários poderia ser o autor do crime; mas por que motivo? Vi Pariasa

no palácio do Senhor do Reino das Fadas pouco depois que voltei com a adaga. E esta, sim, tinha um motivo para desejar a morte do marido.

Enquanto falava, Poison observava a expressão de altivez no rosto de Aelthar e ficou feliz ao perceber que esta última informação o deixara abalado, pelo menos um pouco. O déspota olhou para Pariasa, que ainda olhava para Poison. Aelthar não sabia que Poison e Peppercorn haviam visto Pariasa em seu palácio.

— Pariasa é Princesa das Aeríades — continuou Poison, aproveitando-se da momentânea fraqueza de Aelthar —, mas as Aeríades são seres do Reino das Fadas, e portanto ela deve lealdade a Aelthar. Não era segredo para ninguém que Melcheron escrevia um novo livro, um livro que causava preocupação a todos os senhores. Mas quem aqui se preocuparia tanto a ponto de matar o Hierofante? Quem? Talvez alguém que já soubesse do que tratava o novo livro e se dispusesse a fazer qualquer loucura para impedir que ele se tornasse lei.

A retórica de Poison causou o efeito desejado: ultraje. Grugaroth agachou-se ao lado de Poison e olhou para todos os presentes. Tiveram de esperar até que a algazarra se dissipasse.

— Creio que Pariasa sabia de tudo. Suponho que o Hierofante lhe tenha contado sobre o que estava fazendo. Por que não? Talvez não suspeitasse da deslealdade da mulher. Talvez não suspeitasse que ela procuraria seu verdadeiro mestre, o Senhor Aelthar, e contasse a ele tudo o que sabia. Aelthar, é claro, foi o mais veemente ao demandar que Melcheron revelasse o conteúdo de sua obra mais recente. Mas tudo não passava de uma encenação para enganar os senhores. Ele já sabia de tudo, e o que quer que fosse, não era lá muito vantajoso para o Reino das Fadas. Então, com a cumplicidade de Pariasa, assassinou o Hierofante para que ele não tivesse tempo de terminar seu trabalho e para que as novas leis não entrassem em vigor. A culpa recairia naturalmente sobre Asinastra, pois, se tudo tivesse acontecido de acordo com os planos de Aelthar, eu e meus amigos estaríamos mortos há muito tempo.

— *A história faz muito sentido* — sussurrou o Umbilicus. O cadáver que lhe servia de marionete pairava imóvel no ar, como se estivesse pendurado por uma corda invisível.

— Mas não há provas para nada — retrucou Aelthar.

— ***Provas são para cortes humanas*** — rugiu Grugaroth.

Aelthar balançou os ombros.

— Você tem razão. Felizmente não nos valemos desse sistema tão enfadonho e, em última análise, ineficaz, do qual os humanos se orgulham tanto. Isto aqui não é um tribunal. Vocês não são juízes. As provas circunstanciais, fossem elas verdadeiras, bastariam para que todos aqui me incriminassem. — Aelthar examinou as próprias unhas como se a limpeza delas fosse o maior de seus problemas naquele

instante. — Mas infelizmente elas não são verdadeiras. Admito que mandei matar a garota assim que ela voltou do Reino de Asinastra. Todos aqui sabem do apreço que tenho pelos humanos. — E isso provocou um acesso de risos na comitiva de Aelthar. — Mas não pelas razões que ela alegou. E sim porque ela não cumpriu com sua parte no trato; não trouxe a adaga que eu pedi.

— Isso é mentira! — berrou Poison.

— Hmm? — resmungou Aelthar, em tom de ironia. — E suponho que ninguém, a não ser seus amiguinhos *humanos*, viu você com a adaga.

— Scriddle me viu com a adaga — disse Poison, começando a perder as esperanças.

— Scriddle! — convocou Aelthar. E em poucos segundos o secretário Sabujo estava ao seu lado. — É verdade? — perguntou o déspota, teatralmente.

— De forma alguma — respondeu o capacho, com um sorriso nos lábios. — Ela voltou de mãos vazias.

Aelthar virou-se para a assembléia e abriu os braços.

— Pois então. Admito que mandei a garota roubar a adaga. Admito que queria muito essa arma para mim. Mas isso era apenas um capricho. Dei-lhe uma tarefa impossível de cumprir apenas como punição pela impertinência de pedir uma audiência comigo. Tinha certeza absoluta de que ela morreria nas garras peçonhentas das aranhas de Asinastra. Ainda assim, para que vocês não façam mau juízo de mim, dei a ela os meios de escapar se, por obra de algum milagre, conseguisse pôr as mãos na adaga que eu tanto queria. Gosto muito de um bom jogo. Não que eu tenha tido a intenção de devolver a irmã, isso nunca. Eu jamais me rebaixaria a ponto de negociar com humanos! — E dessa vez mais pessoas riram. — Como era de se esperar de um representante dessa raça de covardes, ela preferiu voltar com as mãos vazias. Aposto que sequer tentou.

Poison fervilhava por dentro. Podia sentir o sangue subir pela nuca e incendiar as bochechas.

— Quanto à Princesa Pariasa, se ela permitir que eu advogue em sua defesa, posso asseverar que não tenho recebido visitas suas, nem recentemente, nem em nenhum outro momento desde suas núpcias com o Hierofante. Meus súditos poderão dar testemunho de todos os meus passos desde minha audiência com os humanos até este exato instante. Quase não fiquei sozinho. Com efeito, encontrei-me com alguns dos Senhores aqui presentes e depois vim direto para cá.

E Aelthar mais uma vez dirigiu-se à platéia nos claustros.

— Admito que desejava a morte do Hierofante. Desejo a morte de *todos* os humanos, esses animaizinhos verminosos. Tenho desprezo por eles. Mas não fui eu o autor do crime. Nem tampouco Pariasa. A garota é excelente contadora de histórias; sabe como fiar uma boa trama. Mas também é vingativa, essa é a verdade.

Mandei raptar a irmã dela, muitos anos atrás, e desde então ela me persegue por isso.

Poison sentiu a boca secar. *Muitos anos atrás?*

Então lembrou-se do que dissera Bram pouco antes de ela entrar no casarão da Bruxa dos Ossos: “O tempo lá é diferente do nosso tempo aqui”.

— Assim, o que temos no final das contas é a palavra desta garota *humana* contra minha palavra e a palavra da Princesa Pariasa — prosseguiu Aelthar.

— Não! — Poison ouviu a si mesma dizer, muito embora sua mente estivesse em outro lugar. *Muitos anos atrás?* — Há uma testemunha. O próprio Hierofante. O livro de Melcheron foi roubado da Biblioteca-Mor logo depois do assassinato. Isso significa que os assassinos sabiam que seus nomes estavam registrados naquelas páginas. Os livros sabem o que os Antiquários sabem, e Melcheron era o mestre de todos os Antiquários. Ele decerto sabia quem estava em seu quarto no momento do assassinato e que os nomes seriam registrados no livro depois de sua morte. Era esse o fim de sua própria história. Creio que apenas uma pessoa poderia ter-se apossado do livro, a única pessoa imune aos poderes mágicos do Hierofante: Pariasa, sua mulher, em quem ele confiava. Esse livro é indestrutível. Se o acharmos, saberemos quem é o assassino.

Um laivo de preocupação brotou nos olhos de Aelthar, e um novo burburinho formou-se no salão. O roubo do livro era novidade para os Senhores e Senhoras.

— Vasculhem os aposentos de Aelthar e Pariasa — disse Poison —, e talvez encontraremos as respostas que procuramos.

— Isso não! — objetou Aelthar.

Todos ficaram em silêncio.

— ***Por acaso tem algo a esconder?*** — bramiu o Senhor de Ur.

— De forma alguma — respondeu Aelthar com desdenho. — Mas a idéia de duendes e gnomos imundos vasculhando meus pertences é por demais revoltante.

A ofensa do déspota foi recebida com indignação, e Poison ficou apreensiva. A situação ali era explosiva demais para a distribuição gratuita de insultos. A proteção do Hierofante não estava mais em vigor. Todos estariam vulneráveis enquanto permanecessem num Reino sem governante.

— Espere! — disse Poison. — Acho que tenho uma solução. Os Antiquários poderão realizar a busca. Eles são neutros e farão tudo com o maior respeito.

Aelthar refletiu por um instante.

— Mas não ele — disse, dirigindo o olhar para Fleet, que estava de pé entre a gente de Ur. — Essa é a única condição que eu imponho. Podem vasculhar meus aposentos, e os aposentos da Princesa Pariasa. Não encontrarão o que procuram. E nós, *todos* nós, permaneceremos aqui até a volta dos Antiquários.

— ***Que assim seja*** — sentenciou Grugaroth.

Um dos Antiquários saiu do salão para organizar a busca, e não havia mais nada a fazer senão esperar.

O momento era de agonia. Poison observava a etérea princesa que ela acabara de acusar. Ficaria desolada em incriminar tão linda criatura se não estivesse convicta de sua culpa em todo o complô. Em seguida, olhou para Bram, Fleet e Peppercorn. Os adultos estavam soturnos, e a garotinha de cachos dourados esfregava as mãozinhas, preocupada.

“Como vim parar aqui?”, pensou Poison. “Qual é o propósito disso tudo? Eu só queria trazer minha irmã de volta. Se isto é realmente uma história, para onde caminha a trama? E quem continua a escrevê-la no lugar do Hierofante? Não consigo entender...”

— Bem — disse Aelthar depois de algum tempo. Ele estirou o tronco dentro de sua armadura cintilante e olhou pelo salão com um sorriso irônico entre os lábios. — Uma vez que não temos mais nada a fazer senão esperar, e, certo de minha inocência, tenho outro assunto para propor a esta assembléia. O Hierofante morreu, e um sucessor ainda não foi nomeado. Embora não haja precedentes para esta situação, não podemos continuar sem um Hierofante. Portanto, sugiro que cada um de nós apresente um candidato.

— *O Hierofante deve ser de sangue humano* — sussurrou o Umbilicus. — *Esta é a lei.*

— De fato — disse Aelthar. — E assim deverá ser. Tentaremos encontrar os mais sagazes homens e mulheres do Reino dos Homens e, num futuro próximo, realizaremos nova assembléia para a escolha do sucessor de Melcheron.

Depois de muita discussão entre os presentes, chegou-se à conclusão de que aquela era mesmo a solução ideal. Todos concordaram, ainda que a contragosto.

— Assim, Senhoras e Senhores, gostaria de ser o primeiro a apresentar um candidato — disse Aelthar. — Confesso que já havia me preparado para uma eventualidade desta natureza. Afinal, os humanos têm vidas curtas, não é mesmo? Um pouco de paciência será fundamental.

O candidato do Senhor do Reino das Fadas aproximou-se do centro do salão, e Poison sentiu o chão faltar-lhe sob os pés. Tudo fazia sentido agora; todas as peças do quebra-cabeça juntaram-se repentinamente.

“O Hierofante deve ser de sangue humano”, pensou ela. “Mas ninguém nunca se opôs às criaturas de sangue mestiço.”

— Senhoras e Senhores, apresento-lhes Scriddle, meu fiel servidor e secretário — anunciou Aelthar. Poison ficou ligeiramente tonta quando o déspota virou-se para ela com um brilho de malícia no olhar.

“Ele vai nos matar a todos. Será um verdadeiro extermínio. O fim do Reino dos Homens”, pensou.

Ela estava tão estarecida que mal ouviu quando os Antiquários voltaram ao salão e anunciaram que não havia nenhum livro de Melcheron nos aposentos dos acusados.



Uma proposta e uma visita

— **P**recisamos *fazer* alguma coisa! — choramingou Peppercorn.

— Precisamos contar tudo a alguém — concordou Bram. — Se eles soubessem...

— Mas eles *sabem!* — disse Poison, andando de um lado para outro do quarto como um animal enjaulado. Sentado próximo à lareira, Andersen observava tudo atentamente. A chuva perene castigava as janelas espessas; lâminas de água deslizavam pelas vidraças. Ninguém ali percebia mais os relâmpagos e trovões, nem mesmo o gato, que se apavorava com eles no início.

Fleet sentava-se em sua poltrona predileta, roçando os lábios com a ponta dos dedos.

— Poison tem razão — disse. — Eles sabem. Seja lá qual for a verdade, não há dúvidas de que Aelthar está por trás de tudo, de alguma maneira. Eu sabia que ele detestava a humanidade, mas não tinha idéia a que ponto...

— Então por que os outros não o impediram? — perguntou Peppercorn. Com olhinhos vermelhos, ela sucumbia ao abraço apertado do caçador de espectros; ainda não havia se recuperado totalmente das revelações de Poison.

— Não é tão simples assim — explicou Fleet, cansado. — Aelthar é o mais influente de todos os líderes; seus exércitos são os mais poderosos. Não fosse pela intervenção do Hierofante, ele teria exterminado a humanidade ali mesmo, nos campos de batalha da guerra do Poliedro. Nenhum dos outros Senhores e Senhoras tem condições de se opor a ele.

— Mas e se *todos* se rebelassem juntos... — sugeriu Poison.

— E por que eles fariam isso? — retrucou Fleet. — Nenhum deles liga a mínima para a humanidade. Em seu próprio Reino, um Senhor ou Senhora é virtualmente onipotente; mas este Reino agora está acéfalo e vulnerável a invasões. Essa proposta de eleição não passa de uma farsa. Ao promover a candidatura de Scriddle, Aelthar está dando um recado: *Eu Quero este Reino para mim. Quem de vocês ousará se opor?* Ele pode agir impunemente porque sabe que a única coisa capaz de detê-lo seria a união total dos outros líderes. O que jamais acontecerá, pois há muita desavença entre os líderes. Querelas muito antigas perduram até os dias de

hoje. Eles vão bufar e protestar, mas nada além disso. Aelthar tomará este Reino para si sem a menor oposição.

Poison olhava fixamente para o fogo na lareira; as chamas refletiam cintilantes em seus olhos cor de violeta.

— Aelthar colocará Scriddle no lugar do Hierofante e então nada o impedirá de massacrar o Reino dos Homens. Embora tenha sangue humano nas veias, Scriddle está completamente alinhado com o Reino das Fadas. Será o fim da humanidade.

— Você sabia que não havia esperança — Bram disse a Fleet. — Então por que deixou que ela seguisse adiante com a acusação? Poison sorriu melancolicamente para o amigo.

— Eu tinha de tentar — disse. — Você sabia disso, não sabia, Fleet? Eu teria feito tudo da mesma maneira.

— Pelo menos a verdade foi revelada — disse Fleet. — Nem tudo está perdido.

— Nem tudo está perdido — ecoou Poison, sentada em sua poltrona. Em seguida, virou-se para Bram com um brilho estranho no olhar. — Você mesmo me disse isso antes. Quando eu estava à beira da morte. Foi você quem me trouxe de volta.

Chocado, Bram arregalou os olhos sob as abas do chapéu.

— O quê? Do que é que você está falando, garota?

Poison balançou a cabeça, reprovando a própria estupidez. É claro que o caçador não se lembrava de nada. Nenhum deles se lembrava do mal-estar que quase os aniquilara não havia muito.

— Esqueça, Bram. — disse ela. — Digamos apenas que você me ensinou uma importante lição.

— Então o que nos resta agora? — perguntou Fleet. — O que podemos fazer?

— Bem, o livro de Melcheron continua perdido — respondeu Poison.

— O livro de Melcheron... — disse Fleet. — Do que nos adiantará encontrá-lo agora? Teríamos uma prova, mas não seríamos capazes de deter Aelthar.

— Talvez não — disse Poison. — Mas descobriríamos o que ele estava escrevendo e o que causava tanta preocupação ao Senhor do Reino das Fadas. Tudo estará naquelas linhas.

— Tem razão! — exclamou Fleet, animado. — É isso mesmo! Alguém bateu à porta do quarto de Fleet, assustando Peppercorn. Fleet franziu o cenho e depois levantou-se para abri-la.

Do outro lado estava Scriddle, impecável como sempre: vestia seu terno costureiro e, como se podia notar, havia polido as lentes dos óculos e engomado os

cabelos poucos minutos antes. Abriu um sorriso cruel, deixando à mostra seus dentinhos curtos e pontudos.

— Por acaso Poison está aí? — perguntou. — O Senhor Aelthar gostaria de trocar umas palavrinhas com ela.

* * *

Poison precisou de muitos incentivos antes de se deixar convencer, mas acabou concordando em ir ao encontro de Aelthar. O Senhor do Reino das Fadas havia insistido para que ela comparecesse sozinha, mas Poison respondera que compareceria apenas se pudesse contar com a proteção de uma escolta. Afinal, não podia confiar nas promessas de segurança de Aelthar. Cumprir com a palavra dada não era a maior virtude do déspota, disso ela sabia bem.

Por fim, Grugaroth e mais uma dezena de ogros acompanharam-na ao encontro. Não tiveram permissão para entrar nos aposentos de Aelthar e foram obrigados a esperar do lado de fora. O Senhor de Ur prometeu então arrombar a porta ao menor sinal de perigo, um grito ou coisa parecida. Mas Poison não se sentiu de todo reconfortada: se tivesse de gritar, certamente já seria tarde demais. Todavia, a ameaça de retaliação por parte de Grugaroth talvez fosse suficiente para conter os impulsos assassinos do déspota. E os ogros decerto seriam capazes de chegar até ele antes que os guardas pudessem esboçar qualquer reação.

Poison entrou no quarto e fechou a porta. Tapeçarias espalhavam-se por toda a parte de modo a esconder as pedras negras e austeras das paredes. Finas peças de mobiliário — não tão lindas quanto as que ela vira no palácio, mas ainda assim suntuosas — decoravam o lugar. Terrivelmente ameaçador, semelhante a um felino selvagem, Aelthar refestelava-se num canapé de madeira esculpida e segurava uma taça de vinho entre os dedos. Poison sentou-se defronte, em outro canapé. Os dois se entreolharam por cima de uma lanterna de vidros coloridos, no interior da qual um espectro do pântano zumbia e adejava freneticamente. Um espectro do pântano! Poison quase encontrou forças para sorrir. Afinal, tudo começara com os espectros...

— Uma abominável mortificação, isso é o que você é para mim, Poison — disse Aelthar, lentamente.

— Fico feliz em saber.

Aelthar sorriu com os lábios trêmulos e depois bebericou um pouco de vinho.

— Você sabe, essa sua... pequena acusação... tornou as coisas muito difíceis para mim. Tudo teria sido muito mais fácil, não fosse por você. Agora os outros líderes se indispuseram contra mim. Aham que matei o Hierofante para instalar meu próprio assecla no poder.

— Foi isso mesmo o que você fez — retrucou Poison, impávida.

— Ah, não é verdade. De fato aproveitei-me da situação, não vou negar. E venho fazendo planos há mais tempo do que sua raça é capaz de contar. Todavia não planejei matá-lo. — Aelthar deu mais um gole de vinho e depois arrematou: — Mas Scriddle, sim, creio eu.

Poison fez uma cara de escárnio. Soube manter a fachada de desdenho, apesar do medo que tamanha proximidade com o inimigo lhe causava. Essa era sua melhor defesa.

— Acredite se quiser — disse Aelthar. — Suspeito que Scriddle cansou de esperar. Não podia subir nos escalões do Reino das Fadas por causa do sangue mestiço. Então passou a ambicionar a posição de Hierofante. Aliás, essa mestiçagem também é obra minha. — Aelthar parecia pensativo. — Ele é *muito* ambicioso. Preciso ficar de olhos bem abertos.

— Você espera mesmo que eu acredite nessa história? Que você não sabia do assassinato?

— Pode acreditar, querida humana, que fiquei tão surpreso quanto você. Fui sincero quando disse que jamais recebi a adaga que você roubou. Dei-lhe a tarefa porque realmente achava que você jamais seria capaz de cumpri-la. E, no entanto, parece que me enganei. Você disse que entregou a adaga a Scriddle. Suspeito que ele a tenha repassado a Pariasa, e que *ela* tenha matado o Hierofante. Veja, a adaga não era fundamental para os planos de Scriddle. Uma adaga qualquer teria tido o mesmo êxito. Mas quando você apareceu com uma adaga que todos sabiam pertencer a Asinastra, ele encontrou a maneira perfeita de desviar as suspeitas dos outros Senhores e Senhoras. Tudo não passou de uma coincidência oportuna; ele já planejava o assassinato do Hierofante muito antes de sua chegada. Scriddle sabia que, para mim, ele era o único candidato possível para a substituição do Hierofante. Sabia que eu cuidaria de sua promoção.

— E a Princesa Pariasa? Por que ela...

— Melcheron já estava muito velho, não demoraria a morrer. Suponho que Pariasa se casará com o novo Hierofante, Scriddle. Isso, decerto, faz parte de seu acordo com ele. Assim continuará no poder. Tudo é muito simples, na verdade. É claro que são apenas suposições. Eu poderia exigir que Scriddle me contasse toda a verdade, mas prefiro não ter que chegar a isso. É melhor mesmo que eu não saiba de nada. Creio que, nos círculos humanos, chamam a isso de “a santa paz da ignorância”.

Poison estudou-o por alguns instantes. Aqueles olhos cruéis, aquelas feições absolutamente perfeitas, aquele vermelho profundo da cabeleira... Ela o odiava com todas as suas forças!

— Por que está me dizendo tudo isso? — perguntou.

— Como sinal de boa fé. Para que você acredite em mim. Posso ser acusado de oportunismo, mas não de assassinato. Nesse caso sou inocente. Além disso, tenho uma proposta a lhe fazer.

Poison não reagiu. Aelthar depositou a taça de vinho sobre uma mesinha, levantou-se do canapé e caminhou até o outro lado do quarto. Em seguida, fez um gesto grandioso com as mãos. De repente, o ar pareceu brilhar, revirando e remexendo até se solidificar na forma de uma garota. Poison ficou estupefata.

A tal garota tinha aproximadamente a mesma idade que ela; trajava um elegante vestido preto, além de luvas também pretas, e os cabelos castanhos estavam amarrados numa trança. Muito linda — talvez mais linda que Poison —, contava ainda com a ajuda de uma maquiagem discreta. Mantinha os olhos abaixados e cruzava as mãos diante do colo. Parecia estranhamente familiar, um rosto do passado que Poison não sabia ao certo identificar.

— Quem é ela?

— Ora, Poison. Que vergonha! Não reconhece sua própria irmã?

Poison ficou com as pernas bambas, como se toda a força tivesse repentinamente se esvaído de seu corpo. Era mesmo ela! Aqueles olhos, aquele nariz... Todas as semelhanças estavam lá. Como não percebera antes? Sempre que Poison pensava na irmã, a imagem que lhe ocorria era a de uma criancinha deitada no berço ao lado de sua cama. Mas a garota que estava ali era bem mais velha, uma adolescente: a criancinha espichara os ossos, as bochechinhas rechonchudas haviam desaparecido, a inocência se dissipara por inteiro. De acordo com a cronologia humana de Poison, apenas algumas semanas haviam se passado desde que ela vira a irmã pela última vez. Mas o tempo perdia as rédeas a cada vez que ela passava de um Reino a outro. Azalea havia crescido uns doze anos, ou mais, durante esse ínterim.

Poison sentiu os olhos marejarem e enxugou-os com raiva. Doze anos lhe haviam sido roubados. Doze anos que ela deveria ter compartilhado com Azalea, observando-a crescer, brincando com ela, ajudando-a nas dificuldades da juventude. Azalea era o membro de sua família com o qual ela mais se identificava; certamente seria uma boa companheira no futuro, alguém que estaria por perto para lhe oferecer um ombro amigo nos momentos de solidão. Tudo isso havia sido confiscado por Aelthar. Esse era o maior trunfo que ele tinha nas mãos.

— Ela não está aqui — disse o déspota, friamente. — Não pode nos ver. Você não poderá tocá-la, nem falar com ela.

Poison não conseguia tirar os olhos do fantasma de sua irmã. As semelhanças tornavam-se cada vez mais evidentes.

— *Por quê?* — perguntou ela, quase sussurrando. — Por que você a levou embora?

Aelthar cuspiu um sorriso.

— Pelo mesmo motivo que levamos *qualquer* humano. Para procriação, é claro. Para que eu possa produzir o mais perfeito substituto para o Hierofante. Raptamos bebês e crianças e observamos o desenvolvimento deles de modo a determinar se têm as qualidades necessárias. Alguns são devolvidos logo depois; outros não voltam nunca mais. Os que ficam servem de matrizes. Procuramos reproduzir e fortalecer aquelas características que julgamos indispensáveis para um bom Hierofante. Scridde, por exemplo, é fruto de uma longuíssima série de experimentos. Ele é muito qualificado, saiba você: é inteligente, fiel a seu Senhor, devidamente educado para assumir o posto e, sobretudo, sabe ser cruel quando necessário. Ah, mas não se preocupe. Sua irmã ainda não foi... utilizada, digamos assim. E talvez nem seja; tudo depende de você.

Poison olhou para Aelthar como se quisesse fuzilá-lo ali mesmo.

— Tudo isso... Tudo isso apenas para nos exterminar! — O déspota parecia se divertir.

— Exterminar a humanidade? — disse, em meio a uma gargalhada. — Você acha mesmo que é por *isso* que quero Scridde no posto de Hierofante? Quanta pretensão! A raça humana simplesmente não merece minha preocupação neste exato momento. Tudo o que me interessa agora é ter um Hierofante como aliado. Você é muito esperta, Poison; adivinhou um bocado de coisas. Pariasa realmente sabia o que Melcheron estava escrevendo. Uma catástrofe para nossa gente. Ela contou a Scridde, que por sua vez contou a mim. Mas foi Scridde quem agiu, não eu. Em prol do Reino das Fadas.

— E você acha que isso o inocenta? — bradou Poison. Em seguida, arrependida de sua explosão, procurou recuperar a frieza de antes. — Diga logo qual é sua proposta.

— Essa disputa não lhe diz respeito, Poison — disse Aelthar, inclinado a cabeça e examinado a imagem de Azalea. — Você veio até aqui simplesmente para salvar sua irmã. Eu jamais a teria raptado se soubesse as dores de cabeça que você me proporcionaria. Nossas escolhas são totalmente aleatórias; não se sinta pessoalmente ofendida. Qualquer bebê humano serve a nossos propósitos. Eu precisava apenas de um ventre para procriar.

— Você pretende devolvê-la? — disse Poison, extenuada.

— Somente se você se retratar perante meus colegas — respondeu Aelthar. — E voltar para casa, de onde jamais deveria ter saído.

Poison franziu as sobrancelhas.

— Que diferença isso faz para você?

— Muitos de meus pares tornaram-se... um tanto estranhos diante de sua acusação. Se você disser que estava mentindo, eles voltarão a me tratar com o

respeito de antes.

Poison ouvia tudo com o máximo de atenção. Àquela altura, já sabia que não podia confiar nas palavras do Senhor do Reino das Fadas. Nada daquilo correspondia ao que Fleet havia dito antes. Segundo o Antiquário, Aelthar era poderoso o suficiente para tomar o poder a qualquer instante. O testemunho de Poison, para o bem ou para o mal, não deveria fazer a menor diferença para ele.

— Preciso pensar — disse ela.

— Poison. É a vida de sua irmã que está em jogo — destacou Aelthar.

— Será mesmo? — retrucou Poison. — Pode ter certeza de uma coisa: se eu concordar com sua proposta, Azalea deverá estar do meu lado *antes* que eu diga qualquer coisa a seu favor. Sua raça é mais traiçoeira que a pior das serpentes do pântano.

Aelthar não pôde conter um esgar de raiva, e Poison logo viu que estava certa quanto às intenções do déspota.

— Então vá — disse ele. — Estarei aqui quando você tiver uma resposta. Mas saiba de uma coisa, humana: se você não concordar com os termos de minha proposta, não só vou manter sua irmã prisioneira, como também farei de tudo para transformar a vida dela num verdadeiro inferno!

Poison levantou-se com o máximo de calma possível.

— Eu voltarei — disse, antes de sair.

* * *

Peppercorn correu para recebê-la à porta dos aposentos de Fleet.

— Nós achamos que você não voltaria nunca mais! — exclamou. Mas Poison estava tão atônita que mal sentiu o abraço da amiguinha.

Bram, que também havia se levantado, logo percebeu que havia algo errado.

— O que foi que aconteceu? O que foi que ele disse?

— Disse que devolveria minha irmã — respondeu Poison, por sobre os ombros de Peppercorn —, se eu retirasse minhas acusações e nunca mais o perturbasse de novo.

Peppercorn lentamente desfez o abraço e arregalou os olhinhos azuis na direção de Poison.

— O que você vai fazer? — perguntou.

— Não sei ainda — disse Poison, sentando-se numa cadeira próxima ao fogo. Todos olhavam para ela, inclusive Andersen. — Não sei ainda — repetiu.

Bram sentou-se ao seu lado e ouviu os detalhes do malfadado encontro. Peppercorn esfregava as mãozinhas, como sempre fazia quando estava nervosa.

Andersen deu um salto e aboletou-se no colo dela. Consternado, Fleet dava baforadas em seu narguilé.

Poison podia *sentir* a preocupação e o carinho dos companheiros. Em outros tempos, teria rejeitado tais sentimentos sem titubear, mas agora tolerava-os. Dava-se conta de que aqueles eram seus amigos, os únicos que na verdade tinha. Gostava até mesmo do gato. Havia deixado bruscamente uma vida de total alienação para encontrar, ao longo do caminho, um pequeno grupo de pessoas com as quais valia a pena conviver. No meio de tantos apuros e atribulações, havia aqueles quatro. Poison às vezes tinha a sensação de que não fazia parte da humanidade; mas agora tinha certeza de que encontrara seu lugar.

Em outras circunstâncias, teria se reconfortado com essa constatação, mas ali, naquele momento, ficou ainda mais desolada. Mesmo que recebesse Azalea de volta, sabia o que aconteceria à humanidade caso os planos de Aelthar obtivessem êxito. A revelia do que ele dissera antes, a única chance de salvação para o Reino dos Homens desapareceria com a ascensão de Scriddle ao posto de Hierofante. E então não haveria mais nada a fazer.

Poison não conseguia evitar a sensação de que já *conhecia* a irmã tal como ela aparecera nos aposentos de Aelthar. Tinha cada vez mais certeza disso, apesar das visíveis diferenças. Talvez confundisse a imagem real que guardava de Azalea com outro tipo de lembrança qualquer. Ela precisava ter certeza, precisava se *lembrar*.

— Não faz sentido — disse Fleet. — Por que fazer essa proposta agora? Não acredito no que ele disse a respeito da oposição dos outros líderes.

— Isso é o que eu também estou me perguntando — disse Poison. — Que tipo de ameaça eu represento para ele?

— De *alguma* forma você pode atingi-lo — disse Bram. — Caso contrário, ele não faria proposta nenhuma. Aelthar quer tirar você do caminho dele.

— Alguma coisa deve haver... — disse Poison, revirando a própria memória. — Algo que não estamos enxergando.

Mas, assim como os outros, não encontrou nada.

Sua maior frustração era não poder compartilhar com os amigos a questão mais intrigante daquele quebra-cabeça. Ninguém além dela lembrava-se do que acontecera quando ela estava à beira da morte; ninguém se lembrava de como a história começara a se esfacelar em torno de todos. Ela, contudo, sabia que vivia uma fábula, um conto de fadas; mais que isso, sabia que ela própria era a personagem central da história. Prova disso era o fato de o mundo não poder continuar a existir na ausência dela.

Mas o Hierofante acreditava ser *ele* o autor daquela trama, e agora estava morto. Então quem estava por trás de tudo? Haveria mesmo alguém por trás de alguma coisa?

“Você nunca acreditou em um deus? Então, qual é a diferença?”

Bram lhe havia feito essas perguntas antes. Talvez fosse verdade. Talvez jamais descobrisse quem, ou o quê, comandava os desígnios da vida. E talvez o autor de *sua* história fosse como ela própria, achando-se mestre de seu próprio destino e mortificando-se com a possibilidade de não o ser.

Mas, no fim das contas, tudo isso não passava de filosofia vã. Poison sentia-se livre, sentia-se real. Talvez suas escolhas de vida fossem tomadas à sua revelia, mas se ela acreditasse que eram escolhas suas, então que diferença fazia? Ela não tinha certeza de nada. Poderia passar o resto de seus dias refletindo sobre o assunto sem jamais chegar a uma conclusão.

E agora ela estava diante de mais uma escolha: condenar a própria irmã a uma vida de suplícios ou colocar em risco o futuro de toda a humanidade.

* * *

Nos fundos dos aposentos de Fleet, aninhada entre a lareira e uma estante atulhada de livros pesados, uma escada estreita e sombria conduzia a um pavimento superior. Ali ficava o que Fleet chamava de sua “sala de reflexão”, um pequeno gabinete com mapas encardidos pregados à parede e livros espalhados sobre uma mesa. Uma das paredes e o telhado eram feitos de vidro espesso, permitindo que se vissem dali as funestas montanhas que circundavam o castelo. Uma longa procissão de picos negros estendia-se em direção ao horizonte, perenamente castigados pela tempestade e ocasionalmente iluminados pelo clarão dos relâmpagos.

Foi no gabinete de Fleet que Poison se isolou para pensar. Não se sentia capaz de tomar uma decisão de tamanha importância com a constante interferência dos amigos; precisava ficar sozinha. Escolhera sentar-se numa poltrona pesada e bolorenta, de onde podia ver o sombrio panorama do Reino do Hierofante. Não havia lanternas na saleta; Poison gostava da pouca luz que vinha de fora e dos lampejos intermitentes dos raios. As lágrimas incessantes sobre a vidraça à sua frente refletiam no relevo pálido de seu rosto afilado.

Impossível. A situação era impossível. Por um lado, se escolhesse salvar Azalea e voltar para casa, deixaria o caminho livre para Aelthar colocar Scriddle no posto de Hierofante. A última fonte de proteção para a humanidade seria anulada, e o déspota não tardaria em exterminar as criaturas que tanto desprezava. Aelthar dissera antes que não ligava importância suficiente à raça dos homens para se dar o trabalho de destruí-la, mas Poison era esperta o bastante para não acreditar nele; os seres do Reino das Fadas eram ardilosos, e, além disso, ela havia se inteirado dos verdadeiros sentimentos de Aelthar quando bisbilhotara uma conversa sua com o secretário em seu próprio palácio. Poison e Azalea não seriam poupadas.

A outra escolha era igualmente ruim. Abandonar Azalea e afrontar o Senhor do Reino das Fadas. Mas de que adiantaria isso? Poison aparentemente causava algum tipo de preocupação ao déspota, caso contrário não teria sido contemplada com esta

ou qualquer outra proposta. Todavia, não tinha a menor explicação para o fato e, portanto, não sabia como usá-lo a seu favor. Condenar Azalea a um destino trágico era, por si só, execrável. Além disso, os resultados finais seriam os mesmos: Scriddle ascenderia ao posto de Hierofante, e a humanidade seria aniquilada.

Poison procurava exasperadamente por uma *chave* que conferisse sentido a todo aquele imbróglio. Procurava maquinar os mais diferentes cenários que pudessem fazer dela uma ameaça para Aelthar, mas sem sucesso. Então permanecia ali, refestelada na poltrona, ouvindo o rufar dos trovões, observando a chuva e lamentando a crueldade de se ver diante de tão difícil decisão.

<laaadra...>

O sussurro roufenho fê-la pular de susto. Mas, um instante depois, ela reconheceu aquela voz entrecortada.

Era Asinastra, não restava dúvida.

Poison saltou da poltrona e pôs-se a olhar freneticamente em torno de si. As sombras encobriam os cantos do gabinete, mas a luz que atravessava as vidraças cobertas de chuva produzia uma ilusão de movimento no ambiente.

<laaadra...>

Poison ficou apavorada. Aproximou-se da parede de vidro, onde estava mais claro. Como Asinastra conseguira entrar ali? Como chegara ao gabinete sem passar pelos aposentos de Fleet, e, mais ainda, sem passar pelos ogros de Grugaroth, que montavam guarda à sua porta?? Poison subitamente deu-se conta de que a única proteção com a qual podia contar desde o assassinato de Melcheron era a ameaça de retaliação de Grugaroth àqueles que ousassem atacá-la de alguma forma; e ali, naquele momento, tal proteção não parecia valer grande coisa. Além disso, a Lei de Amrae não podia ser mais invocada, pois valia apenas para um primeiro encontro.

<não gritaria por socorro> <fosse você> <melhor não> <ela ficaria mortinha> <mortinha, antes que alguém aparecesse> <não daria tempo>

As frases desconexas da Senhora das Aranhas pareciam vir de toda parte como se vazassem das próprias paredes. Poison não tinha a menor intenção de gritar por ajuda; ademais, não seria capaz de gritar alto o bastante para ser ouvida do outro lado de paredes tão espessas e sólidas. Mesmo que Bram e os outros a ouvissem e chamassem pelos ogros, a escada que conduzia ao gabinete era estreita demais para que os gigantes pudessem subir por ela.

De repente, Poison avistou a criatura. Ela estava acaçapada sobre uma estante de livros, num dos cantos do gabinete, grotescamente espremida entre a prateleira superior e o teto. Seus olhos negros brilhavam por sobre o véu apodrecido que lhe cobria o resto da face. Poison lembrou-se do que acontecera da última vez em que fitara aqueles olhos, porém tarde demais. Já havia caído na armadilha: estava apavorada e completamente rígida, subjugada pelo olhar paralisante de Asinastra.

<assim, assim... > <não é melhor?>, chiou a Senhora das Aranhas. Em seguida, movendo-se como os aracnídeos, desceu da estante revirando o pescoço num ângulo impossível, para manter os olhos fixos em Poison enquanto alcançava o chão rapidamente. Seu ventre estava ainda mais protuberante, salientando-se contra os panos rotos de sua túnica branca e imunda.

Aterrorizada, Poison via Asinastra aproximar-se cada vez mais, arrastando-se sobre o chão. Olhos negros e olhos violáceos, trancados num feitiço implacável. Poison quis gritar, mas seus músculos e pulmões já não lhe obedeciam mais. Prisioneira de suas próprias carnes, não tinha nada a fazer senão esperar e submeter-se aos abusos da asquerosa criatura.

<ela roubou de você> <de mim! de mim! > <levou a adaga que era sua>

Asinastra colocou-se de pé em frente a Poison. Estava muito próxima e exalava um hálito fétido e úmido. Poison esforçava-se para balançar a cabeça e dizer qualquer coisa. Precisava explicar que estava isenta de culpa, que tinha agido sob coerção, que as coisas não eram como pareciam.

<o que devo fazer com ela? >, Asinastra perguntou a si mesma, enquanto aflagava as faces de Poison com uma unha comprida e podre. Tomada de pânico, Poison sentiu os olhos marejarem. *<levar para casa e fazer papa para o bebê> <bebê que vai nascer >*

Mentalmente, Poison agonizava com inúteis súplicas de clemência. Não pôde conter o choro.

<ah, uma lágrima>, chiou Asinastra, aparando o fio de água sobre a unha. *<não é bom>*

A Senhora das Aranhas afastou-se um pouco, encarando Poison com aquele par de pérolas de insondável negrume. Mechas desgrenhadas de cabelo sujo escorriam sobre o véu que lhe encobria parte do rosto. Os ombros derreavam-se para frente, e a barriga inchada deformava-lhe ainda mais a figura.

<ela estava lá> <no salão> <ela viu>

Poison levou alguns segundos para perceber que ela falava da assembléia em que Aelthar fora acusado. Pois então a criatura assistira a tudo, provavelmente escondida num canto encoberto pelas sombras ou pendurada no teto.

<culpa sua> <fui acusada> <mas então você diz a eles que não foi ela> <por quê?> <ela não entendeu>

Poison tinha uma dificuldade enorme para acompanhar o discurso maluco da criatura, mas acabava por compreender alguma coisa. Se pudesse falar, reagiria de alguma forma, mas estava inelutavelmente paralisada, à mercê dos caprichos letais da Senhora das Aranhas.

<mas depois entendeu > <aelthar obrigou > <por causa da irmã> <fez você roubar de mim> <você disse, ele admitiu>

“Isso mesmo!”, pensou Poison, desejando com ardor que a mente insana de Asinastra pudesse captar suas palavras. “Isso mesmo, a culpa não foi minha!”

<*pensou na família*> <*conheço família*>, rangeu Asinastra, apalpando o próprio ventre.

Poison sentiu um lampejo de esperança. Teria Asinastra compreendido?

<*sei de quem é a culpa*> <*não mato você ainda*>

Poison ficou aliviada e estatelou-se no chão quando a Senhora das Aranhas subitamente desviou o olhar, liberando-a de seu jugo. Ofegava e sentia-se mole, como se as entranhas tivessem derretido sob a pele.

<*embora já*> <*de volta para o reino*> <*ela não é bem-vinda aqui*> <*nunca*>

Poison não sabia a quem ela se referia, mas ousou levantar a cabeça e viu Asinastra caminhar em direção às sombras do gabinete. Só então reparou que ela carregava consigo uma adaga, a adaga de duas pontas que matara Melcheron.

<*veio buscar a adaga*>, sussurrou a criatura. Em seguida, desapareceu na escuridão, subitamente engolida pelas sombras.

Poison permaneceu estirada sobre o chão, próxima à vidraça fustigada pela chuva, arfando e ofegando em meio ao rebôo dos trovões.

* * *

Uma hora depois, dirigia-se aos aposentos de Aelthar para lhe dar uma resposta.

Sentia um nó no estômago enquanto atravessava o castelo, cercada pela guarda de Grugaroth. A escolta de ogros trajava armaduras pesadas e marchava ruidosamente pelos corredores, liderada pelo próprio Senhor de Ur. Seus olhos vermelhos vasculhavam o caminho atentamente. Grugaroth também havia concluído que Poison representava algum tipo de ameaça para Aelthar, ainda que desconhecida; portanto, era uma aliada importante para ele. Qualquer coisa que pudesse prejudicar o Senhor do Reino das Fadas era vista com bons olhos pelo gigante. Poison não contara nada a ninguém sobre a visita de Asinastra. Por alguma razão, achava que devia respeitar a invisibilidade da Senhora das Aranhas.

Além disso, Grugaroth ficaria furioso ao saber que ela havia passado facilmente por sua guarda. Os outros ficariam desnecessariamente preocupados.

Chegaram a uma porta de folhas duplas, vigiada por vinte guerreiros do Reino das Fadas, todos eles de aspecto sinistro. A julgar pelos rostos afilados, eram elfos, uma raça de criaturas perigosas. Os ogros interromperam a marcha e pararam diante dos inimigos, encarando-os com frieza; os elfos, por sua vez, retribuíram o olhar com altivez e uma ponta de sarcasmo.

— ***A garota tem uma resposta para o Senhor Aelthar*** — disse Grugaroth. O vozeirão parecia capaz de provocar terremotos.

Os elfos não reagiram prontamente, apenas a título de provocação. Mas depois cuidaram de anunciar a chegada da comitiva.

— A garota pode entrar. O Senhor Aelthar está à sua espera — disse um deles, entreabrindo a porta.

Poison respirou fundo para se acalmar e entrou.

Aelthar não estava no canapé como da outra vez, sentava-se num canto sombrio do quarto, segurando uma taça de vinho vazia entre as mãos. Um fogo recentemente aceso ardia na lareira; Poison podia ver o reflexo das chamas nos olhos do déspota. Varrendo o quarto com os olhos, viu uma garrafa de vinho tinto sobre a mesa, ao lado de outra taça.

— Vim trazer minha resposta — disse.

Quase imediatamente, sentiu os músculos da garganta se contraírem e lágrimas se formarem no interior dos olhos. Era terrivelmente cruel ter de tomar uma decisão assim. De um jeito ou de outro, ela sairia perdendo. De um jeito ou de outro, teria de conviver com um peso na consciência pelo resto da vida. Quis gritar e cobrir o déspota de insultos. Pensou em perguntar se ele sentia prazer em manipular pessoas daquela forma, em pisar no coração dos outros sem dó nem piedade. Mas isso seria uma demonstração de fraqueza, totalmente inapropriada para o momento.

— Eu... — começou a dizer, mas faltaram-lhe as palavras. Sabia que o pacto que estava prestes a firmar seria irreversível. Procurou adiar sua resposta o máximo possível, na esperança de encontrar uma saída de último minuto. — Eu gostaria de um pouco de vinho — completou.

Sem dizer palavra, Aelthar olhava para ela através da escuridão. Poison hesitou por um instante, mas depois caminhou até a mesa e serviu a si mesma. Levantou a taça cheia até a boca... e parou.

Aelthar ainda olhava para o lugar onde ela estava antes, e não para onde ela estava agora.

— Aelthar?

Nenhuma resposta.

Lentamente, ela depositou a taça sobre a mesa e espremeu os olhos para enxergar melhor. O quarto estava muito escuro. O barulho da chuva batendo nas janelas pareceu-lhe subitamente ainda maior.

Pegou a lanterna iluminada por um espectro do pântano e caminhou cautelosamente na direção de Aelthar. Receava uma armadilha qualquer, receava... não sabia exatamente o quê. Pressentimentos vagos e funestos brotavam-lhe no espírito.

Então, quando estava bem perto do déspota impassível, levantou a lanterna.

Os olhos dele estavam vitrificados e imóveis, fixamente pregados na porta do quarto. A pele do rosto estava estranhamente pálida. Mãos frouxas seguravam a

taça ainda com resíduos de vinho.

“O vinho!”, pensou Poison.

Um relâmpago espocou nas montanhas e iluminou o castelo por um brevíssimo instante. Foi então que Poison percebeu algo se mexer na boca de Aelthar. Sem saber o que era, reteve a respiração e aproximou-se para ver melhor.

Uma aranha de pernas longas e cabeludas acabara de sair dos lábios rígidos e entreabertos do déspota. Poison não pôde conter um grito de horror. Em seguida, outra aranha saiu do mesmo lugar, atravessou uma das faces e seguiu em direção aos cabelos. A primeira já havia descido pelo queixo e desaparecido sob o peitoral da armadura prateada.

Poison deu um passo hesitante para trás. Asinastra. A Senhora das Aranhas havia concluído sua vingança.

O Senhor do Reino das Fadas estava morto.



Facas

Poison não conseguia raciocinar. Os pensamentos misturavam-se, desordenados, em sua cabeça. Simplesmente olhava para o cadáver na poltrona, para o corpo daquela criatura que tinha sido objeto de seu ódio por tanto tempo, agora emudecido. Apenas uma hora antes, enquanto bebia o vinho que o matara, ele ainda parecia invencível, um obstáculo impossível de transpor. Poison jamais imaginara vê-lo derrotado; quando muito, esperava convencê-lo a devolver o que não lhe pertencia.

“O veneno era mesmo seu fim, Aelthar; não fosse o de Asinastra, seria o meu”, pensou ela, ironicamente.

Aquele único momento de ousadia — em que decidira contar à Senhora das Aranhas quem a havia mandado roubar a adaga —, dera início a uma série de eventos que culminaram na morte de seu inimigo. O assassinato do Hierofante deixara aquele reino sem protetor, sem nenhuma garantia de segurança, e Asinastra beneficiara-se disso. Poison jamais saberia como ela conseguira realizar seu intento. Com a paciência das aranhas que governava, Asinastra havia esperado o momento certo de atacar. Quando visitara Poison no gabinete de Fleet, já havia levado a cabo sua vingança. Era por isso então que estava tão indulgente e tão amável; já havia liquidado quem realmente culpava pelo roubo.

Poison esforçava-se para decidir o que aquilo poderia significar e como deveria reagir. Tudo mudava com a morte de Aelthar. De repente, o jogo de forças revertera-se radicalmente, a ponto de deixá-la confusa e hesitante, incapaz de tomar uma decisão.

Mas não podia esperar. Uma voz fez-se ouvir do outro lado da porta. Era Scriddle.

Súbito, Poison viu-se tomada de um pânico irracional. O que pensaria Scriddle se a encontrasse ali, diante do cadáver de seu mestre? O que *ele faria*? Por um lado, Poison desejava permanecer onde estava e confrontar o secretário diretamente; por outro, sentia-se exaurida pela escolha que se vira forçada a fazer antes, entre o destino de sua própria irmã e o destino do resto da humanidade. Mas sua agonia tinha sido em vão, pois agora Aelthar estava morto.

Resolveu então fugir. Os aposentos do Senhor do Reino das Fadas consistiam em diversos cômodos contíguos; Poison escolheu uma porta qualquer e correu. Se tivesse demorado mais um único segundo, teria visto Scriddle irromper dos corredores e entrar na sala.

— Não importa quem está com ele, meu assunto é urgente! Ogros imundos... Parecem mendigos, amontoados diante desta porta à espera de uma esmola!

Poison ouviu a porta bater do outro lado. Chegara a uma antecâmara, onde janelas compridas, ladeadas de cortinas de veludo púrpura, emolduravam a paisagem de montanhas encharcadas pela chuva. Não havia outras portas além daquela por onde tinha entrado; portanto, não lhe restava outra coisa a fazer senão esconder-se atrás das cortinas.

— Digníssimo Senhor Aelthar, desculpe-me a invasão, mas temos um assunto de suma importância a tratar com o senhor — disse o secretário, agitado, quase atropelando as palavras. — A situação torna-se cada vez mais urgente, como o senhor bem sabe, e eu... quer dizer, *nós*... gostaríamos de sugerir... com todo respeito, é claro... que a data de minha eleição seja... Senhor Aelthar?

Poison anteviu claramente o que aconteceria a seguir.

— Meu Senhor? Por que está sentado aí, escondido nas sombras? Um longo silêncio.

— *Ele está morto* — disse uma voz, tão suave quanto o ruflar das árvores num dia de verão. Poison sabia que se tratava de Pariasa.

— Morto? — exclamou Scriddle. — *Morto?* Ele não pode estar *morto*! Não agora! Não agora!

Sua voz ficava mais aguda à medida que ele se exaltava, deixando-se levar pela raiva e pela decepção.

— *Mas esta é a lastimável verdade* — retrucou Pariasa. — *Infelizmente, nossos planos ruíram.*

— Não pode ser! — gritou o secretário, entre dentes.

— *Eles vão ouvi-lo* — alertou Pariasa. Poison deduziu que ela se referia aos guardas no corredor. — *Você precisa se recompor, antes de revelarmos a notícia.*

— Revelar a notícia? Revelar a notícia? Não, não! Ainda não! Onde está aquela garota? Eles disseram que ela estava aqui!

Poison ouviu passos saírem do quarto de Aelthar; eram passos de uma única pessoa, pois Pariasa deslizava pelo chão. Pensou em fugir rapidamente e tentar chegar até a porta dos corredores sem ser interceptada, mas não ousou. Enquanto se decidia, os dois voltaram e entraram na antecâmara onde ela se escondia. Poison mal conseguia respirar. Scriddle e Pariasa estavam a alguns centímetros de onde ela estava; entre eles, apenas a espessura das cortinas de veludo. Relâmpagos espocavam ao longe, e trovões ribombavam através das montanhas.

— *O que está fazendo, meu amor?* — disse Pariasa calmamente. Sua voz era doce e etérea, ao mesmo tempo delicada e firme. Como poderia uma criatura tão bela matar alguém? — *Ela não está aqui.*

— Então onde está? — replicou Scridde. — Como foi que ela... Como foi que... — O secretário estava furioso e quase engasgava na própria raiva.

— *Ela é perigosa* — disse Pariasa. — *Todos nós já sabíamos disso. Aelthar achou que poderia se livrar dela, comprando-a com a irmã. Enquanto ela não soubesse de nada, ficaria fora de nosso caminho. Mas aparentemente estava enganado.*

Poison mal podia acreditar no que acabara de ouvir. Perigosa, ela? Como? Qual seria o motivo de tanto medo? Aelthar havia sugerido que ela voltasse para casa e nunca mais o perturbasse. Por quê?

— Preciso pensar — disse Scridde, aflito. — Preciso refletir. Assim que souberem da morte de Aelthar, os outros Senhores... Nossas vidas correm um grande risco. Sou candidato ao posto de Hierofante, e você é acusada do assassinato de Melcheron. Acha que poderemos nos livrar de Grugaroth, e de seus brutamontes, se ele souber que Aelthar está morto? Se suspeitasse disso, já teria arrombado aquela porta há muito tempo, somente para recuperar a maldita espada do irmão.

— *Sem Aelthar, suas chances de ser eleito são praticamente nulas* — disse Pariasa, sem rodeios. — *Precisamos fugir, meu querido. Fugamos enquanto há tempo. Estaremos longe quando o encontrarem.*

— Fugir? — rugiu Scridde. — Para onde? Para fazermos o quê?

— *Ainda sou a Princesa das Aeriades* — disse Pariasa. — *Venha para o Reino das Fadas comigo.*

— Para ser o quê? Um mero consorte? Esqueceu que sou meio-humano? Metade de meu sangue é de origem vil, Pariasa, e carrega todas as impurezas de uma raça inferior. Jamais poderei ascender a nenhum cargo de importância no Reino das Fadas! Fui gerado única e exclusivamente para ocupar o posto de Hierofante! Foi por isso que fizemos todos os nossos planos, não se lembra? Foi por isso que tomei a adaga daquela garota insolente; foi por isso que você a cravou nas costas de Melcheron! Aelthar não precisaria saber de nada. A culpa recairia naturalmente sobre aquela aranha asquerosa! Não fosse pela intervenção da maldita garota, tudo correria às mil maravilhas neste exato momento.

— *Mas tudo mudou agora* — redarguiu Pariasa, sem se alterar. — *Aelthar está morto.*

— Não admito ser vencido por uma criatura humana! — explodiu o secretário.

— *Ela não é apenas uma criatura humana* — disse Pariasa. — *Sabemos disso agora, ainda que ela mesma não saiba.*

Nesse exato instante, um raio despencou nas imediações do castelo, fazendo tremer as janelas da antecâmara. Poison, já bastante tensa, assustou-se atrás das cortinas: não chegou a gritar, mas automaticamente levou as mãos aos ouvidos, o que bastou para revelar sua presença ali. As cortinas abriram-se repentinamente, e ela se viu diante do olhar assassino de Scriddle. A expressão do secretário era tão sombria quanto o céu que encobria toda a região. Poison hesitou por uns instantes e depois tentou correr até a porta da antecâmara. Mas sequer dera um único passo quando Scriddle agarrou-a pelo pescoço, jogou-a contra a parede mais próxima e prendeu-a ali, quase chegando a sufocá-la. Ele parecia rosnar: mostrava seus dentinhos pontudos entre lábios retesados e equilibrava os óculos desajeitadamente na ponta do nariz. Pariasa assistia a tudo, impassível.

— Você! — exclamou Scriddle, em tom de ameaça. — Foi *você* quem o matou! Foi você quem arruinou tudo!

Poison debatia-se contra o domínio do secretário, mas estava imobilizada e mal conseguia respirar.

— Ele... não devia... raptado... minha irmã — foi o que conseguiu dizer. Mas o desejo de afronta estava evidente em seu olhar.

Scriddle deu um urro de raiva e arremessou Poison contra outra parede. Ela perdeu os sentidos por alguns instantes, mas logo reanimou-se com a dor que lhe invadiu o corpo. Esparramava-se no chão, recostada na lateral de uma escrivaninha. Tinha quebrado uma costela e sentia pontadas horríveis quando se mexia. Sua agonia era inacreditável.

— Sua *irmã*! — retrucou o secretário, indignado. — Como você é estúpida, garota! Sua irmã foi devolvida muito antes de você aparecer por aqui para infernizar nossas vidas!

Sem compreender nada, em completo estado de choque, Poison fitou o secretário com um olhar vago.

— Ela não servia para nada — zombou Scriddle, aproximando-se. — Tão logo chegou à adolescência, demonstrou não ter nenhuma das qualidades necessárias ao programa de procriação de Aelthar. E então foi devolvida. O Espantalho depositou-a num lugar qualquer daquele Reino imundo e apagou de sua memória qualquer lembrança do que acontecera antes. Para onde ela foi depois disso, não nos interessa saber. Está satisfeita agora? *Sua irmã não está em nosso poder! Aelthar estava mentindo para você!*

Era muita novidade para processar a um só tempo. Mas o desejo de compreensão era maior e mais forte que a dor inebriante de uma costela quebrada. Depois de todo aquele tempo, depois de tanta procura e tanta peleja, os seres do Reino das Fadas já haviam devolvido Azalea!

Foi então que lhe ocorreu: como se encaixasse uma peça importante de um enorme quebra-cabeça, Poison lembrou-se de onde tinha visto a garota que Aelthar lhe mostrara antes, em forma de aparição.

Era a mesma garota que ela encontrara em Shieldtown, a viajante que se destinava à aldeia de Gull. A garota a quem ela confiara um recado aos pais. Era por isso que a coitadinha parecia tão estranha e assombrada. Mesmo com a memória falha, ela conseguira se lembrar da aldeia natal. Em nenhum momento Poison perguntara-lhe o nome, e essa era a maior ironia de todas. Se tivesse perguntado, ela teria respondido: *Azalea*.

Uma única pergunta teria bastado para interromper sua viagem ali mesmo, no seu próprio Reino. Não haveria Lamprey, nem Bruxa dos Ossos, nem Senhor do Reino das Fadas, nem tampouco Hierofante. Se apenas ela tivesse se dado ao trabalho de *perguntar*. Ou se Azalea tivesse reconhecido a irmã mais velha, mesmo doze anos depois de tê-la visto pela última vez, ainda criancinha! Ou, ainda, se Azalea tivesse perguntado por que Poison enviava um recado a Hew e Snapdragon, em vez de simplesmente tê-la encarado com aquele olhar perdido e mortiço! Teria Azalea consciência de que aquelas pessoas eram seus pais? Teria dito alguma coisa se soubesse?

Todavia, nenhuma das duas tinha condições de saber de nada, pois jamais poderiam imaginar que, desde o aparecimento do Espantalho em Gull, uma semana havia se passado apenas para Poison, enquanto *doze anos* haviam se passado para Azalea! E, nesse ínterim, Azalea havia crescido e sido rejeitada pelos raptos.

Em sua busca, Poison cruzara caminhos com a irmã, mas sequer suspeitara de alguma coisa.

Tentou acumular forças para gritar, não só para chamar a tropa de Grugaroth, mas sobretudo para dar vazão à raiva e à tristeza que sentia diante de tamanha injustiça. Mas os pulmões não lhe obedeciam, e a garganta ainda doía depois da agressão de Scridde. O secretário estava agachado ao seu lado; suava copiosamente e suas bochechas vermelhas pareciam latejar. Além disso, brandia uma faca nas mãos, uma faca de lâmina comprida e curva, terrivelmente ameaçadora. Poison estava demasiadamente tomada de dor e tristeza para sentir qualquer outra coisa. Olhava para a faca sem demonstrar qualquer emoção, pois não havia espaço para o medo em seu espírito.

— *Meu amor* — disse Pariasa, assomando ao lado do secretário, linda e reluzente como sempre. — *Não faça isso.*

— Por que não? — contrapôs Scridde. — Acha que vou poupá-la depois de tudo que nos fez?

— *Não pode matá-la* — emendou Pariasa. — *Não se lembra do que estava escrito no livro?*

— O livro... de Melcheron? — balbuciou Poison. É claro! Os aposentos de Aelthar e Pariasa haviam sido vasculhados, mas não os de Scriddle.

— Calada! — ordenou o secretário, ameaçando-a com a faca.

— *Você não deve matá-la* — implorou Pariasa — *As conseqüências recairiam sobre todos nós.*

Poison fazia um esforço sobre-humano para clarear as idéias. Algo importante acontecia ali, mas ela não sabia exatamente o quê. Precisava urgentemente desvendar aquele mistério; sua vida talvez dependesse disso. Por que os dois cúmplices achavam que ela era tão perigosa? Por que não a matavam logo e acabavam de vez com aquele suplício? E onde o livro de Melcheron se encaixava naquela história toda?

— Pois ela vai morrer, sim! — exclamou Scriddle. Com a mão livre, ele apertou o queixo de Poison e arrastou-a para o lado, fazendo com que ela se recostasse na parede. Poison quase desmaiou ao sentir a costela quebrada se remexer. Jamais imaginara que a dor física pudesse atingir tamanha intensidade.

Achou que não suportaria mais e que morreria antes mesmo que Scriddle a matasse. E, no entanto, ela continuava viva. — Pois ela vai morrer, sim! — repetiu o secretário, quase tocando o rosto de Poison com a ponta do nariz. — Afinal, o outro morreu sem que isso acarretasse maiores problemas!

E lá estava a pista de que ela tanto precisava, a chave para a porta da compreensão total. O quebra-cabeça agora estava completo. Sua história jamais tinha sido sobre o resgate de Azalea. O rapto da irmã fora apenas um artifício para colocá-la em movimento. Tudo era tão simples, tão ridículo e tão *injusto*, que Poison não se conteve e abriu um sorriso irônico. Não foi exatamente uma gargalhada, pois a costela quebrada latejava ao menor deslocamento. Seus lábios sangravam, mas ainda assim ela sorria.

Scriddle e Pariasa ficaram estupefatos.

— Por acaso será costume entre sua gente sorrir diante da morte? — perguntou o secretário.

— Você não pode me matar... — disse Poison, ainda deleitando-se com a recente descoberta. — Pois sou eu o novo Hierofante.

— *Ela sabe!* — exclamou Pariasa.

Scriddle olhou para a princesa, e em seguida para Poison. A julgar pela expressão no rosto dele, Poison havia mesmo descoberto toda a verdade.

— Está escrito no livro de Melcheron, não está? — disse ela, reunindo o que ainda lhe restava de forças para falar. Seus cabelos estavam desarranjados, e seus lábios ainda sangravam muito. — Você sabia o que ele escrevia. Melcheron escrevia sobre seu novo aprendiz, uma garota que daria a própria vida para livrar o Reino dos Homens do jugo cruel dos detestáveis seres do Reino das Fadas. — Poison

sorriu novamente. — Tudo isso... tudo isso não passava de um teste. Tudo isso fazia parte de meu aprendizado. Foi por isso que ele me deu tantas pistas; foi por isso que ele me contou que vivemos uma história. Ele queria que eu soubesse de toda a verdade, pois um dia seria eu quem continuaria a escrever essa história.

— Quanta bobagem! — exclamou Scriddle. — Uma história? Por acaso ficou maluca?

Mas Poison jamais tivera tanta certeza em sua vida.

— Você roubou o livro para que ninguém descobrisse a verdade sobre o assassinato, mas quando leu o que estava escrito nele, encontrou um nome inesperado. *Meu* nome. — Nesse momento, Poison parou de sorrir. — E há mais uma ironia nisso tudo. Eu não odiava os seres do Reino das Fadas tanto assim antes de vocês raptarem Azalea. Foram *vocês* mesmos que provocaram meu ódio. Foram vocês que me transformaram no que sou hoje. Talvez isso fizesse parte da história. Talvez Melcheron estivesse me preparando para assumir seu posto. — Poison tossiu e arrematou: — Pois assim que tomar a pena do Hierofante, farei com que sua raça pague por tudo o que fez!

— Não se eu acabar com sua vida agora mesmo — disse Scriddle, porém sem muita convicção.

— Mas você não pode fazer isso — argumentou Poison. — Não compreende? Esta é minha história. Foi por isso que Melcheron pôde morrer. Mas quando eu mesma estive à beira da morte, o mundo inteiro começou a ruir. Esta é a história de como me tornei Hierofante; Melcheron não é mais o personagem central, mas eu sim. Se você me matar, todos morrerão junto comigo. Até o fim desta história, até o dia em que eu for nomeada Hierofante, é preciso que eu permaneça viva.

— Como vocês humanos são estúpidos! — disse Scriddle, antes de cravar a faca em sua destemida rival.

Poison sentiu a lâmina perfurar-lhe o flanco, logo abaixo das costelas. Surpresa e assustada, arregalou os olhos cor de violeta. Fios de sangue escorriam pelos cantos de seus lábios. Seu corpo ficou subitamente entorpecido e frio. Ela mal sentia as dores do golpe, tal era sua estupefação.

Todavia, tremeu espasmodicamente quando Scriddle arrancou a faca de suas carnes. Sangue escorria-lhe pelo quadril e pela lateral da perna. Um brilho de triunfo cintilava nos olhos escuros do secretário. Como aquilo podia estar acontecendo? Ela estava tão segura de que...

E então Pariasa deu um grito agudo e estridente. Voz tão bela jamais deveria se distorcer assim. Scriddle virou-se e também viu o que provocara aquela inusitada reação em sua cúmplice, geralmente tão impassível. As paredes da saleta pareciam *afilar-se*; ficavam cada vez menos sólidas. Pariasa fitava as próprias mãos, antes tão delicadas e agora murchas, quase transparentes. Cambaleando, deixou-se estatelar

sobre um canapé ao seu lado. Poison começava a arfar. Até mesmo o ar parecia perder sua qualidade vital, como se deixasse, ele também, de existir.

Scriddle voltou-se para Poison e, de olhos arregalados, perguntou:

— O que é isso? O que você está fazendo?

— Eu já disse — ela sussurrou. Uma ponta de triunfo vazava-lhe na voz alquebrada. — Você não pode me matar. Esta é minha história.

— *Meu Querido, por favor, ouça o que ela diz* — suplicou Pariasa.

— Não! — rugiu Scriddle. E então desferiu um novo golpe contra Poison. Dessa vez, a faca entrou mais fundo, atingindo o estômago. Poison gemeu plangentemente ao sentir a lâmina entrar e sair de suas entranhas. Teria esvaecido para um dos lados se Scriddle não a segurasse pelo queixo, como fizera antes. Estava completamente esgotada, sem forças para esboçar a mais tímida reação. Chorava mansamente e achava que as lágrimas atravessariam as pedras do assoalho, pois o chão estava tão fantasmagoricamente diáfano que parecia incapaz de suportar o peso do que quer que fosse. Embora já não enxergasse com muita clareza, via os cabelos de Scriddle caírem às mechas, os dentes despregarem-se da boca, os dedos murcharem em torno do punho da faca. Ao fundo, via Pariasa esforçar-se para ficar de pé.

— *Pare!* — gritou a princesa. — *Está matando a todos nós!*

Mas Scriddle estava completamente ensandecido.

— Ela não vai nos derrotar assim! É um reles ser humano!

— Você... já foi derrotado — disse Poison, esforçando-se para abrir um sorriso entre lábios ensangüentados. — Acabe logo com isso. Vamos ver quem leva a melhor.

Scriddle urrou de fúria e levantou a faca para desferir um terceiro golpe. Todavia, num passe de mágica, Pariasa fez aparecer uma segunda faca entre seus dedos emaciados e jogou-se contra o secretário, atingindo-o no pescoço antes que ele pudesse baixar o braço. Poison teve a sensação de que o tempo parava lentamente de escoar.

— *Quero continuar a viver* — sussurrou Pariasa.

Scriddle esbugalhou os olhos e segurou a própria garganta, deixando que Poison desvanecesse frouxamente sobre o chão. Por algum motivo, achava que fora ela, e não a amante, quem havia cravado a faca em seu pescoço. Tentou dizer alguma coisa, mas um jorro de sangue brotara-lhe da garganta, adiantando-se às palavras. Em seguida, rolou os olhos para dentro das órbitas e caiu para trás, esborrachando-se violentamente contra uma penteadeira.

Poison esforçava-se para levantar a cabeça. Ouvia barulhos por todos os lados: um terrível clamor que esfuziava em sua própria cabeça e um tropel que se aproximava do outro lado da porta. Já esquelética, Pariasa ajoelhara-se ao seu lado,

derramando lágrimas de cristal através de olhos sem vida. Apoiava uma das mãos sobre os ombros de Poison e segurava o próprio ventre com a outra. Dali a pouco, a tropa de ogros irrompeu na antecâmara, liderada pelo esbaforido Grugaroth. Pariasa não compreendeu o que ele disse; leve como uma pena, dissipou-se rapidamente na escuridão.



O fim da história

A luz das lanternas vazava por entre os cílios semicerrados, formando polígonos difusos e pálidos.

Outras sensações produziam-se simultaneamente, superpostas como finas camadas de tinta sobre uma tela. Consciência, memória e dor. Mas agora a dor não passava de um ligeiro incômodo. Poison sentia o pano grosso de um cobertor pesando-lhe sobre os braços. Estava extenuada demais para abrir os olhos completamente, mas percebia haver ali outras pessoas a lhe fazer companhia. Estava viva. E isso bastava por enquanto. Depois de algum tempo, adormeceu novamente.

Quando acordou, pestanejou involuntariamente e viu que estava num quarto pequeno e escuro. Lanternas penduravam-se de ganchos sobre paredes de pedra negra. A eterna tempestade açoitava ruidosamente as fortificações do castelo. Alguém estava ao seu lado; pela respiração, ela sabia que era Bram. Poison virou o rosto e sentiu uma pontada sob as bandagens que lhe cobriam as costelas. O caçador estava ali, com as mesmas roupas que usava quando ela o vira pela primeira vez em Gull: o mesmo chapéu de abas largas e as mesmas luvas espessas. Sentado numa cadeira, inclinava-se ligeiramente para frente, cochilando com a cabeça tombada.

Poison sorriu carinhosamente e demorou-se alguns instantes observando o amigo. O velho urso rabugento relaxara em sua vigília. Havia muito que Poison não se sentia tão segura e tranqüila; deixou-se levar pela paz e adormeceu mais uma vez.

Antes de acordar pela terceira vez, sentiu o peso de um gato sobre o peito. Abriu os olhos e viu Andersen ali, uma bola de pêlos pretos aninhada sobre o cobertor. Percebendo que ela havia acordado, o bichano esticou o longo pescoço, piscou os olhinhos verdes e deu-lhe um miau de boas-vindas. Peppercorn aproximou-se imediatamente- estava agitada e falante. Poison recebeu com paciência a desajeitada manifestação de carinho da amiguinha, pois já havia se acostumado aos modos dela.

Sob os cuidados dos companheiros e de um grupo de Antiquários muito bem versados nos procedimentos de cura, ela se recuperava rapidamente. Segundo

disseram, sua sobrevivência devia-se sobretudo a Pariasa, que usara poderes mágicos para desfazer grande parte do estrago que Scriddle lhe infligira. Mesmo assim, Poison estivera à beira da morte, pela segunda vez. Nenhum deles se lembrava de que o mundo ameaçara ruir enquanto ela agonizava sob os golpes de Scriddle; o episódio escapara-lhes inteiramente da memória, como costumam fazer todas as lembranças ruins que preferimos esquecer. Poison achou melhor que fosse assim.

A revelia das dores e da fraqueza, aquele era um momento de paz. Poison deleitava-se com a companhia de Fleet, Bram, Peppercorn e Andersen enquanto se recuperava. Eles nunca haviam se reunido antes somente pelo prazer de estarem juntos; havia sempre uma missão, uma busca, algo urgente que os impelia ou um perigo iminente que os afligia. Mas naquele momento não havia nada disso, e Poison sentiu de novo o doce prazer de pertencer a um grupo, dessa vez livre de maiores preocupações. Quando dormia, tinha pesadelos com Scriddle e suas terríveis facadas, mas quando estava acordada, procurava saborear cada minuto.

Fleet contou-lhe tudo o que se passara quando constatou que ela estava forte o suficiente para se sentar na cama e tomar um pouco de sopa; mas não havia muito o que dizer que ela ainda não soubesse. Relatou como Grugaroth e os ogros ouviram o grito de Pariasa, subjugaram a guarda de elfos e invadiram a antecâmara. Pariasa havia desaparecido no meio da confusão e ninguém sabia onde ela estava. O livro de Melcheron havia sido encontrado no quarto de Scriddle pelos Antiquários depois de uma procura ferrenha, pois o secretário havia se esmerado na escolha de um esconderijo. O que estava escrito nele era um segredo guardado a sete chaves, mas Fleet certamente sabia do que se tratava. Denunciava-lhe a expressão estampada no rosto, um misto de admiração, expectativa e esperança. Poison não queria pensar em nada disso agora. Não sabia como era a vida de Hierofante, nem tampouco se queria mesmo assumir o cargo. Esse era o único problema que a afligia no momento, como uma nuvem negra pairando no ar.

Não, não era verdade. Esse não era seu único problema. Havia outro: Azalea. Talvez nunca mais visse a irmã.

* * *

Poison havia enviado um dos Antiquários à aldeia de Gull para descobrir o que havia acontecido ao pai e à madrasta e para encontrar Azalea. Ela ainda tentava se acostumar às diferenças cronológicas entre os diversos Reinos, e não chegou a se espantar quando chegaram as notícias. O Reino dos Homens havia seguido seu rumo durante a ausência dela. O Antiquário fizera suas perguntas discretamente e depois voltara. Não chegou a contar a Hew e a Snapdragon que a filha mais velha estava viva e passava bem. Tal fora a orientação de Poison, que achava melhor não mexer em feridas já cicatrizadas.

Azalea de fato retornara a Gull, chegando lá exatamente duas semanas depois de ter sido raptada e de Poison ter partido no seu encalço. Os pais aceitaram-na sem fazer maiores perguntas, embora ela os tivesse deixado ainda criancinha e voltado adolescente. Assim eram as coisas no Reino das Fadas. Tudo o que importava era que ela estava de volta e a réplica havia desaparecido. A aldeia inteira comemorou. Todos agradeciam ao destino pela generosidade de devolver a menina aos pais, sem jamais culpá-lo pela crueldade de a ter tirado deles e roubado tantos anos de sua vida. Preferiam olhar para o lado bom da tragédia. Tal era o costume entre a gente dos Pântanos Negros.

Hew passara muitos anos chorando o desaparecimento de Poison, agarrado à esperança de que um dia ela voltasse para casa como fizera a filha mais nova. Mantinha vivo na cabeça o recado enviado por meio de Azalea, que agora sabia quem era a garota que encontrara em Shieldtown. Mas os anos se passaram sem que Poison voltasse, e ele acabou se acostumando à idéia, extenuado pelo sofrimento prolongado.

Snapdragon ficara todo esse tempo ao seu lado. Com a partida de Poison, os conflitos familiares haviam se acabado, e ela desempenhava com gosto seu papel de boa esposa. A devoção de Hew crescia a cada dia, suplantando o amor que sentia pela filha desaparecida e as saudades que tinha da primeira mulher. Com o tempo, deu-lhe mais dois filhos, dois meninos. Hew e Snapdragon jamais saíram de Gull e já estavam velhos, depois de terem vivido juntos uma vida longa e feliz.

Azalea, no entanto, jamais se esquecera daquele instante em que ela e a irmã ficaram cara a cara em Shieldtown. Admirava-se com a coragem de Poison em se jogar no mundo para encontrá-la e temia que a pobrezinha ainda continuasse a procurá-la inutilmente, sem saber de seu retorno a Gull. Como Poison, Azalea também tinha, como diria Fleet, resquícios do Velho Sangue correndo nas veias: ao completar vinte anos, partiu de Gull para procurar a irmã, que havia feito a mesma coisa por ela muitos anos antes. Essa foi a última notícia que se teve dela. Talvez ainda vagasse por aí.

* * *

O tempo passava, embora Poison não soubesse dizer se eram dias ou semanas. Fleet informava-lhe sobre algumas das responsabilidades do cargo que ela acabara de assumir. No início, Poison relutou. Ainda não sabia se queria mesmo tornar-se Hierofante. Mas a dor da perda era insuportável, e ela precisava de alguma coisa para tirar Azalea de seu pensamento.

Resolveu então dedicar-se com afinco aos estudos. Era possível que toda essa história fosse um teste velado para medir sua determinação; nesse caso, ela havia passado com louvor. Mas o Hierofante não havia previsto seu próprio assassinato, e

ela se vira obrigada a assumir o cargo sem o devido preparo. Todavia, assim que tomou gosto pelos ensinamentos de Fleet, mostrou-se uma aluna exemplar.

— É por isso que apenas nós, os humanos, podemos nos tornar Hierofantes — disse o mestre. — Embora pareçamos as mais frágeis e insignificantes criaturas de todos os Reinos, nossa força se manifesta de outras maneiras. Temos o que nenhuma outra raça tem: imaginação. Qualquer um de nós, mesmo o mais reles, é capaz de criar novos mundos internos e povoá-los com as criaturas mais extraordinárias, as invenções mais surpreendentes e as coisas mais inacreditáveis. Podemos viver nesses mundos, se assim escolhermos, e neles podemos ser o que bem quisermos. A imaginação é o que há de mais próximo ao divino, pois, com ela, podemos criar verdadeiras maravilhas.

Poison concordou plenamente com Fleet. Todas aquelas histórias e provações pelas quais passara antes de chegar até ali — Lamprey, a Bruxa dos Ossos, Asinastra, Aelthar e Scridde — haviam servido para provar que ela tinha a garra necessária para ocupar o cargo que lhe fora reservado. Todavia, precisava burilar seus talentos inatos.

Os dias e semanas que se seguiram foram bastante agradáveis. Poison dividia seu tempo entre os estudos e o convívio com os amigos. Agora era dona do castelo — pelo menos aos olhos dos outros ocupantes — e, ainda que a contragosto, sentia-se cada vez mais em casa. Já não se perdia nos corredores, nem nos labirintos da assustadora Biblioteca-Mor. Como mandava a tradição, alojara-se nos aposentos de Melcheron e transformara-o numa espécie de santuário; gostava do aconchego proporcionado pelos tapetes e pela lareira. Agora vestia túnicas púrpuras e brancas, pois já não precisava das roupas práticas e resistentes que mais se adequavam ávida nos pântanos. À medida que avançava nos estudos, ficava mais segura e menos assustada ante a possibilidade de permanecer no cargo de Hierofante. Estava ciente de que, caso renunciasse, não teria outra pessoa para deixar em seu lugar e daria azo a uma terrível disputa entre os líderes dos diversos Reinos; mesmo assim, precisava da certeza de que podia seguir outro caminho se assim escolhesse.

Procurava adiar ao máximo uma decisão final. Embora não tivesse garantias de que o novo Hierofante não seria tão abominável quanto Scridde, não admitia a possibilidade de ocupar um posto contra sua própria vontade, à revelia de qualquer consequência que uma renúncia prematura pudesse acarretar.

Mas o tempo tem o estranho poder de nos induzir sorrateiramente a uma escolha, seja ela qual for. Enquanto refletia e procrastinava, Poison percebeu um dia que sua decisão já estava tomada. Deixara que todos pensassem que ela se tornaria Hierofante, mas, intimamente, reservara-se o direito de recusar; mas agora estava convencida de que seu destino era aquele mesmo. O cargo de Hierofante caíra-lhe

sobre os ombros como um manto, e agora ela se sentia totalmente confortável nele. Não havia mais dúvida.

Bram partiu logo em seguida. Poison implorou para que ele ficasse, que continuasse a viver no castelo. Como de costume, ele tossiu, enrubesceu e pediu desculpas, mas estava irredutível.

— Eu não teria nada para fazer aqui — disse ele. — Sou um homem simples, Poison. Meu lugar não é entre os livros. Agora pretendo gastar aqueles três soberanos que conquistei a tão duras penas. Puxa, parece que já se passaram séculos. Uma casinha nas montanhas, sem ninguém por perto para me chatear... É isso o que quero agora. Creio já ter cumprido minha missão; agora é hora de colher a recompensa.

Poison esforçou-se para abrir um sorriso.

— São *quatro* soberanos — disse. — Prometi lhe dar mais um se você entrasse no casarão de Maeb comigo, não se lembra? Na hora você recusou, mas depois resolveu entrar. Eu lhe devo mais essa.

— Quatro soberanos então — disse o caçador, torcendo orgulhosamente uma ponta dos bigodes. — Nunca mais vou precisar trabalhar!

— Eu gostaria muito que você ficasse — disse Poison, abraçando-o. Bram retribuiu o abraço e, pela primeira vez, não se sentiu constrangido com isso.

— Agora devo ir — disse. — Você não precisa mais de um velho como eu.

— Um dia haverá uma história só sua, meu amigo — prometeu Poison. — Eu mesma vou escrever.

Os olhos do caçador brilhavam intensamente; ele estava à beira das lágrimas.

— Tenha juízo, garota — disse ele, antes de partir para nunca mais voltar.

Peppercorn ficou inconsolável por um tempo, mas, como de costume, mudou de humores de um dia para o outro, recuperando a alegria e a agitação de antes. Ela e Andersen haviam escolhido permanecer no castelo, e Poison se alegrara com isso. Preferia manter Peppercorn onde pudesse vigiá-la e protegê-la melhor.

Além disso, a garotinha de cachos dourados era seu maior consolo naquela situação. A companhia de Peppercorn atenuava-lhe a solidão, principalmente agora que Azalea vagava pelos confins do mundo. Poison lembrava-se, envergonhada, de um dia ter pensado em abandoná-la no casarão da bruxa; era isso que teria feito se não estivesse acompanhada do generoso e honrado Bram, que a convencera do contrário. Cada vez mais, assumia a posição de irmã mais velha da menina. Devotava-lhe um afeto que talvez jamais tivesse devotado à própria família; tivera um relacionamento distante com os pais e praticamente não conhecia Azalea. Peppercorn precisava de alguém que tomasse conta dela, e Poison precisava de alguém que recebesse todo o carinho que tinha para dar. Inconscientemente, as duas haviam criado um vínculo, e esse vínculo tomou proporções ainda maiores quando

Poison soube da partida de Azalea. Na busca de uma irmã raptada, ela acidentalmente encontrara outra irmã. Pois era assim que, com o tempo, Poison passara a ver a pequenina. Perdera Azalea e ganhara Peppercorn. Talvez fosse uma questão de justiça.

* * *

Alegrias e tristezas à parte, Poison não podia mais adiar. Encheu-se de coragem e entrou no escritório de Melcheron, o mais amplo dos vários cômodos que compunham os aposentos do Hierofante, onde jamais havia estado desde que assumira seu novo posto. Muitas lembranças ruins estavam enterradas ali. Entre elas, o primeiro encontro com Melcheron, quando, em poucas palavras, ele destruíra todas as suas ilusões sobre a vida. Ali também se dera o assassinato do Hierofante.

A tempestade rugia através da enorme janela circular. O fogo crepitava na lareira. Poison caminhou até a escrivaninha onde haviam encontrado o corpo de Melcheron com a adaga de Asinastra cravada nas costas. Sentou-se e olhou para o livro em branco que pacientemente esperava por ela exatamente como ela o tinha visto pela última vez; ninguém se atrevera a tocá-lo. Pegou a caneta de pena e mergulhou-a no líquido transparente que Melcheron usava como tinta, mas não sabia o que escrever.

Ficou ali sentada durante horas. Por onde começaria? O que deveria fazer? Como poderia dar seqüência à história de Melcheron se não sabia onde ela começava nem até onde o Hierofante havia chegado quando foi assassinado?

“Mas ele estava escrevendo sobre mim”, refletiu. “E quem conhece minha história melhor que eu mesma?”

Poison começou a passar as páginas em branco, uma por uma, até chegar à primeira delas.

“Nenhuma história pode ser lida antes de chegar ao final”, lembrou-se. Melcheron escrevia sobre como seu novo aprendiz havia sido arrancado da obscuridade dos Pântanos Negros e sobre como ele havia lutado contra a adversidade para chegar até seu castelo. Talvez seguisse relatando o treinamento de Poison até sua ascensão definitiva ao posto de Hierofante. Mas a história havia mudado. Melcheron havia sido assassinado. E, embora a história continuasse essencialmente a mesma, ela agora seria contada à maneira *dela*. Afinal, a história sempre fora sua, e, agora que tinha chegado ao fim, precisava ser registrada.

Poison começou a escrever.

Era uma vez uma jovem que morava numa região pantanosa, e o nome dela era Poison.

Embora não pudesse ver as palavras, ela sabia que elas estavam lá e quase podia senti-las. O começo parecia-lhe tão bom quanto qualquer outro. Então encostou novamente a ponta da pena sobre o papel, e as palavras começaram a

brotar em sua mente; vinham aos jorros, uma atrás da outra, mais rápido do que ela era capaz de escrevê-las. Era como se o livro já estivesse pronto, e ela apenas retraçasse as linhas que já estavam ali. O processo parecia-lhe tão natural, tão fácil, que Poison se debruçou sobre o papel e seguiu escrevendo cada vez mais febrilmente, com um sorriso selvagem entre os lábios.

Ela escrevia, escrevia e escrevia. Fleet trazia-lhe as refeições, e ela comia com apenas uma das mãos de modo a não interromper a torrente de palavras que vertia de sua mente, passava pela pena e se derramava sobre as páginas em branco. Fleet não dizia nada, para não perturbá-la. Mais tarde, Poison foi informada de que havia trabalhado ininterruptamente por dois dias e duas noites, embora tivesse a sensação de que não haviam se passado mais que alguns minutos. Ela havia recomeçado a história já começada por Melcheron, e quando virou a última página do livro, percebeu com espanto que faltavam apenas algumas sentenças para terminar seu trabalho. O número de páginas bastara perfeitamente para conter as palavras que ela tinha para escrever.

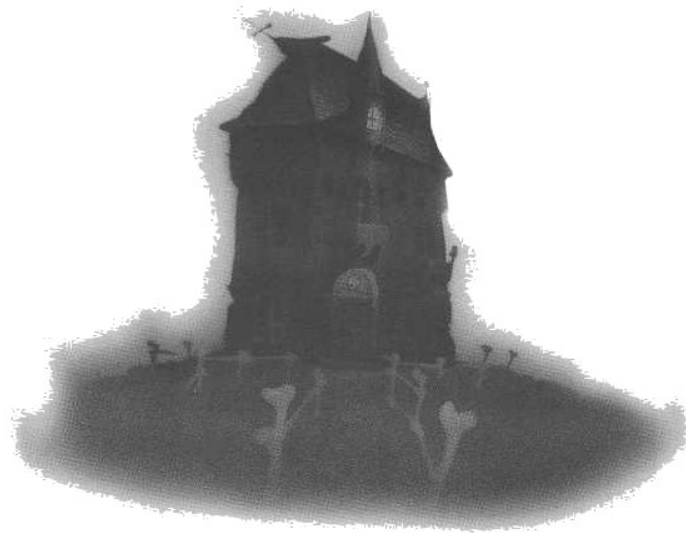
Assim, sua história chegara ao fim e agora poderia ser lida por todos. Mas Poison sabia que aquela era apenas a *primeira* de muitas outras. Fleet já havia dito antes, na Biblioteca-Mor: “Algumas pessoas têm muitas histórias”. Poison estava apenas no começo de seu trabalho como Hierofante e ainda tinha muito que fazer. O Reino dos Homens ainda estava subjugado pelos seres do Reino das Fadas, e os humanos ainda se refugiavam nos buracos e nas montanhas de sua própria terra. Tudo isso deveria mudar. Poison escreveria a história de um líder que lhes devolvesse o que era deles desde o início. Alguém capaz de lhes devolver o próprio orgulho. Era isso que Aelthar temia; e era exatamente isso que ela pretendia fazer.

Quando as derradeiras palavras foram postas no papel, Poison ficou radiante ao ver o texto inteiro se materializar. As linhas invisíveis adquiriam cor, e a história se revelou. Poison olhou para sua obra e suspirou. Quanta coisa tinha acontecido até aquele momento! Ali, nas sentenças e nos parágrafos daquele livro, estavam todas as suas tristezas, todas as suas vitórias, todo o seu coração. Sua história de vida estava inteiramente confinada naquela encadernação. E então vieram-lhe as dúvidas. Estaria ela própria confinada em outra encadernação ainda maior? Seria ela criação de um Hierofante superior? E esse Hierofante, não seria ele também criação de outro Hierofante superior a ele? Haveria um Hierofante superior a todos os outros?

Talvez sim. Talvez não. Tudo o que Poison podia fazer era lidar com a realidade que a cercava naquele momento. E ela tinha muito que fazer.

Lentamente, fechou o livro e olhou para a capa; um sorriso brotou espontaneamente em seus lábios. Ali, onde antes não havia nada, surgira um título, gravado em relevo. Uma única palavra: *Poison*.

Era o que bastava.

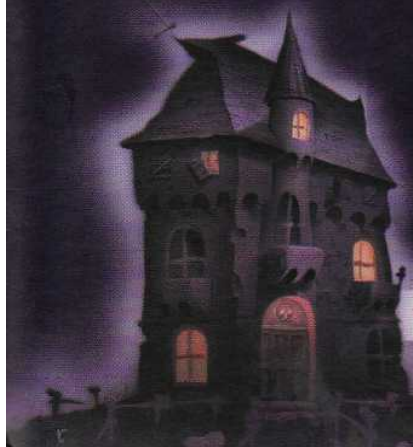


Digitalização: Yuna
Revisão: Sayuri
Formatação/conversão para e-Pub: moxoroxo (2015-09-23)



o estranho destino de
POISON

Ficaram calados por algum tempo, olhando para o casarão no topo da colina. Enorme, ele parecia estar prestes a desabar sob o próprio peso. Era uma torre inclinada, formada por sacadas, pináculos irregulares, frontões e janelas imundas. Aparentava ser mais largo no topo que na base e, mesmo à luz do dia, dava a impressão de que esperava pacientemente pela chegada de mais uma vítima. Uma cerca tosca esparramava-se em torno dele, e, mesmo de longe, Poison podia ver que as estacas e as ripas não eram de madeira, mas de outro material que ela não sabia identificar. Então era ali o ponto de passagem: a ponte entre o Reino dos Homems e o Reino das Fadas. E dentro da casa estava Maeb, a Bruxa dos Ossos.



www.edarxjovem.com.br

ISBN 85-89189-40-6



Table of Contents

[A Vigília das Almas](#)
[O Espantalho e a réplica](#)
[O caçador de espectros](#)
[Shieldtown](#)
[Lamprey](#)
[A casa da Bruxa dos Ossos](#)
[Peppercorn e o gato](#)
[Pele e ossos](#)
[O sábio pescador](#)
[Propostas e partidas](#)
[Aranhas](#)
[A Senhora das Aranhas](#)
[O problema com os seres do Reino das Fadas](#)
[Os contadores de história](#)
[A audiência com Melcheron](#)
[Mal-estar](#)
[Os assassinos](#)
[O Senhor de Ur](#)
[Uma proposta e uma visita](#)
[Facas](#)
[O fim da história](#)